IRMÃOS MARISTAS

PORTUGUÊS

4.ª série ginasial

EDITÔRA COLEÇÃO F. T. D. LTDA.

GILIO GIACOMOZZI
e
PEDRO MARCZAK

OFERTA DA
EDITÔRA COLEÇAO F.T.D.
Rua do Lavapés, 1009-S. Paulo (12) Brasil

PORTUGUÊS

4.ª SÉRIE GINASIAL

28.ª EDIÇÃO

EDITÔRA COLEÇÃO F. T. D. LTDA.
Rua do Lavapés, 1009 — Caixa Postal, 15176 — Fone: 37-7928
SÃO PAULO (12) — S. P. — BRASIL
1965

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
Com as devidas licenças.

OFERTA DA
EDITÔRA COLEÇÃO F.T.D.
Rua do Lavapés, 1009-S. Paulo (12) Brasil

ÍNDICE

Observação 9
Principais Abreviações 10
Creio em Vós, Mocidade — *Paulo Bonfim* 11
Pedro Pichorra — *Monteiro Lobato* 13
Suave Milagre — *Eça de Queirós* 22
Regresso ao Lar — *Guerra Junqueiro* 30
O Imperador — *Zeferino de Abreu* 35
O Burrinho Farofa — *Olegário Mariano* 42
Encomendas — *França Júnior* 46
A Derribada — *Américo Werneck* 57
A Flauta e o Sabiá — *Coelho Neto* 70
Um Diálogo — *Carlos De Laet* 75
Menina e Môça — *Vicente de Carvalho* 81
A Lágrima — *Guerra Junqueiro* 85
A Morte da Águia — *Luís Guimarães Jr.* 92
As Pombas — *Raimundo Correia* 99
Foi Buscar a Sorte à Fôrça — *C. de Moura Batista* 100
As Mães — *Guilherme Braga* 104
Mãe! — *Alves Mendes* 110
Um Jôgo de Futebol — *Cirineu Alvarenga* 115
Canto Heróico do Trabalho e da Alegria — *Bastos Tigre* 124
O Primeiro Dente — *Valentim Magalhães* 129
O Navio Negreiro — *Castro Alves* 134

A Queimada — *Graça Aranha* 143
No Circo — *Aluísio de Azevedo* 151
O Jaguar e o Touro — *Lindolfo Estêves* 164
A Luta — *José de Alencar* 170
Dia Aziago — *Antônio Felício dos Santos* 180
O Barco de Papel — *Olegário Mariano* 187
O Trem do Paraná — *José Stival* 192
O meu Brinquedo Preferido — *Cleómenes Santos* 198
Pedro Barqueiro — *Afonso Arinos* 201
A Palmeira e o Raio — *Amadeu Amaral* 213
O Caso do Chico Bóia — *Cirineu Alvarenga* ... 220
O Prior da Aldeia — *Rebelo da Silva* 229
Festim de Baltazar — *Elzeário L. Pinto* 240
Última Corrida de Touros em Salvaterra — *Rebelo da Silva* 250
A Morte do Jangadeiro — *Antônio Tomás* 263
Juca-Pirama — *Gonçalves Dias* 267

OFERTA DA
EDITÔRA COLEÇÃO F.T.D.
Rua do Lavapés, 1009-S. Paulo (12) Brasil

OBSERVAÇÃO: — para uma melhor fixação da gramática portuguêsa, apresentamos em tôdas as lições e sobretudo nas lições complementares, exercícios de recapitulação sôbre a matéria do ginásio.

OFERTA DA
EDITÔRA COLEÇÃO F.T.D.
Rua do Lavapés, 1009-S. Paulo (12) Brasil

PRINCIPAIS ABREVIAÇÕES USADAS NESTE LIVRO.

Adapt. = adaptação
Adj. = adjetivo
Adv. = advérbio
Ex. = exemplo
It. = italiano
Loc. Adv. = locução adverbial
Num. = numeral
Pl. = plural
Pron. = pronome
Region. = regionalismo
S. f. = substantivo feminino
S. m. = substantivo masculino
V. int. = verbo intransitivo
V. p. = verbo pronominal
V. t. = verbo transitivo

CREIO EM VÓS, MOCIDADE

PAULO BOMFIM.

Membro da Academia Paulista de Lêtras. Oração pronunciada, no Colégio Arquidiocesano de São Paulo, na qualidade de Paraninfo, em 5 de dezembro de 1963.

Creio em vós, — oh! mocidade,
Em vossos gestos de sonho,
Em vossos rumos audazes,
Em vossos céus de esperança,
No brilho de vossos olhos,
No calor de vosso sangue,
Na altura de vosso ideal,
Na certeza que ilumina
A glória de vossos passos,
Na bondade que palpita
Em todos os corações,
Na poesia que é protesto
Em vossos lábios inquietos,
Na terra que se faz alma
Clamando por vossos passos!
No instante de tantas dúvidas
Vós sois a nossa certeza,
No momento de descrença
A crença revive em vós,
Na hora da grande angústia,
Vossos clarins de alegria!
Neste solo, nesta casa
Povoada de evocações,
Algo de vós permanece
Ao lado de vossos mestres,
Presença de vossa ausência,
Saudade que o tempo encanta

Ao longo dos corredores,
Nas classes côr do silêncio,
Na euforia dos recreios,
No milagre da amizade,
Nas alegrias do esporte
Nas grandes meditações.
Pela prece e pelo bem
Que trazeis em vossas almas,
Pela fôrça e pelo amor
Que surgem de vossas vidas,
Pela bandeira de ardor
Que plantareis nas montanhas, ...
Pelo futuro menino
Que trazeis em vossas mãos,
Pela Pátria que depende
Do dom de vossos destinos,
Por hoje, amanhã, por sempre,
Entre o efêmero dos dias
E a glória da eternidade,
Creio em vós — oh! mocidade.

PEDRO PICHORRA

José Bento MONTEIRO LOBATO

(Taubaté 18-IV-1882 — S. Paulo, 4-VII-1948) *José Bento Monteiro Lobato, escritor brasileiro, autor de livros de ficção, de contos, de obras didáticas, etc. De sua vasta obra de ficção e crítica é notável a parte de literatura infantil, de admirável originalidade, graça e interêsse. Lamenta-se o tom quase sempre pessimista, a crítica demolidora e a ironia mordaz contra as coisas que a criança deve aprender a amar e venerar. Bacharel em direito, exerceu o cargo de promotor público. Pertence-lhe a glória de ter criado um tipo nacional — o Jeca Tatu Foi o fundador da indústria do livro no Brasil e um dos autores que mais contribuíram para a renovação da literatura brasileira. Gilberto Freire diz que êle "não é apenas a história literária do Brasil, mas a própria história do povo e da nacionalidade brasileira". OBRAS: Urupês; Cidades Mortas; A Onda Verde; Contos Pesados; Contos Leves; Narizinho Arrebitado, etc.*

Quem dobra o morro da Samambaia, com a vista enjoada da verdura monótona, *espairece* na Grota Fria, ao dar de chapa com uma *sitioca pitoresca.*

E passa, levando nos olhos a impressão daquela *sépia* afogada em campo verde. Casebre de palha, terreirinho de chão limpo, mastro de Santo Antônio com os desenhos já escorridos da chuva, a bandeira *rôta, trapejante* ao vento... Dois mamoeiros no quintal, apinhados de frutos, canteiros de *esporinha* com periquito à roda e *manjericões entreverados*... Um pé de girassol, magro e *desenxabido,* a *sopesar* no alto uma rodela côr de canário; as laranjeiras semimortas sob o toucado de erva-de-passarinho...

Nos fundos da casa vê-se o lavadouro, *descoivarado* apenas, num poço, onde o córrego rebrilha três palmos de água. Sôbre um tabuão, emborcado a meio, lá está batendo roupa a Marianinha Pichorra, mulher de Pedro Pichorra, mãe de nove Pichorrinhas. É ali o sítio dos Pichorras e até Grota Funda já conhecida por "Fundão da Pichorrada".

Por que é que os antigos Pereiras, do Barro Branco, vieram a chamar-se Pichorras?

É tôda uma história.

Pedrinho ia nos onze anos. Já se *destabocara* e já preferia, em matéria de fumo, o forte, bem melado. Na véspera realizara o sonho de tôda criança da roça, a faca de ponta. Dera-lha o pai, como diploma de virilidade. "Menino, doravante é homem. Agredido, não gritará por gente grande; é mão na faca, pé atrás e corisco nos olhos".

Não lhe falou assim o pai, mas leu Pedrinho essa fala na lâmina rebrilhante. Por isso irradiava de orgulho, imaginando pegas, tempos-quentes e *tocaias*, onde a *sardinha* alumiasse.

O pai, àquela hora, de pé na *soleira* da porta, "assuntava" o céu. Viu que chover não chovia e:

— Pedrinho! gritou para os fundos.

— Pai?!

— Vá pegar a égua.

O menino passou a mão do cabresto e mergulhou no pasto. Minutos depois, *repontou*, trotando em pêlo na Serena, égua velha, de muita barriga mas agüentadeira.

— Dê milho, do mole e arreie.

O pequeno debulhou duas espigas no *embornal*. E, enquanto a *alimária* mascava o lambisco, alisou-a, ajeitando-lhe no lombo pisado um saco velho, depois a *carona*, o *lombilho*, o *pelego*.

— Não *coche* demais a barrigueira.

O menino folgou dois dedos o *arrôcho* e esperou um bocado, enrolando o cigarrinho, até que a Serena parasse de mastigar. Por fim, arrumou o freio e montou.

— Agora você vai no sítio do Nheco e diga praquele "tranca" que dou o capadete pelos vinte e cinco mil réis.

Pedrinho abriu cara de quem estranhava a ordem.

— Sòzinho?

— Ué! E a faca, então? Não é "companheiro"?

O argumento valeu. Pedro, sem mais palavra, deu rédea e, *lepte, lepte,* arrancou estrada afora.

O pai, alisando maquinalmente um "palhão", seguiu-o de olhos até perdê-lo de vista na primeira curva. Depois, monologou:

— "Sòzinho?" Ué! Até quando? É preciso acostumar-se. Onze anos, é homem. Eu com dez varava sertão.

Pedrinho trotava pela fita vermelha do caminho, sobe e desce morro, quebra à direita, à esquerda, *pac, pac, pac...*

Pensava na volta. Teria tempo de transpor a figueira, antes de escurecer? A figueira... Havia coisas do arco-da-velha, ali...

Pela meia- noite — diziam — o capeta juntava a côrte inteira debaixo dela e pinoteavam um samba do inferno.

Os sacis marinhavam pelos galhos em cata de figuinhos, que disputavam aos morcegos. Lobisomens eram às dúzias que vinham focinhar o estêrco das corujas. Almas penadas, isso nem era bom falar... Quando o Quincas da Estiva contava casos passados ali com êle, não havia chapéu que parasse na cabeça...

Mas, de dia, nada. Passarinhada miúda, só a debicar frutinhas. Foi o que Pedrinho viu, nesse dia, ao cruzar com ela. Mesmo assim, passou rápido, encolhidinho, "por via das dúvidas". Chegou ao Nheco ainda com sol e deu o recado.

Nheco, marotíssimo, coça o cabelo de milho da barbica e *embroma*:

— Pois não. Mas não vê que o toucinho baixou. De Minas tem descido *um poder de capadaria*, que mete mêdo. De sorte que você diga pro pai que, nestes casos, eu não sustento o trato. Se êle quiser vinte e três mil réis... Diga assim, ouviu? Vinte e três!

Pedrinho *"desandou para trás"*, pensando consigo: safado! E veio todo o caminho distraído em "xingar" mentalmente o aproveitador. Ao defrontar a figueira, o

mêdo *engrifou-o*. Escurecia. A luz estava morremorrendo, pálida no alto, *laranja esmaiada* no poente. Por felicidade, passaria a figueira antes da noite. Fechou os olhos, conjurando o encardido Santo Antônio da família, e transpôs de um *galão* o passo perigoso.

— Arre?.. exclamou, com desabafo, olhando para trás e vendo a árvore maldita diminuir de porte.

E *pac, pac, pac,* estrada em fora, rumo do sítio.

Mal escureceu e, já perto da casa, vai senão quando, a égua empina a orelha e passarinha.

— Égua velha passarinhou, é saci — sugeriu dentro dêle o mêdo. E o menino, *retransido,* vê, de súbito, surgir do barranco um saci, de braços espichados, barrigudo, *"com um ôlho de fogo, que passeava pelo corpo"*.

— Nossa Senhora da Conceição, valei-me!...

Assustado por aquêle berro, o "ôlho do saci voou pelo ar, piscando"...

Pedrinho bateu em casa, de cabelos em pé, espavorido, olhos a saltar. Agarrou-se com o pai, tremendo, sem fala. A custo, desatou o nó da língua.

— O saci, pai!...

— ?

— Para cá da figueira... na curva, barrigudo... prêto...

O pai deu-lhe água na cuia.

— Beba. Sossegue um pouco, menino.

E depois de uma pausa:

— Você está bobeando, Pedrinho. Não há saci nestas bandas.

— Juro, pai, por Deus do céu que vi!

E contou a viagem por miúdo até a aparição.

— Altinho? Pretinho? — indagou o pai.

— Pretinho era, mas chatola, barrigudo assim como uma pichorra grande.

— Então não é saci, — concluiu o velho, entendidíssimo que era em demonologia.

— Fedeu a enxôfre?

— Não.

— *sobiou?*

— Não.

— Mexeu do lugar?

— Não. Só o ôlho, — o ôlho andava e voava.

O caboclo refletiu um bocado e, por fim, uma idéia iluminou-lhe a cara.

— Onde foi isso? Pra cá do corguinho?

— É.

— No barranco?

— É.

— O ôlho andou e depois voou, piscando?

— Tal e qual.

— E o corpo ficou parado?

— Isso mesmo.

O velho clareou a cara, desmanchando as rugas da testa e disse, rindo:

— O que mais não se aprende neste mundo! Sabe o que viu você? Você viu o saci-pichorra!

E, mudando de tom, depois de refletir:

— Que é da faca?

— Pra quê? perguntou o menino, desconfiado.

— Deixe ver; dê cá a faca.

Pegou dela e pô-la à cinta. E, ríspido:

— Vá dormir.

Pedrinho, compreendendo a *degradação,* ergueu-se, com lágrimas nos olhos.

— E a faca? perguntou.

— Fica comigo. Pra você, porqueirinha, é canivete marca anzol ainda. E com infinita ironia:

— Vá se deitar, Pedro Pichorra!...

O menino recolheu-se, sacudindo de soluços. O velho pegou do borracho um tição e acendeu na brasa viva um cigarro. Baforou uma fumaçada com o pensamento no falecido sogro, Chico Vira, o caboclo mais poltrão da Estiva. "Por quem havia de puxar o Pedrinho... Chico Vira..."

E, assim, o rebento masculino dos Pereiras, do Barro Branco, virou por troça do próprio pai, o tronco duma nova família, essa Pichorrada, que hoje põe a nota sépia da sitioca na verdura monótona da Samambaia.

Tudo, porque velha Miquelina deixara, naquele dia, a *pichorra* de água a refrescar ao relento, na beira do

barranco e um vaga-lume-guaçu pousara nela por acaso...

VOCABULÁRIO

Espairecer, v. int.: distrair-se.
Sitioca, s. f.: pequeno sítio.
Pitoresca, adj.: graciosa, agradável, próprio para ser pintado, (pintoresco), original, imaginoso. (**Adapt. do It. pittoresco**).
Sépia, s. f.: substância escura que se extrai das sebas, muito aplicada em pintura; côr amarelada esmaecida, dos pastos em tempo de sêca.
Rôta, adj.: rompida, retalhada.
Trapejante, adj.: em trapos, o tremular da bandeira, quando, ao impulso do vento, bate no mastro.
Esporinhas, s. f.: espécie de planta, com flôres.
Manjericões, s. m.: vegetal de muito cheiro e bem característico.
Entreverados, adj.: entrançados, misturados.
Desenxabido, adj.: insípido, desajeitado, insôsso, sem graça.
Sopesar, v. t.: sustentar, servir de esteio.
Descoivarado, adj.: limpo dos restos (coivara: o que resta de uma fogueira).
Destabocar, v. t.: perder o acanhamento, tornar-se desenvolto e inconveniente pelas palavras, desmandar-se, tornar-se grosseiro.
Tocaias, s. f.: emboscadas.
Soleira, s. f.: entrada, o piso do vão da porta, o limiar, estribo de carruagem, soalheira.
Repontar, v. int.: aparecer, voltar, aparecer de nôvo, ralar, recalcitrar.
Sardinha, s. f.: (region.) faquinha.
Embornal, s. m.: saco que se coloca na fuça dos animais, para servir a ração.
Alimária, s. f.: animal ordinário.
Carona, s. f.: peça do arreio, manta de couro que se põe sôbre o lombilho.
Lombilho, s. m.: nome do pelego que substitui, nos arreios, a sela, o selim; aqui: o próprio selim ou sela.
Pelego, s. m.: pele de carneiro que se põe sôbre a sela.
Cochar, v. t.: apertar; (é têrmo náutico: torcer).
Arrôcho, s. m.: pau torto e curto, com que se torcem as cordas para apertar fardos; aqui, em sentido figurado: apêrto.
Embromar, v. int.: mentir, embrulhar, enganar.
Um poder de capadaria: grande quantidade de porcos gordos.
"Desandou para trás": (modo regional de falar) voltou pelo mesmo caminho.
Engrifar, v. t.: apoderar-se, prender, deitar garras, agarrar.
Laranja esmaiada: esmaiada, desmaiada, esmaecida, apagada.
Galão, s. m.: salto do cavalo, corcôvo, de um arrancão.
Retransido, adj.: tomado de mêdo, encolhido, intimamente penetrado.
Pichorra, s. m.: cântaro de barro com bico, vasilha de barro.
Degradação, s. t.: rebaixamento, destituição de pôsto, aviltamento.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO

Quais são os interlocutores? É natural o desenrolar das cenas, dos diálogos, etc.? A narração é de molde a prender fortemente a atenção do leitor? Faça um estudo das expressões mais vivas, características, regionais. Como o autor justifica antecipadamente o que vai fazer entender logo mais? Afinal, de que se tratava nas proximidades da "árvore maldita, a figueira"? Por que nosso povo do interior acredita tanto em assombrações, lobisomens, almas penadas, etc.?

O castigo do menino, em que consistiu? e por que lhe foi aplicado? Era por ter tido mêdo do saci, por acreditar em bobagens, ou porque, sendo poltrão, o mêdo lhe tinha pregado uma peça, dando-lhe um susto sem motivo? Será que o pai, entendidíssimo em demonologia, nas vêzes em que tinha visto o saci, não caía na mesma peça?

Faça um comentário sôbre a parte final do trecho.

2. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) selim	( ) emboscada
(2) esmaecida	( ) lombilho
(3) tocaia	( ) engrifar
(4) agarrar	( ) esmaiada
(5) enganar	( ) desajeitado
(6) desenxabido	( ) embromar

b) Procure o significado dos seguintes parônimos:

Arrear, arear, arriar. Dê milho, do mole e arreie. Arrie êste pêso o mais depressa possível. Procure arear estas panelas.

c) Procure um substantivo dos três verbos citados.

d) Dê o significado de: pinotear, capeta, marinhar, em cata de, debicar, morremorrendo, conjurar, o encardido, vai senão quando, mascar.

e) Dê o sinônimo das palavras em grifo:

Quem **dobra** o morro da Samambaia, com a vista **enjoada** da verdura monótona, **espairece** na Grota Fria, ao **dar de chapa** com uma **sitioca pitoresca**. O velho **tirou** do **brasido** um tição e acendeu na brasa viva um cigarro. Prá você, **porquerinha**, é canivete **marca anzol** ainda.

3. COMPOSIÇÃO

1) As vantagens do bom linguajar.

2) Um susto.

4. EXPRESSÕES TÍPICAS DA LÍNGUA

Abafar a banca = vencer completamente, conquistar tudo.

Pôr as barbas de môlho = precaver-se, prevenir-se.

Dar barretada com chapéu alheio = fazer favôres, obséquios a custa de terceiros.

Água que passarinho não bebe = cachaça, pinga, aguardente.

Bentevi de igreja = elegante que se exibe nas cerimônias.

LÍNGUA — GRAMÁTICA — ESTILÍSTICA

1 — LÍNGUA.

Definição:
Língua é um sistema de sinais auditivo-orais adotado por determinado grupo social para a comunicação e expressão das idéias, emoções e desejos.
Uma língua pode ser instrumento de um só povo, como acontece com o chinês, ou comum a vários países como acontece com o português, inglês, espanhol...

Modalidades:

a) *Língua falada.* É o instrumento diário para a comunicação de nossas idéias, sem preocupação artística e dispõe dos recursos lingüísticos da entoação, da mímica, etc. O objetivo principal da língua falada é a *clareza.*

b) *Língua escrita.* É o instrumento menos freqüente em que o escritor não tem a seu dispor os auxiliares da linguagem falada. Deverá criar a "situação" (situação = ambiente físico e social onde se fala) e captar o interêsse dos leitores através o seu estilo expressivo. O objetivo da linguagem escrita é a elegância.

2 — GRAMÁTICA.

Se considerarmos, por exemplo o português, veremos que há falares regionais e sociais, diferenciações entre a linguagem falada e escrita. Cabe à gramática registrar os fatos da língua e estabelecer os preceitos para bem falar e escrever, acompanhando as tendências da época.
Gramática é ao mesmo tempo Ciência e Arte.
Divisão da Gramática: A Gramática pode estudar:

a) Uma determinada época: Gramática Expositiva.

b) As fases evolutivas de um idioma: Gramática Histórica.

c) A evolução de vários idiomas ao mesmo tempo: *Gramática Comparada.*
A Gramática que utilizamos para bem falar e escrever, chamada também Expositiva ou Normativa, constitui pròpriamente a Arte.
As Gramáticas Histórica e Comparada, constituem a Ciência.
Partes da Gramática. — A Gramática estuda:

a) Os sons: *Fonética e Fonêmica.*

b) As formas: *Morfologia.*

c) As construções: *Sintaxe.*

d) Os sentidos e suas alterações: *Semântica.*

3 — ESTILÍSTICA.

É um campo nôvo de estudos da linguagem que procura investigar o sistema expressivo que o idioma põe a serviço do falante para a exteriorização estética de suas idéias.
Todos êstes fatos da linguagem são estudados pela Lingüística.

EXERCÍCIOS

1 — Estariam as palavras "sobiou"? e "corguinho" gramàticalmente certas? Por que Monteiro Lobato as usou?

2 — Qual a parte da gramática que se interessa pelos seguintes casos?

Sitioca pitoresca (concordância).
O pequeno debulhou duas espigas (concordância).
Sòzinho, você, chapéu, transpôs.
Mergulhou no pasto, mergulhou na água.
Ex. O 1.º caso é estudado pela Sintaxe. O adjetivo concorda com o substantivo. Diz-se caso pitoresco.

3 — Forme um substantivo das seguintes palavras e justifique a grafia: enjoado, rápido, limpo, altivo, voar.

4 — Justifique a acentuação gráfica e a não acentuação nas seguintes palavras:

Girassol, Samambaia, rôta, pé, está, côr, ali, sítio, chapéu, viagem, também, sòzinho, ríspido, caíram, pai.

5 — Dê a classe gramatical dos vocábulos grifados:

Quem dobra o morro da Samambaia, com a vista enjoada da verdura monótona, espairece na Grota Fria, ao dar de chapa com uma sitioca pitoresca.

SUAVE MILAGRE

JOSÉ MARIA D'EÇA DE QUEIRÓS
Póvoa de Varzim, 25-XI-1845 — Paris, 16-VIII-1900

Jornalista e ensaísta, foi, todavia, no romance naturalista que êle sobressaiu e chegou a ser considerado o maior romancista português. Estilo flexível, gracioso e elegante. Humorista e ironista incomparável. Sua obra merece sérias restrições. Principais obras: O Primo Basílio, A Relíquia, Os Maias, A Ilustre Casa de Ramires, A Cidade e as Serras, etc.

Entre Enganim e Cesaréia, num casebre desgarrado, sumido na prega de um *cêrro,* vivia a êsse tempo uma viúva, mais desgraçada mulher que tôdas as mulheres de Israel. O seu filho único, todo aleijado, passara do magro peito a que ela o criara, para os farrapos da *enxêrga* apodrecida, onde jazera, sete anos passados, *mirrando* e gemendo. Também a ela a doença *engelhara,* dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma *cêpa* arrancada.

E sôbre ambos, espêssamente, a miséria cresceu como o bolor sôbre cacos perdidos num *êrmo.* Até na lâmpada de barro vermelho secara havia muito o azeite. Dentro da arca pintada não restava grão de *côdea.* No estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no *quinteiro* secara a figueira. Tão longe do povoado nunca esmola de pão ou mel entrava o portal. E só ervas apanhadas nas fendas das rochas, cozidas sem sal, nutriam aquelas criaturas de Deus na *Terra Escolhida,* onde até às aves maléficas sobrava o sustento!

Um dia, um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu *farnel* com a mãe amargurada e, um momento

sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou dessa grande esperança dos tristes, êsse *Rabi,* que aparecera na *Galiléia e de um pão no mesmo cêsto fazia sete,* e amava tôdas as criancinhas, e enxugava todos os prantos, e prometia aos pobres um grande e luminoso reino, de abundância maior que a côrte de *Salomão.* A mulher escutava com olhos famintos. E êsse doce Rabi, esperança dos tristes, onde se encontrava?

O mendigo suspirou. Ah! êsse doce Rabi! quantos o desejavam, que se desesperançavam! A sua fama andava por sôbre tôda a *Judéia* como o sol, que até por qualquer velho muro se estende e se goza; mas, para enxergar a claridade de seu rosto, só aquêles ditosos que o seu desejo escolhia. Obed, tão rico, mandara os seus servos por tôda a Galiléia, para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganim; Sétimo, tão soberano, destacara os seus soldados até à costa do mar, para que buscassem Jesus, o conduzissem por seu mando a Cesaréia. Errando, esmolando por tantas estradas, êle topara os servos de Obed, depois os legionários de Sétimo. E todos voltavam, como derrotados, com as sandálias rôtas, sem ter descoberto em que mata ou cidade, em que local ou palácio, se escondia Jesus.

A tarde caía. O mendigo apanhou o seu *bordão,* desceu pelo duro trilho, entre a *urze* e a rocha. A mãe reformou o seu canto, a mãe mais vergada, mais abandonada. E então, o filhinho, num murmúrio mais débil que o roçar duma asa, pediu à mãe que lhe trouxesse êsse Rabi, que amava as criancinhas ainda as mais pobres, sarava os males ainda os mais antigos. A mãe apertou a cabeça esguedelhada:

— Ó filho! e como queres que te deixe, e me mêta aos caminhos, à procura do Rabi da Galiléia? Obed é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por areais e colinas, desde Corazim até ao país de Moab. Sétimo é forte e tem soldados, e debalde correram por Jesus, desde o Hebron até ao mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe, e a nossa dor mora conosco dentro destas paredes, e dentro delas nos prende. E

mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o Rabi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse através das cidades até êste êrmo, para sarar um *entrevadinho,* tão pobre, sôbre *enxêrga* tão rôta?

A criança, com duas longas lágrimas na face magrinha murmurou:

— Ó mãe! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

— Ó meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galiléia, e curta a piedade dos homens. Tão rôta, tão trôpega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos *casais.* Ninguém atenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce Rabi. Ó filho! talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O céu o trouxe, o céu o levou. E com êle para sempre morreu a esperança dos tristes.

Dentre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozinhas que tremiam, a criança murmurou:

— Mãe, eu queria ver Jesus...

E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus disse à criança:

— Aqui estou.

VOCABULÁRIO

Cêrro, s. m.: colina pequena e penhascosa. Não confundir com sêrro.
Enxêrga, s. f.: cama pobre.
Mirrar, v. int.: emagrecer.
Engelhar, v. t.: enrugar, encarquilhar.
Cêpa, s. f.: tronco de videira ou de árvore.
Êrmo, s. m.: deserto.
Côdea, s. f.: casca, crosta de pão.
Quinteiro, s. m.: quintal.
Terra Escolhida: a Judéia.
Farnel, s. m.: matula, provisões para viagem.
Rabi, s. m.: nome para designar Jesus, Mestre.
Galiléia, s. f.: circunscrição da Palestina.
E de um pão no mesmo cêsto, fazia sete: alusão ao milagre da multiplicação dos pães.
Salomão, s. m.: o rei sábio dos judeus.
Judéia, s. f.: pequeno país da Ásia Ocidental, pátria de Cristo.
Bordão, s. m.: pau de arrimo, cajado.
Urze, s. f.: nome comum a várias plantas da família das ericáceas.
Entrevado, adj.: paralítico.
Casais, s. m.: pequenos povoados.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO

É animada a conversa? por quê? Que sentimentos quer inspirar o autor? Como é que procede para isso? Que entendeis por **ruído dormente?** Qual era o sinal de maior desgraça em Israel? Como é que essa criancinha podia conhecer a Jesus? Conhecia-o melhor que a mãe? por quê Que razões tinha a pobre de achar difícil o encontro do doce Rabi? A criança entendeu as razões da mãe? Que disse? Que sente a mãe? A expressão **decerto** exprime certeza? Acreditou a criança no que dizia a mãe? Essa mãe por que dizia sofismas à criança? Qual é o primeiro rico que procurou a Jesus e não o encontrou? **Ladrar** é verbo transitivo? Como entra Jesus? Que está subentendido na fala dêle? Qual é o sujeito de **servirá?** Estão **longas** e **curta** empregados no mesmo sentido? Pode dizer por que Obed e Sétimo não acharam a Jesus? Esperava a criança doente que Jesus a curasse ou remediasse sua pobreza? E que pensou a mãe quando viu Jesus entrar?

2. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Dê um sinônimo para as palavras grifadas:

Entre Enganim e Cesaréia, numa **choupana solitária, perdida** na **dobra** de uma **colina,** vivia nessa **época** uma viúva mais **infeliz senhora** que tôdas as mulheres da **Judéia. O mendigo apanhou** o seu **bordão,** desceu pelo **duro trilho,** entre a **urze** e a rocha. A mãe **reformou** o seu canto, a mãe mais **vergada,** mais **abandonada.**

b) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) farrapo	(4) despenteado
(2) topar	(6) cambaleante
(3) débil	(2) encontrar
(4) esguedelhado	(5) deserto
(5) êrmo	(1) trapo
(6) trôpego	(3) fraco

c) Coloque X dentro dos parênteses que precedem a resposta certa:

Cervo é:	Servo é:
( ) empregado, oficial de gabinete;	( ) veado, gamo;
( ) colina, morro;	(X) empregado;
(X) veado, gamo.	( ) habitante da Sérvia.

d) As seguintes palavras têm mais de um significado; assinale ao menos dois dêstes significados:

Casal, prega, torcida, arrancada, errar.

e) **Procure um parônimo para as seguintes palavras dando-lhe o significado:**
Cêrro, enxêrga, mirrar, caco, côrte, servo, errar.

3. COMPOSIÇÃO

a) As injustiças sociais.

b) A miséria, a fome e a dor.

c) Visita a um doente.

4. EXPRESSÕES TÍPICAS DA LÍNGUA

Pôr água na fervura = procurar acalmar uma situação ou discussão.

Amostra de gente = pessoa pequena

Arroz doce de função = pessoa que aparece em tudo que é festa.

Pescar em águas turvas = aproveitar-se de uma confusão para melhorar a própria situação.

Bacalhau de porta de venda = pessoa muita magra.

ESTILÍSTICA

1 — *Definição.*

Estilística é o ramo dos estudos da linguagem que se preocupa com o estilo.
Estilo. Entende-se por estilo o conjunto dos processos que fazem da língua um meio de exteriorização das idéias e de expressão dos desejos e das emoções. De modo especial, estilo é o modo peculiar que tem cada escritor para a expressão de seus pensamentos. — Estilo deriva do latim. "stilus", instrumento ponteagudo com que antigamente se escrevia na cêra ou em substâncias susceptíveis de gravação.
Estilística e Gramática. Não há oposição entre a Gramática e a Estilística; ambas se completam no estudo dos processos para a boa manifestação das idéias e sentimentos.
A Estilística estuda mais a língua no campo emocional e afetivo; o seu objetivo é a estética da expressão. Ao passo que a Gramática é antes uma norma e trabalha no campo intelectivo.
Campo da Estilística. É o mesmo que o da Gramática. Assim temos:

a) Estilística Fônica;
b) Estilística Morfológica;
c) Estilística Sintática;

d) Estilística Semântica.

A Estilística Fônica explora o valor expressivo dos sons, a harmonia imitativa no sentido mais amplo do têrmo.
A Estilística Morfológica sonda o uso expressivo das formas morfológicas, por ex.:

a) O plural de modéstia — O autor falando de si mesmo, poderá dizer: "Nós, ao encetarmos esta obra, tivemos um só desejo: auxiliar a coletividade".

b) O emprêgo dos tempos e modos como:
1.º O presente do indicativo pelo futuro do presente: amanhã vou buscar o meu carro. (Em vez de irei).
2.º O imperfeito para traduzir pedido: eu queria ir ao cinema (em vez de eu quero).
3.º O presente pelo pretérito para dar à narração um tom de atualidade: os romanos então invadem (invadiram) a Palestina e a submetem (submeteram) ao seu poderio.

c) Emprêgo expressivo dos sufixos: paizinho, poetastro, maninho.
A Estilística Sintática procura explicar o valor expressivo das construções — o emprêgo das figuras de sintaxe, a colocação dos têrmos na oração, o realce de um dêles, etc.
A Estilística Semântica procura dar a significação expressiva e ocasional de certos vocábulos. Ex.: Aquela menina é um "primor". Hoje tive que quebrar "um galho".
Também procura usar de um modo expressivo as figuras de palavras: metonímia, metáfora. etc. e as figuras de pensamento: hipérbole, antítese, etc.
Traços estilísticos e êrro gramatical. O estilo não é uma deformação das regras gramaticais.
O traço estilístico pode ser um desvio intencional das normas gramaticais para efeito de estética, ao passo que o êrro gramatical é um desvio causado pela distração e pelo conhecimento imperfeito da sintaxe.
Análise literária e análise estilística. Em um determinado trecho, a análise literária procura as fontes em que o autor foi inspirar-se, a que corrente literária pertence, etc.
A análise estilística examina se o escritor soube aproveitar dos processos estilísticos de expressão usados na sua época e como o fêz. Exemplificação com a comparação da estátua. A análise literária estudaria a origem do mármore; a análise estilística examinaria o que o artista fêz com êle.

EXERCÍCIOS

Análise estilística do trecho: Suave Milagre.
Eça de Queirós nos situa neste trecho num ambiente de total abandono e sofrimento. "Num casebre *desgarrado, sumido* na prega de um

cêrro". Total isolamento como soe acontecer com os doentes. Quem é o doente? O filho único", note-se que é o único, não há outro, se ao menos houvesse um irmãozinho... E sôbre ambos, *espêssamente, a miséria cresceu* como o bolor sôbre cacos perdidos num êrmo. A miséria cresce não diminui. Por que houvera de diminuir se ela a miséria está no seu ambiente? *Até* na lâmpada... secara o azeite, *até* a cabra morrera, *até* a figueira secara. É o fim. Tudo secou. Nada mais vive.

Um dia, um mendigo entrou no casebre... Que triste consolação! Um pobre, miserável, consolar quem ainda é mais triste e miserável? Mas surge uma luzinha no meio das trevas: "contou dessa gente a esperança dos tristes..." A mulher escutava com *os olhos famintos*. Os olhos indicam expressão de fome absoluta, total. Ver e não poder alcançar.

A esperança que surgiu como uma luzinha se apaga de repente: "e todos que eram ricos (Obed, Sétimo...) voltavam, como derrotados."

Foi-se o mendigo. A mãe *retornou* ao seu canto, *mais* vergada, *mais* abandonada. Tudo volta ao estado antigo e pior ainda, revestido com um "MAIS" terrível: *mais* vergada, *mais* abandonada.

Eça de Queirós nos embala neste vai-vém entre a miséria e a esperança.

O diálogo entre a criança e a mãe é um retôrno ao assunto central: esperança e desesperança. "Ó meu filho, como te posso deixar? *Longas* são as estradas da Galiléia, e *curta a* piedade dos homens." "*Tão* rôta, *tão* trôpega, *tão* triste, *até* os cães... *Ninguém* atenderia o meu recado..." Tudo é adverso, tudo é contrário. Veja-se como o autor expressa bem o desespêro da mãe: longas, curta, tão, até, ninguém.

Mas a esperança é algo de inquebrantável, mesmo numa criança entre negros trapos, com pobres mãozinhas que tremem:

— Mãe, eu queria ver Jesus... Queria = dúvida, desejo, certeza longínqua mas, certeza.

E a apoteose final: e "*logo*" abrindo *devagar* a porta...

Aqui estou. Aqui = neste local, num casebre desgarrado, sumido na prega de um cêrro, junto de uma viúva infeliz, com seu filho único.

Estou = E todos voltavam, como derrotados (os grandes), sem ter descoberto em que mata ou cidade, em que local ou palácio, se *escondia* Jesus. Estou entre vós, sou vosso, que quereis? Mas, êles não precisam falar, pois a miséria, a dor falam mais alto do que as palavras, do que os sons da fala.

EXERCICIOS

1 — Acentuar se fôr necessário; (verifique as palavras no trecho): cêrro, viúva, enxêrga, casebre, Galiléia, abundância, Rabi, sôbre, Jesus, legionário, sandália, palácio, cabeça, todos, trôpego, pobre, aqui.

2 — Fazer análise sintática de:

Sôbre ambos, espêssamente, a miséria cresceu como o bolor sôbre cacos perdidos num êrmo.

3 — Por que o autor empregou: O, em vez de LHE, na oração seguinte:

Obed, tão rico, mandara os seus servos por tôda a Galiléia, para que procurassem Jesus, O chamassem com promessas a Enganim? Nota: a mesma observação servirá para: há muito tempo que não o vejo, abraço-o efusivamente...

4 — Coloque C, G, J, H, S, X, Z dentro dos parênteses quando necessário:

(C)êsto	ca(S)inha	en(X)êrga
(S)erva	en(G)elhara	tor(C)ida
(X)êpa	co(Z)inhar	ca(S)ebre
(J)azera	en(X)ugava	e(S)tende
(C)êrro	ur(Z)e	atravé(S)
(C)esaréia	ca(S)al	talve(Z)

REGRESSO AO LAR

Abílio Manuel de GUERRA JUNQUEIRO
(15-IX-1850 — 7-VII-1923).

Formado em Direito por Coimbra, militou na política e na diplomacia. Como poeta, é dos maiores da língua portuguêsa. Foi grandemente influenciado por Vítor Hugo. OBRAS: A Morte de D. João; A Musa em Férias; Os Simples; Poesias Dispersas, etc.

Ai, há quantos anos que eu parti chorando
Dêste meu saudoso, carinhoso lar!...
Foi há vinte?... há trinta?... Nem eu sei já quando!...
Minha velha ama, que me estás fitando,
Canta-me cantigas para eu me lembrar!...

Dei a volta ao mundo, dei a volta à Vida...
Só achei enganos, decepções, pesar...
Oh! a ingênua alma tão desiludida!
Minha velha ama, com a voz *dorida*,
Canta-me cantigas de me *adormentar!*...

Trago d'amargura o coração desfeito!...
Vê que fundas mágoas no embaciado olhar!
Nunca eu saíra do meu ninho estreito!...
Minha velha ama, que me deste o peito,
Canta-me cantigas para me embalar!...

Pôs-me Deus, outrora no *frouxel* do ninho,
Tudo me roubaram, vê, pelo caminho!...
Minha velha ama, sou um pobrezinho...
Canta-me cantigas de fazer chorar!...
Pedrarias d'astros, *gemas* de luar...

Como antigamente, no regaço amado,
(Venho morto, morto!...) deixa-me deitar!
Ai, o teu menino como está mudado!
Minha velha ama, como está mudado!
Canta-lhe cantigas de dormir, sonhar!...

Canta-me cantigas, manso, muito manso...
Tristes, muito tristes, como à noite o mar...
Canta-me cantigas para ver se alcanço
Que a minh'alma durma, tenha paz, descanso,
Quando a morte, em breve, me vier buscar!...

VOCABULÁRIO

Dorida, adj.: dolorida.
Adormentar, v. int.: adormecer.
Frouxel, s. m.: penugem.
Gema, s. f.: pedra preciosa.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO

2. TRABALHO DE PESQUISA

Seguindo o modêlo de Suave Milagre ou um modêlo dado pelo professor, o aluno fará em casa ou em classe a análise estilística de: Regresso ao Lar.

3. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Forme frases com as seguintes palavras:
Lar, carinhoso, saudoso, regresso, cantiga.

b) As seguintes palavras têm mais de um significado; assinale dois dêstes significados:
ama, pesar, trago, funda.

c) Procure um sinônimo para as seguintes palavras:
fitar, lar, cantiga, engano, decepção, ingênuo, desfeito, mágoa, embaciado, embalar.

d) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) outrora
(2) selo
(3) transformado
(4) acalantar
(5) penugem
(6) volta

(2) regaço
(1) antigamente
(6) retôrno
(4) embalar
(3) mudado
(5) frouxel

e) **Forme um substantivo e um adjetivo dos seguintes verbos:** chorar, enganar, desiludir, amar, sonhar.

f) **Dê a diferença que há entre:**
Lar e casa; ver e olhar.

4. COMPOSIÇÃO

a) A alegria de viver no meu lar.

b) Recordações da rua onde eu moro.

5. EXPRESSÕES TÍPICAS DA LÍNGUA

Pensar que berimbau é gaita = enganar-se, equivocar-se.

Ser um bicho de concha = ser esquivo, receoso.

Afogar-se num copo de água = afobar-se por pouco.

Estar entre o martelo e a bigorna = estar em apuros, em dificuldade.

Estar entre Silas e Caribdes = estar em apuros, em dificuldade.

QUALIDADES DO ESTILO

As principais qualidades do estilo são:
Clareza, Correção, Harmonia, Elegância.

1 — CLAREZA. É a qualidade que consiste numa escolha de palavras e numa construção fraseológica tal que o pensamento do autor seja entendido imediatamente e sem esfôrço.
Para se alcançar clareza perfeita, convém:

a) ter uma idéia nítida do assunto;

b) apresentar os fatos na sua seqüência natural;

c) evitar frases demasiadamente longas;

d) empregar adequadamente os têrmos e os sinais de pontuação.
Peca contra a clareza esta frase: o animal que matou a onça.
Convém ainda evitar os vocábulos arcaicos, os neologismos, os provincialismos, a elipse exagerada ou a excessiva palavrosidade.

2 — CORREÇÃO. Correção é a conformidade com as regras gramaticais. Para se adquirir um estilo correto, é necessário:

a) empregar as palavras de cunho português;

b) usar as palavras no sentido aceito por todos.

c) observar fielmente na construção das frases as regras gramaticais.
O demasiado rigor ou requinte na busca de expressões vernáculas, no emprêgo de formas clássicas, chama-se *purismo*.
Uma infração às regras da gramática tem o nome de *solecismo*.
A observação aponta que os solecismos mais comuns são:
1.º Falta de concordância pessoal entre o pronome sujeito, os verbos e os possessivos. Ex. *Tu*, ó Virgem, que *sois* bendita. Êrro êste comum em cartas, discursos, alocuções, etc.
2.º Emprêgo simultâneo de tempos que não concordam: presente, pretérito.
3.º Emprêgo do imperativo em vez do subjuntivo na forma negativa.
4.º Colocação dos pronomes átonos.
5.º Emprêgo de palavras inúteis.
6.º O mau uso de preposições e conjunções.
7.º Falta de pontuação.
8.º Os erros ortográficos.
Principais vícios de linguagem. Além do solecismo assinalaremos alguns outros vícios de linguagem:

a) *Barbarismo.* Emprêgo de têrmos estranhos à língua, quer na forma, quer na idéia. Ex. perciso por preciso; diminuitivo por diminutivo...

b) *Cacofonia.* Som desagradável resultante da união das lêtras finais duma palavra com as iniciais da seguinte. Ex. como hei de amá-la se já nela não penso mais. Meus amôres por ti são, meu coração por ti gela.

c) *Hiato.* Encontro de duas vogais no fim de uma palavra e princípio de outra. Ex. Não vá a Haia, mas a Paris.

d) *Dissonância.* É o concurso de sons vogais e consoantes, desagradável ao ouvido: *amemos-nos, ouvem-o.*
Remedeia-se usando outro torneio, suprimindo, acrescentando ou trocando lêtras: *amemo-nos, ouvem-no.*

e) *Eco.* É produzido pela repetição dos mesmos sons no fim das palavras: *A modificação da terminação dessa conjugação não é a lição.*

EXERCÍCIOS

1 — **Teria o trecho: Regresso ao Lar, clareza e correção? Justifique.**

2 — **Tornar mais claras as seguintes orações:**
O jovem Davi derribou o gigante Golias que se adiantava contra êle com sua funda. Tenho um livro no bôlso que me incomoda muito. O fazendeiro matou a onça que acabava de atacar o rebanho com um tiro de espingarda. Júlio leu a história de Colombo navegando para a América num bonito livro. O cavalo da fábula disse à raposa de ler o seu nome, que o seu

sapateiro o tinha escrito por baixo do seu pé. O peru perguntava ao papagaio o que se dizia dêle na aldeia. O papagaio respondeu que tôda a gente dizia que êle era tolo e não tinha para si senão sua plumagem.

3 — Dê a função sintática das palavras grifadas:

Pôs-me Deus outrora no frouxel do ninho.
Pedrarias d'astros, gemas de luar...
Tudo me roubaram, vê, pelo caminho!
Minha velha ama, sou um pobrezinho...
Canta-me cantigas de fazer chorar!...

4 — Dê a classe gramatical da palavra grifada:

Ai, há quantos anos que eu parti chorando. Dei a volta ao mundo, dei a volta à Vida. Êste a está mal escrito. Foi a cavalo e voltou a pé.

5 — Por que são acentuadas as seguintes palavras:

Há, dêste, estás, ingênua, Saíra.

O IMPERADOR

ZEFERINO DE ABREU

Natural de Goiás. Falecido em 1913, vitimado pela varíola, quando exercia um ato heróico do seu ministério, pois era sacerdote. Exímio pregador e jornalista.

Há três anos passou por aqui o imperador. Trazia um acompanhamento enorme.

Ia visitar Magé, Boa Morte, Porto de Caxias, Socavão, enfim tôda a Serra abaixo.

S. Majestade devia almoçar em Magé, e o café do meio dia estava marcado para ser aqui na fazenda. Convidei todos os meus companheiros da guarda nacional e fardamo-nos. Mandei avisar a todo o povo e preparei diversos caminhos por onde devia passar a real comitiva.

Ah! meu caro senhor, nunca vi tanto povo. Desde a véspera grupos e mais grupos iam chegando. Havia povo até sôbre os telhados e em cima das árvores, as estradas estavam entupidas de gente. Calculamos em quinze mil pessoas. À uma hora em ponto começaram a chegar os primeiros pelotões da régia *comitiva*. Daí a pouco chegou o carro imperial. A massa popular era tão compacta que, embora o dia estivesse fresco e agradável, abafávamos. Levantei o quepe *agaloado* e três vêzes gritei com voz forte:

— Viva o Imperador!

E a multidão espantosa do povo, respondeu eletrizada, a *una voce*:

— Viva o Imperador.

E logo após fez-se um grande silêncio. S. Majestade, desceu do carro, e, sorrindo, quis falar-me. Nisso, no meio do povo, houve um zum-zum, e ouviu-se, alto, uma voz de mulher:

— Eu quero falar com meu senhor Imperador.

O soberano olhou para o lado donde partia a voz. Uma pobre escrava, já de certa idade, com o rosto lavado pelas lágrimas procurava romper pelo meio do povo.

— *Deixem passar a pobre mulher.*

A essas palavras pronunciadas por D. Pedro II, a multidão respeitosa abriu alas e a negra atirou-se de joelhos, clamando com as mãos postas:

— Meu senhor, misericórdia.

— Que queres, minha filha? perguntou o Imperador.

— Meu senhor, eu sou escrava do senhor comendador X..., fugi da casa de meu senhor, e vim pedir padrinho a meu senhor, pelo amor de Deus.

— Como te chamas?

— Eva, meu senhor.

— Senhor José Antonio, falou D. Pedro II dirigindo-se a mim, desculpe, mas não posso aceitar café; estamos fora de hora. Na volta aceitaremos. Proteja esta escrava que eu conversarei com o *comendador*.

Dezoito dias após, a mesma multidão, talvez maior ainda, aguardava a volta do Imperador.

Tôda a guarda nacional de Magé, S. José, Socavão, etc., estava a postos, fardada. Eu, na qualidade de coronel comandante superior, velava sôbre tudo e tinha que marchar nas despesas, mas lhe asseguro que o fiz com muito gôsto. Quando a augusta comitiva chegou, foi recebida com as mesmas aclamações, com o mesmo entusiasmo delirante. Mulheres apresentavam seus filhos, como que para conhecerem o augusto Visitante.

No fundo daquele quadro, tôda trêmula e agitada por mil pensamentos diversos, a negra fugida espreitava. O grande monarca apercebeu-a e chamou:

— Ó Eva?

A negra, soluçando de alegria, por ver-se reconhecida no meio de tanto povo e de tantos personagens de alta categoria, aproximou-se trêmula.

— Senhor Mota Maia, onde está a carta de liberdade?

O Conde de Mota Maia tirou de uma pasta a carta de *alforria* e apresentou-a ao soberano.

— Minha filha, pedi por ti a teu senhor e eis tua carta de liberdade.

És livre; procura sempre o trabalho e a virtude.

Aqui, meu velho tio, o coronel José Antônio de Abreu arrancou do peito um profundo suspiro, e passeando agitado pela sala, fêz um silêncio. Depois, continuou:

— Não é admirável, padre, que um homem como o Imperador, no meio de altos negócios, a lidar com infinitas pessoas de elevadas posições, tendo visto a escravinha uma vez apenas, conheceu-a, não obstante, e chamou-a pelo nome!?

E hoje? êsses chefetes de meia tigela, só se dignam de dirigir a palavra aos grandes e sabe Deus com que desprêzo êles falam do povo, lá no interior de suas moradas principescas. Êste fato passou-se em Junho. Sete meses depois, em meados de Janeiro, Eva veio me visitar.

— Então, Eva, ainda te lembras do Imperador?

— Ai! meu senhor, eu daria minha vida por êle, exclamou ela com os olhos banhados em lágrimas de reconhecimento.

— Pois bem, continuei; tu és pobre, mas S. Majestade é bonachão e sem cerimônia.

Deves agradecer a grande esmola que êle te fêz. Agora é tempo de abacaxis; vai ali na minha roça e colhe uma dúzia dêles, dos maiores e mais maduros. Arranja uma cêsta grande emprestada e uma toalha de linho, com alguma senhora dona, e leva de presente, lá na Quinta da Boa Vista, onde está agora a família imperial.

Meu dito, meu feito. Daí a poucos dias, graças à caridade de uma senhora, Eva preparou o presente e botou-se para o Rio. De Magé ao ponto das barcas há pouco mais de uma légua, e de ponto das barcas até à capital gasta-se apenas uma hora de viagem. Chegando ao Rio pela vez primeira, a senhora não *pateteou;* mas indaga daqui, indaga dali, foi direitinha à Quinta. O grande portão estava aberto como sempre. Eva *em-*

barafustou pelos jardins e começou a percorrê-los. Era meio dia. De repente, a uma das janelas, *assoma* um vulto de alta e elevada estatura. Era o imperador. Lançando os olhos para o lado onde estava a ex-escrava, S. Majestade fixou a vista longamente, e recordando-se:

— Ó Eva?

Meu tio me contou todo êsse caso sempre a passear.

Chegando, porém, a êsse ponto, parou bruscamente e cruzando os braços, lançou-me olhares admirativos.

— Admirável! exclamei eu, verdadeiramente abalado; inteligência angélica, memória pronta e prodigiosa.

VOCABULÁRIO

Comitiva, s. f.: séquito.
Agaloado, adj.: guarnecido de galões.
Comendador, s. m.: aquêle que tem uma distinção honorífica, correspondente a um grau da ordem militar.
Meu dito, meu feito: expressão que indica que alguma ordem foi executada prontamente.
Alforria, s. f.: liberdade concedida ao escravo.
Patetear, v. int.: duvidar, bobear.
Embarafustar, v. int.: entrar desordenadamente.
Assomar, v. int.: aparecer, surgir.
A una voce: expressão latina que significa: a uma voz.

2. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) séquito	(3) real
(2) entulhado	(6) eletrizante
(3) régio	(4) turba
(4) massa	(1) acompanhamento
(5) velar	(2) entupido
(6) delirante	(5) cuidar

b) Dê o significado das palavras grifadas:

...mas lhe **asseguro** que o fiz com muito gôsto. Devemos **assegurar** um lugar no Estádio. Por via das dúvidas **segurou** todos os bens. **Segurou** firme a nossa mão. Meu velho tio, **arrancou** do peito um profundo suspiro. O louco **arrancou** em desabalada carreira. A tempestade **arrancou** árvores.

c) Forme orações com as seguintes palavras:

monarca, régio, séquito, zum-zum, alforria.

d) Procure um sinônimo para as seguintes palavras:

agitado	meados	abrutamente
espreitar	reconhecimento	transtornado
lides	sazonado	menosprêzo
chefete	largou-se	olhar

e) Dê a diferença que há entre:

Emprestar e pedir emprestado. Observe a confusão que o povo faz no uso dêstes dois verbos.

3. COMPOSIÇÃO

Discurso de saudação a uma autoridade.

4. EXPRESSÕES TÍPICAS DA LÍNGUA

Receber bilhete azul = ser despachado.

De primeira água = coisa excelente, boa.

Botar a bôca no mundo = gritar.

Fazer água na bôca = excitar o desejo.

Riso amarelo = riso fingido, hipócrita.

QUALIDADES DO ESTILO (continuação)

3 — HARMONIA. Consiste numa seqüência de sons variados e agradáveis ao ouvido e na combinação acertada dos membros do período.

Procurar-se-á entremear vocábulos extensos com pequenos, frases curtas com frases longas, sons vogais com sons consoantes e fazer uso da harmonia imitativa ou onomatopéia.

Onomatopéia ou harmonia imitativa são palavras que imitam na pronúncia o som do fato ou da ação que representam: *ribombar, pipocar, cacarejar, gorgolejar, sibilar, grasnar, gaguejar, cucuricar, rataplan, plan, plan, nhaco.*

O contexto de vocábulos pode produzir o mesmo efeito.

Ruem por terra as emperradas portas
Das eólias harríssonas masmorras.

Evitar-se-ão portanto, o hiato, a cacofonia, a dissonância, o eco, a colocação defeituosa dos complementos...

4 — ELEGANCIA. É a qualidade da frase já clara, correta e harmoniosa, que lhe comunica mais fôrça, vigor e beleza. Consiste sobretudo na escolha acertada dos adjetivos. É a elocução por excelência.

Utilidade. A expressão *clara* é própria do povos *bárbaros;* a expressão *correta*, dos povos *civilizados;* a expressão *harmoniosa*, dos povos *cultos*, e a expressão *elegante*, dos povos *políticos* aos quais pertencemos. O falar elegante faz que os outros simpatizem com nossas idéias e se identifiquem com o nosso pensamento.

Defeitos a evitar. Para conseguirmos escrever e falar com elegância, cumpre evitemos:

1 — NOS TÊRMOS:

a) aquêles que são muito vulgares, pouco usados na boa classe da sociedade: *botar* por *colocar; asneira*, por *êrro; besteira*, por *disparate;*

b) o emprêgo freqüente de *que, qual, cujo:* de *meu, teu, seu;* dos pronomes sujeitos; do artigo indefinido *um;*

c) a repetição dos mesmos vocábulos, a não ser quando esta repetição constitui figura.

2 — NA CONSTRUÇÃO DA FRASE:

a) a molície, que enlanguece e efemina a expressão;

b) a afetação, ou a falta de naturalidade, que torna o dizer ridículo;

c) a repetição dos mesmos torneios, a não ser, também, quando constitui figura.

Meios a usar. A elegância do discurso se obtém principalmente pela boa escolha e pelo emprêgo moderado dos ornatos, pinturas, adornos, conceitos, etc., que se agrupam em duas grandes divisões: *figuras de palavras e figuras de pensamento.*

Gíria. Por gíria entende-se uma terminologia própria a certos meios e a certas profissões. Assim, a gíria escolar consiste no emprêgo de certas expressões usadas no meio estudantil, como por exemplo: *matar aula, fazer gazeta,* etc.

A gíria nem sempre é condenável, uma vez que pode tornar-se necessária, para traduzir determinadas idéias que de outra forma dificilmente se poderiam expressar.

O que se deve evitar é o abuso, mormente quando se trata da gíria nascida nas ribaltas onde os artistas de revista se comprazem numa linguagem sórdida e muitas vêzes obscena. Essa gíria denomina-se, em geral, de *calão.* Muita moça de boa família e cuidada educação deixaria de empregar certas expressões ouvidas em reuniões sociais, se lhes pudesse penetrar o sentido oculto ou a origem duvidosa.

Devemos, pois, evitar cuidadosamente, sobretudo quando escrevemos, o uso desnecessário da gíria, pois que isso poderia comprometer nossa reputação tanto intelectual, como moral.

EXERCÍCIOS

1 — Faça uma pesquisa pessoal sôbre as principais gírias usadas no seu círculo de relações.

2 — Procure a palavra apropriada para os têrmos vulgares seguintes:

asneira	bafafá	biruta
botar	droga	trem
pifar	sapeca	treco
bagunça	baita	besteira

3 — Colocar dentro dos parênteses "s", "x" ou "z". (Consultar o trecho):

Tra(z)ia	apro(x)imar-se	abaca(x)i
Fa(z)enda	fê(z)	pre(s)ente
Avi(s)ar	po(s)ição	ve(z)
Quin(z)e	me(s)es	fi(x)ou
Eletri(z)ada	ga(z)eta	cru(z)ar
Qui(s)	e(x)clamou	de(z)oito
Despe(s)as	desprê(z)o	dú(z)ia

4 — Analisar sintàticamente:

S.Majestade devia almoçar em Magé e o café do meio-dia estava marcado para ser aqui na fazenda.

LIÇÃO COMPLEMENTAR

O BURRINHO FAROFA

OLEGÁRIO MARIANO Carneiro da Cunha

(Recife 1889) Poeta parnasiano. Autor de uma vultosa obra poética. Dedicou-se também à carreira diplomática, exercendo as funções de embaixador do Brasil em Portugal. Obras: O canto do Cisne — Destinos — Últimas Cigarras — Caixa de Brinquedos — Cidade Maravilhosa — O Enamorado da Vida etc.

Conheci o Farofa em Quebra-Frascos,
No sítio "O Seio de Abraão".
Bonito de estatura e elegante de casco,
A cabeça curvada, o pêlo bronzeado,
Mas triste e cheio de resignação.
Isso acontece sempre a quem vive humilhado.
Não olha o céu; olha sòmente o chão.

Tratei-o com ternura comovente,
Porque êle tinha o jeito e o olhar aflito
De um outro que levou pacientemente
Nossa Senhora para o Egito.

Talvez por isso
Simpatizei com êle e às vêzes esperava
Até vê-lo pastar, porque, quando pastava,
O Farofa, cabeça baixa e ar *submisso,*
Muita verdade me ensinava.

Outras vêzes notei a tristeza e o abandono
Que êle sentia a andar pela estrada sem fim.
(O olhar de um burro quanta coisa encerra!)
Ia buscar capim, longe, na serra...
Capim para os cavalos do seu dono...
E voltava humilhado a carregar capim.

Tôdas as tardes eu tornava a vê-lo:
Passava a mão a acariciar-lhe o pêlo...
"Tem paciência, Farofa!" lhe dizia.
"Se teu dono estivesse aqui, não permitia
Que subisses a serra, a saltar pelos *valos,*
Em busca de capim para cavalos.

Êle sorria com seus olhos resignados,
Como a me responder: "Não creia nisto.
Meu dono me deixou entregue a êsses malvados,
Meu dono nem se lembra se eu existo".

Procurei, certa vez, seu dono na cidade.
Êle era, por sinal, meu velho amigo.
Falei-lhe do Farofa e da sua humildade.
Contei-lhe que o caseiro era inimigo
Do burrinho e tratava-o com maldade,
Êle compadeceu-se e concordou comigo.

Quando voltei ao "Seio de Abraão",
Alguns meses depois, chegando cedo,
Encontrei o Farofa diferente,
Já olhava o céu em vez de olhar o chão,
Como um garôto sorridente
A quem tivessem dado o mais lindo brinquedo
Depois de muita humilhação.

Atrelado aos *varais* de uma linda charrete,
Tratando os outros como iguais, dizia assim:
"Quero ver quem tem o *topete*
De me mandar buscar capim!"

E ameaçava dar uns coices no caseiro
E os cavalos olhava com *desdém.*
Mas como era um burrinho de consciência,
Não praticava o mal contra ninguém,
Porque sabia, em sua inocência,
Como é mau quem faz mal, como é bom que faz bem.

Quando ao lado me viu, dilatou as narinas,
Saltou nos cascos e arrogante como um rei,
Jogou para meu lado o penacho das crinas,
Para me agradecer o bem que lhe prestei.

E agora vem tôdas as tardes, calmamente,
Êle, sua charrete e um bando de guris,
Mostrar-me como a vida é diferente,
E como se tornou um burrinho feliz.

Na vida humana, tem cuidado!
Olha êsse exemplo, a ôlho nu:
Não humilhes ninguém, porque o humilhado
Amanhã pode ser mais forte do que tu.

1. ESTUDO DO VOCABULÁRIO

Com o auxílio de um dicionário procurar os têrmos não conhecidos.

GRAMÁTICA.

a) *Pôr no plural as frases seguintes:*
O vice-consul tinha aquela leitura como agradável passatempo. Recebemos um caixote de manga-espada. O contra-almirante mandou que o vaso de guerra avançasse. Recebi de presente uma caneta-tinteiro. O corre-corre das crianças no final das aulas é perigoso. O cirurgião-dentista não compareceu à reunião. O presidente da república baixou decreto-lei proibindo a greve na estrada de ferro.

b) *Colocar dentro dos parênteses "s", "x" ou "z".*

pure(s)a	montê(z)	bati(z)ar	te(z)
monte( )ino	abra(z)ado	obu(s)	ananá (z)
ajae(z)ar	rete(z)ar	narci(z)ar	queiró(s)
civili(z)ar	reprê(s)a	desli(z)ar	me(x)inha

c) Conjugue no imperativo negativo (5 pessoas): ver, cobrir, saber, trazer, pôr, crer, pedir.

d) Reconhecer as orações subordinadas:
Desejo que faças uma viagem esplêndida. Êste é o estudo a que dedico mais tempo. Convém que estudes bastante para venceres na vida. Responda-me se você conseguiu a matrícula. É bom que estejamos atentos ao problema. Perdemos o filme que você nos recomendou. É mais inteligente do que atento. Agirei conforme me tratarem. Exponho os fatos para que todos tenham ciência dêles. Urge que venhas já. Terminado o exercício saíram para o recreio.

e) Substitua os pontos pela onomatopéia.
Apenas o leve.... das fôlhas e o.... do rio interrompiam o silêncio do bosque. Ouvia-se no tacho o..... do milho. As moedas faziam leve.... no bôlso. O... do canhão e o... das balas, aliadas ao..... dos trovões amedrontavam as crianças. Poético e encantador é o..... do sabiá. Quando ela passou ouviu-se o..... da sêda. Enquanto o gago..... o rapaz tímido..... uma desculpa. A pombinha..... e a galinha..... Gosto do..... dos sinos nos dias festivos.

f) Acentuar se fôr preciso:

vez	fez	mês	Lisbôa	bôa
vezes	fezes	mêses	côa	côas

ENCOMENDAS

Joaquim José da FRANÇA JÚNIOR

Natural da Bahia, — 1838 - 1890. Famoso pelos seus folhetins e suas comédias, em que retratou com graça a fisionomia da sua época. Foi também um político satírico. OBRAS: A República Modêlo; Como se Fazia um Deputado; Os Candidatos; Amor com Amor se Paga, etc.

O Sr. Felisberto Antônio de Miranda, é um distinto paulista de trato *lhano* e afável, proprietário de algumas *patacas* e credor de inúmeras simpatias de seus comprovincianos, os quais ao vê-lo, não se fartam de dizer:

— Isto é que é homem!

— Nunca vi criatura tão boa!

— Por ela não vem mal ao mundo.

— Amigo do seu amigo...

— Bom filho, bom irmão...

— E, sobretudo, serviçal como ninguém!

— Esta última qualidade, especialmente, assaz tem contribuído para consolidar os títulos do Sr. Felisberto à estima pública.

— O meu préstimo é muito insignificante, diz êle a todos, mas está sempre à disposição dos amigos.

E o Sr. Felisberto se bem o diz, melhor o faz. Os negócios alheios são as suas ocupações. É um gôsto vê-lo andar de um lado para o outro, suando por todos os *poros*, a distribuir barretadas e apertos de mão, oferecendo a 'sua choupana a êste, dizendo àquele 'que já o conhecia da tradição, mas que só agora é que liga o nome à pessoa, e narrando cheio de orgulho o que fêz e o que vai ainda fazer:

— Já estive em casa do F... e lá deixei os caixões que o J... mandou-lhe. Venho agora mesmo da estrada

de ferro, a bagagem do teu pai está tôda despachada. Falta-me arranjar uma carta do conselheiro R... para o Juca, que faz exame amanhã. Tenho que passar um telegrama para a côrte. Ah! e então, não me ia esquecendo? Dois pares de luvas para as meninas do P... Consultemos a lista. "Escôvas, o conselheiro R... um vidro de doce: telegrama, sapatos... Tudo isto já está feito. Agora vou alugar um carro para ir à casa do R... ver o negócio do sobrinho do X... Não tenho tempo a perder.

E todos que *privam* com o sr. Felisberto exclamam, cheios de entusiasmo:

— Que homem simpático!

— Que bela criatura!

— É uma pérola!

Imaginem agora que êste sr. Felisberto que é uma pérola, resolve fazer uma viagem até o Rio de Janeiro, para, pela primeira vez, tratar sèriamente de negócios seus. Em vez, porém, de calar-se ou comunicar esta resolução a um ou outro amigo mais íntimo, o amável paulista principia a bater com a língua nos dentes, e ei-lo comprometido com uma série interminável de encomendas, cada qual mais impertinente.

— Sei que o senhor parte depois de amanhã para o Rio, lhe diz um.

— Sim, senhor.

— Não queria abusar da sua bondade...

— Oh! por quem é, essa é boa.

— Podia levar em sua bagagem um pequeno embrulho?

— Dois e três, meu caro amigo. Sabe que o meu préstimo é muito pequeno, mas...

— Além dêste embrulho hei de lhe dar mais três cartas, que devem ser entregues em mão própria, uma na rua dos Beneditinos, outra na Tijuca e a outra no Cosme Velho.

— Com muito prazer tudo quanto quiser.

Outro pede-lhe para levar um *boião* de doce de figos para o compadre.

— Onde mora êle?

— Do nome da rua pròpriamente não me lembro. Mas não tem nada que saber. É uma rua muito comprida, que vai desembocar num largo e por onde passam os bondes.

— E como se chama o seu compadre?

— Manoel Maria. É muito conhecido. Perguntando ali a qualquer, logo lhe diz.

— Tenho ainda outro pedido a fazer-lhe.

— Estou sempre às suas ordens.

— Veja se me arranja por lá um papagaio, que não seja burro e que esteja acostumado a comer comida de casa. Mas quero coisa superior. Olhe que é para presente.

— Fique descansado.

Este quer mandar para a côrte dois lindos cavalos, que já há muito tempo havia prometido a um deputado, ao qual deve inúmeras obrigações.

— Quem poderá se incumbir disto? perguntou a um amigo.

— O Felisberto.

— Êle parte para o Rio?

— Depois de amanhã.

— Sabes com certeza?

— Tanto sei que já lhe encomendei uma medida de Nossa Senhora da Penha.

— Oh! que achado! não poderia encontrar melhor ocasião. Tens relação com êle?

— Algumas, mas é tão amigo de servir...

E os cavalos partem para a côrte em companhia do sr. Felisberto, que nunca ousou atirar um — não — à cara de ninguém. As môças fazem-lhe também importantes encomendas. Esta pede-lhe um chapéu à *cri-cri*. Aquela agulhas de crochê. Uma quer luvas de doze botões. Outra dá-lhe uma amostra de sêda côr de pérola:

— O senhor está vendo isto, seu Felisberto?

— Sim, minha senhora.

— Procure-me quatro metros de fazenda desta côr. Mas veja que seja igualzinha. Há uma sêda muito parecida com esta, e que não é a mesma coisa. Tome sentido, seu Felisberto, a outra tem o riscado mais unido, e esta tem o riscado assim.

— A senhora tenha a bondade de escrever tudo isto em um pedacinho de papel.

— É melhor, menina, acode a mãe, que aproveita a ocasião para fazer também o seu pedido.

— Ora, pois, seu Felisberto, vai o senhor embora, e ainda não me perguntou o que eu quero!

— Estas môças não me dão tempo para falar.

— Duas coisas muito insignificantes. Veremos se se lembra de mim.

— O que determina, minha senhora?

— Um livro de receitas para doces, e duas dúzias de forminhas para *mãe-bentas*.

— Digo-lhe desde já que as suas ordens hão de ser cumpridas.

No dia da partida está o homem com as malas fechadas, prestes a sair, eis que entra-lhe pela casa dentro um conhecido.

— Felizmente ainda cheguei a tempo de encontrá-lo. Este caixãozinho pode ir na sua canastra.

— Já não há lugar.

— Vai num canto; isto quase que não ocupa espaço.

Na estação da estrada de ferro apareceram-lhe ainda conhecidos e amigos, uns com cartas, outros com embrulhos, outros com recados para Fulano, lembranças para Sicrano, etc., etc. O guincho do progresso atroa os ares. A locomotiva parte. Ao chegar ao Rio de Janeiro, o primeiro cuidado do amável amigo é despachar a bagagem.

— Vejamos um carro, diz êle com os seus botões. Vou direitinho para o *Hotel das Duas Coroas* dormir tranquilo esta noite... Amanhã tenho tempo de entregar tôdas as encomendas... e restam-me ainda oito dias para tratar dos meus negócios.

Uma idéia, porém, acode-lhe ao espírito:

— E os dois cavalos?

É verdade, já nem dêles me lembrava! É preciso que eu me desembarace desses animais, seja como fôr. O que devo fazer? Procurar o deputado? Mas agora é impossível. Esta só pelos diabos! Não há remédio senão pô-los em uma cocheira até amanhã.

E fadigado, coberto de poeira da cabeça aos pés, lá se vai o sr. Felisberto alojar os *bucéfalos* na cocheira mais próxima, depois de haver suado o topete para retirá-los da estação; feito o que, segue para as *Duas Coroas*, onde também se aloja. No dia seguinte começa o seu *fadário*.

— Antes de tudo, os cavalos, diz êle. Vamos à casa do deputado. Se não me engano é no Catete que reside o tal sujeito. Não há dúvida, cá está o número da morada. Ali chegando, encontra a porta fechada. Bate com tôda a fôrça, ninguém lhe responde.

— Querem ver que me deram o número trocado?

Um vizinho chegando à janela:

— A quem é que o senhor procura?

— Ao conselheiro S... Não é aqui que êle mora?

— Sim senhor; porém, há oito dias que partiu para Petrópolis com tôda a família.

— Não pode informar-me quando volta?

— Só daqui a quatro meses.

— Bonito! Estou arranjado.

E o sr. Felisberto embarca no primeiro bonde, estudando, durante o trajeto, qual o meio mais fácil de fazer chegar os cavalos ao seu destino. Afinal, toma a resolução de escrever para Petrópolis.

— Pagarei mais dois ou três dias de cocheira, e enquanto não vem a resposta da carta, tratemos das outras encomendas. Toca a desembaraçar-me já dêste boião de doce de figos. Mas onde será a tal rua muito comprida, por onde passam os bondes? Estou na mesma

O sr. Felisberto lembra-se então que o seu amigo lhe tinha dito que o tal Manoel Maria, a quem devia ser entregue o doce, era um homem muito conhecido. Interroga a várias pessoas, e cada qual perde-se num mundo *de conjecturas*.

— Não será um sujeito gordinho, bexigoso, que mora na rua Machado Coelho?

— Talvez seja um empregado das *capatazias* da alfândega que se mudou há dias para o largo de Santa Rita.

— Se é quem eu penso, mora na Chichorra. É um bicho narigudo, de voz fina, escriturário do tesouro...

— Não sei, meus senhores: a única informação que me deram é que êle mora numa rua muito comprida, que desemboca num largo, e por onde passam *bondes*.

— Ora esta! isto e nada é a mesma coisa; porque, à exceção do beco das Cancelas, não há, no Rio de Janeiro, rua que não tenha pelo menos uma linha de bondes.

— Vou anunciar pelo jornal. Mais esta despesa!

Em seguida vai o sr. Felisberto entregar a carta da rua Beneditinos, deixando para o dia seguinte a entrega das da Tijuca e Cosme-Velho. Em caminho, conversando com um amigo, pergunta-lhe se sabe onde há um bom papagaio para vender. Por informações daquele dirige-se a um *taberneiro*, que mora em frente à câmara dos deputados.

— É aqui onde há um papagaio...?

— Sim senhor. Ei-lo.

— Eu tenho encomenda dum que não seja burro, que coma comida de casa.

— Mais inteligente do que êste é impossível, meu caro senhor. O ladrão do bichinho ouviu daquela janela tantas sessões da câmara, que hoje fala que é um regalo! Olhe, quer ver? Papagaio real, dá cá o pé, meu louro.

E o papagaio, dilatando as pupilas, com as penas do pescoço arrepiadas, a fazer cortesia, principia a dar o seguinte pano de amostra. "Senhor presidente, o nobre deputado, peço a palavra, à ordem. Ah! Ah! Ah! Apoiado!" Resolvido o negócio do papagaio, passa o sr. Felisberto a entregar diversos embrulhos a diversos. No dia seguinte, depois de haver aproveitado o fresco da madrugada para levar a carta à Tijuca, começa de nôvo o fadário. Duas horas para descobrir sêda côr de pérola, igual à amostra que lhe deram. Outras tantas para achar uma medida de Nossa Senhora da Penha. Uma hora para ver o chapéu *cri-cri*, as luvas de doze botões e

as agulhas de *crochê*. Outra para o livro de doces e fôrminhas de mãe- benta. E o resto do tempo é consumido na viagem ao Cosme-Velho, para a entrega da terceira carta. Desponta a aurora do terceiro dia.

— Ora pois, vou começar hoje a tratar do meu negócio, não tenho tempo a perder. Mas com os diabos, e aquêle maldito boião de doce? E aquêles caixões? E os cavalos?! e nada de resposta de Petrópolis!! Este dia é consagrado às encomendas.

No quarto dia, indo muito cedo à cocheira, dizem-lhe lá que um dos cavalos está manco.

— Nunca mais caio noutra. Vou já para Petrópolis! hei de descobrir o tal deputado.

Às seis horas da tarde está o sr. Felisberto naquela cidade, onde lhe informam que a pessoa que procura partiu com tôda a família para Juiz de Fora, devendo ficar ali oito dias. E os cavalos a fazerem despesa! E o sr. Felisberto, que devia ficar aqui apenas oito dias, espera mais quatro a fim de poder entregar os bucéfalos ao deputado. Durante êste tempo consegue arranjar felizmente os seus negócios, aparecendo-lhe enfim um sujeito com a seguinte carta:

"Rogo a V. S.ª a bondade de entregar os cavalos ao portador, que é pessoa de confiança. Disponha, etc."

Quanto às despesas feitas pelos tais bichinhos no *hotel* onde estiveram... nem uma palavra!

— Pago tudo, não há remédio. Vou-me embora amanhã, e tão cedo não faço outra viagem.

Escusado dizer que volta para S. Paulo o célebre boião de doce do assaz conhecido sr. Manoel Maria, morador na tal rua comprida, por onde passam os bondes.

Ao despedir-se do seu correspondente, diz-lhe o sr. Felisberto.

— Tome esta bengala. No dia em que lhe constar que me incumbi de uma encomenda, por mais pequena que seja, autorizo-o a quebrar-me os ossos da cabeça aos pés.

VOCABULÁRIO

Lhano, adj: sincero, afável, franco.
Pataca, s. f.: moeda antiga de prata, do valor de 320 réis. Por extensão: dinheiro, riqueza.
Poro, s. m.: orifícios da pele.
Privar, v. t. conviver; despojar.
Boião, s. m.: vaso bojudo e de bôca larga.
Mãe-benta, s. f.: espécie de bôlo, feito de farinha de trigo e ovos.
Bucéfalo, s. m.: famoso cavalo de Alexandre o Grande; cavalo ordinário.
Fadário, s. m.: sorte, destino. Vida trabalhosa.
Conjectura, s. f.: suposição, hipótese.
Capatazia, s. f.: funções de capataz: grupo de indivíduos dirigidos por capataz.
Taberneiro, s. m.: dono de taberna; dono de venda.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO

2. ANÁLISE ESTILÍSTICA DO TRECHO

3. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) ilustre	(4) insignificante
(2) dono	(1) distinto
(3) préstimo	(5) casebre
(4) de pouca monta	(3) serviço, ajuda
(5) choupana	(6) atrevido
(6) impertinente	(2) proprietário

b) Dê a diferença que há entre:
Comprido e cumprido; credor e criador; fatigar e fustigar; alojar e alijar; trocado e truncado; conjectura e conjuntura.

c) Forme frases com as seguintes palavras:
encomendas, serviçal, lhano, préstimo, assaz.

d) Dê o antônimo de:

cheio	entusiasmo	nobre
orgulho	simpático	lembrar
próximo	prazer	despedir-se
alheio	cortesia	tranqüilo

4. COMPOSIÇÃO

Um recado.
Uma refeição ao ar livre.
O cultivo das flôres.

GÊNEROS LITERÁRIOS — DIVISÃO — NEOLOGISMOS — ESTRANGEIRISMOS

GÊNEROS LITERÁRIOS.

Genêros literários são formas gerais e artísticas do pensamento, apresentando cada forma os seus caracteres e leis próprias.
Há gêneros literários em verso e em prosa:

1 — *Em Verso:*

a) Epopéia: descrição de fatos importantes. Ex. Lusíadas, Odisséia, Eneida.
b) Lírica: expressão de sentimentos e paixões: Odes de Horácio, Bucólicas de Virgílio.
c) Drama: reprodução de uma ação no palco: Goethe, Schiller, Shakespeare.
O drama também se apresenta em prosa.

2 — *Em Prosa.*

a) Histórico: anais, biografias, comentários, memórias crônicas, lendas, romances, novelas.
b) Epistolar: cartas doutrinárias ou familiares.
c) Didáticos: obras dedicadas ao ensino ou à ciência.
d) Descritivo: descrição de pessoas, coisas, animais.
e) Oratório: discursos acadêmicos, forense, político, sagrado.

OS NEOLOGISMOS.

Neologismo = palavra nova.
A necessidade de expressão levou o escritor ou o povo a criar novos têrmos ou a dar nova significação a têrmos já existentes. Para que um neologismo vingue e se radique na língua é preciso que corresponda a uma real necessidade, não interessando a sua proveniência.
Espécies de neologismos:

a) neologismo literário. Ex. vesperal em vez de matinée; cardápio em vez de menú, etc.
b) neologismo científico. Os progressos realizados no campo da química, física, telegrafia, eletrodinâmica, na aviação, na esfera sideral, etc. como a invenção de novos aparelhos forçaram a criação de novos têrmos. Ex. Televisão, radioscopia, telefone, telescópio, eletroterapia, etc.
c) neologismos populares. O povo serviu-se de têrmos existentes e deu-lhes outro significado. Ex. Garganta = metido a valentão. Trem = objeto, etc.

ESTRANGEIRISMOS.

Por estrangeirismos, entende-se o emprêgo de vocábulos ou frases estrangeiras ou expressões e construções em que se denota a influência de línguas que não a nossa. Os principais estrangeirismos são os *galicismos*, os *espanholismos*, os *anglicismos* e os *italianismos*, etc.
Os estrangeirismos poderão ser *vocabulares (corbeille*, por *cesta)*, *fraseológicos (estou ao par, por estou a par)* e *sintáticos (a flor a mais bela* por *a flor mais bela)*.
Há os estrangeirismos vocabulares necessáriso e há os estrangeirismos dispensáveis. Alguns já se incorporaram ao nosso vocabulário, desde longa data, a ponto de têrmos esquecido sua origem, como: *boné, paletó, patinar,* etc.: outros mais modernos têm-se insinuado, sobretudo, os de cunho científico e desportivo, sobrelevando no último caso os anglicismos, como: *futebol* (football). *lider* (leader), *clube* (club), etc., tendo obtido ràpidamente carta de cidadania.
Devemos, todavia, evitar os estrangeirismos tôda vez que tivermos no vernáculo vocábulos de sentido equivalente ao que se pretende importar. Por que empregarmos, por exemplo, *debutante*, em vez de *principiante?*
São denominados empréstimos, vocábulos estrangeiros que se incorporam à nossa língua.
A tendência generalizada é escrevê-los à portuguêsa. Ex. futebol, espíquer, pênalti, abajur, golquíper, placar.
Tentativas foram feitas para substituir os empréstimos por falares do léxico. O empréstimo é um fenômeno natural que ocorre na maioria das línguas.

EXERCÍCIOS

1 — Na lista abaixo assinale quais os estrangeirismos:

Reveillon	play-boy	Country-Club
Boné	menino	Touring Club do Brasil
livraria	líder	piquenique
Hi-fi	basquetebol	professor
chofer	pênalti	a una voce
televisão	telefone	radiola
abajur	debutante	pick-up jeep
cidade	estudante	espíquer

2 — Procure no trecho alguns estrangeirismos usados pelo autor.

3 — Acentue se fôr preciso e justifique a acentuação:

este	esta	esse	essa	aquele	aquela
estes	estas	esses	essas	aqueles	aquelas
deste	desta	desse	dessa	àquele	àquela
destes	destas	desses	dessas	daquele	daquela
neste	nesta	nesse	nessa	naquele	naquela
nestes	nestas	nesses	nessas	naqueles	naquelas

4 — Dizer quais os adjetivos gentílicos correspondentes aos topônimos seguintes:

Marrocos	Estado de São Paulo	Bragança	Peru
Coimbra	São Paulo (capital)	Belém (Pará)	Berlim
Bélgica	Buenos Aires	Belém (Judéia)	Três Corações
Estado do Rio	Madagascar	Santarém	Tartária
Guanabara		Chaves	Jordão
Madri		Terra do Fogo	Israel

ADJETIVOS GENTÍLICOS

Malgaxe ou madagascarense, marroquino, bracarense, fluminense, platino ou buenairense, paulista, bragantino, paulistano, tricordiano, berlinense, flaviense, belemita betlemita ou belenense, santareno ou escalabitano, conimbricense, madrileno, fueguino, tártaro, jordanense, carioca, belga, peruviano ou peruano, israelita.

A DERRIBADA

AMÉRICO WERNECK

Nasceu em Bem-Posta, Rio de Janeiro — 1855 - 1927 — Estudou na Escola Central, hoje Politécnica do Rio de Janeiro. Era dono de uma imaginação muito produtiva. OBRAS: Jucuri; Morena; Graciema; Lucrécia; A Heroína da Inconfidência; Judite; Arte de Educar os Filhos.

A mata era *imponente*. Erguia-se na *grota* uma *sucupira* de trinta palmos de circunferência; mais abaixo, uma *gameleira* menos gigante, quase emparelhava a sua rama à do colosso.

Os mais possantes africanos, cujos braços de ferro manejavam o machado como um brinco de criança, desfilavam junto à majestosa árvore, à semelhança de formigas.

Um a um, paravam para medi-la de alto a baixo, mas nenhum teve a coragem de derribá-la. A todos a sucupira olhava com desprêzo, *farfalhando* orgulhosamente sôbre a sólida base. Primeiro passou um *cabinda*, parou embasbacado, e foi-se *moscando*, receoso de lhe ser confiada a empreitada.

Cruz! Hoje é hoje! com êsse pau ninguém pode.

Passou depois um *caçanje*, o qual, *arqueando-se* de flanco *à guisa de* bodoque, parou assombrado a mirar-lhe a copa.

— Huá! maravilha do mundo! Vou-me embora: não sou *pimpão* para êsse bicho, não.

Em seguida passou um *inhambane* que, tropeçando na grossa raiz, escarrapachou em regra, de braços abertos e focinho no chão. Ergueu-se o derribador e, cuspindo terra, desceu a *biboca* no meio de pragas e exclamações cômicas.

— Uê-ê-ê-ê! Já está mostrando o que há de ser. Puah!

Afinal, aproximou-se um *moçambique* que, arrimando-se ao cabo do machado, ali ficou estatelado, de pernas abertas, a grunhir uma lengalenga indecifrável.

Nessa ocasião despontou Fernando no aceiro superior e vibrou a vista, dominando o serviço de um golpe. Êle era o derribador mais famoso daquele sertão, que nesse tempo os contava de mão-cheia.

Não havia pontaria mais certeira. Quando êle lançava o olhar calculista aos galhos de uma árvore, estivesse esta no prumo, marcava a direção de sua queda e não errava o tiro.

Quando o fazendeiro soltou do largo peito o berro que enchia o vale e despertava o eito, a floresta tremeu de mêdo até à raiz. Acabava de chegar o raio que devia fulminá-la.

Ao avistar na grota a gigantesca sucupira em pé, atirando aos derribadores o formidável desafio, que ninguém ousava aceitar, o fazendeiro ficou contente: era com êsses colossos altaneiros que êle gostava de se entender. Censurou enèrgicamente os escravos por haverem fugido covardemente da árvore, desceu à grota e gritou por Chico Congo.

Acudiu um africano hercúleo. Era o seu braço direito: não havia em todo o Brasil machadc mais valente, nem mais vigoroso tapir. O fazendeiro escolheu dois derribadores para contrapêso ao negro e distribuiu-os em tôrno da sucupira. Ao Congo sòzinho coube a tarefa de entalhar a barriga do pau até o âmago. Mas apesar de árdua a tarefa, andassem ligeiros os seus *malungos*, pois não tardaria em deixá-los atrás.

Fernando marcou a pontaria para a forquilha da gameleira e ordenou que não cortassem esta; conforme seus cálculos, o pêso da sucupira, aliado ao choque, seria bastante para deitar abaixo sua grossa vizinha, de fibra menos rija; os dois colossos, unidos no abraço da morte, caindo juntos sôbre a floresta, arrasariam a grota até à várzea.

Ponderou o Congo que, se a gameleira resistisse, como seria certo, a sucupira, enganchada na forquilha, formaria um perigoso mundéu. Os seus companheiros apoiavam êste parecer, achando prudente entalhar a gameleira, embora se consumisse mais tempo. O lavrador, confiando no seu plano temerário, persistiu; então o trabalho começou.

O Congo, fincando um pé atrás, arremessou o machado, que foi encravar-se no rijo lombo do gigante. O aço cantou e o cabo sôlto brandiu, como a cauda da jararaca retraída para o bote. O negro cuspiu entre as mãos, esfregou as palmas uma na outra e arrancou a arma terrível. Os golpes sucederam-se. A cada golpe, voava um estilhaço de pau, zunindo. Os outros derribadores, porfiavam em imitar o Congo, mas faltava-lhes a fôrça e a destreza do pulso. Também o africano gostava de provocá-los, *alardeando* seu vigor. Sempre que o seu machado tinia no cerne, êle bradava aos parceiros, em tom de *chacotas:*

— Acocha, malungo!

— Hoje, quebro-te a proa, respondia o mais encafifado.

— Vamos ver.

E os seus golpes redobravam, ecoando além; e os cavacos zuniam no espaço, como a bala do arcabuz.

Passava das 11 horas quando a sucupira deu o primeiro gemido. Os derribadores soltaram uma interjeição uníssona de entusiasmo; o eito em côro respondeu com outra. Mas faltava muito para o colosso cair.

O Congo malhava sempre, enquanto os parceiros fadigados deixavam às vêzes, pender os braços frouxamente. Mas também, recomeçavam logo. A cada vaivém do machado entoava o Congo uma breve cantiga, a que respondiam os parceiros em côro, quando vibravam os golpes simultâneos:

— Acocha, Malungo!
— Batecum Gererê!
— Acocha com fôrça!
— Batecum Gererê!
— **O Gavião é quem governa!**

— Batecum Gererê!

Essas frases e outras, acompanhadas de estribilhos, marcavam o compasso regular dos machados. O fazendeiro dirigia os serviços com o olhar vigilante no gavião da árvore, donde dependia a certeza da pontaria. Ora mandava cortar mais à direita, ora mais à esquerda, conforme a necessidade.

A atenção do eito convergia para êsse ponto; não se falava noutra coisa; sustentavam alguns que a gameleira não cairia; apostavam outros que ela não resistiria ao choque. Só Pai Bento não falava... Trazia os olhos arregalados no espaço, como se estivesse vendo uma visão sinistra.

Ao meio-dia, pararam para tomar a refeição.

Pai Bento não comeu.

O trabalho recomeçou com mais entusiasmo. Enfim, às duas horas da tarde, o colosso vegetal estalou no âmago e os três algozes soltaram o grito de aviso:

— Foge, gente.

Então os trabalhadores que andavam por ali perto, escafederam-se à pressa.

A sucupira estava equilibrada sôbre a aresta de um prisma. Apenas os derribadores *disseminados* pela floresta puseram-se longe do perigo, o Congo atirou mais alguns golpes. De repente rangeram as fibras do tronco, e a cabeça enorme do rei daqueles vales, descrevendo um arco de círculo sôbre um raio de cento vinte palmos, e acompanhado pelo côro selvagem dos derribadores, abateu-se na forquilha da gameleira desgrenhando a *coma* e estremecendo o deserto com seu rugido de moribundo.

Ao pêso do colosso, a gameleira vergou violentamente, semelhante a um arco ao despedir a seta, porém suas fibras elásticas, reagindo logo, suspenderam de nôvo o decepado gigante.

Fernando empalideceu. O silêncio estendeu-se no eito; cinquenta olhos cheios de emoção, de espanto e ansiedade assistiam à cena pavorosa. Só pai Bento não via. Como dois atletas *engalfinhados* na luta se despedaçam, rangendo os dentes, ferindo-se com as unhas e

procurando com terríveis solavancos abater um ao outro, assim a sucupira, ferrada à nuca da gameleira, a envergava para baixo, sempre que ela tentava erigir-se na majestade primitiva.

Os dois gigantes oscilavam nesse vaivém formidável, a rasgarem-se as carnes, a dilacerarem-se as vestes, a arrancarem-se as barbas, arrochados sempre pelos músculos de aço.

— A gameleira está duvidando, disse o Congo.

— Temos mundéu, acrescentou outro.

— Veremos ainda.

Esta observação partira do fazendeiro que esperava o desfêcho do combate com o interêsse do amor-próprio comprometido. Ofendido em sua vaidade, êle, o derribador de fama, julgar-se-ia desonrado, se o cálculo falhasse desastrosamente.

Nesse *interim*, quebrou-se um galho, e a sucupira girando projetou-se à esquerda e calcou desesperadamente o adversário. É agora! bradou Fernando. Ouviu-se um estalo e em seguida um estertor, e outro e outro...

De repente, vibrou um estampido, e a gameleira, lascada pela base, cedeu, enfim, à fôrça que a subjugava. Então os dois titãs, abraçados a rolarem na arena, rugindo como um bando de panteras, tombaram sôbre a floresta e, esmagando de uma em uma, as árvores seculares, varreram a grota.

As pessoas que habitavam longe as bibocas da serra, foram surpreendidas por um trovão medonho, que passou esbarrando por aquelas encostas; e atônitas, interrogavam o espaço. Não havia uma nuvem no céu.

VOCABULÁRIO

Imponente, adj.: altivo, grandioso, orgulhoso.

Grota, s. f.: terreno em plano inclinado na intersecção de duas montanhas.

Sucupira, Gameleira, s. f.: árvores gigantescas.

Farfalhar, v. int.: fazer barulho.

Cabinda, s. m.: natural de Cabinda (África).

Moscar-se, v. pr.: safar-se, sumir-se.

Caçanje, s. m.: de uma tribo africana, na região de Angola.

Arquear-se, v. pr.: inclinar-se em arco.
Flanco, s. m.: lado.
À guisa de, loc. adv.: como, como se fôsse.
Pimpão, s. m.: valentão.
Inhambane, s. m.: natural de Inhamhane, povoação de Moçambique.
Biboca, s. f.: grota, cova, fenda.
Moçambique, s. m.: negro natural de Moçambique.
Malungo, s. m.: companheiro, colega.
Alardear, v. t.: ostentar, bazofiar.
Chacota, s. f.: zombaria.
Coma, s. f.: cabeleira, juba, França.
Disseminar, v. int.: espalhar.
Engalfinhar, v. t.: agarrar, travar.
Interim, adv.: intervalo.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO

2. ANÁLISE ESTILÍSTICA DO TRECHO

3. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) embasbacado	(6) forte
(2) receoso	(4) conversa fiada
(3) estatelado	(8) abobado
(4) lengalenga	(2) temeroso
(5) altaneiro	(3) atônito
(6) hercúleo	(5) altivo

b) Procure a diferença que há entre:
Grota-gruta; braço-braça; ramo-rama; junto-junta; assombrar-ensombrar; moscar-mascar; mirrar-mirar; copa-copo; tiro-tira; vale-vala; raio-raia; entalhar-entulhar; aço-asso.

c) Forme frases com as seguintes palavras:
Derribada, machado, empreitada, hercúleo, árvore, golpe.

d) Procure um antônimo para os têrmos seguintes:

Desprêzo	cômico	vigilante
imponente	hercúleo	gigante
orgulhosamente	covarde	equilibrado
sólido	árdua	entusiasmo
majestoso	rijo	sinistro

4. COMPOSIÇÃO

a) A destruição das matas brasileiras.

b) O reflorestamento.

c) Importância da arborização nas cidades.

5. EXPRESSÕES TÍPICAS DA LÍNGUA

Ser bode expiatório = levar sempre a culpa.
Há ("tein") boi na linha = há dificuldade pela frente.
Abraço de tamanduá = abraço de falso amigo, do que vom com intenções segundas.
Não se dar por achado = Fazer não entender alguma coisa.
Ler pela mesma cartilha = ter idéias iguais, idênticas.

GÊNEROS LITERÁRIOS — TEORIA E TÉCNICA DA COMPOSIÇÃO — LEITURA

1 — MOTIVAÇÃO.

Em quase todos os exames e concursos, o português é uma das provas exigidas: exames de escolas, ginásios e faculdades; concursos para a carreira diplomática, para a conquista de prêmios, para a obtenção dos melhores empregos. E em tôda prova de português entra uma COMPOSIÇÃO, à qual são atribuídos mais pontos do que a tôdas as outras questões. Diante disso, só podemos tirar uma conclusão: o cuidado com que devemos estudar o melhor meio de fazermos boas composições. A presente lição tem justamente como objetivo, ajudar o aluno nesse ponto.

Uma curiosa observação: Se um professor nos mandasse preparar um trabalho relativo a qualquer assunto difícil — por exemplo sôbre a angústia do mundo para encontrar um remédio contra o câncer — quanto esfôrço não despenderíamos para que o nosso trabalho não viesse a decepcionar!

Fazer uma composição é também tarefa difícil embora não tanto como a do exemplo citado. Mas a maior parte dos estudantes, por um hábito adquirido desde o primário, lança-se a essa tarefa diretamente, sem antes parar um pouco para refletir, para procurar idéias, para ordená-las... Julgam-se por fôrça do hábito, habilitados a produzir sem maior esfôrço, *qualquer composição;* e o que produzem, na realidade, é uma... *composição qualquer!*

2 — UM POUCO DE TEORIA:

"Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém" diz antigo provérbio. Plagiando a idéia poderíamos dizer que um pouco de teoria (antes de passarmos à prática), não fará mal a ninguém... mesmo porque a teoria dará mais firmeza e maleabilidade à prática. Como parte teórica veremos sòmente os diferentes tipos de composição. Distinguiremos como tipos que não se confundem (embora às vêzes por negligência se diga um pelo outro!): a *descrição*, a *narração* e a *dissertação;* quanto à redação e composição, devemos dizer desde já que são têrmos de sentido mais genérico e que se podem aplicar a qualquer um dos anteriores.

DESCRIÇÃO. A descrição refere-se a *uma série de pormenores* no espaço. Descrever é citar uma após outra, *as partes de um objeto* (aspecto espacial); as suas qualidades, os seus matizes, etc. É como mostra a pintura de um objeto, apontando nela tudo quanto

fôr digno de nota. Sòmente que em lugar de fazê-lo por ações nós o fazemos por palavras.

NARRAÇÃO. A narração refere-se a *uma sucessão de momentos* no tempo. Narrar é citar um por um — não as partes de um objeto como acima — mas os *momentos sucessivos* (aspecto temporal), de um fato, de uma ação, de um acontecimento histórico. Comparando os dois tipos: a descrição seria como a projeção de imagens fixas, sem movimento nem ação, nestas imagens; a narração pelo contrário, seria como a projeção de um filme, trazendo-nos diante dos olhos a sucessão dos momentos de uma ação ou movimento.

OBSERVAÇÃO. Embora tècnicamente exista esta distinção que acabamos de assinalar entre narração e descrição, muitas vêzes é negligenciada; mas, conhecendo-a, é melhor respeitá-la sempre.

DISSERTAÇÃO. Dissertação é a manifestação oral ou escrita de um *conjunto concatenado de reflexões* que fazemos internamente, em nosso espírito, sôbre uma doutrina, uma questão científica, com seus prós e contras, com as objeções e discussões que provoca, etc.

A descrição por referir-se às partes sensíveis do ser, e a narração por referir-se aos momentos visíveis da ação, podem ambas ser definidas como *operações sôbre o sensível*, o palpável, o visível; ao passo que a dissertação é uma *operação sôbre o abstrato*, sôbre o espiritual. É a operação do espírito humano voltado para as suas produções (científicas, filosóficas, artísticas, etc.); ou o *espírito* querendo captar o *espiritual*. Por isso a dissertação é o mais difícil dos três tipos de composição.

3 — PARTE PRÁTICA.

a) PREPARAÇÃO REMOTA. Consiste no enriquecimento cada vez maior dos nossos conhecimentos relativos ao mundo em que vivemos.

Hoje em dia, os meios de divulgação científica, artística, histórica, através do rádio, da TV, do cinema, dos jornais, das revistas e livros, da convivência social mais intensa, etc. — são tantos, que temos maiores facilidades do que em tempos idos para armazenarmos conhecimentos, nos mais diversos setores. Assim mesmo é preciso acrescentar que só armazena quem sabe colhêr, quem sabe anotar em fichas, quem sabe observar; numa palavra quem tem olhos para ver, ouvidos para ouvir e atenção para guardar na memória. Daríamos ainda outra sugestão aos estudantes desejosos de progredir neste domínio: *ter sempre ao alcance da mão* UM BOM DICIONÁRIO, dêsses que dão também os nomes próprios e a parte histórico-geográfica. Manuseá-lo constantemente é o meio mais fácil para firmar os conhecimentos já adquiridos e para conquistar outros. E mais do que tudo, para chegar a ser um bom estilista: ler e ler muito os bons autôres; formar em si o *hábito da leitura*.

b) *Séria preparação imediata; e execução.* É êste um ponto importante para chegar a fazer uma boa composição; mesmo assim, é deixado no olvido por alguns, esquecidos que os únicos prejudicados pelo mau resultado são êles mesmos. No desejo de colaborar para a melhoria das composições — e das notas! — apresentamos aqui algumas sugestões:

1 — No momento em que é dado o trabalho, *notar bem* se se trata de: narração, descrição ou dissertação. Trocar uma por outra seria êrro grave; num critério de estrita justiça, pode ser punido com a "nota mínima"...

Se num exame o professor mandasse fazer uma *descrição*, estaria "fora do assunto" quem ocupasse a maior parte da composição narrando fatos ou fazendo *considerações*. Mas se o professor disser: "Façam uma composição..." com êste têrmo genérico não está obrigando a nenhum tipo determinado; a escolha do tipo fica então "à vontade do freguês".

2 — *Atentar bem*, igualmente *para o título*, para ater-se ao assunto proposto e não desandar por assuntos marginais; ou, pior ainda, para assuntos estranhos ao que foi proposto.

3 — *Parar, para uns momentos de reflexão*, antes de começar a escrever; focalizar na imaginação uma rápida visão panorâmica do assunto, com suas partes mais importantes, bem marcadas.

4 — *Transcrever num "borrão ou rascunho"*, em primeiro lugar essas poucas idéias mais importantes, formando com elas UM SUMÁRIO OU SÍNTESE, que servirá de base para o posterior desenvolvimento.

5 — Passando em revista as idéias mais importantes, *procurar os pormenores* que se prendem a cada uma delas.

6 — Não esquecer porém que pormenores existem aos milhões; necessàriamente *deve haver seleção*. Selecionaremos entre os pormenores citáveis, sòmente aquêles que tenham real interêsse, que possam despertar a curiosidade ou a atenção. Com esta seleção o número de pormenores aproveitáveis fica reduzido a pouca coisa; é essa pouca coisa (pouca mas interessante!) que transportaremos da nossa mente para o rascunho.

7 — As idéias foram baixadas da mente para o rascunho, à medida em que iam aparecendo; é claro que nem sempre vieram numa ordem lógica, ou numa ordem boa para interessar o leitor. Nosso trabalho subsequente será, pois, o de *estudar qual a melhor ordem, na distribuição do material* — i. é. das idéias mais importantes e dos pormenores encontrados.

8 — Muito importante é saber *como começar e como acabar*. Pode-se começar de vários modos; citemos três dêles:

a) com uma pequena introdução — por ex.: "o fato que vou narrar passa-se em 1880, numa fazenda do interior paulista, etc."

S P/4

b) Pode-se começar: "ex abrupto"; i. é., repentinamente, sem nenhuma preparação; diz-se também "in mediis rebus" i. é., quando a ação já está na metade ou em pleno andamento. Por exemplo, Camões começa o poema com o concílio dos deuses, quando a viagem tinha alcançado Moçambique... Outro exemplo: "Eu lhe conto, dizia-me o Flor, ao mesmo tempo que dava rédeas ao animal: Pedro Barqueiro é um desses homens que não se definem com palavras, etc.".
"E Castro Alves, em Navio Negreiro: "'Stamos em pleno mar...", contando o resto da história sem nenhum preâmbulo ou introdução.

c) Pode-se empregar o sistema do "flash-back", muito usado pelo cinema que o vulgarizou e lhe deu o nome, mas conhecido muito antes pelos literatos, romancistas, contistas, novelistas, etc. Consiste em dar logo de saída, o fato culminante ou desfêcho da história; depois de citado êste fato, que deve espicaçar vivamente a curiosidade do leitor, volta-se atrás para contar, a partir do início como e que o desenrolar dos acontecimentos veio a dar em tal desfêcho. Para exemplificar: "No escuro da noite, o nosso carro que ia a quase cem por hora, estacou de repente, por causa de algo atravessado na estrada: tínhamos penetrado num inferno de gritos, de ferros retorcidos, de corpos ensanguentados, com os quais tropeçávamos aqui e ali... Passados uns minutos de angustiante espera — longa? curta? não saberíamos dizer — um dos sobreviventes, com a voz entrecortada pelos espasmos, narrou-nos toda a tragédia..." e através da narrativa do sobrevivente, o leitor volve ao início da história, que segue então, em ordem cronológica, até chegar novamente ao desfecho.
Camões usou o processo nos Lusíadas, como é sabido são a glorificação mais da História de Portugal do que de Vasco da Gama. Mas Camões, em lugar de cantar a História de Portugal em ordem cronológica, o que talvez não seria do agrado de todos, inicia o poema com a narrativa da viagem de Vasco da Gama, só mais adiante sob o pretexto de contar a história de seu país a um rei estrangeiro (o rei de Melinda), Camões, ou melhor, Vasco da Gama por êle, conta-nos os episódios mais interessantes daquela história. É um estratagema muito útil, pois o leitor, em vez de enfadar-se com a longa narrativa, *fica interessado*, "torcendo" para que a História seja bem narrada àquele rei.
O fecho da composição — quer dizer, um fêcho que agrade, que seja estiloso que valha a pena! — é um dos pontos mais delicados e mais difíceis. (É claro que não falaríamos assim do modo infantil de terminar as composições: "E aqui termina a minha composição...")
Talvez sem chegarmos a êsse extremo, existe, todavia, o perigo de um fecho inexpressivo, sem interesse.
Aqui poderíamos sugerir aos estudantes de imitarem, quando possível o modo de acabar dos filmes. É difícil explicar em poucas palavras em que consiste êste modo interessante de acabar; mas, observando bem e observando sempre, acabaremos compreendendo e assimilando.

9 — *A propósito do desenvolvimento.* Como já ficou dito, entre milhares de pormenores possíveis devemos selecionar pequeno número dêles: os necessários para o bom andamento da composição; mais os que sejam úteis para obtenção de determinados efeitos estilísticos. E deixaremos de lado os desinteressantes.
A narração tem por objetivo desenrolar, diante de nossos olhos, uma série de ações que se sucedem no tempo. Mas estas ações, como não podia deixar de ser, foram levadas a efeito *em algum lugar*; daí a necessidade que temos de pintar, em breves pinceladas, o local em que se deu a ação. E se tal ação se desloca para outro ambiente, haverá uma pequena descrição para pintar êsse nôvo ambiente. Não se deve esquecer todavia que a descrição, nesses casos, tem que ser curta, pois o espaço maior deve ser reservado à narração.
Quem já não terá observado que é assim que procedem os cineastas, ou diretores de filmes? Se querem mostrar uma festa em plena efervescência, começam apresentando de longe umas "tomadas panorâmicas" (paisagem ou grupo de casas entre as quais se encontra a da festa); depois aproximam-se, focalizando de modo especial a casa em questão; em seguida penetram na sala e dão uma visão geral da cena; por fim, focalizam mais particularmente o herói ou os heróis da ação. Como se pode ver o método seguido pelo técnico de cinema foi o de partir do geral para o particular, dando-nos, antes da ação, uma *rápida descrição do local*, onde ela se vai dar.
La Fontaine é mestre nestas descrições brevíssimas de tempo e lugar. Poucas palavras, verbos e adjetivos cuidadosamente escolhidos: e eis-nos ambientados para a fábula. Por ex., na fábula de "O Carvalho e o Caniço" a ação se vai processar nos *úmidos limites do reino dos ventos*; aquela do "O Cavalo e o Lôbo" passa-se no tempo em que "as tépidas brisas amareleciam as fôlhas das árvores" (no outono europeu).
Cuidado com a preocupação excessiva de indicar a hora exata de cada ação. Algumas composições, muito primárias, parecem feitas de cronômetro em punho, o que as torna enfadonhas. A indicação da hora só seria aproveitável se constituísse um pormenor interessante; por ex. se com isso pudéssemos assinalar uma curiosa coincidência.
A *descrição* exige mais esfôrço do que a narração, porque nos obriga a focalizar um dentre muitos sêres semelhantes; a descobrir nêle as qualidades características que o distingue dos outros; a perceber nêles aspectos ou dados que só vão aparecer pela reflexão ou pela observação mais atenta. Se descrevêssemos só o que todo mundo vê facilmente, o que "salta aos olhos", que interêsse despertaria a nossa composição? Para que a composição seja de fato interessante, é preciso descobrir nos sêres ou objetos algo nôvo que ninguém viu ainda e que somos os primeiros a citar.
Boileau escreveu o "Lutrin" (= a estante de orquestra), para provar que um assunto, embora banal ou corriqueiro, tem aspec-

tos ainda não explorados, os quais se alguém souber aproveitá-los, podem dar inclusive um poema épico... (Lutrin é um poema herói-cômico, que tem por assunto as discussões entre um cantor do côro paroquial e o tesoureiro da igreja, a propósito da localização que melhor conviria para a estante da orquestra!). Outro autor, Xavier de Maistre, escreveu um livro muito interessante subordinado ao título (vejam só!): "Viagem ao Redor do Meu Quarto" e chega a interessar o leitor, por causa dos detalhes imprevistos que soube escolher.

Mais uma vez, (insistimos, porque é ponto-chave de tôda a questão), é preciso saber ver as coisas naquilo que elas têm de imprevisto, de inexplorado: uma rua, um quarto, um jardim, uma tempestade, um mercado... Nisto tudo há pormenores que devo saber descobrir. Devo surpreender, em cada uma dessas coisas, o aspecto curioso, o lado pitoresco, o dito chistoso, o colorido exótico, o tom inesperado, perfume incomum... Observar, observar, observar! E não só com os olhos, mas com os ouvidos, com as mãos, com o olfato, com o sentimento do coração, que sintoniza ou que dessintoniza... Simplesmente, façamos uso dos sentidos, das faculdades, da imaginação que Deus nos deu, para pôr-nos em contacto com o mundo exterior... E não nos limitemos, em nossos trabalhos, a repetir o que outros já disseram; é triste "descobrir a pólvora" em pleno século 20.

O último, mas não menos importante dos pontos a observar, para melhorarmos nossas composições cada vez mais: depois de terminado o rascunho, *reler o trabalho*, submetendo-o a cuidadosa crítica. E fazer as correções viáveis: cortar o supérfluo, vigiar a ortografia, examinar as ligações sintáticas, melhorar o estilo, se possível (por ex. substituindo um adjetivo menos adequado por outro mais feliz, etc.). Não esquecer que os bons estilistas, os grandes escritores submetem os seus trabalho a esta poda; veja-se, para ilustrar o dito, as páginas corrigidas pelo próprio Euclides da Cunha, na sua obra-prima: Os Sertões, páginas essas que diversas edições reproduzem em *fac-símile*.

EXERCICIOS

1 — Faça uma síntese, para o seu uso, das idéias essenciais desta lição sôbre a composição.

2 — Fazendo um auto-exame, narre-nos as impressões que você sentiu, os esforços que teve de fazer para achar idéias, durante o tempo decorrido entre o momento da indicação do tema pelo professor e a hora de o redigir.

3 — Faça o sumário (dando só as idéias essenciais, ordenadas cronològicamente), para os seguintes assuntos:

a) uma tempestade que você acha que foi diferente das outras;
b) uma caçada memorável;

c) evocações de um violão, no silêncio da noite;
d) um ato de coragem.

4 — Assinale no trecho alguma passagem descritiva.

5 — Procure no trecho as orações reduzidas.

6 — Dê as funções dos quês, o, os, la, lhe, me, nas seguintes orações:
Acabava de chegar o raio que devia fulminá-la. Sempre que o seu machado tinia no cerne... Já está mostrando o que há de ser. Êle era o derribador mais famoso daquele sertão que nesse tempo os contava de mão cheia. Que segredos você lhe contou. Inês gostou do presente que eu lhe dei. É justo que respeitemos os bens alheios. Pior cego é o que não quer ver. Não imaginas que saudades tive de ti. Tomei o remédio que você me recomendou.

7 — Forme o substantivo correspondente aos seguintes adjetivos:
Majestoso, destro, leve, alto, altivo, baixo, desprezível, famoso, cômico, superior, enérgico, covarde, largo, hercúleo, rijo, temerário.

8 — Coloque CH, G, J, X, S, Z nos parênteses:

abai( )o
bai( )o
ma( )estosa
cora( )em
ba( )e
desprê( )o
guin( )o
raí( )es
e( )clamar
ma( )ado
ma( )ilar
( )igantesco
contrapê( )o
ape( )ar
vi( )inho
ri( )o
destre( )a
arcabu( )

A FLAUTA E O SABIÁ

Henrique COELHO NETO

Maranhão, 1864 - 1934 — Professor e jornalista, foi membro da Academia Brasileira de Lêtras, onde ocupou a cadeira de Álvares de Azevedo. É, talvez, o mais prolífero de todos os escritores brasileiros. Seu estilo pomposo e luxuriante, peca, todavia, pelo preciosismo. Sílvio Romero disse ser êle um escritor universalista. OBRAS: Rapsódias; Romanceiro; Contos Pátrios; Tormenta; Fagulhas; Rei Fantasma; Inverno em Flor, etc.

Em rico estôjo de veludo, pousado sôbre uma mesa de *xarão*, jazia uma flauta de prata. Justamente por cima da mesa, em riquíssima gaiola suspensa ao teto, morava um sabiá. Estando a sala em silêncio e descendo um raio de sol sôbre a gaiola, eis que o sabiá contente *modula* uma *ária*.

Logo a flauta *escarninha* põe-se a *casquinar* no estôjo, como a zombar do módulo cantor silvestre.

— De que te ris? — indaga o pássaro. E a flauta em resposta:

— Ora esta! pois tens coragem de lançar guinchos diante de mim?

— E tu quem és? ainda que mal pergunte.

— Quem sou? Bem se vê que és um selvagem. Sou a flauta. Meu inventor, Mársias, lutou com *Apolo* e venceu-o. Por isso o deus despeitado o imolou. Leio os clássicos.

— Muito prazer em conhecer... Eu sou um mísero sabiá da mata, pobre de mim! Fui criado por Deus muito antes das invenções. Mas deixemos o que lá foi. Dize-me: que fazes tu?

— Eu canto.

— O ofício rende pouco. Eu que o diga que não faço outra coisa. Deixarei, todavia, de cantar — e antes nunca houvesse aberto o bico porque, talvez sendo mudo, não houvessem escravizado — se ouvindo a tua voz, convencer-me de que és superior a mim. Canta! Que eu aprecie o teu *gorjeio* e farei como fôr de justiça.

— Que eu cante?!...

— Pois não te parece justo o meu pedido?

— Eu canto para regalo dos reis nos paços; a minha voz acompanha hinos sagrados nas igrejas. O meu canto é a harmoniosa inspiração dos gênios ou a *rapsódia* sentimental do povo.

— Pois venha de lá êsse primor. Aqui estou para ouvir-te e para proclamar-te, sem inveja, a rainha do canto.

— Isso agora não é possível.

— Não é possível! por quê?

— Não está cá o artista.

— Que artista?

— O meu senhor, de cujos lábios sai o sôpro que transformo em melodia. Sem êle nada posso fazer.

— Ah! é assim?

— Pois como há de ser?

— Então, minha amiga — modéstia à parte — vivam os sabiás! Vivam os sabiás e todos os pássaros dos bosques que cantam quando lhes apraz, tirando do próprio peito o alento com que fazem a melodia. Assim da tua vanglória há muitos que se ufanam. Nada valem se os não socorre o favor de alguém; não se movem se os não amparam; não cantam se lhes não dão sôpro; não sobem se os não empurram. O sabiá voa e canta — vai à altura porque tem asas, gorjeia porque tem voz. E sucede sempre serem os que vivem do prestígio alheio, os que mais alegam triunfos. Flautas, flautas... cantam nos paços e nas catedrais... pois venha daí um dueto comigo.

E, irônicamente, a tôda a voz, pôs-se a cantar o sabiá e a flauta de prata, do estôjo de veludo... moita.

Faltava-lhe o sôpro.

VOCABULÁRIO

Xarão, s. m.: verniz de laca, oriundo da China e do Japão.
Modular, v. t.: cantar melodiosamente.
Ária, s. f.: melodia a uma só voz. Não confundir com área, superfície.
Escarninha, adj.: em que há escárnio.
Casquinar, v. int.: soltar risadinhas.
Apolo, s. m.: deus na mitologia grega.
Gorjeio, s. m.: canto. Gorjeio, grafa-se com j por se derivar de gorja.
Rapsódia, s. f.: cântico épico, entre os gregos.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO.

2. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO.

a) **Forme adjetivos dos seguintes substantivos:**

Veludo	coragem	justiça
prata	prazer	harmonia
Deus	invenção	povo
sol	rei	gênio

b) **Dê um sinônimo da palavra grifada:**

Tens **coragem** de **lançar guinchos diante** de mim? Eu **canto** para **regalo** dos **reis** nos **paços**. Eu sou um **mísero** sabiá da **mata**, **pobre** de mim! E **sucede** sempre serem os que vivem do **prestígio alheio** os que mais **alegam triunfos**.

c) **Qual é a diferença que há entre:**

ouvir e escutar; rende-renda; jazer-ajaezar; contente-contento; mal-mau; fazer-fabricar; paço-passo; voz-vós; dueto-duelo.

3. COMPOSIÇÃO.

a) O violino e o cantor de rádio.
b) Evocações de um violão.
c) O luar.

4. EXPRESSÕES TÍPICAS DA LÍNGUA

Ser figurinha difícil = Pessoa muito procurada e que é encontrada com dificuldade.
Trazer alguém pelo cabresto = Dominá-lo.
Engolir uma afronta, um desafôro, engolir sapos = Sofrer uma afronta sem nada dizer.
Matar dois coelhos com uma só cajadada = Alcançar dois objetivos ao mesmo tempo.
Correu muito água debaixo da ponte = Passou-se muito tempo.

PARÁBOLA — RELATÓRIO — FÁBULA — NOVELA — ROMANCE

a) PARÁBOLA. — É conto alegórico que por analogia ou semelhança, sugere uma conclusão moral ou regra de conduta. Uma parábola muito antiga é aquela de "Os Membros e o Estômago" graças à qual Menênio Agripa fêz com que o povo acampado no monte Sagrado voltasse para Roma.
Todavia, as parábolas mais notáveis são as do Evangelho entre as quais sobressaem: a do *Bom Samaritano*, a da *Ovelha perdida*, a do *Filho pródigo*, a de *Lázaro e o rico*, a da *Semente* a das *Virgens loucas*, etc., etc.
Estas parábolas, Cristo as tirou de fatos diários e de cenas naturais com as quais seus discípulos estavam familiarizados.

b) RELATÓRIO. — É a exposição oral ou escrita feita de modo circunstanciado das observações que se colhem no desempenho de uma comissão.
O relatório pode ser mera exposição de fatos ou ainda exposição de fatos seguida de conclusões.
As qualidades essenciais de um relatório são: *clareza* e *simplicidade*.

c) FÁBULA. — É a narração alegórica, cujos personagens são sêres personificados, tanto podendo ser coisas como animais e que encerra, em geral, uma lição de moral.
A fábula é tão antiga como o mundo. Muitas das fábulas que consideramos modernas, vieram até nós, de tempos imemoriais, passando muitas vêzes, por transformações que as desfiguraram no seu aspecto primitivo, para se revestirem de roupagens atuais.
O mais antigo fabulista conhecido foi Esopo, escravo grego. Fedro, liberto de Augusto, marca o ponto alto, da fábula latina. Em tempos mais recentes, aparece La Fontaine, justamente celebrizado como o maior fabulista de todos os tempos. Êle, não só modernizou as velhas fábulas, como criou outras, muitas vêzes imitadas mas nunca igualadas.

d) NOVELA — São pequenos romances, "romance em miniatura", de fácil assimilação e extremamente agradáveis. Explora os assuntos da vida social e tem como principais qualidades a simplicidade, a concisão e o sugerir mais do que o afirmar.

e) ROMANCE. — É uma grande narrativa em prosa sôbre qualquer gênero de aventuras. Pode estar eivado do trágico, do cômico, do poético, etc.
No romance um escritor reflete a potência de sua cultura.
Para que um romance seja deveras interessante deverá o autor aliar a intensidade da narração ao colorido da descrição e a um idealismo sadio; deverá outrossim fugir da vulgaridade, descobrir situações peculiares, desenvolver o assunto em estilo vivo, variado e claro.
Espécies de romances: o de aventuras, histórico, o científico, o social, o psicológico.

EXERCÍCIOS

1 — A que gênero literário pertence o trecho lido?

2 — Resumir por escrito a última novela ouvida no rádio ou o último romance lido.

3 — Coloque g ou j, e ou i.

Gor(j)eio	ara(g)em	ól(e)o	possu(e)m
Presti(g)io	dese(j)em	d(i)liciar	destró(i)
Verti(g)em	(j)esuíta	d(i)ante	ca(i)
Gor(g)eta	(g)ibóia	pr(i)vilégio	cafèza(i)s
(g)íria	(g)eito	possui(e)	anzó(i)s

4 — Ponha no diminutivo plural os substantivos seguintes:

Ofício	anel	inspiração	flor
rei	cordão	igreja	general
favor	cantor	papel	lençol
voz	lábio	avô	dever

5 — Procure a diferença que há entre porque e porquê, por que e por quê?

UM DIÁLOGO

CARLOS Maximiliano Pimenta DE LAET

Rio de Janeiro, 1847 - 1927 — Foi professor, escritor e jornalista. Ventilou com o mais alto senso de crítica questões sociais, políticas, religiosas e pedagógicas. Foi grande defensor dos ideais católicos e um dos sustentáculos do altar na terra de Santa Cruz. Foi polemista temido. OBRAS: Indiferentismo Religioso; Verdades Históricas; O Espiritismo, O Descobrimento do Brasil, etc.

— Como estás, menino?

— Menos mal; o senhor como vai?

— Bem. Que andas a fazer pela Avenida?

— Estou a espairecer um pouco. Hoje tive duas provas escritas. Amanhã outras duas.

— Que é que estudas agora?

— Pouca coisa: português, francês, inglês, alemão, latim, grego, geografia, história, aritmética, álgebra, geometria, trigonometria retilínea e esférica, mecânica, astronomia, literatura nacional e estrangeira, filosofia... Não sei se esqueci alguma matéria.

— E tens tempo para tudo?

— Como não? De mais a mais, eu desenho, faço exercícios de ginástica e atiro ao alvo. Ainda o outro dia, ganhei um prêmio na linha de tiro. Que bom almôço!

— E, de tôdas essas disciplinas, qual a que julgas mais difícil?

— O português. Imagine o senhor que todos os dias se inventam regras novas! Só do Hemetério são mais de cem. De vez em quando, no Jornal, o Cândido Figueiredo traz outras. O português é terrível!... Oh! mas eu tenho um meio infalível de sair aprovado...

— Qual?

— O pistolão. Conhece a Sra. D. Felismina, aquela da Ponta do Caju?

— Não me lembro bem quem seja...

— Pois ela é prima e comadre de outra senhora que mora com a tia da sogra de um deputado que se dá muito com o diretor. Eu já falei com ela. Depois de amanhã vou ao Caju buscar o pistolão.

— E queira Deus que te não enganes, menino!

— São favas contadas. Todos os da minha turma têm passado assim...

1. INTERPRETAÇAO DO TRECHO LIDO

2. FIXAÇAO DO VOCABULÁRIO

a) **Dê a diferença que há entre:**
Mas e mais; cem e sem; traz e trás.

b) **Dê o significado de MORA, PRIMA, ALVO, nas seguintes orações:**
Os nossos credores não nos outorgaram mais a mora que tínhamos pedido com tanta insistência. Êle mora com minha tia. Êste aluno prima pela disciplina e ordem. Minha prima estuda engenharia. Foi alvo de um atentado. O linho alvo dos campos. Acertou no alvo. O nosso alvo é chegar a ser médico.

c) **Forme orações com os seguintes têrmos:**
Diálogo, pistolão, prova escrita, exercício.

d) **Dê os cognatos de:**
Prova, geografia, inventar, cem, dar.

e) **Procure o significado de:**
São favas contadas, pistolão, sogra, retilíneo, esférico, linha de tiro, estou a espairecer um pouco, de mais a mais, o deputado se dá muito com o diretor, a janela dá para o quintal, você não dá para advogado, o pai deu no filho, infalível.

3. COMPOSIÇÃO

Diálogo de um aluno com os seus livros.

4. EXPRESSÕES TÍPICAS DA LÍNGUA

Ir para a caldeira do Pedro Botelho = Ir para o inferno.

Procurar agulha num palheiro = Estar à procura do que é difícil de ser encontrado.

Não dar o braço a torcer = Não se submeter à opinião dos outros.

Misturar alhos com bugalhos = Fazer confusão, misturar as coisas.

Puxar a brasa para a sua sardinha = Procurar o proveito próprio.

REDAÇAO OFICIAL — OFÍCIO — PORTARIA

a) REDAÇAO OFICIAL. — É a arte de escrever, obedecendo a princípios e normas impostos pela tradição e pela orientação burocrática.
Não quer isto dizer que não se possa fugir ao rigorismo de um modêlo pré-estabelecido. Se bem que a norma a seguir seja mais ou menos padronizada, há, entretanto, certa margem de independência no modo de redigir, sem que isso acarrete nulidade para o ato.
Todavia, a redação oficial tem estilo específico e deve revestir-se de algumas qualidades essenciais, tais como: *correção, clareza, precisão, concisão, harmonia* e *polidez*.
Grande cuidado se deverá ter quanto à ortografia que se acha, hoje, disciplinada pelo Decreto-lei n.º 5.186, de 13 de janeiro de 1943.

b) DO TRATAMENTO. — Dois são os tratamentos usados, na redação: 3.ª pessoa do singular e 2.ª pessoa do plural.
Empregar-se-á o tratamento de Ex.ª nos documentos dirigidos ao Presidente da República, aos Ministros de Estado, aos Ministros do Supremo Tribunal Federal, aos do Tribunal de Contas, aos Governadores, aos membros do Parlamento, aos Generais, aos Presidentes dos Departamentos, etc., etc.
É preciso observar que, na correspondência endereçada ao Presidente da República, se deve escrever por extenso: "Vossa Excelência".
Observações importantes:

1 — O tratamento de V. Ex.ª pertence à 3.ª pessoa do singular. Portanto, quaisquer adjetivos ou pronomes que se refiram ao destinatário da correspondência, deverão, lògicamente, ir para a 3.ª pessoa do singular. Assim, escreveremos: "Peço a V. Ex.ª se digne receber minha petição".

2 — Todavia, quando nos referimos a determinada pessoa, falando ou escrevendo a terceiros, empregaremos: Sua Excelência. Ex.: "*Sua Excelência houve por bem designá-lo para o cargo*".

3 — Quanto aos outros tratamentos, os mais vulgarizados são: V. S.ª (Vossa Senhoria) e Vós.

4 — Na correspondência com membros do clero o tratamento é: para os padres comuns, cônegos e monsenhores "Il.mo e Rev.mo Sr."; — para os bispos e arcebispos, "Ex.mo e Rev.mo Sr."; — para os cardeais, "Ex.mo e Rev.mo Sr." e para o Papa, "S. S. Padre (*Santíssimo Padre*). A um rei dá-se por tratamento: Vossa Majestade e a um príncipe, Vossa Alteza. Nos endereços, respectivamente: A Sua Majestade, A Sua Alteza.

Normas a serem observadas nas fórmulas de invocação e direção em uso no expediente das Repartições Públicas.

(Diário Oficial de 27 de maio de 1942).

1 — A invocação será feita de maneira simples, com o uso, apenas, da denominação genérica do cargo exercido pelo destinatário, antecedido da palavra "Senhor".
Exs.: *Senhor Presidente; Senhor Diretor; Senhor Chefe.*

2 — Sòmente quando o expediente fôr dirigido ao Senhor Presidente da República, será utilizada a invocação "Excelentíssimo Senhor Presidente da República".

3 — No rodapé da página inicial, será indicado o cargo exercido pelo destinatário sem referência do seu nome civil. Esta indicação será precedida da palavra "Ao".
Exs.: "*Ao Sr. Diretor da Divisão do Pessoal do Departamento de Administração do Ministério...*"
"*Ao Sr. Presidente da Comissão de Eficiência do Ministério...*"

4 — Nas sobrecartas, a direção será, também, indicada de modo impessoal.

5 — No expediente destinado à publicação no Diário Oficial, e que deva ser obrigatòriamente assinado por servidor público, seu nome deve figurar, abaixo da respectiva assinatura do responsável, por extenso e datilografado, bem como a denominação do cargo que ocupa ou da função que exerce.
De entre os instrumentos oficiais, os mais comuns são: *requerimentos, ofícios, portarias.*

Redação de instrumentos oficiais.

1 — REQUERIMENTO. — É o instrumento pelo qual o peticionário se dirige a uma autoridade ou repartição pública, para um pedido que parece legal ao requerente.
Tanto pode ser redigido por servidor público como por particular. Deverá ser datado e assinado, via de regra, sôbre estampilhas e casos há em que a firma deverá ser reconhecida por tabelião.
Modêlo.

Il.mo Sr. Diretor da Divisão do Ensino Secundário.
Fulano de Tal, professor registrado no D. N. E., sob o nº 1.775, tendo perdido a 1.ª via de seu registro de professor, requer a V. S.ª se digne conceder-lhe 2.ª via do mesmo.

Nestes têrmos
E. D.

Rio de Janeiro, ... de ..... de 196...

.....
Fulano de Tal

1 — OFÍCIO — É o meio usual pelo qual se correspondem os servidores públicos no exercício da função pública.
O "ofício" define-se não pelo formato do papel senão pelo caráter oficial do conteúdo.
Compõe-se de sete partes: *cabeçalho, epígrafe, ementa, invocação, contexto, fêcho* e *endereço.*

a) *Cabeçalho* — é a parte superior do papel em que figura a designação do órgão da administração de onde provém o ofício.

b) *Epígrafe* — é a parte que contém o local da procedência e a data.

c) *Ementa* — contém um resumo do assunto principal e escreve-se ao alto e à esquerda, logo abaixo da epígrafe. Muitas vêzes omite-se a ementa.

d) *Invocação* — consiste nas palavras em que o missivista se dirige ao destinatário e precede imediatamente o contexto. Os têrmos da "invocação" obedecem a praxes determinadas, de acôrdo com a posição do destinatário.

Senhor.
Ilustríssimo Senhor (Il.mo Sr.).
Excelentíssimo Senhor (Ex.mo Senhor).
Excelentíssimo Senhor Presidente da República.

e) *Contexto* — contém o corpo do ofício em que o assunto é explorado. É, pois, a parte mais extensa do ofício. Pode ser dividido em parágrafos que se enumeram com exceção do primeiro.

f) *Fêcho* — é a parte que termina o ofício. Contém uma fórmula de encerramento e a assinatura.

g) *Endereço* — é, em geral, colocado em baixo e à esquerda da fôlha, ocupando duas ou três linhas e não deve atingir mais de dois terços da linha do papel.

2 — PORTARIA — É o documento pelo qual as autoridades superiores se dirigem às subalternas.
É, ainda, o instrumento de transmissão de ordens ou instruções de Ministros, Diretores e Chefes de serviço, em geral, a impor

normas, designar funcionários, conceder licenças, vantagens, etc. As portarias são numeradas, datadas e assinadas pela autoridade que as expede.

Exemplo de Portaria:

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA

Gabinete do Ministro

Portaria n.º 407, de 10 de dezembro de 1952.

O Ministro de Estado dos Negócios da Aeronáutica, tendo em vista o que consta do processo n.º 89.093 - SGEA Aer. - 52.

Resolve, de acôrdo com o parágrafo único do artigo 10 do Decreto-lei número 5.175, de 7 de janeiro de 1943, conceder dispensa de Identificador, referência 20, da Tabela Única de Extranumerário-mensalista do Ministério da Aeronáutica. — *Nero Moura*, Ministro da Aeronáutica.

EXERCÍCIOS

1 — Faça um requerimento pedindo sua inscrição nos exames de admissão ao Banco do Brasil.

2 — Envie um ofício ao Governador de seu Estado pedindo-lhe que, por meio da Secretaria da Educação e Cultura, promova através a televisão, um curso de alfabetização de adultos.

3 — Supondo ser você o chefe de polícia do Estado, baixe uma portaria proibindo a soltura de balões ou de foguêtes.

4 — Dê as abreviações das palavras seguintes:

Vossa Senhoria, Sua Senhoria, Vossa Alteza, Sua Santidade, Senhor, Senhorita, Ilustríssimo Senhor, Sua Excelência, Vossa Reverendíssima, Senhora, Sua Eminência, Post Scriptum, Digníssimo Senhor.

5 — Leia o trecho tratando o menino na 3.ª pessoa do singular.

6 — Forme adjetivos com os nomes seguintes:

Menino (puer), filosofia, literatura, dia, regra (regula), corpo, festa, grau (gradus), recreio, sexo, guerra (bellum), submissão, avareza, flor, brilho, mãe, irmão (frater).

MENINA E MOÇA

VICENTE Augusto DE CARVALHO

Nasceu em 1866, na cidade de Santos, e faleceu em 1924. É tido como um dos maiores poetas brasileiros, juntamente com Alberto de Oliveira, Castro Alves, Olavo Bilac e outros. OBRAS: Relicário; Poemas e Canções; Palavras ao Mar.

Tu que és quase uma criança,
E que enlevada sorris
A tentadora esperança
De ser amada e feliz;

Sê formosa; entre as formosas
Reina e brilha, se puderes,
Que a beleza nas mulheres
É como o viço nas rosas.

Sendo bonita e mais nada,
Cumpre a mulher com fulgor
Sôbre a terra iluminada
O seu destino de flor.

Sê bondosa; entre as melhores
Sê a melhor se puderes;
Que a bondade nas mulheres
É como o aroma nas flôres.

Meiga, formosa, querida,
Ama e sê amada; o amor
Na areia sôlta da vida
Brotam roseiras em flor.

Serás feliz? Ai não queiras
Ser feliz: às mais ditosas
Brotam mágoas entre as rosas
Como espinhos nas roseiras...

Tu, que és quase uma criança
E acreditas quanto diz
A enganadora esperança
De ser amada e feliz,

Sê resignada: a roseira
Que mais viça e mais prospera,
Dá rosas na primavera
E espinhos a vida inteira.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO

2. ANÁLISE ESTILÍSTICA DO TRECHO LIDO

3. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Leia as seguintes orações usando no lugar das palavras grifadas o maior número possível de sinônimos:

A **tentadora** esperança de ser **amada** e **feliz**. Que a bondade nas mulheres é como o **aroma** nas flôres.

b) Procure na poesia um sinônimo para as seguintes palavras:

encantada	formosura	sofrimentos
fascinante	vigor	falaz
exultante	fragrância	progride
bonita	brilho	conformada

c) Qual a diferença que há entre:
rir e sorrir; sê e se, e si; viço e vício; enlevada e elevada; cumprido e comprido; ai e aí.

d) Agrupe na mesma coluna os sinônimos:

Falaz	surgir	cheiro
fragrância	perfume	sedutor
brotar	enganador	aroma
olor	borbotar	emanar

e) Faça uma lista escrita das expressões típicas de sua região.

4. COMPOSIÇÃO

a) A importância da juventude nos tempos modernos;
b) Papel da môça e do môço na vida moderna.

5. EXPRESSÕES TÍPICAS DA LÍNGUA

Fazer alguma coisa nas barbas de alguém = Na frente de, na presença de.

Sua alma, sua palma = Seja feita a vontade de alguém, ainda que isto seja para o seu mal e sua perdição.

Estar num beco sem saída = Estar em apuros, em dificuldade.

Amigo do copo = Pessoa que gosta de beber aguardente, etc.

Dançar sôbre um vulcão = Folgar e viver à larga durante um perigo iminente, mas, oculto.

VERSIFICAÇÃO — NOÇÕES GERAIS

a) VERSIFICAÇÃO é o conjunto de regras que disciplinam a composição do verso. Por outras é a técnica de fazer versos.

b) VERSO — Verso é uma palavra ou um conjunto de palavras com um determinado número de sílabas que obedecem a um movimento ritmado.

c) MÉTRICA. — É a parte da versificação que trata da maneira de contar, de medir os versos. Examina se o verso está de acôrdo com o número de sílabas, acentos, cesura, rima.

d) CESURA — *Cesura* é repouso, descanso natural da voz no acento tônico do verso. Nela reside tôda a arte da versificação, porque é a base do ritmo e da cadência. Devem-se pôr as cesuras nas palavras para as quais se quer chamar a atenção, sendo que o uso inteligente das cesuras muito pode concorrer para a beleza da expressão.
A cesura é facultativa nos versos de poucas sílabas; obrigatória e fixa nos versos de nove e onze sílabas, por exemplo; obrigatória, porém móvel e até dupla, nos decassílabos e alexandrinos. Mas a regra suprema é o ouvido educado na leitura dos mestres.

e) RITMO. — *Ritmo*, é como que a ondulação do verso. Nasce da sucessão das sílabas tônicas e átonas do verso, pois cada palavra tem acento próprio que se pode intensificar ou atenuar conforme a posição que ocupa no verso. O ritmo tem, portanto, conexão mais estreita com a cesura.
O ritmo desempenha na prosa poética — e sobretudo na versificação — papel capital.

f) RIMA. — *Rima* é a igualdade ou semelhança de sons pertencentes ao final dos vocábulos a partir da vogal tônica.

g) ESTROFE ou ESTANCIA. — É um grupo de versos. Pode ser:

quarta, quarteto: 4 versos
dístico: 2 versos
sextilha: 6 versos
décima: 10 versos, etc.

h) ESTRIBILHO. — É o verso que se repete no fim das estrofes de certas poesias.

EXERCÍCIOS

1 — Qual é a espécie de estrofe ou estância da poesia lida?

2 — Escreva com S ou com Z:

qua( )e	lu( )eiro	co( )er
feli( )	inglê( )a	co( )er
formo( )a	ca( )eiro	pá( )
bele( )a	co( )inheira	pa( )
ro( )eira	relu( )ir	li( )o
bra( )eiro	me( )inha	

3 — Faça análise sintática de:

Tu, que és quase uma criança
E acreditas quanto diz
A enganadora esperança
De ser amada e feliz,
Sê resignada.

4 — Acentuar se fôr preciso:

Flor, flores, sobre (prep.), viço, vicio, melhor, fulgor, sorri, ai (interjeição), solta, magoa, solta (verbo), feliz, primavera, rosas, roseiras, moça, ceu, alcaloide, caracol, papeis, anzois.

A LÁGRIMA

GUERRA JUNQUEIRO (*)

Manhã de junho ardente. Uma encosta *escalvada*,
sêca, deserta e nua à beira de uma estrada.

Terra ingrata, onde a *urze* a custo desabrocha,
bebendo o sol, comendo o pó, mordendo a rocha.

Sôbre uma fôlha *hostil* de uma figueira brava,
mendiga que se nutre a pedregulho e lava,

a aurora desprendeu, compassiva e divina,
uma lágrima enorme, *etérea* e *cristalina*.

Lágrima tão ideal, tão límpida, que, ao vê-la,
de perto era um diamante e de longe uma estrêla.

Passa um rei com seu cortejo de *espavento:*
elmos, lanças, clarins, trinta pendões ao vento.

— "No meu *diadema*, disse o rei, quedando o olhar,
há safiras sem conto e brilhantes sem-par;

há rubis orientais, sangrentos e dourados,
como beijos de amor a arder cristalizados;

há pérolas que são gôtas de *mágoa* imensa
que a lua chora e verte e o mar gela e condensa;

pois safiras, rubis e brilhantes de Ofir,
tudo isso eu dou e vem, ó lágrima, fulgir

nesta c'roa orgulhosa, *olímpica,* suprema,
vendo o globo a meus pés do alto do teu diadema".

— *E a lágrima celeste,* ingênua *e luminosa,*
ouviu, sorriu, tremeu e quedou silenciosa.

Couraçado de ferro, épico e deslumbrante,
passa no seu *ginete* um cavaleiro andante.

E o cavaleiro diz à lágrima *irisada:*
— "Vem brilhar, por Jesus, na cruz da minha espada!

Far-te-ei relampejar, de vitória em vitó ia,
na terra santa, à luz da fé, ao sol da glória;

e, à volta, há de guardar-te a minha noiva, ó astro,
no seu colo auroreal de rosa e de *alabastro;*

e assim alumiarás com teu vivo esplendor,
mil combates de heróis e mil sonhos de amor..."

— *E a lágrima celeste,* ingênua *e luminosa,*
ouviu, sorriu, tremeu e quedou silenciosa.

Montado numa mula escura do caminho,
passa um velho judeu, avarento e *mesquinho.*

Mulas de carga, atrás, levavam-lhe o tesouro,
grandes *arcas* de cedro, abarrotadas de ouro.

E o velhinho *andrajoso* e magro como um junco,
o crânio calvo, o olhar febril, o bico *adunco,*

vendo a lágrima, exclamou: — "O' céus! que maravilha!
como ela resplandece e tremeluz e brilha!

Com meu ouro em montão, podiam-me comprar
os impérios dos reis e os navios do mar,

e por êsse diamante esplêndido, trocara
todo o meu ouro imenso a minha mão avara".

— *E a lágrima celeste,* ingênua *e luminosa,*
ouviu, sorriu, tremeu e quedou silenciosa.

Debaixo da figueira, então, um *cardo agreste,*
já *ressequido,* disse à lágrima celeste:

— "A terra onde o lilás e a balsamina medra,
para mim teve sempre um coração de pedra;

se a queixar-me, ergo ao céu os braços, por acaso,
o céu manda-me, em paga, o fogo em que me abraso;

nunca junto de mim, ranchos de namoradas
debandaram, cantando, em noites estreladas;

voa a ave no azul e passa, longe, o amor,
porque, ai! nunca dei sombra e nunca tive flor;

ó lágrima de Deus, ó astro, ó gôta de água,
cai na desolação desta infinita mágoa!"

— *E a lágrima celeste,* ingênua *e luminosa,*
tremeu, tremeu... tremeu e caiu silenciosa...

E, algum tempo depois, o triste cardo *exangue*
reverdecendo, dava uma flor côr de sangue,

de um roxo *macerado* e dorido e desfeito,
como as chagas que tem Nosso Senhor no peito...

E ao cálix virginal da pobre flor vermelha
ia buscar, zumbindo, o mel doirado a abelha.

VOCABULÁRIO

Escalvada adj.: sem vegetação, tornada calva.

Urze s. f.: planta da família das Ericáceas; espinheiro.

Hostil adj.: inimigo, antagonista, que move a guerra, contrário, adverso, provocante, agressivo.

Elmo s. m.: capacete, proteção de ferro que os soldados usavam na cabeça.

Diadema s. f.: coroa, cetro, resplendor.

Mágoa s. f.: tristeza, aborrecimento, dor, desgôsto, pesar, melindre.

Olímpica, adj.: própria do Olimpo, (habitação mitológica dos deuses), divina, celestial, majestosa.

Ingênua, adj.: simples, sem malícia, natural, inocente, sem dissimulação.

Ginete, s. m.: montaria, cavalo.

Irisada, adj.: como os raios do arco-íris, irradiante.

Alabastro, s. m.: de côr branca, translúcida; alvo, de marfim.

Mesquinho, adj.: insignificante,

Etérea, adj.: transparente, celeste, elevada, sublime, da natureza do éter.

Cristalina, adj.: da aparência do cristal, límpida, clara, diáfana, brilhante.

Espavento, adj.: espanto, susto, mesquinho, que causa mêdo.

Estéril, adj.: não generoso, sovina.

Arca, s. f.: cofre, grande caixa, canastra.

Andrajoso, adj.: coberto de andrajos, esfarrapado, vestido de trapos.

Adunco, adj.: recurvado, curvo em forma de gancho ou de garra.

Cardo, s. m; espécie de cacto, planta espinhosa, espinheiro.

Agreste, adj.: próprio do campo, rústico, áspero, desabrido, indelicado.

Ressequido, adj.: ressecado, sêco, mirrado, desprovido de umidade.

Exangue, adj.: sem sangue, debilitado, exausto, esvaído.

Macerado, adj.: machucado, macilento, torturado, diluído.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO

2. ANÁLISE ESTILÍSTICA DO TRECHO LIDO

3. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) ladeira
(2) nutrir
(3) exalar
(4) diáfano
(5) límpido
(6) coroa

( ) transparente
( ) diadema
( ) alimentar
( ) encosta
( ) desprender
( ) claro

b) Dê o substantivo correspondente aos seguintes adjetivos:

nua, ingrata, compassiva, divina, etérea, cristalina, límpida, olímpica, celeste, ingênua, luminosa, irisada, andrajoso, mesquinho, febril, esplêndido, imenso, agreste, silenciosa, virginal, feliz.

c) Dê os cognatos das seguintes palavras:

brasa, luz, hostil, estrêla, verde, verter.

d) Dê o significado de RANCHO, CUSTO, BRAVA, LAVA, PASSAS, nas seguintes orações:

Nunca junto de mim, ranchos de namoradas debandaram, cantando, em noites estreladas. Construíram um rancho junto ao caminho. Iremos para o nosso rancho. Terra ingrata onde a urze a custo desabrocha. O custo da vida subiu muito nestes últimos dias. Custo a crer no que me disseram. Sôbre uma fôlha hostil de uma figueira brava. Brava mulher aquela nossa vizinha, educa com amor e carinho os seus filhos. A lágrima mendiga se nutre a pedregulho e lava. A nossa vizinha lava e passa o dia inteiro. Êle lava sempre a honra ofendida no sangue. Compramos passas por ocasião das festas natalinas.

4. COMPOSIÇÃO

a) Deserever uma gôta de orvalho.
b) Impressões de um passeio pela manhã nas campinas.
c) O ar viciado de nossas cidades.

VERSIFICAÇÃO — MÉTRICA

1 — Na contagem das sílabas, o versificador guia-se mais pelo ouvido do que pela vista. Atende mais à prosódia do que à morfologia dos vocábulos.
O versificador não conta as sílabas que haja depois da última tônica.
Úl-ti-ma flor do Lá-ci-o in-cul-ta e be-la
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 = 10 sílabas para o poeta.
Úl-ti-ma flor do Lá-ci-o in-cul-ta e be-la
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 = 14 sílabas para o gramático.

Observação:

a) houve elisão em Lá-cioin-cul-tae be-la.
b) não se dá elisão com vogal muito forte.
é êle; só a cruz vence a caminhada.

2 — METRO. — É um determinado tipo de verso com um número obrigatório de sílabas e acentos. Em português temos metros de uma até 12 sílabas. Versos bárbaros são os de mais de 12 sílabas.

3 — VARIEDADES DE VERSOS.

a) Os versos de uma e duas sílabas são considerados um capricho poético e são pouco usados.

b) Os versos de 2, 3, 4, sílabas são usados freqüentemente combinados com metros diferentes. Ex.:

Nasce uma fonte
Rumorejante
Na encosta dum monte
E o mal do seio
Da terra brotou.

c) Versos de 5 sílabas, chamados redondilha menor. Acento geralmente na 2.ª e 5.ª sílabas. Ex.:

Maria como és bela
Vale tanto uma prece.

d) Versos de 7 sílabas, redondilha maior. Acentos nas 2.ª e 7.ª sílabas ou nas 3.ª e 7.ª ou ainda nas 4.ª e 7.ª. Ex.:

Oh! que saudades que eu tenho — 4.ª e 7.ª
Da aurora da minha vida — 2.ª e 7.ª
Da minha infância querida — 4.ª e 7.ª
Que os anos não trazem mais — 2.ª e 7.ª

e) Versos de 8 sílabas. Acentos nas 4.ª e 8.ª sílabas. Ex.:

Luz que enches de alegria
Luz que desvendas a harmonia.

f) Versos de 9 sílabas. Acentos nas 3.ª, 6.ª e 9.ª sílabas. Ex.:

Trabalhai, meus irmãos que o trabalho
É riqueza, é virtude, é vigor.

g) Versos de 10 sílabas, verso heróico. Acentos obrigatórios nas 6.ª e 10.ª sílabas. Verso sáfico. Acentos obrigatórios nas 4.ª, 8.ª e 10.ª sílabas. Ex.:

Prazeres, sócios meus e meus tiranos = sáfico
Esta alma que sedenta em si não coube = heróico
No abismo vos sumiu dos desenganos = heroico.

h) Versos de 11 sílabas, arte maior. Acentos nas 5.ª e 11.ª sílabas. Ex.

Canta-me cantigas, manso, muito manso
Tristes, muito tristes, como à noite ao mar...

i) Verso de 12 sílabas, alexandrinos. É uma criação do século XII, pelo trovador francês, Alexandre de Bernay.
É formado de dois hemistíquios. Dois são os preceitos que regem o legítimo verso alexandrino:

1 — quando a última palavra do 1.º hemistíquio é grave, a 1.ª do segundo hemistíquio deve começar por uma vogal ou por h.

2 — A última palavra do primeiro hemistíquio nunca pode ser proparoxítona. Ex.: manhã de junho ardente. Uma encosta escalvada,

Sêca, deserta e nua à beira duma estrada.

Ardente é palavra grave — uma, 1.ª palavra do 2.º hemistíquio começa por vogal. O mesmo acontece no 2.º verso.
Um verso pode ser agudo, grave ou esdrúxulo conforme termina por vocábulo oxítono, paroxítono ou proparoxítono. Ex.:

O azul se abisma em *luz* = agudo
O verde em luz se *abisma* = grave
Estátua da aflição aos pés dum túmulo = esdrúxulo

EXERCÍCIOS

1 — Fazer a escansão dos seguintes versos:

a) Manhã de junho ardente. Uma encosta escalvada
Sêca, deserta e nua à beira de uma estrada.

b) Farte-ei relampejar, de vitória em vitória
Na Terra Santa à luz da fé, ao sol da glória.

c) Voa a ave no azul e passa, longe, o amor
Porque, ai! nunca dei sombra e nunca tive flor.

2 — Dar a função da palavra sublinhada:
E à volta, há de guardar-te a minha noiva, ó astro. Mulas de carga atrás, levam-lhe o tesouro. E por êsse diamante esplendido trocará todo o meu ouro imenso a minha mão avara.

3 — Colocar M ou F nos parênteses, conforme a palavra seja masculina ou feminina.

( ) diadema	( ) cálix	( ) lilás
( ) grama (pêso)	( ) vatapá	( ) dó
( ) telegrama	( ) moral	( ) ágape
( ) bólide	( ) derma	( ) telefonema
( ) omoplata	( ) faringe	( ) cometa

4 — Faça uns versos ou poesia sôbre:

A Pátria.

A Bandeira.
A Caridade.
O aniversário do papai; da mamãe.
A Escola.
O Mestre-escola.
A Primavera.
A Juventude.

5 — Procure rimas para:

Disco — cruz — palma — estrêla — bênção — velhice — planície — mentiroso — plagas — ímpio — negrume — vida — diadema — esteira — oceano — tufão.

A MORTE DA AGUIA.

LUIS Caetano Pereira GUIMARAES JÚNIOR

Nasceu em 1847 no Rio e faleceu em 1898 na cidade de Lisboa. Foi diplomata, poeta e contista. Poeta que se salientou muito pelo seu estilo melodioso. OBRAS: Corimbos; Sonetos e Rimas.

A bordo vinha uma águia. Era um presente
Que um *potentado*, — um certo rei do Oriente
Mandava a outro; um mimo soberano.
Era uma águia real. Entre a sombria
Grade da jaula, o seu olhar luzia,
Profundo e triste como o olhar humano.

Aos balanços do bêrço, ela curvava
Ao *níveo* colo a fronte que cismava.
E enquanto as ondas *túrbidas* gemiam
Ao som do vento em fúnebres lamentos,
Ela pensava nos longínquos ventos
Que no Himalaia os *píncaros* varriam.

Fôra uma infame e traiçoeira bala,
Que do régio fuzil negra vassala,
Invisível — uma asa lhe partira:
Cheia de luz, tranqüila, majestosa,
Dobrando a fronte branca e poderosa,
Aos pés dum rei a águia real caíra.

Os *bonzos* vis, proféticos doutôres,
Sondando-lhe a ferida e as cruas dores,
Que um venenoso *bálsamo* tentava
Apaziguar em vão — diziam rindo:
"Não há no mundo um exemplar mais lindo.
Vale um império." — E a águia agonizava.

Um dia, enfim, o animal valente
Resistindo aos martírios, — largamente
Respirou a amplidão. A asa possante
Abrir tentou de nôvo. Aberta estava
A jaula colossal que o esperava:
Forçoso era partir. Desde êsse instante,

A águia sombria e muda e pensativa,
Solene mártir, vítima cativa,
Terror dos vis, e símbolo dos bravos,
Pediu a morte a Deus. Pediu-a ansiosa,
Longe porém, da côrte vergonhosa
Dêsse covarde e baixo rei de escravos.

Pediu a morte a Deus, o *cataclismo*,
As convulsões elétricas do abismo
As batalhas do ar! Morrer num grito
Vibrante, imenso, heróico, soberano,
E fremente rolar no azul do oceano
Como um titã caído do infinito.

Morrer livre, cercada de vitórias;
Com suas asas — pavilhão de glórias
Inundadas da luz que o sol espalha:
Ter o fundo do mar por catacumba,
As orações do vento que retumba,
E as *cambraias* da espuma por mortalha.

Entretanto, melancólica, tristonha,
Como um gigante mórbido que sonha,
Fitava, às vêzes, o revôlto oceano,
Com êsse olhar nublado e delirante
Com que saudava o César triunfante
O moribundo gladiador romano.

O comandante, urso do mar bondoso,
Disse um dia ao escravo rancoroso,
Ao carcereiro estúpido e inclemente:
"Leve-a ao convés. Verá que êsse desmaio
Basta para apagá-lo um brando raio
Do largo sol no *rúbido* oriente."

Subiu então a jaula ao tombadilho:
Do nato dia o purpurino brilho
Salpicava de luz o céu nevado
E a águia, elevando a pálpebra dormente,
Abriu as asas ao clarão nascente,
Como as hastes dum leque iluminado.

O mar gemia, *lôbrego* e espumante
Açoitando o navio; além, distante,
Nas vaporosas bordas do horizonte,
As matutinas névoas que ondulavam
Em suas várias curvas figuravam
Os largos *flancos* triunfais dum monte.

"Abra-lhe a porta da prisão" (ridente
O comandante disse): "esta corrente
Para conter-lhe o vôo é mais que forte.
Voar! Pobre infeliz! Causa piedade!
Dê-lhe um momento de ar e liberdade,
Único meio de a salvar da morte."

Quando a porta se abriu, como uma tromba
Como o invencível furacão que arromba
Da tempestade as negras barricadas,
A águia lançou por terra o escravo pasmo
E, desprendendo um grito de sarcasmo
Moveu as asas sôltas e espalmadas.

Pairou sôbre o navio, imensa e bela,
Como uma branca, uma isolada vela
A demandar um livre e nôvo mundo;
Crescia o sol nas nuvens refulgentes,
E como um turbilhão de águias frementes,
Zunia o vento na amplidão, profundo.

Ela lutou, ansiosa! *Atra* agonia
Sufocava-a. O escravo lhe estendia
Os miseráveis e covardes braços;
Nu o oceano ao longe cintilava,
E a rainha do ar em vão buscava
Onde pousar os grandes membros *lassos*.

Sôbre o barco pairou ainda *alçando*,
Alçando mais os vôos e afogando,
Na luz do sol a fronte *alvinitente*,
Ébria de espaço, ébria de liberdade,
Como um astro que cai da imensidade,
Afundou-se nas ondas de repente.

VOCABULÁRIO

Potentado, s. m.: poderoso, rei, chefe.
Níveo, adj.: branco, alvo.
Túrbido, adj.: turvo, escuro.
Píncaro, s. m.: cume, ponto mais alto dos morros.
Bonzo, s. m.: sacerdote budista.
Bálsamo, s. m.: lenitivo, remédio. calmante. Também: perfume.
Apaziguar, v. int.: acalmar, sossegar.
Cataclismo, s. m.: desastre, destruição.
Cambraias, s. f.: tecido fino, muito branco, de algodão.
Rúbido, adj.: vermelho, afogueado.
Lôbrego, adj.: soturno, triste, escuro.
Flanco, s. m.: lado, encosta.
Atro, adj.: negro, atroz.
Lasso, adj.: cansado, fatigado.
Alçar, v. t.: erguer, levantar.
Alvinitente, adj.: branco, alvo, níveo.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO

2. ANÁLISE ESTILÍSTICA DO TEXTO

3. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Dê o sinônimo da palavra grifada:

Era um **presente real.** Entre a **negra** grade da **gaiola**, o seu olhar **brilhava** profundo e **melancólico** como o olhar humano. E enquanto as **vagas turvas choravam** ao **murmúrio** do vento em **lutuosos** lamentos, ela pensava nos **distantes** ventos que no Himalaia os **cumes perpassavam.**

b) Dê a diferença que há entre:

bordo e bôrdo; presente e pressente; fronte e fronde; asa e assa; bravo e brabo; côrte e corte; ridente e vidente; flanco e franco.

c) Dê o significado de NATO, DORMENTE, BORDAS, VELA nas seguintes orações:

Do nato dia o purpurino brilho salpicava de luz o céu nevado. É um pianista nato. E a águia elevando a pálpebra dormente abriu as asas ao clarão nascente. Os dormentes das estradas de ferro estão estragados. Estêve com os pés dormentes por muito

tempo. Na calma dormente da noite ouviu-se um ruído. Nas vaporosas bordas do horizonte. Tu bordas muito bem. Não se deve acender uma vela a Deus e outra ao diabo. Pairou sôbre o navio imensa e bela como uma branca, uma isolada vela. O pai vela sôbre a segurança da criança.

d) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) Ébrio	( ) estremecer
(2) Fremir	( ) fúnebre
(3) Sarcasmo	( ) tonto
(4) Funérec	( ) seio
(5) Mortalha	( ) zombaria
(6) Titã	( ) pano mortuário
(7) Colo	( ) gigante

VERSIFICAÇÃO — ESPÉCIES DE RIMA — VERSOS BRANCOS — SONÊTO

1 — Espécies de rimas quanto à forma, disposição e ao valor.

1.º *Quanto à forma.* a) Soante ou perfeita — quando há identidade de sons a partir da última vogal tônica. Ex.: direita — estreita — existe — consiste — heróico — estóico.

Toante ou imperfeita — quando há identidade de sons apenas na vogal tônica. Ex.: calma — nada; cedro — pedra.

Também é imperfeita quando uma vogal é de timbre aberto e a outra de timbre fechado. Ex.: céu — meu; estrêla — vela.

2.º Quanto à disposição as rimas podem ser:

a) Emparelhadas. São as que sucedem duas a duas. Símbolo = aabbcc.

b) Alternadas. São as que se alternam, i .é. o 1.º verso rima com o 3.º, o 2.º com o 4.º. Símbolo = abab.

c) Misturadas. São as que são dispostas a critério do poeta.

d) Opostas. O 1.º verso rima com o 4.º e o 2.º com o 3.º. Símbolo = abba.

e) Encadeadas. Quando a última palavra de um verso rima com outra no meio do verso seguinte. Ex.:

Voai, zéfiros mimosos,
vagarosos, com cautela
Glaura bela está dormindo
Quanto é lindo o meu amor! (Silva Alvarenga)

3.º Quanto ao valor, as rimas podem ser:

a) Pobres. São rimas formadas da mesma classe gramatical, ou com palavras vulgares. Ex.:

mente: pobremente — docemente
ão: coração — irmão
oso: bondoso — idoso
ando: amando — falando

b) Ricas. São as formadas com palavras de classe gramatical diversa ou as que apresentam certa originalidade. Ex.:

arte — tarde; perfume — assume; vaidade — invade.

c) Raras. São as obtidas com palavras para as quais há poucas rimas possíveis. Ex.:

cisne — tisne; turco — bifurco.

d) Preciosas. São rimas artificiais formadas com palavras combinadas. Ex.:

saudade — há-de; esquilo — ouvi-lo; réstia — veste-a.

4.º VERSOS BRANCOS. São chamados versos brancos ou soltos os que não são rimados. "Uruguai" de Basílio da Gama, por ex. é em versos brancos.

5.º VERSOS LIVRES. É uma série irregular de versos que tomados separadamente são regulares. Não têm o mesmo número de sílabas, nem há coincidência constante do acento, responsável pelo ritmo.

6.º SONÊTO. Chama-se sonêto a combinação de 14 versos do mesmo metro: dois quartetos e dois tercetos (4+4+3+3). O sonêto admite variedade na combinação das rimas. É de regra que o último verso seja a chave de ouro, o remate condigno desta jóia literária.

O sonêto é uma das mais bonitas e das mais difíceis formas de poesia.

EXERCÍCIOS

1 — **Faça um estudo completo das rimas quanto à forma, disposição e valor de:**

Pairou sôbre o navio, imensa e bela,
Como uma branca, uma isolada vela,
A demandar um livre nôvo mundo;
Crescia o sol nas nuvens refulgentes,
E como um turbilhão de águias frementes
Zunia o vento na amplidão, profundo!

2 — **Agrupe duas a duas as palavras seguintes dizendo se formam rima:**

rica, pobre, rara, preciosa, espumante, ansiosa, catacumba, distante, desmaio, vergonhosa, pasmo, raio, aquilo, cisne, retumba, sarcasmo, tisne, ouvi-lo, espalha, saudade, mortalha, há de.

3 — **Faça um estudo completo da poesia:**

AS POMBAS, quanto à rima, estrofe, cesura, métrica, etc.

AS POMBAS

RAIMUNDO da Mota Azevedo CORREIA
(Maranhão, 13-V-1850 — Paris, 13-IX-1911)

Bacharel, ingressou na magistratura que abandonou pela diplomacia. De volta à magistratura, exerceu a judicatura no Rio. Muito escrupuloso, possuía sensibilidade aguda. Sua arte poética tem algo de nobre e, no dizer de Manuel Bandeira, é "certamente o maior artista do verso que jamais tivemos". OBRAS: Primeiros Sonhos; Sinfonias; Versos e Versões; Aleluias; Poesias, etc.

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia *sanguínea* e fresca a *madrugada*...

E à tarde, quando a *rígida nortada*
Sopra, aos pombais de nôvo elas, serenas,
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam tôdas em bando e em revoada...

Também dos corações onde *abotoam,*
Os sonhos, um por um, *céleres* voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E êles aos corações não voltam mais...

LIÇÃO COMPLEMENTAR

FOI BUSCAR A SORTE À FÔRÇA

C. DE MOURA BATISTA

Ao sentir-me próximo da grande Cidade, da "Côrte", como lhe chamavam naquelas priscas eras, o sertanejo sentiu-se mais forte e andou com mais pressa. Agora tinha certeza de que chegaria ao fim. Caminhou e andou sem descanso.

Ao entrar na grande metrópole, respirou a longos haustos. Tinha alcançado a meta desejada. Perguntou ao primeiro transeunte que encontrou, onde ficava o palácio do Imperador. Êste bondosamente o ensinou.

Sabino atirou-se para o Palácio como uma flecha. À porta, os seus passos foram embargados por uma sentinela. Não se intimida e diz-lhe que quer falar com o Imperador. E' levado à presença de um oficial, que lhe pergunta se tem audiência marcada.

—"Eu não tenho nem audiência nem marcada", respondeu o Sabino sem compreender patavina daquelas perguntas. "Vim dos sertões do Piauí para falar com o Imperador e hei de falar. Andei 48 dias a cavalo e a pé, para chegar aqui e daqui não saio nem a pau, sem ser atendido".

O oficial estava em papos-de-aranha, ante a teimosia do Sabino. Procurou com brandura e urbanidade convencê-lo do que não se falava assim do "pé para a mão", com o Imperador. Teimoso como todo "capurreiro" e desconfiado como êle só, o Sabino não se convenceu das

razões do oficial; pelo contrário, pensou que êste tinha interêsse em embaraçá-lo. O oficial, vendo que era inútil a sua lógica, chamou dois soldados e mandou que pusessem o Sabino no ôlho da rua. Diante de tal ordem, o nosso sertanejo fêz um aranzel tão grande, que a guarda tôda apareceu armada, pensando tratar-se de um conflito. Ia o Sabino ser pôsto na rua pela fôrça, quando apareceu um mordomo do Palácio que vinha saber a causa do barulho, a mandado do Imperador. O oficial explicou a causa, dizendo que era teiró do "capurreiro". Foi-se o mordomo, e logo voltou com a ordem de levar o nosso Sabino consigo.

Ao chegar à presença do magnânimo Imperador, o nosso matuto não perdeu o aprumo.

Contou a sua história, desde a saída dos fundos dos sertões piauienses até à sua chegada perante o oficial, que não compreendera o seu trabalho e sacrifício.

— "Eu vim, disse êle, pedir a Sua Majestade que me dê o lugar de vaqueiro de uma das fazendas nacionais".

O neto de Marco Aurélio não prometeu, porque não costumava prometer apenas: — fêz; isto é, nomeou-o imediatamente vaqueiro da maior das fazendas da Coroa.

Três dias depois, o nosso astuto Sabino voltou para a Baía a bordo de um navio nacional com passagem dada pelo Imperador.

Desembarcou em Salvador, com facilidade alcançou Juàzeiro e de lá até ao seu ponto de partida, isto é, perto de Oeiras, antiga Capital do Piauí, foi um pulo, como se costuma dizer.

E Sabino Ferreira, após os abraços de parentes e amigos, com seu vozeirão de "capurreiro" desempenado, ancho da sua tenacidade de matuto: — "Esperei, por muito tempo, a sorte; e, como não vinha, resolvi ir buscá-la à fôrça".

1. ESTUDO DO VOCABULÁRIO

Com o auxílio de um dicionário procurar os têrmos não conhecidos.

GRAMÁTICA

a) *Faça a concordância dos adjetivos*:
O exército e o povo (brasileiro) cooperaram na manutenção da ordem. Além de gastos, o sapato e a roupa estavam (sujo). Senhor Deputado, Vossa Excelência é muito (bondoso). O luxo e as grandezas eram (excessivo). As escadas e os átrios (suntuoso) das igrejas eram de mármore. Pensei (estar satisfeito) o pai e a filha. Aquêle rapaz tem barba e cabelos (louro). Estávamos com os braços e a cabeça (imóvel). No rosto daquela menina havia uma meiguice, uma candura, uma bondade (extraordinária). Êle tinha gôsto e inclinações (estranho).

b) *Dê a função sintática das palavras grifadas*:

Quem estuda vencerá *certamente* na vida. Ao entrar na grande metrópole, respirou a *longos haustos*. Você se distraiu *durante* as aulas e *agora* terá dificuldades. Eu vim disse *êle*, pedir a Sua Majestade que *me* dê o *lugar* de vaqueiro de *uma* das fazendas *nacionais*. Há indivíduos *que* sobem *muito alto* para mostrar *apenas* a *sua pequenez*. Fomos à *cidade* e compramos os *livros que* vês.

c) *Conjugar nos tempos indicados*:

Eu brincar mas também seguir os conselhos dados (pres. do indicativo). Ela se aplicar e progredir muito (pret. perfeito). Eu trazer (fut. do presente) quanto caber (fut. do subj.) na minha pasta. Refazer (imperativo) tua saúde. Já requerer (pret. perfeito) teus documentos? Se nós prever (fut. do subj.) o avisar logo (fut do presente). Averiguar (imperativo) bem os fatos antes. Eles querer (pres. do indicativo) que eu desmentir (pres. do subj.) a notícia. O pai prover (pret. perfeito) as necessidades da família.

d) *Classifique os verbos quanto aos objetos*:

Encontrei espinhos em vez de rosas. Necessito de tua ajuda e proteção. Restituiu-me o dinheiro roubado e desapareceu. Pedro permaneceu calado e cabisbaixo. Dou-lhe êste presente como prova de minha amizade e afeição. A voz dêle ecoou como um trovão. Ele se dá muita importância.

VOCABULÁRIO

e) Escreva com s ou z:

bele( )a
cateque( )e
esquemati( )ar
pra( )o
anali( )ar
despe( )a
me( )inha
delicade( )a
co( )inha
avare( )a
desli( )ar

atra( )ar
atrá( )
le( )ar
tra( )
trá( )
a( )eder
de( )ejar
alte( )a
triste( )a
an( )io( )o
de( )enho

AS MÃES

GUILHERME BRAGA

Nasceu em Pôrto (1845-1874). Poeta eloqüente, de grande variedade rítmica, mestre no verso alexandrino. OBRAS: "Heras e Violetas"; "No Jardim"; "Os Falsos Apóstolos"; "Os Bispos", etc.

Ó santas que embalais o bêrço das crianças,
E assim lho revestis de *flóreas* esperanças!
Que andais sempre a cuidar das almas por abrir,
E a verter-lhes no seio o germe do *porvir!*

Sois vós que, pela mão, da glória à vida inquieta,
Levais um vosso filho, um pálido profeta
Que Newton ou Petrarca, Ângelo ou Rafael,
Com o pincel e a pena, o compasso e o cinzel
Fazem enobrecer quem lhe seguir o exemplo...

Sois vós que conduzis ao *pórtico* do templo,
Onde o porvir coroa os gênios imortais,
E, mal chegadas lá, de todo o abandonais,
Sem aguardar sequer nas sombras duma arcada
A grande aclamação que lhe festeja a entrada!

E — modestas que sois! — voltais a vosso lar,
E só vos contentais em vê-lo atravessar
— C'roada de *lauréis* a fronte *cismadora* —
Um arco triunfal que o cerca duma aurora...

Mas nós, cabeças *vãs,* escravos pelo amor,

Andamos a dizer: "Beatriz! Leonor!"
E o nome vosso, ó mães, não lembra um só instante!
Quem sabe o nome vosso, ó mães de Tasso e Dante?
Ó santas, perdoai! Lá tendes o Senhor
A cobrir-vos de luz, de bênçãos e d'amor,

Fazendo abrir ao sol as vossas esperanças,
Ó santas que embalais o bêrço das crianças!

Flóreas, adj.: floridas.
Porvir, s. m.: futuro.
Pórtico, s. m.: entrada, porta.
Lauréis, pl. m.: coroa, prêmio, galardão.
Cismador, adj.: pensador, divagador.
Vãs, adj.: inútil, infrutífero.

1. INTERPRETAÇÃO DO TEXTO LIDO
2. ANÁLISE ESTILÍSTICA DO TRECHO
3. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) berçar	( ) humilde
(2) embalar	( ) anseio
(3) embrião	( ) ninar
(4) verter	( ) balouçar
(5) modesta	( ) derramar
(6) esperança	( ) germem

b) Que significa:
Andamos a dizer: **"Beatriz! Leonor!"**? Que representam êstes dois nomes?

c) Dê a qualidade daquilo que é capaz de ser:

lido = legível	ferido
executado	conhecido
ouvido	tocado
concebido	visto
quebrado	tragado

d) Dê os cognatos dos seguintes têrmos:

flor	nobre
abridor	conduzir
quieta	morte
profeta	festa

4. COMPOSIÇÃO

O amor materno.
Os filhos: motivo de alegria ou tristeza para a mãe.
Recordações de minhas travessuras.

5. EXPRESSÕES TÍPICAS DA LÍNGUA

Devagar com o andor que o santo é de barro = Recomendação de cuidado, que se deve prestar atenção.
Vitória de Pirro = Vitória que é prejudicial ao que vence.
Esta vida não chega a netos = Esta vida não vai longe, não dura muito.
Ser uma Vênus de Milo = Ser uma mulher muito bonita.
Aqui você não apita = Aqui você não tem vez.
Apanhar as coisas no ar = Compreender imediatamente o que é dito.

PONTUAÇÃO

O uso dos sinais de pontuação estão a critério do escritor e variam de um temperamento para outro. Assim, um nervoso e um calmo usarão diferentemente a pontuação assim como um professor didático e um advogado fogoso.

1 — Ponto final (.)
2 — Dois pontos (:)
3 — Ponto e vírgula (;)
4 — Ponto de interrogação (?)
5 — Ponto de exclamação (!)
6 — Reticências (...)

PRINCIPAIS SINAIS DE PONTUAÇAO

7 — Vírgula (,)
8 — Aspas "---")
9 — Parênteses, ( ) - travessão (-)
10 — Parágrafo

1 — PONTO FINAL — Usa-se para encerrar o sentido de um período e também como ponto abreviativo. por ex. Il.mo Sr.

2 — DOIS PONTOS — Usam-se dois pontos:
a) Numa enumeração. Mamãe comprou: ovos, queijo, carne e pão.
b) Antes de uma citação. A lei reza: "As crianças devem ser vacinadas."
c) Antes de uma explicação. O fato foi assim: O covarde agrediu pelas...
d) Antes de uma exemplificação. Vi só duas meninas briosas: Dora e Janete.

3 — PONTO E VÍRGULA — Usa-se para:
a) Separar orações coordenadas de um período extenso. ex. "Os pobres dão pelo pão o trabalho; os ricos dão pelo pão a fazenda; os de espírito generoso dão pelo pão a vida; e os de nenhum espírito dão pelo pão a alma" (Vieira.)
b) Separar os considerandos de um decreto, de uma exposição de motivos. ex. Considerando que o perigo de incêndios é grande; considerando que há muitos trigais e fábricas nas vizinhanças; considerando que já houve precedentes desagradáveis, decretamos que seja proibida a soltura de balões".

4 — PONTO DE INTERROGAÇÃO — Usa-se nas perguntas diretas. Você não esqueceu o bilhete em casa? — Também pode vir sòzinho para indicar dúvida: O custo de vida baixará logo mais. - ?

5 — PONTO DE EXCLAMAÇÃO — Usa-se depois de uma interjeição ou locução interjectiva. Oh! Que horror! Socorro por favor! — Usa-se também numa oração exclamativa: Como você foi gentil!

6 — RETICÊNCIAS — Usam-se:
a) Para indicar suspensão de pensamento, ex. Se você soubesse...
b) Para indicar hesitação, dúvida ou fatos espaçados: Que horas veio? Penso que... às duas e meia.

c) No início de uma citação, mostram que a frase transcrita, está incompleta: ..."florestas inteiras, devoradas pelo fogo".

7 — VÍRGULA — Usa-se para:

a) Separar têrmos coordenados. Ex: era ela uma jovem bonita, airosa, e rica.

b) Para separar orações: A morte, diz êle, é o comêço da vida — Deus, que é justo, há de recompensá-lo. Ora, disse ela, para que se incomodar tanto?

c) Para separar o nome do lugar, nas datas: ex: Brasilia, 22 de Novembro de 1963.

d) Para indicar elipse do verbo: Êle parte hoje, nós, amanhã. Observação: A falta de uma vírgula pode provocar disparates. Um lavrador tinha um bezerro e a mãe do lavrador era também o pai de bezerro. — Quem canta, seus males espanta X Quem canta seus males, espanta.

8 — ASPAS — Usam-se:

a) Para indicar que as palavras são de outrem: Disse Nero: "Que grande artista o mundo vai perder!"

b) Antes e depois da palavra que se quer salientar. ex: Já reparou naquela "belezinha"?

c) Antes e depois de uma palavra estrangeira: O seu "enchanté" foi recebido com um sorriso.

9 — PARÊNTESES — São usados:

a) Numa locução intercalada, aposta, com caráter explicativo. ex: Vi (cena horrível!) corpos despedaçados.

b) Quando se quer separar a idéia principal das acessórias. ex: Não pense (nada o autoriza supô-lo) que faltarei à palavra.
Observação: O travessão pode substituir os parênteses.

10 — PARÁGRAFO — Quando se passa de um centro de interêsse para outro, impõe-se o emprêgo do *ponto parágrafo*, passando-se a escrever na linha seguinte, com a mesma distância da margem com que iniciamos o escrito.

EXERCÍCIOS

1 — Coloque a pontuação se necessária (observe sobretudo as vírgulas).

O CAIR DA TARDE

Sôbre o rio no céu largo a tarde morria sem uma aragem numa paz elísia com nuvenzinhas muito altas paradas tocadas

de côr-de-rosa As terras os longes da outra banda já se iam afogando num vapor aveludado de tom de violeta A água jazia lisa e luzida como uma bela chapa de aço novo E aqui e além pelo vasto ancoradouro grossos navios de carga longos paquêtes estrangeiros dois couraçados inglêses dormiam com as mastreações imóveis como tomados de preguiça cedendo ao afago do clima doce

Eça de Queirós.

2 — Justifique a pontuação seguinte:

Ó santas que embalais o bêrço das crianças,
E assim lhe revestis de flóreas esperanças!
E — modestas que sois! — voltais a vosso lar...
Andamos a dizer: "Beatriz! Leonor'."
Quem sabe o nome vosso, ó mães de Tasso e Dante?

3 — Dar os coletivos de:

discos	estrêlas	filhos	fregueses	irmãos
doze	fábulas	flôres	gravuras	jurados
escritos	fichas	foguêtes	hienas	laranjas
espigas	lições	fórmulas	ilhas	leituras

Coletivos (nomes) — dúzia, discoteca, paveia, arquivo, fabulário, fichário, ramalhete, filharada, freguesia, caterva, foguetório, formulário, pinoteca, arquipélago, irmandade, júri, cesta, crestomatia, curso, constelação.

4 — Mudar as vírgulas do trecho seguinte de modo a dar-lhe sentido correto:

"Lord Palmerston então entrou sôbre a cabeça, um chapéu branco nos pés, grandes mas bem polidas botinas nas sobrancelhas, uma nuvem escura na mão, sua fiel bengala no olhar, um ar ameaçador sem dizer nada."

MÃE!

Antônio ALVES MENDES da Silva Ribeiro (Penacova, 19-X-1838 — Pôrto, 4-VII-1904) *Formado em teologia pela Universidade de Coimbra, foi arcediago de Oliveira. Orador sacro de alta sonoridade e elegância, seus discursos e sermões são modêlo acabado de vernáculo e de eloqüência. Foi também, polemista vigoroso. OBRAS: Itália; Os Meus Plágios; Tomista ou Tolista?; Discursos e Conferências.*

Disse o príncipe dos poetas castelhanos que, "se o homem é um mundo abreviado, a mulher é o céu dêste mundo". Devemos acrescentar — e a mãe é o sol dêste céu.

Como o sol, ela é luz, calor, fecundidade. Como o sol, alumia, aquece, alegra, move, alenta, expande, acaricia, seduz, fascina, atrai. O que é o sol perante os astros, é-o a mãe perante os povos — o ponto *cêntrico* da vida, a fonte da família, a chave da sociedade.

Cooperadora da *Providência,* e complemento do homem, a mãe gera, nutre, educa; dá forma, brilho e esmalte à existência; é a autora maravilhosa e a *destra* escultora dos sêres. Não houve ainda e não haverá jamais criatura mais adorável do que ela é.

Que coração mais terno, que amor mais *pulcro*, que *ministério* mais perfeito do que o ministério, o amor, o coração de mãe? Onde desponta um sorrir que seja ligeiramente comparável ao doce sorrir de uma boa mãe? Onde um olhar que se pareça ao seu olhar? Onde um suspiro como êsse suspiro materno, que é como um suspiro da alma, que só pode assemelhar-se à voz dos espíritos? Onde um canto igual a êsse canto melancólico, plangentíssimo, cujas notas caem sôbre o bêrço como

gôtas de luz, como lágrimas de fogo, quando a mãe embala e *arrulha* seu filho? Que *verbo* mais eloqüente, que eloqüência mais sublime, que sublimidade mais angélica que a sua, quando fala de Deus, do homem, do mundo, do céu e da terra, da morte e da imortalidade, das eternas esperanças e dos infinitos amôres? Que beijo como os seus beijos? Que abraço como os seus abraços? Que afago como os seus afagos? Que *desvêlo* como os seus desvelos? Que abnegação como as suas abnegações? Que ensino, que alimento, como os seus alimentos e ensinos?

Por isso nada mais *repungente* que o desamparo materno, nada mais áspero, nada mais duro do que as provações da orfandade. Figure-se um espelho sem luz, uma lâmpada sem óleo, um jardim sem água, uma flor sem haste, uma haste sem raiz e uma raiz sem suco — eis a imagem de um filho sem mãe. *Abrolha-se* de repente aquêle ser mimoso que era todo um paraíso de venturas. Anuvia-se logo aquêle belo ente, que era todo um céu de resplendores. Suas graças tão simpáticas, tão aprazíveis aos seus, quanto são tediosas, aborrecidas aos estranhos! seus pedidos, que impertinentes! seus brinquedos, que molestos! seus choros, que irritantes! seus desmandos, que incomportáveis! suas doenças, que horríveis! Em vez do carinho a repulsa, em vez do zêlo a indiferença, em vez do aviso o castigo, em vez do cuidado o desprêzo ou quiçá sôbre o desprêzo, a fome! Haverá infortúnio maior, realidade mais cruel na quadra das ilusões, perda mais *acerba* na idade da inocência?

VOCABULÁRIO

Cêntrico, adj.: que está no centro.
Providência, s. f.: Deus, a Suprema Sabedoria.
Destra, adj.: hábil.
Pulcro, adj.: belo, formoso, gentil; superl.: pulquérrimo.
Ministério, s. m.: mister, ofício, função.
Arrulhar, v. t.: cantar como as rôlas.
Verbo, s. m.: palavra, tom, voz.
Desvêlo, s. m.: cuidado carinhoso, solicitude.
Repungente, adj.: muito doloroso.
Abrolhar, v. t.: pôr abrolhos ou espinhos em.
Acerbo, adj.: áspero, severo.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO
2. ANÁLISE ESTILÍSTICA DO TRECHO
3. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Procure no texto os antônimos das seguintes palavras:

inferno	diabólico	agradável
aversão	vida	descuido
alegre	proteção	realidade
hediondo	suave	culpa

b) Forme verbos usando prefixos e sufixos ao mesmo tempo (formação parassintética):

movimento	órgão	áspero	nuvem
alento	órbita	figura	raiz
atração	forte	saliva	vez
vida	luz	rompimento	alma

c) Procure no trecho sinônimos das seguintes palavras:

ajuntar	suave	carícia	de chofre
iluminar	triste	doutrina	aversão
afagar	nobre	descuido	talvez
atrair	óculo	ramo	decepção
ser (s. m.)	amplexo	figura	cruel

d) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) áspero	( ) pulcro
(2) doloroso	( ) voz
(3) formoso	( ) carinho
(4) ministério	( ) acerbo
(5) verbo	( ) pungente
(6) solicitude	( ) ofício

4. COMPOSIÇÃO

a) O dia das mães.
b) Mamãe e a minha educação.
c) O instinto materno entre os animais.

FIGURAS DE LINGUAGEM

Figuras de Linguagem são recursos naturais de que se aproveitam os escritores para comunicar vivacidade e beleza ao estilo.

FIGURAS DE SINTAXE

1 — ELIPSE — É a omissão de têrmos numa oração
Irei ao cinema, mas ela, não. (verbo) — Oxalá tenham se salvado. (Sujeito).

2 — ASSÍNDETO E POLISSÍNDETO — Assíndeto, falta de conetivo: O ladrão abriu a porta, sondou a situação, farejou as gavetas, revistou os armários: a "limpeza" foi total. Polissíndeto — é a repetição intencional do conetivo: "Trabalha e estuda e viaja e negocia e não se cansa.

3 — PLEONASMO — É a repetição de uma idéia ou de um têrmo, para reforçar o pensamento. Ex.: Vi o ladrão com os meus próprios olhos. A nós resta-nos lamentar os fatos.

4 — ANACOLUTO — Consiste na quebra da estrutura lógica do pensamento, enveredando por outro rumo: Eu, nisto ouvi um estampido aterrador.

5 — SILEPSE — É a concordância com o sentido e não com a palavra gramatical:

a) Silepse de gênero: Vossa Alteza é bondoso — Sua Majestade mostrou-se digna do pôsto.

b) Silepse de número: Tivemos receio de magoá-lo (plural majestático).

c) Silepse de pessoa: Todos (que) lutamos, seremos premiados. Ela e eu fomos esquiar ontem à tarde.

6 — HIATISMO — ALITERAÇÃO — Hiatismo é a sucessão de vogais da mesma categoria. Ex.: Estampava-se-lhe na face uma alegria tal que lhe dava um ar angelical. — Aliteração — Sucessão de consoantes da mesma categoria. Ex.: Ruge e range, rouquenha a rígida moenda. Ouviam-se silvos, cochichos, guinchos e estalidos.

7 — ANÁFORA — Repetição de um têrmo ou de vários têrmos no início de cada membro de frase: Ex.:
Grande herói porque salvou a Pátria.
Grande herói porque enfrentou a própria morte.
Grande herói o será para sempre em nossa memória.

8 — EPÍSTROFE — É a repetição no fim: Nasceu pobre, viveu pobre e morreu pobre e esquecido de todos.

9 — SÍMPLOCE — É a repetição no início e no fim: Hoje não quero escrever senão sôbre minha formatura — Hoje não quero pensar senão na minha formatura.

10 — CONCATENAÇÃO — É a repetição de uma palavra da frase anterior: Ex.: O mau emprêgo do dinheiro gera a miséria; a miséria leva ao desespêro e o desespêro leva ao crime.

11 — HIPÉRBATO — É a inversão da ordem natural das palavras ou das orações. Ex.: Onde termina dos outros o direito, começa o nosso. Dos montes e dos vales através.

12 — ONOMATOPÉIA — Procura imitar os ruídos da natureza e as vozes dos animais ou um fenômeno qualquer valendo-se da expressividade imitativa dos fonemas. Ex.:
Tíbios flautins finíssimos gritavam. (i) Olavo Bilac.
Batem pausadamente as patas compassadas. (pa) Olavo Bilac.

ANTÍTESE — É a contraposição de uma palavra ou frase a outra de significação oposta. Ex.:
Uns nos querem mal e fazem-nos bem. Outros nos almejam o bem e nos fazem o mal.

IRONIA — Expressamos o contrário do que pensamos. Ex.: Vejam as *façanhas* do pequeno! Que lêtra *bonita* a sua!

PROSOPOPÉIA — É a atribuição de ações ou qualidades do homem a sêres inanimados, incorpóreos. Ex.: Vós, ó vales que ouvis os meus lamentos, compartilhai as minhas dores!

Não confundir com Apólogo que personifica e dá fala aos irracionais e que até um certo ponto pode ser sinônimo de fábula e parábola.

EXERCÍCIOS

1 — Diga qual a figura que ocorre nas seguintes orações:
Como o sol alumia, aquece, alegra, move, alenta, expande, acaricia, seduz, fascina, atrai. — Onde um olhar que se pareça ao seu olhar? Onde um suspiro como êsse suspiro materno? — Que beijo como os seus beijos? Que abraço como os seus abraços? Que afago como os seus afagos?

2 — Procure outras figuras no trecho lido.

3 — Estabelecer a graduação exigida pelo sentido.
Os gatos **pegam, devoram** e **espiam** os ratinhos. — Os gregos **destruíram, cercaram** e **tomaram** Tróia. — O homem **sofre, morre** e **nasce.** — Os inglêses **compraram, queimaram, combateram, condenaram** e **julgaram** Joana D'Arc. — Os gauleses **abandonaram, sitiaram, queimaram, saquearam** e **tomaram** Roma. — O pássaro canoro **encanta, entoa, preludia, emudece.** — A lebre é medrosa; uma **sombra,** um **nada,** um **sôpro,** tudo a assusta. — José Bonifácio tinha **talento, gênio, inteligência.**

4 — Coloque a pontuação correta e justifique a mesma:
Como o sol ela é luz calor fecundidade Como o sol alumia aquece alegra move alenta espande acaricia seduz facina atrai O que o sol é perante os astros e o a mãe perante os povos o ponto cêntrico da vida a fonte da família a chave da sociedade.

5 — Qual é a qualidade daquele ou daquilo que é...

pálido	atroz	cruel	fecundo
cordial	avaro	ambíguo	frio
surdo	mudo	austero	fero
ligeiro	brutal	agudo	mole
franco	suave	polido	fértil

UM JÔGO DE FUTEBOL

CIRINEU ALVARENGA

Nascido em Machado, Minas Gerais. Formado em Línguas Neo-Latinas pela Universidade do Paraná. Possuidor de uma imaginação fecunda. É um exímio "conteur". Suas histórias primam pelo inesperado dos pormenores.

Desci do ônibus no Largo da Matriz com a fama de bom jogador de futebol.

O Tourada já havia espalhado pela cidade que eu era tão bom como o Batatais do Fluminense, e melhor do que o Melado, o maior arqueiro de minha terra, o homem das pegadas impossíveis.

Cumprimentei os amigos, e rua acima, cheguei a minha casa.

Dias depois batem à porta. Eram os diretores do Ateneu F. C. que vieram convidar-me para reforçar o quadro para o grande encontro com o Palestra F. C.

Qual a posição que preferes? perguntou.

— Ora, qualquer uma...

— O bom jogador é de tôdas as posições, interrompeu o Grenan, médio direito.

— Prefiro o arco, o gol!

— Mas, essa é do Marciano — disse êle.

— Há vaga na ponta esquerda...

— Não é minha posição, mas aceito.

Cometi um êrro *nefasto*, quando aceitei a ponta esquerda, eu que jamais fui canhoto. Para não desmentir minha capacidade esportiva, assegurei-lhes contassem comigo no campo do Ipiranga, local escolhido para a peleja de domingo.

Decorreram quatro dias de grande ansiedade para o futuro ponta esquerda, que nem na direita sabia jogar! Assim que podia, entrava no quarto, e aí me exercitava com a esquerda, atirando o pé muitas vêzes para o ar, dando na parede...

A conversa dos amigos era das mais esperançosas. Todos *convinham* que eu seria o melhor em campo, dada a técnica adquirida no Vera Cruz, onde estudava. Resisti a tudo, a tôdas as futuras decepções, crente que na hora sairia bem. No fundo da alma guardava o segrêdo do fracasso e o prazer de exibir nos campos de minha terra o que sabiam de mim: bom jogador! A partir de quinta feira, tornei-me o melhor dos filhos, obediente, prestativo em casa, como ninguém.

Deixei à disposição do Birôla tudo quanto eu possuía, contanto que papai me deixasse jogar domingo contra o Palestra. Isso era segrêdo que só deveria aparecer lá pelas duas da tarde de domingo. A esperança sempre me ficou para a hora decisiva, tal era o receio da recusa antecipada. Durante a Missa pedi a todos os santos me alcançassem o que eu pedia, prometendo rezar muito depois do jôgo, e nunca mais pôr o pé em bola, com a condição de eu jogar à tarde.

Sábado, surgiram os anúncios sôbre o jôgo, a escalação do quadro do Ateneu e do Palestra, cousa que causou alegria inaudita. Avaliei o que diria de mim a população ledora e esportista da cidade. Os que me conheciam, me aplaudiriam; os que nunca viram, iriam conhecer o nôvo elemento, o ponta esquerda contratado pelo Ateneu. Era novidade que atrairia mais gente ao campo. Nas barbearias, vendas e postes de rua, havia gente discorrendo sôbre o jôgo, e especialmente a meu respeito. O Palestra, parece, temeu minha entrada para o Ateneu. Por mim, fiquei firme, decidido a dar o melhor jôgo que pudesse. Iria confirmar perante numeroso público a habilidade e aventuras do bom jogador de futebol, que fôra o meu sonho de menino. Eu sempre dizia: Quero ser como o Mário Caminhão, ou o Chico Folia dos mais ilustres de minha terra. E êsse dia chegou...

Tornei-me *apreensivo*, receoso da recusa de meu pai, o maior castigo que me poderia impor. Primeiro fui ter com minha mãe, e lhe expus o caso.

— Jôgo?! Veja com seu pai!

— Mas, eu fiquei bom em casa...

— De quinta feira para cá, isso sim! Fale a seu pai!

Passei pela varanda e bebi uns goles de água para refrescar o calor e sobressaltado do que ia fazer. Pé ante pé, dei com meu pai no escritório:

— Pai, posso ir ao jôgo?

— !

Amarelei. Olhou-me de banda.

— Pai, posso ir ao jôgo no campo do Ipiranga?

— !!

Quase desmaiei, ou atirei para o ar o que estava diante de mim. Cegou-me a fúria. Encostei-me à parede, e esperei, forjando um plano medonho: sair gritando feito louco, rua abaixo; fugir para muito longe, onde eu pudesse jogar futebol à vontade.

Andava com êsses pensamentos *sinistros*, quando meu pai me perguntou:

— Então, que há?

— O senhor me deixa ir ao jôgo?

— Que jôgo? De futebol?

— Sim, senhor. É o Ateneu contra o Palestra!

— Ah! bonito jôgo, hein?

Voltou-se para o jornal e meteu-se na leitura, tranqüilo, satisfeito por saber que havia jôgo.

Pálido de raiva, saí do escritório, e fui sentar-me no muro da horta, de onde se avistava o campo gramado. Agarrei de um porrete e espanquei galinhas que encontrei, distribuí pedradas pela vizinhança, e fui chorar a minha desventura em cima do muro, invejando a sorte dos que podiam jogar. O campo já preparado, as linhas marcadas, alguns meninos impacientes, batiam bola, alegres, felizes. Não me cansava de olhar para os cantos, onde eu deveria atuar na ponta esquerda, aí arrancando aplausos da assistência.

Ouvi o Birôla me chamar. Pensei comigo: se êle vier cá, dou-lhe pancada, acabo com êle aqui. Digam depois o que quiserem.

— Olhe, o papai mandou dizer...

— Sai daqui, diabo do inferno! Mato gente ainda hoje! Sai daqui!

— Ó Burro! Papai disse para você ir ao jôgo...

* * *

Como eu estava transformado! Desci a rua de casa, e com alguns colegas fomos planejando a partida. O sol parecia brilhar mais, tudo tão alegre. Vozes amigas, gente pelas ruas, indagando de onde eu vim; qual a posição em que eu jogava... Em tôda a cidade, é certo, havia um coração só, que bateria por mim, que aplaudiria minhas jogadas, ou me consolasse, se fôsse infeliz...

O jôgo transcorria movimentado, apitado pelo Mário Caminhão, a maior autoridade em futebol, médio direito dos mais seguros e inteligentes. A banda de música do Joaquim Leite atacava seus dobrados estimulantes a cada episódio decisivo. Por mim, limitei-me a fugir da bola o mais que pude. O receio de más jogadas, de perder a fama, fêz com que eu passasse logo o couro, sem me comprometer por mais tempo, e por fim o perdesse para o adversário. A assistência aplaudia, *vociferava,* atirava chapéus ao ar, gritava. Até aí nada fiz que merecesse confirmar o que pensavam de mim.

Já me sentia desanimado, e disposto a sair de campo para não agravar a situação, quando o juiz apitou escanteio contra o Palestra, que no momento ocupava o campo do lado da Minervina, pasto por onde fugia o juiz no fim do jôgo.

O que bateu o escanteio foi o Jaquita. Colocou a bola no semi-círculo; afastou-se e esperou o apito. A fim de não fugir da bola e não errar jogada nessa hora fatídica, retirei-me a uns vinte metros das traves e fiquei sòzinho, longe do arco do Toninho. Batido o escanteio, o couro veio alto para o meu lado. Então não mais vi onde estava. Abalei, em direção à bola, cego de emoção, desnorteado, sem saber o que faria. Descarreguei tamanho pelotaço, sem que a bola tocasse a terra, um sem-pulo, que a imaginei lá no pasto da Minervina, a uns 40 metros acima do travessão. De fato, a bola me caiu bem no peito do pé, e tão forte foi a arrancada, que senti, tive a impressão de que fôra mesmo muito longe. Alguns companheiros me esbarravam, outros falavam coisas que não entendi. O público urrava, a banda do Joaquim Leite festejou a vaia estrondosa que eu recebia.

Chamei-me ignorante, coçando a cabeça, olhando para os pés, culpando as chuteiras ordinárias feitas pelo João Bernardinho. Seria mil vêzes feliz, se nunca houvesse pisado no campo... Por que não parei a bola com calma, não olhei os colegas aos quais a passaria, não fiz jôgo inteligente? Agora, tudo perdido! A fama, as caçoadas, que diriam de mim? De cabeça baixa, cheguei ao meio do campo, onde alguns do quadro me cercaram, abraçando-me e festejando-me. Abri os olhos, levantei a cabeça; ouvi a banda alegre e vitoriosa...

— Que houve? foi gol? — indaguei admirado.

— Foi; foi você que marcou e não sabe?

— Ah!!!

Sai novamente a bola e as vistas de todos estão sôbre mim. Duas ou três vêzes pego o couro, passo pelo Túlio, engano o Rubens, entrego ao Didi, que me devolve rápido e entro na área para fazer mais uma das minhas diabruras imprevistas. A simpatia e a sorte me ajudavam. Joaquim Leite prolongou um dobrado com mais alguns compassos, e a partida terminou por 1 a 0 a favor do Ateneu F. C.

Ajunta gente ao redor de mim. Todos me cumprimentam e gabam. A todos dou a mesma resposta, a mesma explicação: "quando a bola vem assim, alta é emendar forte e violento. Se a parar, enfraquece a jogada. É bater firme e em direção do arco, nem o Melado pega!!!

— Que tiro Bilé! Bem eu sabia que você não decepciona. Sim senhor, isto sim.

— Melhor que o Telegrama! — interveio o Julinho da Serra, filho do Delegado.

— Comigo é assim Julinho. Não parar a bola; se vier alta é carregar seguro.

— Viva o Bilé! — gritou o Antônio Carapina.

— Vivôoooo!!!

E para assegurar a fama de bom jogador, prometi a mim mesmo nunca mais atuar na ponta esquerda. Disse e cumpri, pois as chuvas torrenciais começaram a cair sem cessar, impedindo o reencontro, em que o Palestra se lavaria da infamante derrota de 1 a 0. Peripécias assim não se fazem todos os dias.

VOCABULÁRIO

Nefasto, adj.: funesto, trágico.
Convir, v. t.: concordar, admitir, ser útil a.
Apreensivo, adj.: preocupado, receoso.
Sinistro, adj.: tétrico, negro, perigoso.
Vociferar, v. int.: gritar, berrar.

1. INTERPRETAÇÃO DO TEXTO LIDO

2. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Dê o significado de ARQUEIRO, CONVIR, PEGADA, nas seguintes orações:

Melado era o maior arqueiro de minha terra, a homem de pegadas impossíveis. Os arqueiros do rei saíram a defender os limites do reino. Todos convinham que eu seria o melhor em campo. Isto não me convém. Não havia nenhuma pègada no chão indicando passagem de gente. Nossa casa fica pegada à casa do governador.

b) Dê um sinônimo de:

serviçal	mêdo	forjar
insucesso	aparecer	medonho
ilusão	sobressalto	tranqüilo
mostrar	empalideci	pálido

c) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) ovação
(2) arquitetar
(3) trágico
(4) abalar
(5) gritar
(6) estrepitosa

( ) fatídico
( ) estrondosa
( ) aplauso
( ) planejar
( ) correr
( ) vociferar

d) Forme orações com as seguintes palavras:
jôgo, futebol, juiz, campo, gol.

4. COMPOSIÇÃO

a) Descreva um jôgo de futebol.
b) A importância do esporte na vida moderna.
c) Um caso de terror.

5. EXPRESSÕES TÍPICAS DA LÍNGUA

Brilhar pela ausência = Faltar a uma reunião à qual devia comparecer.
Voltar à vaca fria = Voltar ao assunto em pauta e que foi interrompido por algum motivo.
Deixa estar jacaré que a lagoa há de secar = Os maus tempos hão de passar e então virá a vingança.
Armar um banzé de cuia = Aprontar desordem grossa.
Meter o bedelho (em geral na negativa) = Intrometer-se no que não diz respeito.

FIGURAS DE PALAVRAS E DE PENSAMENTO

1 — METÁFORA — Consiste no emprêgo de uma palavra em sentido figurado, por efeito da semelhança que provém da comparação realizada no nosso espírito.
Assim, quando chamamos uma mulher de *harpia*, estamos dizendo metafòricamente que essa mulher é *má*.
Quando falamos em *raio de esperança, réstia de luz*, estamos empregando metáforas. Para que se dê a metáfora, torna-se necessário que a comparação seja natural. Se dissermos que o *automóvel navegava célere por entre as chamas*, estamos cometendo uma incongruência, porque automóvel não navega.
Observação: A palavra ainda conserva a sua significação etimológica.

2 — SINÉDOQUE — É a figura que consiste em tomar a parte pelo todo, o gênero pela espécie, o singular pelo plural e vice-versa, o indivíduo pela classe e vice-versa, etc. Exs.:
Passaram-se dez invernos, isto é, *dez anos* (a parte pelo todo).
Todo mortal está sujeito ao sofrimento, isto é, *todos os homens* (gênero pela espécie).
A hospitalidade é a qualidade característica do mineiro, isto é, *dos mineiros* (o singular pelo plural).
Está ali o Judas da classe, isto é, *o traidor da classe* (o indivíduo pela classe).

3 — CATACRESE — É uma espécie de metáfora de curso forçado, por não existir na língua palavra própria para traduzir o que se quer exprimir. Quando dizemos *fôlha de papel, pé de cadeira, cabeça de prego, botão de paletó*, estamos usando a catacrese e isto pela impossibilidade de, por outra forma, externarmos as idéias implícitas nas expressões citadas.

Observação: Na catacrese há o total esquecimento do sentido etimológico das palavras.

4 — METONÍMIA — Consiste em tomar a causa pelo efeito, o efeito pela causa, o continente pelo conteúdo, o abstrato pelo concreto, etc. Ex.:
Vivo do meu trabalho, isto é *do produto do meu trabalho*. (causa pelo efeito).
Tôda a cidade estava entregue aos festejos, isto é, *todos os habitantes da cidade estavam entregues aos festejos* (o continente pelo conteúdo).
A infância é digna de todos os cuidados, isto é, *as crianças são dignas de todos os cuidados* (abstrato pelo concreto).
Bebemos um magnífico Pôrto, isto é, *bebemos um magnífico vinho do Pôrto*, (nome do lugar onde se produz o vinho, pelo próprio vinho).

5 — ANTONOMÁSIA — É uma espécie de *metonímia*, que consiste em empregar nome próprio por nome comum ou nome comum por nome próprio. Ex.:
Um Rui Barbosa, por *um grande orador*.
Um Átila, por *um bárbaro conquistador*.
O Apóstolo das Gentes, por *S. Paulo*.
O Doutor Angélico, por *Santo Tomás*.

6 — HIPÉRBOLE — É a figura de linguagem que leva a exagerar as coisas, pelo emprêgo de expressões que não se devem tomar no sentido literal. Ex.:
Quase morreu de vergonha.
O sangue dos mártires inundou o solo romano.

7 — EUFEMISMO — É a figura que consiste em dizer menos, para dar a entender mais; é uma atenuação ou abrandamento, para não chocar ou a delicadeza ou o pudor ou simplesmente para não desagradar. Ex.:
Não vou muito bem, dizia um filósofo no seu leito de morte.
Faltou à verdade (isto é, mentiu).

EXERCÍCIOS

1 — Distinguir nas frases seguintes, quais as figuras de sinédoque e quais as de catacrese:

— São Paulo conta quatro milhões de almas. — As asas dos moinhos em movimento dão vida à paisagem. — Passe-me duas fôlhas de papel almaço. — Nenhum mortal está ao abrigo da desgraça. — O menino estava a cavalo no corrimão. — A hospitalidade é a qualidade característica do mineiro. — O bom governante deve segurar com firmeza as rédeas do Estado. — Os pés da mesa não estão bem torneados. — Os braços da poltrona estão desbotados. — Não devemos espremer as cabeças de prego. — Uma môça cuidadosa deve procurar eliminar os cravos do rosto.

2 — Nomes célebres:

Aníbal, Maomé, F. Peixoto, Castro Alves, Wellington, Dante Alighieri, Leônidas, Sólon, Marco Aurélio, Caio Júlio César.

3 — Explicar as antonomásias seguintes:

O Marechal de Ferro.	O herói das Termópilas.
O Duque de Ferro.	O legislador de Atenas.
O vencedor de Canas.	O imperador filósofo.
O falso profeta.	O vencedor das Gálias.
O poeta dos escravos.	O poeta florentino.

4 — Procure no trecho lido algumas figuras de palavras e de pensamento.

5 — Escreva O ou U e CH ou X:

trib( )	me( )er
mot( )	en( )arcar
eng( )lir	mi( )órdia
l( )gar	sei( )o
ób( )lo	( )erife

CANTO HERÓICO DO TRABALHO E DA ALEGRIA

Manuel BASTOS TIGRE

Nasceu em Recife, em 1882. Grande humorista. Soube, com ar complacente, apontar o rumo do dever moral à sua época. OBRAS: Moinhos de vento; Bôlhas de sabão; A Ceia dos Coronéis; Entardecer, etc.

Não ponhamos sòmente o cérebro na *lida;*
Nem apenas as mãos e os músculos; porém,
Porque seja perfeita a obra produzida
Façamos trabalhar o coração também!

Trabalhe o coração, como as aves, cantando,
Num alegre zum-zum de abelhas em rosais!
Existe algo de Deus no coração humano, quando
Êle domina e *amolda* as fôrças naturais.

É cantando e a sorrir que a luta mais intensa
Em vez de provação, é recreio e prazer.
Traz o trabalho em si a melhor recompensa,
Se desânimo vil não nos domina o ser.

Seja o nosso trabalho a arte de nossa estima;
Demos-lhes todo o amor que tenhamos em nós,
Como o escultor que à pedra extrai a sua obra prima,
Como o cantor que goza o som da própria voz.

Dentre os ofícios mil, amemos nosso ofício,
E se o fazemos bem façamo-lo melhor!
Da oficina no altar, demos-lhe em sacrifício,
De nossa fronte ardente a água benta do suor.

Na máquina da vida em trabalho incessante,
A produzir *tenace,* a transformar febril,
Não há peça qualquer, por insignificante
Que não tenha função, entre outras peças mil.

Que somos todos nós? Peças desta *entrosagem*
Que faz marchar a vida, acima, avante, além.
Falha a uma o valor? Falha a outra a coragem?
O êxito geral há de falhar também.

E, então, maldito seja o que cruzando os braços
Não veio cooperar nesse comum labor!
Maldito o que criou, pela *inércia,* embaraços
Ao *surto* progressista e civilizador!

Maldito o que mentiu ao seu destino humano
E que disse: "não posso" e entretanto "não quis",
Causando pelo exemplo o malefício e o dano
Gerando os atos maus e os pensamentos vis!

Abençoemos, aos que na *estrênua* lida,
Têm na bôca um sorriso e a alegria no olhar.
O seu sorriso aveluda as arestas da vida
Não fatiga o labor a quem lida a cantar.

Abençoado o que ativa a forja, aciona o malho,
Ou a marcha do motor mantém firme nas mãos
E comprende, feliz, o bem que seu trabalho
Faz à sua cidade e aos seus concidadãos;

E se orgulha de ser, na vida *citadina,*
Elemento vital, ativo e construtor!
"Ser útil é exercer uma função divina:
É criatura, a Criação conservar do Criador".

E o homem, seja poeta, engenheiro, operário,
Que não disse "Não posso" e pôde porque "quis"
Da vida prosseguiu no exato itinerário;
Tem portanto, razão para sorrir feliz!

Exaltemos, cantando a tarefa mais rude,
Contentes a sorrir do que faz nossa mão.
É um tônico o sorriso, a alegria é saúde!
Façamos trabalhar, alegre o coração!

VOCABULARIO.

Lida, s. f. Trabalho, afazeres.
Amoldar, v. t. Ajustar, adatar, acostumar.
Tenace, ou tenaz. ad. constante, firme, obstinado.
Entrosar, v. t. Organizar, encaixar.
Inércia, s. f. Inanição, falta de movimento, preguiça.
Surto, s. m. Arrancada, impulso.
Estrênuo, adj. Denodado, ativo, corajoso.
Citadino, adj. Habitante da cidade.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO
2. ANÁLISE ESTILÍSTICA DO TRECHO
3. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) baixo	( ) aresta
(2) quina	( ) ativar
(3) amaciar	( ) fatiga
(4) cansaço	( ) aveludar
(5) concidadão	( ) vil
(6) impulsionar	( ) compatriota

b) Dê um sinônimo palavra grifada:

O homem **honesto** prossegue no **exato caminho. Exaltemos**, cantando o **ofício** mais **rude satisfeitos** a sorrir do que faz nossa mão. É um **tônico** o **sorriso**, a alegria é saúde!

c) Coloque x dentro dos parênteses que precedem a resposta certa:

Acima é:

( ) em lugar mais alto; em lugar precedente.
( ) ponta mais alta das árvores.
( ) em cima de; sôbre.

Cima é:

( ) instrumento para afiar ferramentas.
( ) cume; ponto mais alto.
( ) fruta.

d) Dê os cognatos de:

cérebro	coração	febre
músculo	rosa	progresso
obra	amor	homem

4. COMPOSIÇÃO

a) A nobreza do trabalho.
b) O engraxate de minha rua.
c) Os parasitas da sociedade.

LINGUAGEM AFETIVA

A linguagem pode ser racional ou lógica: predomínio do espírito. Pode ser emocional ou afetiva: predomínio do coração. Esta linguagem não se analisa pelos padrões gramaticais, pois freqüentemente foge do domínio da lógica.
Características:

a) *Elementos de SINTAXE AFETIVA* — Qualquer parte do discurso, quando emitida com particular veemência, obedece à *sintaxe afetiva*, e neste caso vem assinalada com *ponto de exclamação*. Êste sinal é o traço característico a indicar que as palavras ou expressões passam ali, da sintaxe ideológica para a *Sintaxe Afetiva*.

Da mesma forma; há uma categoria gramatical pertencente quase que exclusivamente à sintaxe afetiva. Esta categoria, aliás, não aparece sem o ponto de exclamação. É a *Interjeição*.

b) *Construção especial.* A linguagem afetiva desconhece regras que o espírito lhe imporia normalmente.

c) *Alguns exemplos expressivos.* Diminutivos: A mamãe do homenzinho disse-lhe uma vez: apesar de inda *assinzinho* já tens dezesseis. "Uma *esmolinha* por favor".

Interêsse: "Não *me* maltratem êste cão". — Quem *me* anda a meter-te estas coisas na cabeça?

Aumentativos. Uns *quarentões* batidos pela vida. Ó caixeiro! derruba um duzentão da braba. Aquelas são tôdas umas velhas setentonas.

Outros exemplos: Os peixes lá *se* vivem nos *seus* mares, lá *se* mergulham nos seus pegos (Vieira). Vão-*se* os anéis, os dedos ficam. *Me* diga. — *Me* faça o favor. *Me* passe os cobres. Homens gordos, encartolados, bem comidos, bem bebidos, bem fumados. Teremos conversa chorada. Um filhinho meu me morreu.

Não falta *coisíssima* nenhuma a esta frase. *Isto* é que é vida! Eu vou *mas* é dar o fora daqui.

EXERCÍCIOS

1 — Explicar os seguintes casos de sintaxe afetiva:

Viu no que deu falar muito?
Venha, por amor de Deus!
Assine isto, fazendo o favor.
Se falam a verdade. esta é a mais má terra de todo o mundo.
(Vieira)
Esta é a ditosa Pátria minha amada... (Camões).
Será possível, que te vejo por aqui? Ainda por aqui?

2 — Diminutivos:

Flâmula, febrícula, indículo, nucléolo, partícula, papelucho, poemeto, questiúncula, ramúsculo, mastaréu, nótula, ossículo, rapagote, risota, súmula, vagonete, opúsculo, glóbulo, grânulo, flautim, galarote.

3 — Dar os diminutivos dos seguintes nomes: mas que não sejam em inho.

febre	obra	questão	nota	flauta
flama	papel	ramo	osso	grão
núcleo	parte	galo	rapaz	suma
índice	poema	mastro	riso	vagão

4 — Explique o sentido das expressões seguintes:

Pôr o pé em ramo verde. Meter a mão em cumbuca. Sair à praça. De cabo a rabo. Veremos gato a comer pepinos. Cortar cerce. De assento e sobremão. A peito aberto. Passar em claro. Dar tino de. Dar tento de. Dar fé de. Tirar ao claro. Citar de primeira mão. Fazer a bôca doce a alguém. Perder seu latim. Levantar a lebre. Nem tanto à praia, nem tanto ao largo.

O PRIMEIRO DENTE

Antônio VALENTIM da Costa MAGALHAES

Nasceu no Rio de Janeiro em 16-1-1859. Faleceu em 1903. É Membro Fundador da Academia Brasileira de Lêtras. Sua obra consta sobretudo de poesias e comédias.

Anda pela casa uma alegria extraordinária.

Algum notável e estranho acontecimento — põe em todos e em tudo êsses tons vivamente coloridos, de *júbilo* e de festa...

Que foi? Foi isto: Tim-tim já tem um dente, já tem um pequenino dente da côr da neve.

Há pouco, quando *traquinava* no colo materno, *destrocando* com uma vara, — vândalo divino — uma coluna de aguerridos soldados de pau, dispostos no soalho, abrira a bôca, num grito de vitória talvez, e a jovem mãe descobriu, então, na gengiva do maxilar inferior, uma pontinha de diamante, rompendo, como um sol, as rosas da carne e enchendo de luz todo o céu... da bôca.

Um dente — o primeiro! Deliciosa surprêsa!

— Mariquinhas! Paula! Babu! Ó gentes! Venham cá! Venham depressa ver uma coisa!

A êsses gritos festivos, correram as primas, precipitou-se a tia, voaram as irmãs de Dadá, mãe do menino; *arrufadas* as saias, cabelos no ar, ligeiras, *gárrulas*, como uma revoada de pombos descendo ao *comedouro*.

— O que foi?
— O que é Dadá?
— O que foi? O que foi?

Dadá, sentada num banquinho quase ao *rés do chão*, tem, de pé sôbre os joelhos, o filhinho. Envolve-o amorosamente na luz úmida e carinhosa de seus grandes olhos castanhos; as tranças desfazem-se caídas pelos ombros, emoldurando, com o seu *ébano* luzidio, a um pequeno rosto moreno, belo, mas de uma beleza terrena, feita de serenidade, de angelitude, de amor, de muito amor.

Sua larga bôca, enèrgicamente talhada em nácar, arqueia-se em um adorável sorriso de contentamento.

Arfa-lhe o colo, meio adivinhando através do santo desalinho da maternidade.

Tim-tim bate-lhe o rosto com as mãozinhas papudas e róseas, vestido apenas de uma camiseta de *cambraia*. Mal se agüenta nas perninhas curtas muito gordas, cavadas em roscas nas coxas e nos joelhos.

Sorri-se cândidamente, inconscientemente, para todos aquêles rostos amigos extasiados diante dêle em uma idolatria sagrada.

E o seu dentinho lá está... Mal se percebe surgindo entre o círculo côr de rosa, que vai alargando na gengiva... Mal se percebe, e no entanto que festas! Que júbilos! que estupefações!

Todos querem vê-los, todos querem apalpá-los.

— Cá está êle! Picou-me o dedo! Que engraçadinho!

Mas, de súbito, veio uma idéia triste eclipsar por um momento a festa:

— Agora êle vai ficar doentinho! murmura a mãe.

Mas a sombra fugia célere à entrada radiante de um velhinho, todo encanecido, muito risonho, muito asseado.

É o avô.

Toma ao colo o netinho, que lhe empolga travessamente um punhado de cabelos...

Apalpa-lhe com dedo trêmulo a gengiva, e exclama alegremente, *casquinando* uma velha risada infantil:

— Eh! eh! já tem um dente, o maroto! É como o vovô, que também só tem um!

VOCABULÁRIO

Júbilo, s. m.: alegria, contentamento.

Traquinar, v. int.: fazer travessuras.

Destroçar, v. t.: destruir, desbaratar, quebrar.

Arrufado, adj.: intumescido, encrespado.

Gárrulo, adj.: tagarela, conversador.

Comedouro, s. m.: lugar onde se coloca a comida para as galinhas e animais.

Rés do chão: junto ao chão.

Ébano, s. m.: espécie de madeira escura.

Nácar, s. m.: substância branca; da côr de carmim.

Cambraia, s. f.: espécie de tecido branco e fino.

Casquinar, v. t.: soltar risadas sucessivas.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO
2. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Dê o significado de VARA, VÂNDALO, IDOLATRIA, COLUNA nas seguintes orações:

O menino destroçou com uma vara, — vândalo divino — uma coluna de aguerridos soldados de pau. Os Vândalos e os Hunos tudo destruiram em suas caminhadas guerreiras. Todos estavam extasiados diante dêle em uma idolatria sagrada. O cristianismo proíbe a idolatria. Uma vara de porcos invadiu o nosso quintal. O direito da vara e do chicote foi banido da educação moderna.

b) Dê o sinônimo da palavra grifada:

Corre pela casa uma alegria **inusitada**. Algum **notável** e **estranho acontecimento**, põe em tudo êsses tons **vivamente** coloridos. Que **alegrias!** que **espantos!** Mas **de repente**, veio uma idéia **triste empanar** por um **instante** a festa.

c) Dê a diferença que há entre:

gengiva e gengibre; empolga e empola; exclama e clama; célere e célebre; surgir e surtir; alargar e largar; mal e mau; mas e mais; encanecido e escarnecido.

d) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) maroto	( ) desordem
(2) asseado	( ) brejeiro
(3) trêmulo	( ) calma
(4) cândidamente	( ) limpo
(5) desalinho	( ) hesitante
(6) serenidade	( ) inocentemente

4. COMPOSIÇÃO

Os meus irmãozinhos.
Um desastre.
O papel da música em nossa vida.

GRAMÁTICA

LINGUAGEM AFETIVA — Consiste, como vimos, em construções que se baseiam mais no sentimento emotivo do autor, do que pròpriamente nas normas sintáticas. Logo, quase sempre, serão casos de *Sintaxe irregular*.
Vejamos alguns exemplos:

1 — *Repitam-me isso a êsse homem, que êle ainda não entendeu.*
O emprêgo do *me*, denomina-se, aqui, *dativo ético* ou de *interêsse*. Consiste, êsse dativo, no uso dos pronomes pessoais *me, te, se, nos, vos* em que a pessoa que fala, parece incluir-se naquilo que diz falando de terceiro.

2 — *Aceitarei a incumbência, se forem Oiticica e eu.*
Seguindo as normas gramaticais, o verbo deveria ir para a primeira pessoa do plural. Nesta construção o autor teve em mira, entretanto, dar relevância à pessoa do professor Oiticica.

3 — *Faça-me isso com todo o cuidado.*
Pode bem ser que a pessoa a quem se dá a ordem esteja fazendo algo de seu único interêsse. Entretanto, o emprêgo do *me*, no caso, dá à exortação uma ênfase tôda especial, marcando o interêsse da pessoa que ordena em relação à outra.

4 — *Eu, afinal, quem diria isso de mim?*
Temos, aqui, anacoluto, que dá à frase sentimento de expressividade que seria difícil alcançar de outra forma.

5 — *O pobre do menino pôs-se a chorar.*
Compare-se essa construção com esta: *o pobre menino pôs-se a chorar.*
Não resta dúvida que a primeira é muito mais expressiva do que a segunda.

6 — *Deu-me a mim, que não a outro, a incumbência da pesquisa.*
O pleonasmo contido na frase acima dá mais vida e mais ênfase à expressão; da mesma forma o *que* substituindo a conjunção *e*.
Eis como ficaria a frase na sua frialdade sintática: *deu-me e não a outro a incumbência da pesquisa.*

7 — *Psiu!*
A interjeição constitui, também, elemento de linguagem afetiva. Com efeito, um *psiu*, em certas ocasiões fala muito mais alto que um *guardem o silêncio.*

8 — *Estude a lição!*
Êste imperativo lacônico está longe de equivaler ao afetivo: *Vamos estudar!*

9 — *Apontar armas!*
O infinito, pelo imperativo, é outro recurso da linguagem afetiva.

10 — *Acusaram-me de culpado...*
Acusaram-me apenas...
A reticência indicativa de suspensão intencional da frase é um dos grandes recursos dessa linguagem

EXERCÍCIOS

1 — Assinale no trecho as passagens que indicam linguagem afetiva.

2 — Adjetivos gentílicos:

Dálmata, damasceno, efésio, finês, flamengo, eborense, gangético, guatemalteco, vimaranense, hondurenho, corso, cretense, entrerriano, ceutense, cingalês, candiota, canadense, campista, cairota, gaditano.

3 — Dar os gentílicos correspondentes dos topônimos seguintes:

Cádiz	Ceilão	Dalmácia	Flandres
Cairo	Ceuta	Damasco	Ganges
Campos	Entre-Rios	Évora	Guatemala
Canadá	Córsega	Éfeso	Guimarães
Cândia	Creta	Finlândia	Honduras

4 — Dar o feminino dos seguintes substantivos:

alcaide	capiau	etíope	juiz .....
arameu	cônsul	felá	melro .....
ator	deão	frei	pavão .....
barão	dom	grão	piton .....
caiser	druida	infante	sultão .....

Nomes femininos:

Consulesa, alcaidessa, dona, deã, capioa, caiserina, atriz, araméia, druidesa, etiopisa, felaína, sóror, grã, infanta, sultana, pitonisa, pavoa, mélroa, juíza, baronesa.

5 — Acentue se fôr preciso e justifique a acentuação:

ele	ela	ele tem	ele contem
eles	elas	eles tem	eles contem
dele	dela	ele vem	eles vem
deles	delas	ele convem	eles convem
nele	nela		
neles	nelas		

LIÇÃO COMPLEMENTAR

O NAVIO NEGREIRO

Antônio de CASTRO ALVES

Nasceu a 14-3-1847, na Baía. Estudou Direito em Recife e depois em S. Paulo. Era dono de um talento verbal e de uma eloqüência fogosa. OBRAS: Espumas flutuantes; A Cachoeira de Paulo Afonso; Poema dos Escravos; Revolução de Minas.

'Stamos em pleno mar!... Doido no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após êle correm... cansam
Como turbas de infantes inquieta!

'Stamos em pleno mar!... Do firmamento
Os astros saltam como espumas d'ouro...
O mar em troca acende as ardentinas,
Constelação do líqüido tesouro!...

'Stamos em pleno mar!... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano...
Azuis, dourados, plácidos, sublimes!
Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?

'Stamos em pleno mar!... abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas!

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço!
Neste Saara os corséis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço!

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir dêste painel a majestade!...
Em baixo o mar... em cima o firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
pelas vagas sem fim goiando à toa!

Homens do mar! Ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No bêrço dêstes pélagos profundos!

Esperai!... Esperai!... Deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia;
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,
E o vento que nas cordas assovia!...

.....

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh, quem me dera acompanhar a esteira
Que semelha no mar — doido comêta!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviatã do espaço!...
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas!...

II

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais... ainda mais... não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo aí?! Que quadro d'amarguras!
Que funéreo cantar!... Que tétricas figuras!...
Que cena infame e vil, meu Deus! meu Deus! Que
[horror!

III

Era um sonho dantesco!... o tombadilho,
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar!...
Tinir de ferros, estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bôcas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, môças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ancas e mágoas vãs!

E ri-se a orquestra irônica e estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doidas espirais...
Se o velho arqueja... se no chão resvala,
Ouvem-se gritos, o chicote estala.
E voam mais e mais!

Prêsa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu, que se desdobra
Tão puro sôbre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
Vibrai rijo chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!

E ri-se a orquestra irônica, estridente!
E da roda fantástica a serpente
Faz doidas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!

IV

Senhor Deus dos desgraçados,
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se é mentira... se é verdade
Tanto horror perante os céus?
Ó mar, por que não apagas
Com a esponja de tuas vagas
De teu manto êste borrão?
Astros! noites, tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

Que importa do nauta o bêrço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar.
Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz
Prêsa ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
As vagas que deixa após!

Do espanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as môças morenas,
As andaluzes em flor!
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traição
Ou do gôlfo no regaço
Relembra os versos de Tasso
Junto às lavas do vulcão!

O inglês — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou.
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias.

Lembrando orgulhoso histórias
de Nélson e de Aboukir...
O francês — predestinado —
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros helenos,
Que a vaga ironia criou,
Belos piratas morenos
Do mar — que Ulisses cortou;
Homens — que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos — que Homero gemeu!...
Nautas de tôdas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu!

Quem são êstes desgraçados
Que não encontram em vós,
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrêla se cala,
Se a vaga opressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, — audaz!...

São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz,
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus.
São guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão!...
Ontem simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos
Sem lar, sem luz, sem razão!...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm!
Trazendo, com tíbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lágrimas e fel...
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite do pranto
Tem que dar para Ismael.

Lá... nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram — crianças lindas,
Viveram — môças gentis...
Passa um dia a caravana
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus...
Adeus, ó choça do monte,
Adeus, palmeiras da fonte,
Adeus, amôres... adeus!...

Depois, o areal extenso.
Depois... o oceano de pó.
Depois — no horizonte imenso
Desertos... desertos só.
E a fome, o cansaço, a sêde,
Ai! quanto infeliz que cede,
E cai p'ra não mais s'erguer,
Vaga um lugar na cadeia,
Mas o chacal sôbre a areia
Acha um corpo que roer.

Ontem a — Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,

Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar.

Ontem — plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer...
Prende-os a mesma corrente
Nas rôscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoite... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se é mentira... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...
Ó mar, por que não apagas
Com a esponja de tuas vagas
De teu manto êste borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

V

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e covardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro, de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta.
Que impudente na gávea tripudia?
Silencia, Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto!...

Auri-verde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança
Estandarte que à luz do sol encerra
As promessas divinas da esperança...
Tu que da liberdade após a guerra
Fôste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem rôto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas
Como um íris no pélago profundo!
Mas é infâmia demais!... De etérea plaga
Levantai-vos heróis do Nôvo Mundo!
Andrada! arranca êsse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

ESTUDO DO VOCABULÁRIO

Com o auxílio de um dicionário procurar os têrmos não conhecidos.

GRAMÁTICA

a) ***Reconhecer e explicar as figuras.***

O fazendeiro se esquece dos suores, quando vê as tulhas a transbordar. Uma torrente de injúrias. Os braços da cruz. Pronta morte atravessa-lhe o peito. O legislador de Esparta. Seio da terra. O paganismo derramou o sangue cristão em torrentes. A mocidade é presunçosa. Muitos preferem Eros a Marte. Uma palavra amarga. Bebeu um copo d'água. Comerás o teu pão com o suor do teu rosto. Dentes da serra. A peste dos caluniadores é das mais funestas. Aquiles, êsse leão irado, arremete como um raio. Não há mortal que goze de popularidade perene. A fôlha de papel. Perdeu o uso das faculdades mentais. O pé faltou-me e num mar de sangue revolvi-me. Dez invernos são passados que deixei meu pátrio lar. Na cesta colhemos três laranjeiras. O discípulo amado. O solitário de Val de Lôbos. Os pés da cadeira. O veneno do ciúme causa estragos irreparáveis. O leito do rio. Barriga da perna. Não tem o juízo muito são.

b) ***Use a crase quando necessário:***

Cheguei as sete horas a casa de meu irmão. Nasci a 18 de janeiro, as 18 horas. É proibida a entrada as pessoas estranhas. As riquezas mal adquiridas prefira a pobreza honesta. Tenho direito a liberdade e saio a hora que quiser. Faça o bem

e não olhe a quem. Sua voz, Dorinha, é igual a dela. Entreguei-me de corpo e alma aquelas pesquisas. Esta casa é idêntica a que você construiu. Certamente êle foi morto a tiros. Brevemente irei a Minas Gerais e depois a Pernambuco. Na Europa não deixarei de ir a Roma dos Césares. Não voltei a casa como pretendia; fui a casa de José.

c) *Conjugar nos tempos do perfeito os verbos seguintes:*
Querer, vir, prover, dar, requerer, fazer, haver, ler.

d) *Forme verbos acrescentando ar, cer, ificar, izar, aos adjetivos seguintes:*

Ativo	justo	nobre
diverso	grande	firme
doente	rouco	gordo
federal	suave	pálido

e) Faça corresponder um adjetivo aos seguintes substantivos.

plenitude	médico	irmão	lêtra
mãe	outono	povo	coração
gato	astro	criança	lua
doença	céu	raiz	juventude
garganta	rio	lei	filho

A QUEIMADA

José Pereira da GRAÇA ARANHA

São Luís do Maranhão, nasceu a 21-6-1868 e faleceu em 1913. Pertenceu à Academia Brasileira de Lêtras. Filiou-se ao movimento modernista do qual foi grande defensor. OBRAS: Canaã; Malazarte; A Estética da Vida; Espírito Moderno; A Viagem Maravilhosa; O Meu próprio Romance.

Começara a queima. O fogo erguera-se e lambia num *anseio* satânico os troncos das árvores. Estas estremeciam num delicioso *espasmo* de dor. Tôda a ramagem da base foi ardendo, e as parasitas, como rastilho de pólvora, levaram as chamas à copa, e a fumaça aumentando, entupia as veredas e arremessava para a frente o bafo quente do fogo, que lhes seguia no *encalço*. Muitas árvores estavam contaminadas, ardiam como tochas monstruosas, e, estendendo os braços umas às outras, espalhavam por tôda a parte a voragem do incêndio. O vento penetrava pelos claros abertos e esfuziava, atiçando as chamas. Pesados galhos de árvores que caíam, troncos verdes que estalavam, resinas que se derretiam estrepitosas, faziam a música desesperada de uma imensa e aterradora fuzilaria.

Os homens olhavam-se atônitos diante do clamor geral das vítimas. Línguas de fogo *viperinas* procuravam atingi-los. Recuavam, fugindo à perseguição das colunas que marchavam.

Pelos cimos da mata se escapavam espantadas, remontando às alturas num vôo desesperador, pairando sôbre o fumo. Uma araponga feria o ar com um grito metálico e cruciante. Os ninhos dependurados arderam e um piar choroso entrou no côro como nota suave e

triste. Pelas abertas da mata corriam os animais destocados pelo furor das chamas. Alguns libertavam-se do perigo, outros caíam inertes na fornalha.

Num alvorôço de alegria, os homens viam amarelar a folhagem verde, que era a carne, e fender-se os troncos firmes, eretos, que eram a ossatura do monstro. Mas o fogo avançava sôbre êles, interrompendo-lhes o prazer. Surpresos, atônitos, repararam que a devastação tétrica lhes ameaçava a vida e era invencível pelo mato a dentro, quase pelas terras alheias. E *feros* e duros atiravam-se à enxada para cavar o aceiro. Do lado da praia o trabalho foi fácil; o terreno estava desbastado e limpo. Aí abriram rápido o sulco protetor. Do outro lado, no meio da floresta, nos limites da área do lote, a luta foi tremenda.

A nevrose do pavor centuplicou-lhes as fôrças. Os *pigmeus*, que se não mediam com as árvores, e que, não podendo vencê-las, tinham recorrido ao fogo, agora, sob o aguilhão da defesa própria, se arrojavam contra os paus com denodo de gigantes. E afogueados, enegrecidos, cavaram a trincheira pelo rumo, e, se encontravam o embaraço de algum tronco, atacavam-no a machado, com raiva, com ânsia, com febre. O aceiro foi sendo aberto até que o fogo se aproximou; a coluna, como um ser animado, avançava solene, *sôfrega* por saciar o apetite.

Sôbre a terra queimada na superfície, aquecida até ao seio, continuava a queda dos galhos.

O fogo não tardou a penetrar num pequeno taquaral. Ouviram-se sucessivas e medonhas descargas de um tiroteio, quando a taboca estalava nas chamas. O fumo crescia e subia ao ar, rubro, incendiador; os estampidos redobravam, as labaredas esguichavam, enquanto a fogueira circundava num abraço a moita de bambus. A cem metros de separação, os colonos cavavam sempre. Farto de devorar a carne dura do bambual, o fogo desafogou-se, e, *célere* e *lépido*, foi veredeando por um atalho, sorvendo os arbustos, que se erguiam, à margem até chegar ao aceiro. Já os homens, num esfôrço imenso, se tinham adiantado. As chamas abeiraram-se da vala e, diante do espaço aberto e intransitável, detiveram-se e espalharam-se para a direita e para a esquerda, continuando a sua obra.

Os colonos e trabalhadores semimortos voltavam a casa, logo que se reconheceram senhores do perigo invencíveis sacrificadores da terra.

VOCABULÁRIO

Anseio, s. m.: desejo, anelo.
Espasmo, s. m.: convulsão, êxtase, contorsão.
Encalço, s. m.: pègada, rasto pista.
Viperino, adj.: venenoso, mordar, pérfido, maléfico.
Alvorôço, s. m.: sobressalto, agitação, alarma.
Fero, adj.: feroz, selvagem, inculto, indômito.
Pigmeu, s. m.: pequeno, baixo de estatura pequena.
Sôfrego, adj.: desejoso, impaciente, ávido, ansioso.
Célere, adj.: rápido, veloz.
Lépido, adj.: lesto, rápido, expeditivo.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO

2. ANÁLISE ESTILÍSTICA DO TRECHO

3. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Dê o sinônimo das palavras grifadas:

Principiara a **queimada**. O fogo erguera-se e lambia num **anseio** satânico os troncos das árvores. Estas fremiam num delicioso **espasmo de dor**. A fumaça aumentando enchia os atalhos e lançava para a frente o bafo cálido do fogo, que lhe seguia no **encalço**.

b) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) descarga	( ) galho
(2) taboca	( ) rubro
(3) saciado	( ) tiro
(4) vermelho	( ) farto
(5) veredear	( ) bambual
(6) ramo	( ) enveredar

c) Dê o significado de LOTE, MOITA, FUMO nas seguintes orações:

Do outro lado, no meio da floresta, nos limites da área do lote, a luta foi tremenda. O nosso vizinho vendeu um lote de animais. A fogueira circundava num abraço a moita de bambus. A flauta no seu estôjo: moita! O fumo crescia e subia ao ar rubro, incendiador. Comprou fumo de ínfima qualidade.

d) Dê o antônimo das seguintes palavras:

Depressão	melancolia	ratrair-se
animador	deitado	brandura
vívido	angústia	aconchego
sossêgo	próprios	lento

4. COMPOSIÇÃO

a) A importância de nossas matas.
b) Derrube uma árvore, plante duas.
c) O jornaleiro.

5. EXPRESSÕES TÍPICAS DA LÍNGUA

Calma e caldo de galinha não fazem mal a ninguém = Expressão que indica que se deve manter a calma.
Dormir sôbre os louros = Contentar-se com o que já se realizou.
Sem tugir nem fugir = Ficar calado, quieto.
Por trancos e barrancos = Fazer alguma coisa com grandes dificuldades.
Trabalho de Beneditino = Trabalho que implica muita paciência.
Trabalho de Sísifo = Trabalho inútil e que deve ser recomeçado.

LIÇÃO COMPLEMENTAR

Damos a título de informação e curiosidade uma série de três lições sôbre a semântica visto ser êste um ponto esquecido nos manuais escolares.

SEMÂNTICA

1 — A linguagem existe para os homens se comunicarem. Cada um de nós recebe-a da comunidade, mas como um instrumento destinado ao bem comum e no qual não é aconselhável introduzir modificações pessoais — sob pena de nos tornarmos ininteligíveis, perdendo o instrumento a sua finalidade principal, que é a comunicação.
O significado das palavras que uma comunidade usa, não pode, em geral, ser alterado arbitràriamente. Mas podem ocorrer algumas alterações ou impostas pelo passar dos séculos (evolução semântica inconsciente), ou julgadas necessárias pelo sujeito falante, para melhor impressionar os ouvintes (mutação semântica consciente).

2 — Pode-se definir a *semântica* como a parte da linguística que estuda a significação das palavras.
Sob o título de *evolução semântica* são estudadas as mudanças que sofre uma palavra em sua significação, através do tempo ou do espaço.

3 — Num vocábulo, podemos distinguir três elementos:
a) *os fonemas*, ou elementos sonoros da palavra:

b) *o semantema*, que é a significação contida no radical ou raiz;
c) *os morfemas*, ou elementos que se acrescentam à raiz para indicar a categoria gramatical da palavra, o gênero, o número, a pessoa, etc.
No estudo da semântica interessa-nos mais, é evidente, o *semantema*. Por isso, vamos considerá-lo um pouco mais.
O semantema é como uma molécula, na qual existem: 1.º um *núcleo* central, ou significação mais importante da palavra; 2.º os *satélites*, ou significações secundárias, que sempre acompanham a principal.
Tomemos, para exemplificar, um grupo de palavras COGNATAS: espectador, aspecto, espetáculo, especulação, espectroscópio, espéculo (aparelho médico), espécime (amostra), especioso, espêlho (do lat. speculum), respeito (de respectum), etc., etc.; em tôdas essas palavras o *núcleo central* (ou significação mais importante) está na raiz SPEC, que tem o sentido de VER ou de OLHAR. Em tôdas e em cada uma existe a idéia fundamental de VER; mas, por meio de diferentes *morfemas* ou *acréscimos* (prefixos, sufixos, etc.) aparecem, em cada uma, idéias secundárias.
Como, em cada uma dessas palavras derivadas, nós prestamos mais atenção nos seus *aspectos secundários* (que são os diferenciadores de sentido), do que no seu *núcleo central*, acontece que êste fica quase esquecido e que tôda a importância é dada aos secundários.
A atenção, portanto, em vez de fixar-se no núcleo central, fixa-se nos satélites; há, assim, uma alteração que consiste em apagar o importante, fazendo sobressair o secundário. Mas há vantagem nisso, porque temos assim maior número de vocábulos à nossa disposição, para traduzirmos diferentes conceitos.
Vejamos, ainda, outro exemplo: na série de palavras: *carteira, carteiro, cartear, descartar, cartapácio, cartão*, etc., é claro que existiu em tôdas, inicialmente, a idéia fundamental de CARTA. Em algumas, porém, essa idéia ficou bastante obliterada, com o passar do tempo; por exemplo, no início entendia-se *carteira* como o lugar ou o móvel apropriado para guardar *cartas;* hoje entende-se como o lugar ou o móvel no qual se guardam livros, cadernos, objetos escolares, etc., e talvez também alguma carta. Da idéia inicial de "lugar para guardar cartas" passou-se à de "lugar para guardar outras cousas", pouco importando quais; houve, portanto uma ampliação do sentido.

4 — OS ASPECTOS DO VOCÁBULO (impressões que causa em nós): No número anterior vimos os elementos que constituem o vocábulo *em si*. Vamos examiná-lo agora sob o ponto de vista das impressões que pode causar *em nós*. Sob êste ponto de vista, uma palavra apresenta principalmente três aspectos interessantes: 1.º) o *perceptivo* — constituído pelas imagens imediatas que formamos em nós, quando vemos ou ouvimos uma palavra. 2.º) a palavra desperta em nós; 3.º) o *conceitual* — a compreensão o *afetivo* — constituído pelas impressões, agradáveis ou não, que

do conceito, vaga no início, mais clara depois, sobretudo se houver interêsse e se fixarmos nêle a nossa atenção. Exemplificando: ao ouvirmos a palavra OSTRA — 1) nós nos formamos uma imagem rápida, ou da palavra ou do próprio molusco; 2) de imediato também, surge a impressão de agrado (para alguns), ou desagrado (para outros); 3) se nos detivermos mais tempo nesse pensamento, começaremos a ver com mais clareza, o que é uma ostra (forma, côr, família, lugares onde se encontra, gôsto). A consideração dêstes três aspectos, é a base da *Semântica Estática.*

5 — *Transformações que podem ocorrer na significação das palavras:*

1.º — O objeto evolui com o tempo ou transforma-se profundamente, mas continua sendo chamado com o mesmo nome. É claro, então que êste nome está sendo aplicado agora a um conceito que não é mais o de antigamente. Houve, pois, alteração no significado dêsse nome. Exemplos: A palavra CARRO significa hoje automóvel; a mesma palavra, até o fim do século XIX, significava outra cousa. A pilha de Volta (era verdadeira pilha de discos); a pilha de Leclanché e outras (são pilhas só de nome). A pena de escrever dos antigos (era pena de ave); as nossas penas de hoje (só têm o nome).

2.º — O objeto, a função se conservam, mas vêm a ter outro nome: Diferentemente dos assuntos religiosos, teológicos ou científicos, sempre narrados em latim, na era medieval — as *novelas* e os *contos* vinham narrados em língua vulgar ou *românice:* daí porque êsses escritos passaram a chamar-se *"romances".* *Paraninfo,* era, entre os gregos, o môço que acompanhava o noivo, quando êste levava a noiva para casa; hoje é um padrinho, ou testemunha de casamento, colação de grau, etc. As funções mudaram, o nome ficou. *Chanceler* era antigamente, o contínuo que se mantinha junto às *chancelas* (portas gradeadas, de madeira) para impedir a entrada de estranhos. Hoje é o Ministro das Relações Exteriores. *Marechal* também melhorou muito de posição, pois passou de guardador de uma parte dos cavalos do Rei ao primeiro posto nos Exércitos. *Condestável* (de comes stabuli) têrmo que designava o companheiro de estábulo, o que trabalhava junto nos estábulos ou cavalariças, passou a significar posteriormente chefe supremo do exército. *Marquês* era o guardador dos marcos fronteiriços... Depois, título honorífico.

3.º — Muitas vêzes, a significação de uma palavra fica em suspenso, dependendo dos acréscimos ou complementos que vierem depois. Isto acontece com as palavras que exigem complementação. Exemplos: a palavra *operação,* que sempre encerra a idéia de ação feita dentro de determinadas normas, pode ter os mais diversos sentidos: operação estratégica (dos militares); operação bancária (dos homens de negócios); operação cirúrgica (dos médicos); operação aritmética (da escola) operação tartaruga (dos grevistas que se movem com lentidão), etc. Idem com chefe: da estação, da repartição, do govêrno, dos escritórios, etc.

4.º — Na mesma língua, o mesmo objeto, pela consideração de diferentes aspectos, pode receber nomes diversos, conforme se considere êste ou aquêle dos aspectos: *tangerina* — alusão à procedência (de Tânger); *mimosa* — alusão ao aspecto agradável; *mexerica* — alusão, talvez, ao fato de denúncia, pelo cheiro, aos que dela se servem; *Bergamota* — de "beg armudi" isto é, a pera do Senhor, na língua Turca, (nada tem a ver com Bérgamo). Êste fenômeno será ainda mais freqüente se compararmos as designações que o mesmo objeto recebe em diferentes línguas; porque êste povo olhará mais um aspecto, aquêle olhará outro.
O Inglês *"glasses"* — faz alusão à matéria de que são feitos;
O Francês *"lunettes"* — à forma das lentes (pequenas luas);
O Português *"óculos"* — aos órgãos aos quais servem.

5.º — Quando o têrmo se refere mais à idéia central e despreza ou esquece as notas secundárias, com êsse têrmo podemos designar maior número de cousas (em linguagem filosófica, diríamos que se lhe dá maior extensão). Na semântica chama-se *ecsemia* a êste fenômeno que amplia o número de sêres aos quais se pode aplicar o mesmo nome. Exemplo: *Palatium* — nome próprio de uma casa de Nero, por estar situada no monte *Palatino.* Era nome de uma cousa só; passou a designar depois, como nome comum, tôdas as casas suntuosas. *Passer,* em latim, designava só o pardal; nas neolatinas, *pássaro* é qualquer avezinha.

6.º — Fenômeno contrário ao precedente: um têrmo anteriormente aplicável a inúmeros indivíduos, passa a designar um só: Exemplo: *Ecclesia* — era qualquer reunião de pessoas; passou a ser sòmente reunião de pessoas que acreditam em Cristo (Igreja). *Salvador* — qualquer pessoa que salva; no cristianismo, quando dizemos Salvador logo entendemos que é de Cristo que se fala. *Infiéis,* originàriamente, qualquer pessoa que não é fiel, os cristãos não são fiés às práticas do paganismo, mas não se chamam infiéis por isso; na linguagem cristã, é infiel o que não segue o ensinamento de Cristo. *Pelar* — Poderia significar uma porção de conceitos referentes à pele: cobrir a pele, ornar a pele, queimar a pele, *tirar a pele* — só êste último se impôs.

7.º — Sintetizando: Se representassemos por uma fórmula o conceito ou noção de um vocábulo — por exemplo, pela fórmula: Abcd... xyz — em que: A — representasse o *núcleo central* (noção mais importante) bcd — representasse os conceitos ou notas secundárias; xyz — representasse os conceitos adventícios, isto é, os que podem vir a ser acrescentados aos precedentes, pelo fato de começarem a aparecer sempre com êles, poderíamos resumir os fenômenos da evolução semântica nos casos seguintes:

1 — Ou o nome continua a designar a significação principal — A.

2 — Ou passa a designar com o tempo alguma nota secundária — bcd.

3 — Ou, enfim, passa a designar uma nota adventícia — **xyz.** Ex.: carteira...

Observação: O desconhecimento da evolução semântica leva algumas pessoas a hesitarem quanto ao uso de certas palavras. Evitam, por exemplo, de usar "formidável" como sinônimo de excelente, pois, "formidável" etimològicamente significa aquilo que pela sua grandiosidade, causa mêdo. Mas a idéia de causar mêdo, embora central, desapareceu, para só ficar a idéia de causar admiração pela grandiosidade. Também houve evolução em: *embarcar* (primitivamente embarcava-se só de *barca*; hoje embarcamos de automóvel, de trem, de avião — de tudo, menos de barca...); *Piscina* deveria ser só quando há peixes... *Hecatombe*, só quando há sacrifício de cem bois (cem); *Armário*, era o móvel em que se guardavam armas; *Salário*, era pagamento com uma quantidade de sal; *Pecúnia*, era pagamento com cabeças de gado...

Houve evolução semântica, nessas palavras, e ninguém hesita em empregá-las no sentido que vieram a ter. *Lucrum*, latino, evoluiu para "lôgro" em português; a ganância pelo lucro tantas vêzes levou o negociante a enganar o freguês, que a palavra se tornou sinônimo de "engano". *Lograr* é *enganar*, embora etimològicamente fôsse lucrar.

EXERCÍCIOS

1 — Procure as transformações ocorridas nas seguintes palavras quanto ao significado:

Marechal	tangerina	palácio
paraninfo	marquês	embarcar
pássaro	salário	carteira
mimosa	bergamota	condestável
lucro	infiel	armário

2 — Procure no trecho lido palavras que sofreram evolução semântica.

3 — Faça um exercício escrito dando as impressões que causam em você as seguintes palavras (ver o ex. de ostra):

pólvora	araponga	labareda
resina	floresta	colono

4 — Justifique a grafia de:
deiz e dez; um e hum; três e treis.

NO CIRCO

ALUÍSIO Tancredo Gonçalves DE AZEVEDO

Nasceu em S. Luís do Maranhão, a 14-4-1857, e faleceu em Buenos Aires em 1913. Estreou, como caricaturista, na imprensa do Rio. De volta ao Maranhão publicou seu grande romance — O Mulato. Pelo seu espírito observador dos costumes do seu tempo, Aluísio de Azevedo é tido como uma das maiores figuras do naturalismo no Brasil. OBRAS: Casa de pensão; O Coruja; O Esqueleto, etc.

Terminava a primeira parte do espetáculo, quando D. Olímpia entrou no circo pelo braço do pai.

Havia uma grande enchente, o público vibrava ainda sob a impressão do último trabalho exibido, que devia ter sido maravilhoso, porque o entusiasmo explodia por tôda a platéia e de todos os lados gritavam ferozmente: "Scott! À cena Scott!" Dois sujeitos de libréia azul com *alamares* dourados conduziam para o interior do teatro um cavalo que acabava de servir. Muitos espectadores, de chapéu no alto da cabeça, estavam de pé e batiam com a bengala nas costas das cadeiras; das galerias trovejavam barulho infernal e, por entre aquela descarga atroadora, só o nome do idolatrado acrobata sobressaía exclamado com delírio por mil vezes:

"Scott! Scott!"

Olímpia sentiu-se aturdida; o pai no íntimo arrependia-se de lhe ter feito a vontade consentindo em levá-la ao circo; mas o médico recomendara tanto que não a contrariassem... e ela havia mostrado tanto empenho no capricho de ir, aquela noite ao Politeama...

De repente, um grito uníssono partiu da multidão. Estalaram as palmas com mais ímpeto; choveram chapéus; arremessaram-se leques e ramalhetes. Scott havia reaparecido.

— Bravo! Bravo Scott!

E os aplausos recrudeceram ainda.

O ginasta que entrara de carreira, parou em meio da arena, aprumou o corpo, sacudiu a cabeleira anelada e voltando-se para a direita e para a esquerda atirava beijos sorrindo, no meio daquela tempestade gloriosa. Depois de agradecer estalou graciosamente os dedos e retirou-se de costas, a dar cambalhotas no ar.

Desencadeou-se de nôvo a fúria dos seus admiradores, e êle teve de voltar à cena ainda uma vez, mais triunfante.

Olímpia, entretanto, com a cabeça pendida para a frente, o olhar fito, os lábios entreabertos, dir-se-ia hipnotizada, tal era a sua imobilidade. O pai tentou chamá-la à conversa; ela respondeu por monossílabos.

— Queres... vamos embora.

— Não.

Na segunda parte do espetáculo, a môça parecia divertir-se. Não despregava a vista de Scott, a quem cabia a melhor parte dos trabalhos da noite.

O mais famoso era a sorte dos vôos. Consistia em dependurar-se êle de um trapézio muito alto, deixar-se arrebatar pelo espaço e, em meio do trajeto, soltar as mãos, dar uma cambalhota e agarrar-se a um outro trapézio que o esperava ao lado oposto. Cada um dêstes saltos levantava sempre uma explosão de "bravos". Scott havia feito já, por duas vêzes o seu vôo arriscado; faltava-lhe o último e o mais perigoso. Diferencia-se êste dos primeiros em que o *acrobata,* em vez de lançar-se de frente, tinha de ir de costas e voltar-se no ar, para alcançar o trapézio fronteiro. O público palpitava ansioso até que Scott afinal assomou no alto trampolim armado nas torrinhas, junto ao teto. Cavou-se logo um fundo silêncio nos espectadores. Os corações batiam com sobressalto; todos os olhos estavam cravados na *esbelta* figura do artista, que, lá muito em cima, parecia, nas suas

roupas justas de meia, a estátua de uma divindade olímpica. Destacava-se-lhe bem o largo peito hercúleo, guardado pelos grossos braços nus, em contraste com os rins, mais estreitos que as suas nervosas coxas, cujos músculos de aço se *encapelavam* ao menor movimento do corpo.

Com uma das mãos segurava o trapézio, enquanto com outra limpava o suor da testa. Depois tranqüilamente, sem o menor abalo prendeu o lenço na cinta bordada de *lentejoulas* e deu volta ao corpo. Ouviu-se a respiração ofegante do público. Scott sacudiu o braço do trapézio, experimentou-o, puxou-o afinal contra o colo e deixou-se arrebatar de costas. Em meio do circo desprendeu-se, gritou "hop!" deu uma volta no ar e lançou-se de braços estendidos para o outro trapézio. Mas o vôo fôra mal calculado e o acrobata não encontrou onde agarrar-se. Um terrível bramido como cem tigres a que rasgassem a um só tempo o coração, ecoou por todo o teatro. Viu-se a bela figura de Scott, um instante, sôlta no espaço, virar para baixo a cabeça e cair na arena, *estatelada,* com as pernas abertas.

O recinto do circo encheu-se logo. Nos camarotes, mulheres desmaiaram em gritos; algumas pessoas fugiam espavoridas, como se houvesse um incêndio. Ninguém mais se entendia; nas torrinhas passavam uns por cima dos outros, numa avidez aterrada, disputando ver se conseguiam distinguir o acrobata. Êste, todavia, sem acôrdo e quase sem vida, agonizava por terra, a vomitar sangue. Olímpia, lívida, trêmula, estonteada, quando deu por si, achou-se, sem saber como, ao lado do moribundo. Ajoelhou-se no chão, tomou-lhe a cabeça no regaço, vergou-se tôda sôbre êle, procurando sentir nas faces frias o derradeiro calor daquele belo corpo escultural.

Scott teve um estremecimento geral do corpo, contraiu-se, vergou a cabeça para trás, volveu para a môça os seus límpidos olhos comovidos, agora turvados pela morte, cerrou os dentes e num arranco supremo soltou o gemido derradeiro. E o corpo do acrobata escapou das mãos finas de Olímpia, inanimado.

VOCABULÁRIO

Alamar, s. m.: galão de fio metálico ou sêda que guarnece e abotoa a frente do vestuário.

Acrobata, s. m.: saltimbanco.

Encapelar, v. int.: encrespar, enfurecer.

Lentejoula, s. f.: ornato, enfeite.

Esbelto, adj.: soberbo, belo, formoso.

Estatelado, adj.: atirado ao chão, estendido.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO

2. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Dar a significação dos substantivos abaixo, no masculino e no feminino.

Cabeça	Fem. / Masc.	Guarda	Masc. / Fem.
Caixa	Fem. / Masc.	Espia	Masc. / Fem.
Capital	Masc. / Fem.	Cura	Masc. / Fem.
Guia	Fem. / Masc.	Parasita	Masc. / Fem.
Lente	Masc. / Fem.	Recruta	Masc. / Fem.

b) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) libréia	( ) buquê
(2) atroar	( ) veste
(3) aturdido	( ) a uma voz
(4) uníssono	( ) caminho
(5) ramalhete	( ) ribombar
(6) trajeto	( ) tonto.

c) Dê os antônimos das seguintes palavras:

imobilidade	calma	recrudescer
fechado	barulho	valente.
fraco	fronteiro	erguido

d) Colocar dentro dos parênteses o "h" se necessário.

( )arpa	( )erbanário	( )ervaçal
( )erbário	ante-( )istórico	( )ombreira
in( )óspito	( )ispânico	des( )onesto
re( )aver	des( )onroso	( )espanhol
( )úmido	( )iate	( )ontem
( )anelada	( )umeral	( )oje
( )ercúleo		

3. COMPOSIÇÃO

Haverá paz no mundo quando houver mútua compreensão.
Uma entrevista com o prefeito da cidade.
Uma tempestade.

4. EXPRESSÕES TÍPICAS DA LÍNGUA

Meter o malho em alguém = Censurar.

Dar de mão beijada = Dar por nada, de graça.

Presente de grego = Presente que nos traz dificuldades.

Presente da China = Presente bom e inesperado.

Meter-se em sua tôrre de marfim = Pôr-se em refúgio inacessível para não ser molestado e viver uma vida sossegada.

CAUSAS DA EVOLUÇÃO SEMÂNTICA

1 — Insuficiência do vocabulário: Em tôdas as línguas, o número de palavras é limitado, ao passo que o dos conceitos é infinito. Daí as numerosas significações que são atribuídas a cada palavra, como podemos ver em qualquer dicionário. Vejamos, por exemplo, as diferentes significações atribuídas à palavra FOGO (às vêzes usada por não existir outra, ou por ser mais expressiva):
O *fogo* queima (fogo em geral, qualquer fogo)
Êle tem *fogo* nas veias (vivacidade, impaciência)
O *fogo* das paixões (a violência, o perigo)
Um *fogo* de palha (ação de breve duração, inconstância)
Fogo selvagem (doença)
Fogo-fátuo (emanação fosforescente dos brejos)
Você tem *fogo* (tem fósforos?), etc.
Assim com a palavra pai, usada nos sentidos de: genitor, antecedente, velho virtuoso, chefe, protetor, fundador, criador, etc.
O número de palavras, insuficiente em relação ao das idéias, faz com que atribuamos a cada palavra vários sentidos; isto abala a ligação entre a palavra e sua significação.

6 — Imprecisão do vocábulo: Na seqüência de idades: *infância, puerícia, adolescência, mocidade* e *maturidade* parece-nos impossível determinar quando uma acaba e a outra começa. Daí as imprecisões. Para *infante* (que etimològicamente significa "o que não fala"), até o dicionário diz: período que vai até a puberdade... O mesmo com os nomes referentes aos membros inferiores: há confusão ou pouca precisão no determinar as partes: coxas, canelas, pés. E dizemos: o animal feriu-se nas *pernas* sem especificar) — "Esticar as canelas", "dar às canelas" e outras expressões populares são imprecisas.
O mesmo acontece com outras palavras. No caso de têrmos de aplicar a um caso concreto uma das palavras: beco, viela, ruela, rua, avenida, alameda (quase sempre sem álamos, apesar do nome), bulevar, etc., nós hesitamos às vêzes. Ou por preguiça não procuramos o têrmo exato; ou por simpatia aplicamos um têrmo melhor do que o que conviria. Ou por antipatia usamos um têrmo pior... Eis outras tantas fontes de mudança do nome certo para outro. O bonde será carroça; um fordeco velho passará a cadillac; um chalé qualquer a palácio.

8 — Desejo de impressionar o ouvinte: Para tanto o falante lança mão de têrmos inusitados (jabaculê, por dinheiro...); ou muda o sentido dos comuns (canhão, em vez de mulher feia; pinha em vez de cabeça; bacana em vez de excelente).
Os têrmos muito usados deixam de impressionar; então é preciso usar outros naquele sentido: bacana, formidável, piramidal e até infernal!) no sentido de excelente... "Morou?"... Certas pessoas "adoram" histórias em quadrinhos.

4 — A existência de vários têrmos para o mesmo conceito provoca a fixação de um dos têrmos neste conceito e a mudança dos outros. para outras significações:

Mácula — impureza moral.
Mancha — sujeira física.
Mágoa — aflição.

O latim "planum" deu em português plano, porão e chão, cada uma com um sentido próprio.

EXERCICIOS

1 — **Procure todos os têrmos que designam:**

Dinheiro, bom, morrer, faltar à aula, enganar, comida, usando-as sempre num contexto. Ex. Bom, bacana, formidável... Aquêle professor é realmente bacana.

2 — **Procure tôdas as expressões típicas de sua região, de sua cidade ou do seu círculo de amizades. (Dê sempre o significado).**

3 — **Acentuar devidamente as sílabas tônicas das palavras abaixo que, segundo as regras da acentuação, exijam acento.**

abside	azafama	exodo	opimo
aerostato	bramane	filantropo	pensil
agape	cafila	hegira	pudico
alibi	cerbero	impudico	rubrica
anelito	chavena	inaudito	valido (subs.)
apage	Creusa	jiboia	sutil
ariete	efebo	apoio (verbo)	filosofo
avaro	elite	movel	bau.
voo	môça	acrobata	aquela.

4 — **Explique o sentido das expressões seguintes.**

Pôr o pé em ramo verde. Meter a mão em cumbuca. Sair à praça. De cabo a rabo. Veremos gato a comer pepinos. Cortar cerce. De assento e sobremão. A peito aberto. Passar em claro. Dar tino de. Dar tento de. Dar fé de. Tirar ao claro. Citar de primeira mão. Fazer a bôca doce a alguém. Perder seu latim. Levantar a lebre. Nem tanto à praia, nem tanto ao largo. Sabe onde tem o nariz. Entende do riscado. Dar o santo e a senha. Queimar os últimos cartuchos. Quem com ferro fere com ferro será ferido. Não morre de caretas. Artista de meia tigela. Quem cabras não tem e cabritos vende, de algures lhe vêm. O mundo lhe sai às avessas. Ter visto passarinho verde.

DIVERSAS FORMAS DE EVOLUÇÃO SEMANTICA

I — MODIFICAÇÃO GRADUAL E INCONSCIENTE (METASSEMIA EVOLUTIVA):

SIMPLES:

raro = pouco denso — extraordinário, de valor;
honrado = que recebe honras — honesto (homem honrado);
lat. pressum = apertado — apressado, rápido.

CATACRÉTICA:

O nome do objeto é baseado na matéria ou no modo de fabrico primitivo; com o passar do tempo, essa matéria ou o modo de fabricação podem variar mas o nome consagrado pelo uso continua o mesmo.

o dinheiro era de cobre — "passe pra cá os cobres!", ferradura de prata; ficar alguns dias de quarentana, cidade de 10 quarteirões (etimològicamente deviam ser só quatro); lat. quaternum = conjunto de 4 fôlhas: mas temos cadernos de qualquer número de fôlhas; a cavalo num burro, num muro, praticou um roubo nas barbas da proprietária...

TÉCNICA:

lat. liber = casca de árvore — livro;
lat. tabella = taboínha — tabelas geralmente de papel;
lat. volumen = rôlo — volume, tomo de um livro;
lat. scribere = rabiscar, gravar — escrever a máquina;
quadrantes = nos relógios solares eram mesmo quadrados — nos relógios comuns, redondos;
dar corda = nos de tôrres, sim — nos de bolso, só é modo de falar;
marechal = empregado dos estábulos reais — comandante do Exército;
marquês = guarda dos marcos fronteiriços — título honorífico.

ECSEMIA (= maior extensão):

A palavra passa a ser aplicada a maior número de sêres do que no início:

pomada = cosmético à base de maçã (fr. pomme) — hoje, de várias substâncias;
lat. passer = pardal, a ave mais freqüente — hoje, qualquer avezinha;
pomar = plantação de macieiras — plantação de árvores frutíferas;
potreiro = pasto para potros — pasto para quaisquer animais;
paiol = depósito de palhas — depósito de quaisquer coisas;
cavalheiro = senhor que anda a cavalo — qualquer senhor;
paganus = habitante de aldeia (pagus) — todos os cidadãos não batizados;
um bocado = quantidade contida na bôca — qualquer quantidade;
rival = o que mora na outra riba — qualquer concorrente ou adversário;
marmelada = doce de marmelo — doce de outras composições;
vândalo = determinado povo bárbaro — qualquer indivíduo destruidor;
mausoléu = túmulo famoso do rei da Cária — qualquer túmulo suntuoso;
Palatium = residência dos Césares no Palatino — qualquer casa luxuosa.

PROSSEMIA (= maior restrição):

A palavra, embora conservando a sua significação primitiva, passa a ser aplicada a número menor de indivíduos:

lat. dominus = qualquer senhor ou dono — no Cristianismo, Deus;
lat. episcopum = qualquer vigilante, guarda — só o Vigilante do rebanho de Cristo;
lat. Sacramentum = qualquer coisa sagrada — só sete coisas sagradas;
lat. orare = pronunciar palavras — só palavras dirigidas a Deus; orar;
lat. recitare = dizer palavras — rezar;
profeta = o que fala — o que fala predizendo o futuro;
relíquias = restos de alguma coisa — restos mortais dos Santos;
modos = tanto bons como maus — só bons ("tenha modos!");
fortuna = boa ou má — só a boa ("F. teve a fortuna de..."";
Bíblia (pl.) = os livros, sem especificar — só os Livros Sagrados;

Epístola = qualquer carta — só as dos Apóstolos;
missiva = qualquer coisa que se mande — só carta;
matinée = qualquer coisa feita de manhã — só cinema ou teatro matinal;
animal = qualquer ser vivo, sensível — o cavalo ("vá buscar o animal");
cidade = qualquer aglomeração humana — só a mais próxima;
lat. tempestas = um tempo qualquer — tempestade, tempo horrível;
lat. formosus = que tem forma, boa ou má — formoso, o que tem forma boa;
estilo = modo de escrever, bom ou mau — só o bom ("F. tem estilo!");
gôsto = tanto bom como mau — só o bom ("F. tem gôsto!");
protestante = qualquer pessoa que proteste — só os que protestaram contra Roma;
lat. sermo = palavra, conversa — pregação da doutrina.

PERISSEMIA **ou metonímia** (= irradiação do sentido):

A significação passa da noção central para noções conexas, mais fáceis de observar ou mais pitorescas.

F. bateu as **botas** = não pròpriamente as botas, mas o que elas contêm.
Bebeu um **copo** = bebeu o que estava no copo, cerveja, por exemplo.
Tenha **cabeça**, rapaz = tenha juízo (que a cabeça deve conter!).
Êle é um bom **garfo** = apreciador de comidas (levadas à bôca com o garfo).
A **bolsa** ou a vida = não pròpriamente a bolsa, mas o que ela contém.
A **imprensa** é o 4.º poder = imprensa é a máquina que imprime, mas não é esta máquina que é o 4.º poder, sim os jornais que ela imprime.
Fazer **sala** a alguém = ficar com êle, conversar com êle na sala.
Em tempo de **crise**, todos apertam os cintos = comem menos.

Alguns aspectos particulares da perissemia: partitiva, emblemática, antinômica.

PERISSEMIA PARTITIVA **ou sinédoque**
(= emprega a parte pelo todo)

População de tantas **almas** = tantas pessoas (corpo e alma).
Rebanho de tantas **cabeças** = tantos animais.
Ganharás o **pão** ao suor... = ganharás o sustento, o alimento seja qual fôr.
Aprendeu o **alfabeto** = não só o **alfa** e o **beta**, mas todo o resto.
Pater, Ave, Gloria = tôda a oração é lembrada pela primeira palavra.
O **Banco** do Estado = todo o prédio ou tôda a organização pelo nome do balcão onde são atendidos os freqüêses.
O **correio** ainda não veio = as cartas, a correspondência que êle traz.
Povoado de tantos **fogos** (sin. de fogões) = por tantas casas.

PERISSEMIA ANTINÔMICA

(o nome oscila entre duas significações opostas)

Esmoler — era o que recebia esmolas — hoje, é o que dá.
Companheiro de jôgo — ou joga conosco do nosso lado — ou é nosso adversário.
Procedimento odioso — ou que é movido pelo ódio — ou o que causa ódio.
Vista — ou os olhos que vêem — ou uma paisagem que é vista.
lat. aspectus — ou olhar (que vê) — ou aparência (que é vista).

PERISSEMIA EMBLEMÁTICA

(Cita as coisas, não por seu nome, mas pelo do emblema)

"**Altar** e **trono** quer destruídos" = Religião e Pátria quer destruídas.
Empunhou o **cetro**, subiu ao **trono** = pegou o poder, começou a reinar.
O **candidato** confia na vitória = o homem que aspira a um pôsto qualquer.
Beijou-lhe as mãos = mostrou-lhe respeito ou gratidão.
Atirou-lhe a luva = desafiou-o. Deixou a **coroa** ao filho = deixou o reino.
Conquistou os **louros**, a **palma**, etc. = conquistou a vitória.
Na batalha de Lepanto, a **Cruz** e o **Crescente** se defrontaram = o Cristianismo e o Maometismo se defrontaram.

APOSSEMIA (= afastamento da significação)

O nome da pessoa ou coisa se origina de algum aspecto secundário, afastado, como, por exemplo, do lugar onde mora, do inventor, do divulgador, etc.

Camponês ou **campônio** — homem que se distingue por viver no campo.
Insular — idem, numa ilha.
Pereira — árvore que se distingue por produzir peras.
Pergaminho — por ter sido famosa a produção dêsses couros em Pérgamo.
Um Rubens — um quadro dêsse pintor.
Um Rafael — um quadro dêsse pintor.
Um Panamá — chapéus de copa e abas que eram feitos no Panamá.
Um Panamá — negócio ruinoso (alusão à falência da primeira companhia que tentou abrir o famoso canal de Panamá).
Um Havana — charuto dessa proveniência.
Um Judas — espelho que permite ver sem ser visto.
Um Pôrto — vinho fabricado no Pôrto.
Pasteurização — imunização que leva êste nome em homenagem a Pasteur.
Cruzvaldina — desinfetante; tem êste nome em homenagem a Oswaldo Cruz.
Musselina — tecido vindo de Mossul.
Pêssego — fruta pérsica, por causa da proveniência.
Batata inglêsa — inglêsa por terem sido os inglêses os introdutores.

Nicotina — princípio nocivo do tabaco; nome derivado de Nicot, o introdutor do fumo na Europa.
Um boicote — nome derivado de Boycott, capitão inglês "boicotado" pelos irlandeses, em 1880.
Macadame — de Mac Adam, a quem se atribui a invenção do sistema.
Um sanduíche — de Sandwich, nome titular de John Montagu, conde de Sandwich que se fazia servir pedaços de pão com carne, para não ter que sair da mesa de jôgo nem para as refeições...
Um carrasco — de Belchior Nunes Carrasco, que foi algoz famoso em Lisboa.
Anel de Van Allen — anel de radiações que circundam a Terra, descoberto pelo cientista americano dêsse nome.
Um soprano — pessoa de voz soprano, num conjunto.
Um flautim — pessoa que toca êsse instrumento numa orquestra.

As pinturas são designadas pelo ingrediente usado: um óleo, uma aquarela, um pastel, uma água-forte, etc.

As bebidas pelo ingrediente essencial, embora entre às vêzes em quantidades mínimas: limonada, groselha, café, anisete, etc.

ANTISSEMIAS (= nomes que, logo que citados, levam à lembrança do nome de significação contrária) de um modo geral, são nomes que lembram as oposições polares — isto é, duas a duas, como dois pólos — das dicotomias. Há outros, porém, que admitem mais de uma oposição.

Cedo ou **tarde**. Por **montes** e **vales**. **Pequenos** e **grandes**, **ricos** e **pobres**, **jovens** e **velhos**. O **bem** e o **mal**. A **água** e o **vinho**. **Prêto** e **branco**.

Mas, **branco** e **tinto**: se estamos falando de vinhos;

branco e **amarelo**, **prêto** ou **vermelho**: se falamos de raças.

Notar que nos dois casos, fala-se de **branco** só por oposição; porque, tanto a raça branca, como o vinho estão longe de serem realmente brancos.

Terra opõe-se a céu; a água, a mar, a pedra (terra mole, pedra dura).
Burguês pode opor-se: a operário, a nobre, a camponês, a homem sacrificado.

II — METASSEMIA SUBSTITUTIVA (= diassemia)

Substituição repentina e consciente de um têrmo normal por outro mais dinâmico; há esfôrço da parte do sujeito falante para ser "diferente".

DIASSEMIA EVOCATIVA (procura estimular a visão das coisas pela designação de pormenores pitorescos ou típicos)

1 — **Epissemia** (alusão a qualidades, ações ou supostas ações):
Os ricos (= os homens ricos). Os grandes, os poderosos, etc. Um pé rapado, um farroupilha, um unha-de-fome, etc. O glorioso (= o Exército Nacional). Um desmancha-prazeres, um "Faz-Tudo", um Dr. Promessas, um tapa-buraco, um arranha-céu. É um melro branco (= pessoa rara).

2 — **Parassemia** (substituição do nome de um ser pelo de outro, que se lhe assemelha; ou de uma ação por outra).
Cale o **bico** (= a bôca); tire a **pata** (= o pé); F. é um **papagaio** (= imitador sem inteligência). **Fabricar**, por fazer; **tragável ou potável**, por suportável.

3 — **Tipossemia** (Escolha de um tipo histórico, aproveitando-lhe o nome para aplicá-lo a pessoas em quem se julga descobrir as mesmas qualidades ou defeitos).
Um Don Juan, um Dom Quixote, um Maquiavel, um Platão, um Jeremias. Mais os nomes ou adjetivos derivados: jeremiadas, quixotesco, maquiavélico; paciência franciscana, esperteza jesuítica, amor platônico, etc.

4 — **Metecsemia** (apresenta uma idéia por meio de noção vinda de outro domínio).
Palavra **amarga** (palavra é som, referente ao ouvido; amargo é gôsto, referente ao paladar). Grito **metálico**. Voz **baixa**. Sentimento **frio**. Gôsto **fino**. Grande **barulho**. Imaginação **fértil**. Carne **verde**. O **caminho** do coração (= o sentimento). Voz **doce**. Sono **profundo**. Olhos **gulosos**.
O **cálice** da flor. Os **miosótis** (nome que significa: olhos de rato). Em vez de cabeça, **testa** (= terrina, entre os romanos). Caiu-lhe uma **telha**; sofreu uma desgraça. Passou-lhe um **sabão** (como o sabão lava, a repreensão purifica). O sangue de boi (pássaro). Barba de bode (capim). Ter sangue de barata: ser covarde. Pôr um pau na roda: atrapalhar. Está sendo um bode expiatório. **Engulir** uma afronta. **Abordar** (primitivamente, chegar aos bordos) um tema. Vai a todo vapor: a tôda pressa.

DIASSEMIA APRECIATIVA (Substituições ocasionadas pelas conotações afetivas **favoráveis** = **eufemismos**, ou **desfavoráveis** = **disfemismos**)

1 — *Eufemismos:*

Foi desta para a melhor (melhor vida, subentendido) em vez de dizer cruamente que o Fulano **morreu**. Deus o chamou: por morreu. Descansou: idem. Povo de costumes **livres**: na realidade, **desonestos**. Não goza das faculdades: eufemismo para não dizer diretamente que é **louco**. Inventou a pólvora: é um pretencioso. Está um pouco **alegre**: está bêbedo. Bebeu **um copo**: está bêbedo. Deu um **passo errado**: desandou escandalosamente. **Não é muito sincero**: é um mentiroso. Tem uma **indisposição**: está doente. **Não ficou muito clara** a sua exposição: está muito confusa. **Êles não se entendem**: êles brigam.

2 — *Disfemismos:*

Uma condecoração: uma **lataria**. Sujeito **purgante**. O **velho**: o pai. Um **fordeco**. Um **papelucho**: jornal vagabundo. **Gentalha**, **Boboca**. **Lugarejo**. Um **pé rapado**. Um **João Ninguém**. E as expressões mais ou menos fortes, mais ou menos grosseiras, que certas pessoas usam contra seus desafetos.

DIASSEMIA QUANTITATIVA (aumento ou diminuição da intensidade com que é expressa uma idéia)

1 — **Hipersemia** ou hipérbole (= aumento na intensidade):
Tal acontecimento nos **arrasou**. Move **céus e terra** para conseguir. Já falei **um milhão** de vêzes. **Matei-me** para ajudar-te. **Não caberia mais uma agulha** no salão, de tanta gente que havia. Há uma **eternidade** que estou esperando. Tem saúde **para vender**. Um apetite **feroz** e um desprêzo **soberano**. Apresenta vantagens **sem conta**. Um frio **glacial**. Um calor **infernal**. F. **adora filmes** de aventuras. Uma **carrada** de razões. Subiu ao **7.º céu**.

2 — **Hipossemia** ou litote (= atenuação por sugestão), **ironia** (= ou dissimulação), criptossemia (= ocultação) da idéia.

a) **litote:**
Não está mal. É quase isto. Está indisposto (= está doente).

b) **ironia** (dissimulação da idéia pelo seu contrário):
O Ministro pediu e obteve demissão para não sucumbir ao pêso de tanta glória. Uma belíssima desordem. Esta é de cabo de esquadra. Um amigo do alheio (= ladrão). Acariciou-lhe as costas com uma bengala. Fracassou por causa dos sábios conselhos do amigo.

c) **criptossemia** (dissimulação da idéia por um enigma):
Matar o bicho (= beber cachaça). Tem macaquinhos no sótão (= tem qualquer coisa que não vai bem no juízo). Cidade dos pés juntos (= cemitério). Temos almôço musicado, hoje (com chôro de crianças). Cochichou-lhe o argumento decisivo (= passou-lhe a propina com que lhe comprou a consciência). Abrir o compasso (= andar mais depressa). Os tronos do pudor (= a face, no estilo gongórico). Animal que só conta até um (= o porco).

O JAGUAR E O TOURO

LINDOLFO ESTÊVES

Nasceu em S. José da Boa Vista em 2-6-1887. Foi professor de Filosofia, matemática e história. Era dotado de uma inteligência muito rica e de uma feliz inspiração. Foi lente do Seminário Provincial de S. Paulo. Suas poesias são de uma grande vivacidade e propriedade de têrmos.

Sob o longínquo véu das *escarpas* sombrias,
Em ondas *esmorece* a luz que no céu arde,
E os pampas absorvendo as sombras *erradias*
Palpitam vagamente à frescura da tarde.

Dos brejais, onde uma erva alta e silvestre abunda,
Das *dunas*, dos *capões* e das rochas despidas,
Sobem para cair da solidão profunda
Sinistras vibrações do sol desconhecidas.

A fria e branca lua, através dos vapores
E dos ramos passando os seus raios tranqüilos,
Fere a *vasa* de um rio em surdos *estertores*
Fazendo *reluzir* o dorso aos crocodilos.

Maxilas a estalar de fome como *incudes*,
Na beira arrastam uns as torcidas coxas;
Outros no úmido chão, troncos velhos e rudes
Jazem *escancarando* à brisa as guelas roxas.

Num *bífido* Acaju, qual serpe num ardil,
De focinho para o ar e de ôlho sonolento,
O mosqueado Jaguar sorve, em faro subtil,
O odor de carne viva, *esparso* pelo vento.

Dentes e unhas *apresta* ao duelo que antegoza,
O corpo a repousar descaído sôbre a anca,
Pelas *cerdas* perpassa a língua côr de rosa,
E ao tronco, remordendo, o *tegumento* arranca.

Torcendo enrola a cauda indolente e travessa,
No tronco do Acaju numa rápida *espira;*
Descansa em paz na pata, alongando a cabeça
E fingindo dormir docemente respira.

De súbito se acolhe ao matagal *hirsuto*
Como petrificando o corpo *fulvo* em massa,
Dos pampas surge ao largo um touro *bicornuto*,
De focinho pendente, em jatos de fumaça.

O touro mal ensaia um passo e *alquebra* o esfôrço,
Ao ver dois olhos perto, e sem que a mais *se afoite*,
Sente-os a resvalar pelo arrepiado dôrso
De ouro e sangue a chispar na escuridão da noite.

Curvado para o chão nas pernas vacilando,
Esvazia a mugir o peito de um arranco,
Mas o jaguar, o corpo em arco retesando,
Da forquilha se atira e agarra ao *flanco*.

Cedendo o touro ao pêso imprevisto se dobra,
E a terra a cambalear com os rijos cornos fura;
Depois, louco, a correr, nas fôrças que recobra
Arrasta o cavaleiro, *ao léu*, pela planura.

Sôbre a móvel areia, em vagas como um mar,
Cheia de lameirões e de ervais ressequidos,
Passam, à luz *argêntea* e triste do luar,
Cegos de sangue e de ira os dois vultos fundidos.

E mergulham além nos imóveis negrores
Que afastam para longe os términos do mundo;
Morrem, de instante a instante, os seus surdos rumores,
Volvendo a noite e a morte ao silêncio profundo.

VOCABULÁRIO

Escarpa, s. f.: ladeira, encosta, flanco.

Esmorecer, v. int.: desfalecer, desmaiar, extinguir-se.

Erradia, adj.: errante, vagabundo, desnorteado.

Duna, s. f.: montículo de areia que avança pela fôrça do vento.

Capão, s. m.: moita, pequeno conjunto de arvoredo.

Sinistro, adj.: negro, tétrico, medonho.

Vasa, s. f.: lôdo, lamaçal.

Estertor, s. m.: respiração profunda e rouca dos moribundos.

Reluzir, v. t.: rebrilhar, refulgir.

Incude, s. m.: bigorna.

Escancarado, adj.: aberto, franqueado.

Bífido, adj.: bifendido, cortado ao meio.

Serpe, s. f.: serpente, cobra.

Esparso, adj.: disperso, difundido.

Aprestar, v. t. preparar.

Cerda, s. f.: pêlo espêsso dos animais (sobretudo porco).

Tegumento, s. m.: pele.

Espira, s. f.: espiral.

Hirsuto, adj.: denso, cheio de cabelos, de plantas, etc.

Fulvo, adj.: alourado.

Bicornuto, adj.: que tem dois chifres.

Alquebrar, v. t.: enfraquecer, render-se, curvar.

Afoitar, v. t.: encorajar, atrever-se a.

Flanco, s. m.: lado, encosta.

Ao léu, adv.: à deriva, sem rumo certo.

Argênteo, adj.: da côr da prata.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO

2. ANÁLISE ESTILÍSTICA DO TRECHO

3. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) brejal	( ) indolente
(2) despido	( ) movediço
(3) preguiçoso	( ) nu
(4) chifre	( ) paul
(5) móvel	( ) pantanal
(6) lameirão	( ) corno

b) Procure um sinônimo para as palavras grifadas:

Cegos de sangue e de **cólera** os dois **vultos unidos. E mergulham** além nos **imóveis negrores** que **afastam** para longe os **términos** do **mundo.** O **touro mal ensaia** um passo e **alquebra** o **esfôrço.**

c) Forme orações com as seguintes palavras:

1. cheiro, odor, olor, fragrância, perfume.
2. planície, planura, campina.

d) Escreva com o título OS MAUS LIVROS em vez de OS BONS LIVROS e em vez das palavras grifadas, ponha seus ANTÔNIMOS.

OS BONS LIVROS. — A leitura pode ser o **melhor** dos **divertimentos.** Por isso é preciso **amar** os **bons** livros e **procurá-los. Feliz** do menino que tem por companheiros livros **bons.** Êstes põem, debaixo dos olhos dêle, as mais **belas** páginas da vida dos homens **virtuosos,** as ações **gloriosas** dos **bons** cidadãos e mostram-lhe o exemplo **reconfortante** dos **trabalhadores,** sempre **lembrados** de suas obrigações, escravos de seus **deveres, triunfantes** no meio das dificuldades da vida. Devido a êsses exemplos **preciosos,** seu caráter se **alevanta,** seu coração se **purifica** e se **enobrece,** seu espírito amontoa mil conhecimentos **úteis.** Torna-se de dia para dia mais **respeitoso,** mais **obediente** com a família, com seus superiores, mais **atento** e **aplicado** na aula, mais **querido** por todos. Seus colegas o **prezam** e **procuram;** seus pais o **abençoam.** Os **bons** livros são **amigos** em cuja companhia só temos que **lucrar.**

4. COMPOSIÇÃO

Cachorrinhos de estimação

Otimismo: fator de êxito

O pipoqueiro

5. EXPRESSÕES TÍPICAS DA LÍNGUA

Não meter a mão em combuca = ser macaco velho, ser experiente.

Tonel de Danaides = Coisa que se esvazia à medida que se enche.

Sem tir-te nem guar-te = De chofre, de repente, de súbito.

Tererê não resolve = conversa fiada não resolve.

Deixar correr o marfim = não se incomodar muito com os acontecimentos.

FONEMA — FONÉTICA — FONÊMICA — APARELHO FONADOR

a) FONEMA — Ciência dos sons articulados. São os sons elementares e distintivos que produzimos quando exprimimos nossos pensamentos. LÊTRAS — São os sinais gráficos que representam os fonemas. Ex.: fonema "mê" — lêtra "m"; "fê" — lêtra "f".

b) FONÉTICA — É o estudo da formação dos sons. Estuda os movimentos dos órgãos utilizados na produção dos fonemas. Ex.: ao pronunciarmos a palavra mamãe: 1.º movimento, vibração das cordas — 2.º abaixamento do véu palatino — 3.º Aproximação dos lábios.

c) FONÊMICA — É o estudo dos traços distintivos de um som; estuda o som naquilo que o distingue dos outros sons, não interessando o órgão que o produz. Os traços distintivos são os que interessam na significação das palavras. Ex.: bato, cato, dato, fato, gato, jato, lato, mato, nato, pato, rato, tato.

c) APARELHO FONADOR — É o conjunto de órgãos adaptados para a produção dos fonemas. Compõe-se das seguintes partes: os *pulmões*, os *brônquios*, a *traquéia*, a *laringe* com as *cordas vocais*, a *faringe*, a *úvula* ou campainha, as *fossas nasais*, a *bôca* com a *língua*, as *bochechas*, o *palato duro* (céu da bôca), *palato mole* (véu palatino), os *dentes* e os *lábios*.
Observação: Na maioria das línguas, os fonemas se produzem na corrente expiratória. Línguas há em que o fonema se forma na corrente inspiratória. Êstes sons são chamados *cliques* — Em Português, produzimos cliques ao beijar e em certos estalidos, como o que serve para atiçar a caminhada dos cavalos.

d) COMO SE PRODUZ O SOM — O ar proveniente dos pulmões, atravessa os *brônquios* e sobe pela *traquéia* até atingir a *laringe* (Pomo de Adão); Aí se encontram duas membranas elásticas, as *cordas vocais*, que deixam uma fenda entre si, chamada *glote*. Por aí passa o ar que atinge a *faringe* depois a *bôca*.
Se o ar passa totalmente pela bôca, temos *fonemas orais*; se parte passa pelo nariz, temos *fonemas nasais*.
Quando o ar chega à glote e estando esta aberta, não há vibração das cordas vocais e formam-se então os *fonemas surdos:* p, t, k, f, s, x. Se a glote estiver fechada ou quase fechada, a corrente de ar força a passagem e provoca a vibração das cordas — formam-se os *fonemas sonoros.* São as vogais, assim como os fonemas, b, d, g, j, m, n, v, z.

e) QUALIDADES FíSICAS DO SOM — a) Intensidade — resulta da maior amplitude das vibrações sonoras, dependendo da quantidade de ar expelido. Ex.: na palavra cidade, a sílaba *da* é pronunciada com mais fôrça. b) Duração — É o tempo empregado na emissão de um som. c) Altura — Som mais agudo: maior número de vibrações — som mais grave: menor número de vibrações. d) Timbre — É determinado por sons secundários, pelos harmônicos coexistentes com o som principal. Dois instrumentos de mesma altura e intensidade conservam cada um o seu timbre. É comum dizermos que reconhecemos alguém pelo timbre da voz.

EXERCÍCIOS

1 — Faça anâlise dos fonemas dizendo quais são: os fonemas sonoros, os fonemas surdos, os fonemas orais, os fonemas nasais:

lado	Veneza	minha	farinha
pato	banco	jogar	elemento
fisga	Salvador	andar	cachorro

2 — Estudar fonèticamente:

Trajeto	sacl
furtar	pulga
bando	majestade

3 — Colocar dentro dos parênteses "g" ou "j".

an( )élico	( )erico	ri( )eza
re( )eitar	can( )irão	pa( )ear
ma( )estoso	( )eropiga	farin( )e
( )elosia	gor( )eio	( )eléia
here( )e	tra( )e	( )inga
cere( )a	( )estão	pa( )é
( )iesta	pa( )em	re( )eição
( )ibóia	ga( )eiro	sar( )eta
lo( )ista	mica( )em	( )irau
(alfan( )e	( )iló	( )itirana

4 — Preencha os pontos com a forma conveniente do verbo haver:

Se... previsto teriam evitado o acidente. — 2... coisas que estou aprendendo só agora. — 3 Como se... os alunos na sala de projeção? — 4 Não... festa se o Juca se ausentasse. — 5 Na minha ausência nada.... de extraordinário. — 6 Se não... música, flôres e crianças a vida seria triste. — 7 Elas falam como se... presenciado o fato. — 8 O inspetor.... por bem outorgar-me a licença. — 9 Que é que.... com você. — 10..... vista o modo como ela saiu-se bem na entrevista.

A LUTA

JOSÉ Martiniano DE ALENCAR
(Mecejana, 1-V-1829 — Rio, 12-XII-1877)

Advogado, professor, jornalista, militou na política, da qual se retirou amargurado. Em literatura sobressaiu no romance e no teatro. Foi um retratista de tipos, se bem que suas descrições se ressintam de muito artificialismo. É o maior representante do indianismo na prosa brasileira. OBRAS: O Guarani; Lucília; As Minas de Prata; Iracema; O Tronco de Ipê; Ubirajara; O Sertanejo, etc.

Quando a cavalgada chegou à margem da *clareira*, aí se passava uma cena curiosa.

Em pé, no meio do espaço que formava a grande *abóbada* de árvores, encostado a um velho tronco decepado pelo raio, via-se um índio na flor da idade.

Uma simples túnica de algodão a que os índios chamavam aimara, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhes dos ombros até ao meio da perna e desenhava o *talhe delgado* e esbelto como um junco selvagem.

Sôbre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, côr de cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rente, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a fronte; a pupila negra, móbil, cintilante; a bôca forte mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da fôrça e da inteligência.

Tinha a cabeça cingida por uma fita de couro, à qual se prendiam do lado esquerdo duas plumas *matizadas*, que descrevendo uma longa espiral vinham *roçar* com as pontas negras o pescoço flexível.

Era de alta estatura, tinha as mãos delicadas; a perna ágil e nervosa, ornada com uma *axorca* de frutos amarelos, apoiava-se sôbre um pé pequeno, mas firme no andar e veloz na corrida. Segurava o arco e as flechas com a mão direita caída, e com a esquerda mantinha verticalmente diante de si um longo forcado de pau enegrecido pelo fogo.

Perto dêle estava ao chão uma clavina *tauxiada*, uma pequena bôlsa de couro que devia conter munições, e uma rica faca flamenga, cujo uso foi depois proibido em Portugal e no Brasil.

Nesse instante, erguia a cabeça e fitava os olhos numa sebe de fôlhas que se elevava a vinte passos de distância, e se agitava imperceptìvelmente. Ali, por entre a folhagem, distinguiam-se as ondulações felinas de um dorso negro, brilhante, marchetado de pardo; às vêzes viam-se brilhar os reflexos de alguma cristalização de rocha, ferida pela luz do sol. Era uma onça enorme; de garras apoiadas sôbre um grosso ramo de árvore e pés suspensos no galho superior, encolhia o corpo, preparando o salto gigantesco.

Batia os *flancos* com a larga cauda e movia a cabeça monstruosa, como procurando uma aberta entre a folhagem para arremessar o pulo; uma espécie de riso *sardônico* e feroz contraía-lhe as negras *mandíbulas* e mostrava a linha de dentes amarelos; as ventas dilatadas respiravam fortemente e pareciam deleitar-se já com o odor da vítima.

O índio, sorrindo e indolentemente encostado ao tronco sêco, não perdia um só dêsses movimentos e esperava o inimigo com a calma e serenidade do homem que contempla uma cena agradável; apenas a fixidade do olhar revelava um pensamento de defesa.

Assim, durante um curto instante, a fera e o selvagem mediram-se mùtuamente, com os olhos nos olhos um do outro; depois o tigre agachou-se e ia formar o salto, quando a cavalgata apareceu na entrada da clareira.

Então o animal, lançando ao redor um olhar injetado de sangue *eriçou* o pêlo, e ficou imóvel no mesmo

lugar, hesitando se devia arriscar o ataque. O índio que ao movimento da onça acurvara ligeiramente os joelhos e apertara ligeiramente o forcado, endireitou-se de nôvo; sem deixar a sua posição, nem tirar os olhos do animal, viu a banda que parara à sua direita. Estendeu o braço e fêz com a mão um gesto de rei, que rei das florestas êle era, intimando aos cavaleiros que continuassem a sua marcha. Como porém o italiano, com o arcabuz em face procurasse fazer a pontaria entre as fôlhas, o índio bateu com o pé no chão em sinal de impaciência e exclamou apontando para o tigre, e levando a mão ao peito.

— É meu!... meu só!

Estas palavras foram ditas em português, com uma pronúncia doce e sonora, mas em tom de energia e resolução. O italiano riu.

— Por Deus! Eis um direito original! Não quereis que se ofenda a vossa amiga?... Está bem, dom cacique, continuou, lançando o arcabuz a *tiracolo;* ela vo-lo agradecerá.

Em resposta a esta ameaça, o índio empurrou desdenhosamente com a ponta do pé a clavina que estava atirada ao chão, como para exprimir que se êle o quisesse, já teria abatido o tigre de um tiro. Os cavaleiros compreenderam o gesto, porque, além da precaução necessária para o caso de algum ataque direto, não fizeram a menor demonstração ofensiva.

Tudo isto se passou ràpidamente, em um segundo, sem que o índio deixasse um só instante com os olhos o inimigo. A um sinal de Álvaro de Sá, os cavaleiros prosseguiram a sua marcha e entranharam-se de nôvo na floresta. O tigre, que observava os cavaleiros, imóvel, com o pêlo eriçado, não ousara investir nem retirar-se, temendo expor-se aos tiros dos arcabuzes: mas apenas viu a tropa distanciar-se e sumir-se no fundo da mata, soltou um nôvo rugido de alegria e contentamento.

Ouviu-se um rumor de galhos que se espedaçavam como se uma árvore houvesse tombado na floresta, e o vulto negro da fera passou no ar; dum pulo tinha ganho outro tronco e metido entre ela e seu adversário uma distância de trinta palmos.

O selvagem compreendeu imediatamente a razão disto: a onça, com os seus instintos carniceiros e a sêde voraz de sangue, tinha visto os cavalos e desdenhava o homem, fraca prêsa para saciá-la.

Com a mesma rapidez com que formulou êste pensamento, tomou da cinta uma flecha pequena como um espinho de *ouriço* e esticou a corda do grande arco, que excedia de um têrço a sua altura. Ouviu-se um forte sibilo, que foi acompanhado por um bramido de fera; a pequena seta despedida pelo índio se cravara na orelha e uma segunda, açoitando o ar, ia ferir a mandíbula superior. O tigre tinha-se voltado ameaçador e terrível, *aguçando* os dentes um no outro, rugindo de fúria e vingança: de dois saltos aproximou-se novamente.

Era uma luta de morte que se ia travar; o índio o sabia e esperou tranqüilamente, como da primeira vez; a inquietação que sentira um momento de que a prêsa lhe escapasse, desaparecera; estava satisfeito. Assim êstes dois selvagens das matas do Brasil, cada um com a consciência de sua fôrça e de sua coragem, consideravam-se como uma vítima que ia ser imolada. O tigre desta vez não se demorou; apenas se achou a coisa de vinte passos do inimigo, retraiu-se com uma fôrça de elasticidade extraordinária, e atirou-se como um estilhaço de rocha, cortada pelo raio.

Foi cair sôbre o índio, apoiado nas largas patas de detrás, com o corpo direito, as garras estendidas para degolar a sua vítima e os dentes prontos a cortar-lhe a *jugular*. A velocidade dêste salto monstruoso foi tal que, no mesmo instante em que se vira brilhar entre as fôlhas os reflexos negros da sua pele *azevichada*, já a fera tocava o chão com as patas. Mas tinha em frente um inimigo digno dela, pela fôrça e agilidade. Como a princípio, o índio havia dobrado um pouco os joelhos e segurava na mão esquerda a longa forquilha, sua única defesa: os olhos sempre fixos magnetizavam o animal. No momento em que o tigre se lançava, curvou-se ainda mais; e fugindo com o corpo apresentou o gancho. A fera, caindo com a fôrça do pêso e a ligeireza do pulo, sentiu o forcado cerrar-lhe o colo e *vacilou*.

Então, o selvagem distendeu-se com a flexibilidade da cascavel ao lançar o bote; fincando os pés e as costas no tronco, aremessou-se e foi cair sôbre o ventre da onça, que, subjugada, prostrada de costas, com a cabeça prêsa ao chão pelo gancho, debatia-se contra o seu vencedor, procurando debalde alcançá-lo com as garras. Esta luta durou minutos; o índio, com os pés, apoiados fortemente nas pernas da onça, e o corpo inclinado sôbre a forquilha, mantinha assim imóvel a fera que há pouco corria a mata não encontrando obstáculos a sua passagem. Quando o animal, quase *asfixiado* pela estrangulação, já não fazia senão uma fraca resistência, o selvagem, segurando sempre a forquilha, meteu a mão debaixo da túnica e tirou uma corda de *ticum* que tinha enrolada à cintura em muitas voltas.

Nas pontas desta corda, havia dois laços que êle abriu com os dentes e passou nas patas dianteiras ligando-as fortemente uma à outra; depois fêz o mesmo às pernas e acabou por amarrar as duas mandíbulas, de modo que a onça não pùdesse abrir a bôca. Feito isto, correu a um pequeno arroio que passava perto; e enchendo de água uma fôlha de cajueiro bravo, que tornou côva, veio borrifar a cabeça da fera. Pouco a pouco o animal ia tornando a si; e o seu vencedor aproveitava êste tempo para reforçar os laços que o prendiam, contra os quais tôda a fôrça e agilidade do tigre seriam impotentes.

Neste momento uma cotia tímida e arisca apareceu na *liseira* da mata e adiantando o focinho escondeu-se arrepiando o seu pêlo vermelho e afogueado. O índio soltou o arco, e abateu-a dali a alguns passos no meio da carreira; depois, apanhando o corpo do animal que ainda palpitava, arrancou a flecha e veio deixar cair nos dentes da onça as gôtas do sangue quente e fumegante. Apenas o tigre moribundo sentiu o odor do sangue da carniça, e o sabor do sangue que filtrando entre as prêsas caíra na bôca, fêz uma contorsão violenta e quis soltar um urro que apenas exalou-se num gemido surdo e abafado. O índio sorria, vendo os esforços da fera para arrebentar as cordas que a atavam de

maneira que não podia fazer um movimento a não ser essas retorções do corpo em que debalde se agitava. Por cautela, tinha-lhe ligado até os dedos uns aos outros para privar-lhe que pudesse usar das unhas longas e torcidas que são a sua arma mais terrível.

Quando o índio satisfez o prazer de contemplar o seu cativo, québrou na mata dois galhos secos de *biriba*, e roçando ràpidamente um contra o outro tirou fogo pelo atrito e tratou de preparar a sua caça para janta. Em pouco tempo tinha acabado a selvagem refeição, que êle acompanhou com alguns favos de mel de uma pequena abelha que fabrica as suas colmeias no chão. Foi ao regato, bebeu alguns goles de água, lavou as mãos, o rosto e os pés e cuidou em pôr-se a caminho.

Passando pelas patas do tigre o seu longo arco que suspendeu ao ombro, e vergando ao pêso do animal que se debatia em contorções tomou a picada por onde tinha seguido a cavalgata.

Momentos depois, no lugar desta cena já deserto, entreabriu-se uma moita espêssa, e surdiu um índio ornado apenas com uma *trofa* de penas amarelas. Lançou ao redor um olhar espantado, examinou cautelosamente o fogo que ardia ainda e o resto da caça; deitou-se encostando o ouvido em terra, e assim ficou algum tempo. Depois se ergueu e entranhou de nôvo pela floresta na mesma direção que o outro tomara pouco tempo antes.

VOCABULÁRIO

Clareira, s. f.: lugar na mata com falha de árvores, vão.
Abóbada, s. f.: cúpula, zimbório.
Talhe, s. m.: corte, feitio.
Delgado, adj.: fino, esguio.
Matizado, adj. cheio de côres, multicolor.
Roçar, v. t.: tocar de leve, acariciar.
Axorca, s. f.: argola para adôrno dos braços ou das pernas, usada no Oriente.
Tauxiado, adj.: ornamentado com tauxia = obra de imbutido de ouro.
Flanco, s. m.: lado, encosta.
Sardônico, adj.: sarcástico, forçado.
Mandíbula, s. f.: queixada de animal.
Eriçar, v. t.: levantar, erguer.
Tiracolo, s. m.: correia que cinge o corpo.
Ouriço, s. m.: mamífero com o corpo coberto de espinhos.

Aguçar, v. t.: afiar, amolar.
Jugular, s. m.: garganta, pescoço.
Azevichada, adj.: da côr do azeviche, isto é preta.
Vacilar, v. int.: hesitar, titubear.
Asfixiar, v. t.: sufocar, afogar.
Ticum, s. m.: espécie de palmeira. Também tucum.
Liscira, s. f.: orla da floresta.
Biriba, s. f.: espécie de árvore.
Trofa, s. f.: capa de junco, palhota.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO

2. ANÁLISE ESTILÍSTICA DO TRECHO

3. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) **Dê um sinônimo da palavra grifada:**

Sôbre a alvura diáfana do algodão, sua **derme**, côr de cobre, brilhava com **reflexos dourados**. Nesse **instante**, **fitava** os olhos numa sebe de fôlhas que se **erguia** a vinte **metros de distância.**

b) **Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:**

(1) marchetado	(2) costas
(2) dorso	(3) límpido
(3) vítreo	(4) cortado
(4) decepado	( ) matizado
(5) desdenhar	(6) fragmento
(6) estilhaço	(5) desprezar

c) **Dê a diferença que há entre:**

Lasso e laço; abóbada e abóboda; bôca e boca; forcado e forçado; sêco e ceco; braço e braça; gesto e giesta; fundo e funda; ferro e fero; sêde e sede; arco e arca;

d) **Forme orações com as seguintes palavras:**

caça, índio, luta, flecha.

4. COMPOSIÇÃO

A obra humanitária dos Missionários

Descrição de um tipo

A vida na cidade

5. EXPRESSÕES TÍPICAS DA LÍNGUA

Ser marinheiro de primeira viagem = ser inexperiente.
Não ser morcêgo que morde e assopra = não ter subterfúgios, ser claro.
Tela de Penélope = Trabalho que recomeça sempre.

Nem que chova canivetes = de qualquer maneira.
Não embarcar em canoa furada = Não se meter em negócios perigosos.
Ficar com cara de tacho = ficar envergonhado.

VOGAIS E CONSOANTES — CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

A voz humana se compõe de *tons* (sons musicais) e de *ruídos* que distinguimos pelo ouvido. Os tons se caracterizam pelas vibrações das cordas (vogais); as consoantes são ruídos. Podem ser ruídos puros (consoantes surdas), isto é, sem vibração ou ruídos combinados (consoantes sonoras).

CARACTERÍSTICAS DAS VOGAIS

a) As vogais não encontram obstáculos à passagem do ar.

b) Movimento: abrimento — cerramento.

CARACTERÍSTICAS DAS CONSOANTES

a) A corrente expiratória encontra obstáculo à sua passagem, língua, dentes...

b) Movimento: cerramento — abrimento.

CLASSIFICAÇÃO DAS VOGAIS

a) Quanto à ressonância, quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, classificam-se em **orais** e **nasais.**
Os **sons orais** são os que se escoam pela bôca com oclusão das fossas nasais.

b) Quanto ao timbre classificam-se em:
aberta — **a**
fechadas — **i, u**
reduzidas — **e, o.**

c) Quanto à **zona de articulação,** classficam-se em:
anteriores ou palatais: **é, ê, i.**
média: **a.**
posteriores, (pospalatais ou velares): **ó, ô, u.**

ARTICULAÇAO DOS SONS VOGAIS

A vogal **a** é produzida deixando-se a língua em repouso enquanto se entreabre a bôca.
gua em direção ao palato. Ao invés, se recuarmos a língua, em
O **i** produz-se partindo da posição do **a**, mas avançando a lín-

direção ao véu palatino, emitiremos o **u**. O **e** se produz, colocando a língua em posição média entre a posição que toma para produzir o **a** e o **i**. O **o** se produz com a língua entre as posições do **a** e do **u**.

QUADRO SINÓTICO DOS SONS VOGAIS

- VOGAIS
  - ORAIS
    - TIMBRE
      - abertas: á, é, ó.
      - fechadas: ê, ô.
      - reduzidas: a (nula); e (vale); i (júri); o (tribo); u (bônus).
      - agudas (geralmente nos oxítonos); **a** (jacá); i (**b**uriti); u (baú).
    - MODO de FORMAÇÃO
      - média: a.
      - palatais: é ê, i.
      - posteriores ou velares (pós-palatais): ó, ô, u.
  - NASAIS
    - an, en, in, on, un.
    - (O sinal da nasalização pode ser: n, m ou til).

EXERCÍCIOS

1 — Classifique as vogais orais e as nasais:

partir	posição
ando	cavidade
palato	lã
lindo	amarelo

2 — Classifique as vogais abertas, fechadas e as reduzidas:

vatapá,	matará	diáfana
saci-pererê	guardapó	corrida
forrobodó	linfa	cabeça
cafèzinho	picolé	fitava

3 — Classifique as vogais:

cabelo	silêncio	maré
santo	manacá	felina
marcha-ré	canhão	aberta
avô	nômade	cintura

4 — Coloque dentro dos parênteses x, ch, z s, g ou j:

mar( )em	a( )orca	fi( )idade
refle( )os	fle( )a	defe( )a
bele( )a	tau( )iada	aga( )ou
e( )terior	mar( )etado	selva( )em
mati( )	( )igante	in( )etar
fle( )ível	fero( )	arcabu( )
qui( )esse	prê( )a	vora( )
li( )eira	e( )alar	a( )evichado

DIA AZIAGO

ANTÔNIO FELÍCIO DOS SANTOS

Se a nossa religião não declarasse ser isso uma superstição, eu acreditaria em dias aziagos. Realmente há certos dias em que o *caiporismo* nos persegue tanto, que parecem influenciados por alguma coisa oculta...

Assim dizia o Alberto a alguns amigos ao redor de uma mesinha de café, ali na rua S. José, junto ao Círculo Católico.

Ora, ora, disse o Anísio. Você crê nessas coisas?

— Pois eu creio em dias aziagos: para mim são todos, de Ano Bom a S. Silvestre, disse o F. B. dando largas à sua *neurastenia* pessimista.

— E você, Rômulo, que pensa a êsse respeito?

— Eu? e sorriu com seu ar de *beatitude* sincera. Eu não admito que um bom cristão não se conforme com a vontade de Deus. Sendo êsse nosso dever sempre, não há dias aziagos: há dias de provações que devem ser aceitos com resignação, senão com alegria... Porque às vêzes o caiporismo, bem analisado, é cômico.

— Sim, não há dúvida, mas...

— Ora, Alberto, está você ansioso por nos contar alguma historieta de dia aziago...

— Historieta não, é a verdade. Vou contar-lhes o que me sucedeu. Não me lembro mais que dia era, mas sim que ao levantar-me da cama, bem cedo, dei uma forte canelada num caixote, e vinha gemendo quando entrava a lavadeira, a velha Vicência.

— "Eh! Eh! disse ela, tome sentido que hoje é dia aziago..." Não sei porque, aquilo me impressionou: resolvi começar o dia ouvindo missa.

— Boa idéia, disse o Rômulo.

— Fui à Gloria. Ao sair da igreja, vi à porta, uma senhora bem vestida, conversando com outra, e tendo na mão uma grande bôlsa. Eu tinha visto pregado na parede, um aviso, que as esmolas nesse dia seriam para o Bom Pastor. Fui logo metendo na bôlsa da senhora o meu níquel. Ela assustou-se com o movimento que fiz: recuou um pouco, receando que eu tivesse querido roubar-lhe alguma coisa, e ficou a olhar-me boquiaberta e com os olhos arregalados.

— Pus um níquel, disse eu, é esmola.

— Um níquel! e, abrindo a bôlsa, lá o achou.

— Ora essa, *seu brejeiro,* pensa que sou alguma mendiga?

— Esmola para o Bom Pastor.

— Ah! E que tenho eu com o Bom Pastor? Já se viu *impertinência* igual?

Foi logo chegando muita gente a indagar... Eu já estava com mêdo que *enchessem,* quando, por felicidade, acudiu a senhora que estava esmolando para o Bom Pastor e recolheu *o malsinado* níquel.

— Oh! disse o Cabral, essa é mesmo de quem anda no mundo da lua.

— Sim, sim, mas por que andam agora as senhoras com essas bôlsas enormes? Mas, vamos adiante.

Saindo da igreja, fui à estação da Estrada de Ferro tomar um trem de subúrbios. Precisava chegar cedo à casa de uma pessoa de quem esperava uma proteção num negócio que disso dependia. Estava eu na entrada da estação quando chegava a multidão de passageiros dos subúrbios. Dirige-se a mim uma senhora, e, apontando para um bonde parado, perguntou-me com *ar de provinciana* recém-chegada.

— Isto é barca?

— Não senhora, isto é bonde.

— Ora, quer *mangar comigo?* Pergunto se... é... barca disse acentuando as palavras.

— Minha senhora bem se vê que não conhece o Rio de Janeiro. Eu também sou de Minas por que hei de caçoar da senhora. Isto não é barca: é bonde...

— E esta? Não seja malcriado... Pergunto qual dêstes que estão chegando é barca?

— Nenhum minha senhora, são todos bondes, aqui não há barcas. As barcas são...

— Que desafôro! Pois eu não sei que são bondes? O senhor é muito atrevido querendo *meter à bulha* uma senhora séria. Sabe com quem está falando?

E começou a levantar a voz fazendo *afluir* gente, e até um guarda civil. Êste ia se dirigindo a mim, com ar ameaçador, ouvindo a senhora gritar e levantar o guarda chuva querendo me agredir. Com dificuldade consegui explicar que não tinha compreendido que a mulher queria saber qual era o bonde que ia às barcas.

— Então você não entendeu logo o engano? disse o Anísio.

— Não, palavra. Se a mulher não tivesse parecido uma mineira simples, eu não teria querido prestar-lhe uma informação de puro obséquio.

Mas a influência *agourenta* continuou. Tomei o trem e cheguei à casa da pessoa a quem eu fôra recomendado, e que pouco me conhecia. Ia portanto preparando *a lábia* para ser bem acolhido.

A casa tinha uma grande varanda: fui aí recebido por uma criada que levou o meu cartão ao patrão.

Eu sabia que a senhora estava muito doente e por isso não estranhei que êle não viesse logo.

Pus-me a passear no jardim.

Ao cabo de uma meia hora, entrou pelo portão um carregador trazendo um caixão de defunto que colocou na varanda...

— E esta! disse eu aos meus botões. Cheguei em mau dia... Defunto em casa!...

— Entrei de nôvo na varanda para tomar o chapéu, e disposto a partir, quando abriu-se a porta e apareceu o dono da casa, aconchegando ao pescoço a gola do paletó desabotoado: perguntou-me o que desejava.

— Desculpe, disse eu, virei outro dia...

— Por que não hoje?

— Estou vendo que há incômodo grave em casa e...

Olhando eu o caixão, o homem também se voltou e deu com a vista nêle... Ficou aterrado!

— Que é isto? meu Deus! Quem trouxe isto aqui? Que horror! E minha mulher passando tão mal! Que agouro... Oh! senhor que história é esta?

E, tremendo, aproximou-se do caixão. Leu a nota que vinha pregada, e pôs-se a gritar.

— Ó Sebastião, ó Miquelina, corram todos. Vá o senhor também, por favor, chamar o carregador. Não é para aqui. O número 60 antigo é no fim da rua. Ora valha-me Deus!

Saí correndo, mas não achando o carregador, tratei de tomar o trem e voltar para a cidade.

— Realmente, disse o Plácido, foi muito caiporismo!

— Muito? disse o Alberto, pois ainda houve mais. Eram 11 horas, dirigi-me à repartição na qual eu era ainda *supranumerário*. Lá chegando soube que tinha sido dispensado por falta de verba...

VOCABULÁRIO

Caiporismo, s. m.: azar, má sorte.

Neurastenia, s. f.: mau humor, irritabilidade, neurose.

Beatitude, s. f.: felicidade, tranqüilidade.

Brejeiro, adj.: vadio, malicioso.

Impertinência, s. f.: atrevimento.

Encher, v. int.: amolar, chatear.

Malsinado, adj.: de mau agouro; que teve mau destino.

Provinciano, adj.: que é do interior.

Mangar, v. t.: zombar.

Meter à bulha, colocar em má situação, em maus panos, em confusão.

Afluir, v. t.: ajuntar, chegar, aglomerar.

Agourento, adj.: de mau agouro, que traz má sorte.

Lábia, s. f.: facilidade de fala, de conversa fácil.

Supranumerário, adj.: que está a mais.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO

2. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) **Dê o significado de MESINHA, MEZINHA, LARGAS, CABO nas seguintes orações:**

O médico prescreveu tomássemos a mezinha antes do cair da tarde.

Assim dizia o Alberto a alguns amigos ao redor de uma mesinha de café. Assim disse o F. B. dando largas à sua neurastenia pessimista.

Chapéu de abas largas. Tu não me largas menino, disse a mãe impaciente.

Ao cabo de meia hora, entrou pelo portão um carregador. Deram cabo dos inimigos que estavam alojados nas montanhas.

b) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) infausto	( ) recém-chegado
(2) submissão	( ) aziago
(3) recear	( ) espantado
(4) boquiaberto	( ) temer
(5) recém-vindo	( ) resignação
(6) caçoar	( ) zombar

c) Procure os sinônimos de:

Soporoso; intuição; catequese; antropofagia; brenha; sudário; bulcão; outeiro; "toilette"; sebe; banzar; júri; canícula; crestar; impertérrito; puritanos; linchar; abstenção; blasonar; ressumbrar; pagode; nômade.

d) Exercícios de inteligência.

ALUSÕES LITERÁRIAS:

Messias ou Cristo, S. João Batista, S. Pedro, S. Paulo, José Bonifácio de Andrada e Silva, Minas Gerais, Roma, Jerusalém, Aparecida do Norte, A Igreja Católica, Rui Barbosa, Oto de Bismarck, ganso, águia, céu ou firmamento, paraíso, Recife, Florença.

O que é que designam as expressões seguintes:

Os pássaros etéreos?	O apóstolo dos gentios?
A preciosa rubiácea?	A mansão dos eleitos?
A Veneza brasileira?	A Suiça brasileira?
A ave de Júpiter?	A Atenas da Itália?
O Cícero brasileiro?	A cidade eterna?
O Salvador do Capitólio?	A cidade santa?
O Desejado das nações?	A Lourdes paulista?
O percursor de Cristo?	A rau de São Pedro?
O patriarca da independência?	A águia de Haia?
O príncipe dos Apóstolos?	O chanceler de ferro?

3. COMPOSIÇÃO

A ignorância: causa de superstições

Descreva o último filme de que gostou

Uma grande decepção

4. EXPRESSÕES TÍPICAS DA LÍNGUA

Por que cargas de água = por que razão.

Um dia a casa cai = modo de dizer que um fato que nunca nos aconteceu pode nos sobrevir um dia.

O melhor dêles nasceu morto = expressão para indicar que nenhum dêles presta.

Cavalheiro de indústria = embusteiro.

Apanhei-te, cavaquinho! = Expressão que se usa quando se apanha alguém em flagrante.

SEMI-VOGAIS, DITONGOS — TRITONGOS — HIATO

1 — Chamam-se semi-vogais as vogais *i*, *u*, quando seguidas ou precedidas de vogal com a qual formam uma só sílaba. Êstes encontros dão origem ao ditongo, tritongo e ao hiato. Representa-se comumente a semi-vogal *i* por (y) e *u* por (w).

2 — DITONGOS — É o encontro de uma vogal e uma semi-vogal ou vice-versa, na mesma sílaba. Ex.: pai, leite, cacau, água, espécie. Temos ditongos:

a) Crescentes ou impróprios — semi-vogal antes da vogal. Ex.: água, espécie, légua.

b) Decrescentes ou próprios — Vogal antes da semi-vogal. Ex.: pai, leite.

c) Orais — Ex.: pai, céu, herói.

d) Nasais — meu, irmão, mãe.

3 — TRITONGOS — Encontro de uma vogal entre duas semi-vogais. Também pode ser oral ou nasal. Ex.: quais, Uruguai, quão.

4 — HIATO — Encontro de duas vogais, cada uma formando sílaba distinta. Ex.: rio (ri-o), perdôo (per-dô-o), saúde (sa-ú-de).

EXERCÍCIOS

1 — Classifique os ditongos crescentes e decrescentes:

Glória	faina	europeu
níveo	róseo	leite
idéia	aurora	iníqüo
idioma	diabo	graúna
teatro	muito	aéreo

2 — Classificar os grupos vocálicos das palavras abaixo:

Airoso	Caías	Perdôo	Ataúde	Põe
Fogaréu	Caias	Lisboa	Saguão	Muito
Cidadão	Iguais	História	Guedelha	Gratúito
Argúi	Irão	Aurora	Deiscente	Hiato
Tafuis	Jamais	Vivíeis	Cruel	Deixa
Saiu	Perdão	Idéia	Véu	Ruim

3 — Por que as palavras: CAIXOTE, ENXAME, são escritas com X?

4 — Aumentativos:

Muralha, ministraço, naviarra, patagão, penhasco, balaço, medicastro, beberrão, narigão, nevasca, pedinchão, espadagão, copázio, pimentão, portão, ramalho, poetastro, ratazana, cabeçorra, vozeirão, lobaz, toleirão, montão, moleirão.

5 — Dar os aumentativos de:

médico	neve	cabeça	poeta	lôbo
ministro	pata	bala	porta	voz
muro	pedinte	monte	ramo	copo
nariz	penha	mole	rata	bebedor
navio	espada	pimenta	tolo	

O BARCO DE PAPEL

OLEGÁRIO MARIANO

Lembro-me bem. Criança ainda. Um dia
De inverno úmido e frio,
Fiz flutuar
Um barco de papel na água de um rio.
E era feliz com a minha fantasia.

De súbito no céu as nuvens se *toldaram*.
Soprou com fúria o vento, e a chuva e o vento
Em *bátegas* passaram...
O barco de papel *soçobrou* num momento.

Pensei com funda e trágica amargura
Que a tempestade viera ùnicamente,
Deliberadamente,
Para inutilizar minha ventura.

Desde êsse dia que vai longe no passado,
Medito horas a fio
No quanto em tudo tenho fracassado.

Quero culpar alguém pela crueldade
Do destino sombrio,
Mas me volta a saudade
Do barco de papel que soçobrou no rio.

VOCABULÁRIO

Toldar, v. t.: cobrir, encobrir.
Bátega, s. f.: aguaceiro grosso.
Soçobrar, v. int.: ir a fundo, ir a pique, afundar.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO

2· ANÁLISE ESTILÍSTICA DO TRECHO

3. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) **Forme um adjetivo com as seguintes palavras:**
criança, dia, inverno, flutuar, água, fantasia, céu, chuva, momento, amargura, tempestade, ventura, saudade.

b) **Forme orações com todos os significados que você conhece de:**
destino, volta, funda, fio.

c) **Procure a diferença que há entre:**
barco e barca; barro e barra; jarro e jarra; limo e lima; rimo e rima; a lente e o lente; a fim e afim;

d) **Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:**

(1) gélido	( ) flutuar
(2) molhado	( ) soçobrar
(3) imaginação	( ) fantasia
(4) sobrenadar	( ) frio
(5) felicidade	( ) úmido
(6) afundar	( ) ventura

4. COMPOSIÇÃO

Faça uma reportagem para um jornal, sôbre "os balões"

Capacidade da engenharia brasileira

A união faz a fôrça

5· EXPRESSÕES TÍPICAS DA LÍNGUA

Andar de ceca e meca = andar daqui e dali à procura de alguma coisa.

Dizer cobrar e lagartos = fazer referências desagradáveis a alguém.

Meter-se na concha = retrair-se, retirar-se do público.

Comer o pão que o diabo amassou = sofrer privações, comer pouco e mal.

Dançar na corda bamba = Estar em situação embaraçosa.

CLASSIFICAÇÃO DAS CONSOANTES

A corrente expiatória o encontrar obstáculos à sua passagem, modifica-se e forma as diversas consoantes. Daí 4 critérios para a sua classificação:

a) Quanto ao modo de articulação

b) Quanto ao ponto de articulação

c) Quanto ao papel das cordas vocais

d) Quanto à ressonância.

1

MODO DE ARTICULAÇÃO

- 1 — OCLUSIVAS: (obstrução total à passagem do ar)
  - a) Orais
    - sonoras — b, d, g
    - surdas — p, t, k
  - nasais
    - sonoras — m, n
    - surdas —
- 2 — CONSTRITIVAS: (há passagem parcial do ar)
  - a) Fricativas
    - sonoras — j, v, z
    - surdas — x, f, s
  - b) Vibrantes — r, rr
  - c) Laterais — l, lh

PONTO DE ARTICULAÇÃO

- 2 — Bilabiais
  - sonoras — b, m
  - surda — p
- 2 — Lábiodentais
  - sonora — v
  - surda — f
- 3 — Linguodentais
  - sonoras — d, n
  - surda — t
- 4 — Palatais
  - sonoras — j, nh, lh
  - surda — x
- 5 — Alveoares
  - sonoras — l, r, rr, z
  - sonora — g (gue)
- 6 — Velares
  - surda — s
  - surda — k

3 — QUANTO AO PAPEL DAS CORDAS VOCAIS — As consoantes podem ser:

a) Sonoras. Quando há vibração das cordas. **Ex.:** b, d, v.

b) Surdas. Quando não há vibração, isto é, a glote está aberta e não impede a passagem do ar. Ex.: p, t, k.

4 — QUANTO A RESSONÂNCIA. Podem ser:

a) Orais. O ar passa totalmente pela bôca. Ex.: p, t, b.

b) Nasais. O ar passa parcialmente pela bôca e pelo nariz. **Ex.:** n, m, nh.

1.º-MODO DE ARTICULAÇÃO		2.º-PONTO DE ARTICULAÇÃO	Bilabiais	Labiodentais	Linguodentais	Alveolares	Palatais	Velares
OCLUSIVAS	Orais	sonoras	B		D			G
		surdas	P		T			C: a o u
	Nasais	sonoras	M		N			
		surdas						
CONSTRITIVAS	Fricativas	sonoras		V		Z	J	
		surdas		F		C: e i, S	CH, X	
	Vibrantes	sonoras				R, RR		
		surdas						
	Laterais	sonoras				L, LH		
		surdas						

EXERCÍCIOS

1 — Faça a análise fonológica das seguintes palavras:

bandeja	lenhador	inferior
vozerio	fritado	chuva
manada	bengala	exílio
xerife	ovelha	rasto

Ex. VELAR

V — consoante, lábio-dental, constritiva, fricativa, sonora.
E — vogal, palatal, oral, reduzida.
L — consoante, alveolar, constritiva, lateral, sonora.
A — vogal média, oral, aberta.
R — consoante, constritiva, vibrante, sonora.

2 — Coloque G ou J dentro dos parênteses:

( )eito	( )ilete	( )íria	ma( )estade
( )erir	( )eitoso	gor( )eta	gor( )ear
( )ibóia	( )ia	( )enipapo	( )erimum
( )ibi	( )irau	( )iló	( )irassol

3 — Completar as frases a seguir com uma das expressões que se acham dentro dos parênteses:

— Chegou a hora (**de a** ou **da**) festa. — Êle se fiava (**em o** ou **no**) chefe ser benevolente. — É triste a hora (**de a** ou **da**) partida. — É triste a hora (**de os** ou **dos**) amigos partirem. — Faça as vontades de seu filho antes (**dêle** ou **de êle**) ser convocado. — A prova consiste (**em o** ou **no**) candidato apresentar títulos. — A minha recondução depende (**de o** ou **do**) diretor precisar de mim. — O ladrão fugiu (**por o** ou **pelo**) guarda estar dormindo.

4 — Acentue quando necessário:

cres	des	les	ves	tens	vens	detem
cre	de	le	ve	tem	vem	detem
creem	deem	leem	veem	tem	vem	detens

O TREM DO PARANÁ

JOSÉ STIVAL

Nascido em Curitiba. Formado em Lêtras Clássicas pela Universidade do Paraná e em Psicologia pela Sorbonne. Fundador e Diretor do Curso de Orientação Educacional da Faculdade Católica de Filosofia de Curitiba. Autor de numerosas poesias para cantos religiosos e outras inéditas. Assina sob o pseudônimo de J. Claraval.

"Srs. Passageiros,
queiram tomar
seus lugares;
a R V P S C
deseja-lhes
muito boa viagem!"

Retardatários
virão voando;
o trem, porém,
não se detém
por mais ninguém!
E vai deixando
a plataforma;
e vai saindo
da estação...
— Até a volta!
— *Ciao!*
— Boa viagem!

Avança que avança
no trilho sem fim,
deixando pra trás
o bairro operário,
a triste favela,
a zona fabril...

Avança que avança
no trilho sem fim,
e em tal disparada
que à beira da estrada
se deita o capim!
Avança que avança
no trilho sem fim;
sacode-se a pança
do amigo Crispim...
E bufa que bufa,
e roda que roda,
vai sempre rodando
sem nunca parar!
Passagem de nível?
Convém apitar:
que o trem na *carreira*
não é brincadeira,
nem vai devagar!
(Huiii-hui-huiuu!)

Ao monstro que passa
envôlto em fumaça,
em *vênia* ligeira
se inclina a cidreira,
em vênia profunda
se deita o capim...

Vai sempre rodando,
vai sempre rodando,
sem nunca parar...
Sòmente a fumaça
não quer viajar;
e salta pra fora,
boiando no ar!

Acaso já viram
um trem cachimbar?!
De longe ou de perto,
é mais do que certo
que todos já viram
um trem cachimbar!

Seu fumo sem gôsto
nos lança no rosto,
em vez de o tragar;
Seu fumo nos lança
em vez de o tragar?!
Parece criança,
não sabe fumar...
(Huiii-hui-huiuu!)

Em todo *arraial*,
de tanto apitar,
não fica ninguém
sem vir apreciar:
tanta janela,
tanta janela,
e tanto rosto
em tôdas elas!...
Por quantas cidades
devemos passar?!
E em quantas, em quantas,
devemos parar?!
Os vários jornais
nos trazem notícias
dos fatos mundiais;
e tantos anúncios
em cada secção:
compra-se, vende-se,
compra-se, vende-se,
tantos artigos,
tantos produtos,
tantos terrenos,
por tanto, por tanto,
por tanto, por tanto!

O chefe de trem
acaba de entrar:
— Bilhete, senhor?
o chefe 'stá lá!
— Alô, senhorita?
o chefe tá lá!
o chefe tá lá!

O sol já *rescalda*
o verde esmeralda
do tenro capim.
Tão mansa a paragem
que dentro de instantes
uns silvos cortantes
virão perturbar!

O gado assustado
parou de pastar...
O próprio chupim
parou de virar;
e alegre da vida
assiste à corrida
no *êrmo* sem fim...

Enquanto o Gonçalo
parece animá-lo
com sua atenção,
um nosso vizinho
com todo o cinismo
discute o marxismo,
na mor confusão!

E em Filosofia
tem tal ousadia,
que julga entender:
do Instinto dos bichos,
da Vida das plantas,
da Ciência de tudo...
Nos fatos da História,
quer êle opinar!
Na Física pura,
quer êle opinar!
Na Ciência obscura,
quer êle opinar!...

Falou-nos do ente,
falou-nos do ente,
do ente falou...
Por uma exceção,
falou do pinheiro,
falou do pinheiro,
mas NÃO do pinhão!

Mudemos de assunto,
pois nosso conjunto,
já quase defunto
de tanto agüentar,
não quer mais ouvir
falar de pinheiro,
mas sim de pinhão,
e só de pinhão...

Já dentro da noite,
longínquo clarão
vem dar o sinal
de haver, afinal,
mais uma estação:
será Itararé,
será Itararé,
Pois é Itararé,
pois é Itararé!
Adeus, ó compasso
da Rêde Viação!
Adeus, ó poesia
que antes se ouvia
em cada vagão!...

Ó Sorocabana,
quer ser mais humana?
Aceita a lição
da Rêde Viação:
imita o *comboio*
que bebe no *arroio;*
que estala nas pontes
e *bufa* nos montes;
que fuma contente,
que fuma com graça,
soltando a fumaça
no rosto da gente...

Já tenho saudades
das belas cidades
do meu Paraná,
do meu Paraná,
do meu Paraná!
E tenho-as, ainda,
da música linda,
(mais linda não há!),
do trem que deixamos,
do trem que largamos,
no meu Paraná,
no meu Paraná,
no meu Paraná!

VOCABULÁRIO

Ciao, (tschau): expressão italiana de despedida.
Carreira, s. f.: disparada, corrida.
Vênia, s. f.: sinal com a cabeça, inclinação.
Arraial, s. m.: lugarejo, aldeia.
Rescaldar, v. t.: esquentar, acalentar.
Comboio, s. m.: composição de vagões, trem.
Arroio, s. m.: riacho, córrego, regato.
Bufar, v. int.: respirar com sofreguidão.
RVPSC: Rêde Viação Paraná Santa Catarina.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO

2. ANÁLISE ESTILÍSTICA DO TRECHO

3. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Forme orações com as seguintes palavras, usando-as em todos os sentidos que você conhece:

boiar
monstro
estação
trilho
rosto

b) Dê o significado de:

sessão, cessão, secção ou seção.

c) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) atrasado	( ) fumaça
(2) corrida	( ) retardatário
(3) mesura	( ) disparada
(4) fumo	( ) longínquo
(5) esquentar	( ) vênia
(6) distante	( ) acalentar

d) Nomes coletivos:

Congregação, ordem, questionário, prataria, sobral ou sobreiral, tripulação, pulguedo, rimário, campanário, tubagem, urnário, vacada, velame, vespeiro, vestuário, vinha, vocabulário, boiada, vozerio, vermineira, uvaça.

e) Dar os coletivos de:

Prata	Sobreiros	Vermes
Pulgas	Tripulantes	Vespas
Questões	Tubos (de órgão)	Vestes
Religiosos	Urnas (funerárias)	Videiras
Rimas	Uvas	Vozes
Sinos	Vacas	Vocábulos
	Velas	Bois

4. COMPOSIÇÃO

Descreva a árvore típica de sua região.
A terra é boa: plante e colha.
O trabalho livre: fator de produtividade

SÍLABA

Sílaba é um fonema ou grupo de fonemas emitidos num só impulso expiratório. ex: fé, leito, quais.
Quanto à constituição as sílabas podem ser:

a) Simples, formada de uma só vogal. ex: há, é, a.
b) Composta, formada de mais de um fonema. ex: Deus, cal, lei.

Obs. A sílaba composta pode ser *aberta*, se acaba em vogal: vi, ali, banana; *travada*, se termina em consoante: ar, mas, a*ber*to, *Car*los.

Quanto ao número de sílabas, temos vocábulos:

a) Monossílabos: pá, mar, mal.
b) Dissílabos: lado, antes, livro.
c) Trissílabos: amado, Janete, Roberto.
d) Polissílabos: amarguradamente, apropriado.

Quanto à posição, a sílaba pode ser:
a) Inicial, *es*talido.
b) Medial, e*sta*lido.
c) Final, estali*do*.

Quanto à acentuação, a sílaba pode ser: a) Tônica, afini*da*de.

b) Átona — afini (sílabas átonas pretônicas)
de (sílaba átona postônica).

EXERCÍCIOS

1 — Classificar as palavras abaixo quanto à sílaba tônica e fazer a separação silábica.

advogado
abstrato
antediluviano
jóia
fratricídio
irascível
delinqüir
meado
juízo
opróbrio
paralelepípedo
anticonstitucional
ab-rogar
desunião
desnaturar
gnomo
arrebatar
inconsciência
constatar
consentir

2 — Nas palavras seguintes de sílabas compostas assinale quais as sílabas abertas e quais as travadas:

receber
cadafalso
modo
algoz
banco
altivo
marquêsa
amparo
padecente
renegar

3 — Colocar dentro dos parênteses, S ou X.

pretê( )to	e( )plendor	e( )plodir	cai( )a
e( )tranho	e( )gôto	sal( )icha	finde( )
mi( )to	e( )trair	te( )to	e( )pletivo
e( )tenso	ju( )tapor	e( )por	de( )tra

4 — Dê a diferença que há entre:

acento, assento; acender, ascender; cenho, senha; emergir, imergir; prover, provir, porvir.

LIÇÃO COMPLEMENTAR

O MEU BRINQUEDO PREFERIDO

CLEÔMENES CAMPOS

Nasceu no Estado do Sergipe, em 1897. Poeta de uma lírica encantadora. Seus versos são apreciadíssimos. OBRAS: Coração encantado; De Mãos postas; Humildade e Zabelê.

Cada um de nós, teve, na infância,
O seu brinquedo preferido.

Eu nunca me apartei, sequer, por um momento,
De um grande papagaio ágil e colorido,
Amigo do alto como o pensamento.

O meu maior prazer era vê-lo à distância
Balouçando-se todo, ao capricho do vento...

De manhã quando o sol diàfanamente louro
Como um estranho papagaio de ouro
Ruborecendo o céu aparecia,
Meu coração pulava de alegria,
E eu pulava no chão, como êle no meu peito,
Da mesma forma satisfeito,
Pois ia ter um belo dia.
Sobraçava-o depressa e ao fazê-lo
Corria:
O vento despenteando-me o cabelo
Penteava-o como bem lhe parecia...

Empinava-o então: esgotava o novêlo
(O meu novêlo enorme), e esquecia-me a vê-lo

Ora calmo, ora aflito,
Quase roçando as nuvens silenciosas,
Feitas das painas vaporosas,
Destas paineiras que há por detrás do infinito.

Sendo muito mais longo que o meu braço,
E mais largo talvez do que a minha jaqueta,
Várias vêzes subia a tal ponto no espaço,
Que dava a idéia de uma simples borboleta,
Que se imobilizasse de cansaço...

E eu perguntava, olhando-o além das serras,
E das árvores altas admirado:
"Quantas terras, meu Deus! assim tão afastado,
Não deve ver o meu papagaio agora?
Quando verei essas porção de terras?
Devem ser lindas!...
E quedava-me calado.

Hoje se reproduz perfeitamente
A mesma cena, sempre que me abstraio:
Meu espírito sobe indefinidamente,
Sobe bem mais do que o meu papagaio.
E eu pergunto depois quando êle me procura:

"Que terras viu o meu espírito na altura?
Quando as verei? Devem ser lindas!..."
E me abstraio
De nôvo, e êle demanda o além tão suavemente,
Que penso ter nas mãos um outro papagaio...

VOCABULÁRIO

COM O AUXÍLIO DE UM DICIONÁRIO PROCURE AS PALAVRAS DESCONHECIDAS

GRAMÁTICA.

a) *Dê as funções do pronome se:*
Elas se arrependeram sinceramente. Cecília feriu-se com a faca. Êles se abstiveram de falar pois não tinham argumento. Os homens deveriam se amar como irmãos. Naquele tempo ainda se vendiam escravos. O diretor se reserva o direito de censurar

tal atitude. Foram-se as minhas esperanças. Irei ao cinema com você se tiver terminado o dever. Êles se queixaram dos maus tratos recebidos. O diretor disse que se fizesse o exame amanhã. Nestes lances é que os homens se estudam. Os seus olhares se encontraram novamente. Foi-se a primeira pomba despertada. Perguntei se êle tinha visitado Nova York. Os meninos ergueram-se no mesmo instante. O balão dava idéia de uma borboleta que se imobilizasse de cansaço...

b) *Escreva no plural as expressões seguintes:*
Eis aqui uma criança recém-nascida. A civilização greco-romana era adiantada. A pessoa alto colocada em geral se esquece do pequeno. Êste é um fonema línguo-dental. Tive a ocasião de assistir a uma sessão lítero-musical. Aprecio a ciência físico-química. A criança surda-muda é amparada pela caridade cristã. Esta maçã está meio deteriorada. Aquêle jogador alvinegro é um exímio craque. Êste casaco azul-celeste é uma maravilha.

c) *Ponha os verbos nos tempos exigidos pelo sentido:*
Os homens ansiar por uma vida mais sossegada. Obedecer sempre aos superiores e não te arrependerás. É bom que você reler a prova. Pôr tôdas as energias neste trabalho. Não desconfiar de si mesmo. Se você requerer os documentos obter sua efetivação. Aos que se manter à distância nada acontecer. Prazer a Deus que não suceder tal desgraça. Carregar os fardos uns dos outros e sentir grande alegria. Antes de falar medir bem as tuas palavras. Se ir comigo não pagar a entrada.

d) *Dê os cognatos de:*

suspender	pôr	moral	justo
campo	romper	fiel	corpo
nota	figura	festa	ligar

e) *Formar o superlativo absoluto sintético dos seguintes adjetivos:*

acre	belaz	eficaz . . .	semelhante .
ágil	bom	capaz	geral . . . .
áspero	benevolente . .	frágil	hábil . . . .
atro	dessemelhante .	frio	incrível . . .
audaz	doce	grácil . . .	mau . . . .

PEDRO BARQUEIRO

AFONSO ARINOS de Melo Franco

Nasceu em Paracatu em 1868 e faleceu em Barcelona em 1916. Diplomou-se em Direito em S. Paulo. São características suas: culto à Moral e profundo sentimento religioso. Viveu grande parte de sua vida na Europa, mas seus escritos conservam o calor brasileiro. OBRAS: Pelo Sertão; Os Jagunços; O Mestre de Campo; Lendas e Tradições brasileiras; Histórias e Paisagens.

Eu lhe conto — dizia-me o Flor, quase ao chegarmos à Cruz de Pedra. "Naquele tempo eu era franzinozinho, maneiro de corpo, ligeiro de braços e de pernas. Meu patrão era avalentoado, temido e tinha sempre em casa uns vinte capangas, rapaziada de ponta de dedo. Eu tinha uma meia légua, *trochada de aço*, que era meu osso da correia". E, consertando o corpo no *lombilho*, soltou as rédeas à mula ruana, que era boa estradeira. Inclinou-se para um lado, debruçando-se sôbre a coxa, e apertou na unha do polegar o fogo do cigarro, puxando uma baforada de fumo.

"Estávamos, um dia, divertindo-nos com os ponteados do Adão, à viola. Eu estava recostado sôbre os pelegos do lombilho, estendidos no chão. A rapaziada tôda em roda. Pouco tínhamos que fazer e passava-se o tempo assim.

"Eis senão quando entra o patrão, com aquêles modos decididos, e, voltando-se para um môço que o acompanhava, disse: "Para o Pedro Barqueiro bastam

êstes meninos!" apontando-me e ao Pascoal com o indicador; "não preciso bulir nos meus peitos largos. O Flor e o Pascoal dão-me conta do crioulo aqui, amarrado *a sedenho*".

"Para que mentir, patrãozinho? o coração me pulou cá dentro, e eu disse comigo — estou na unha! O Pascoal me olhou com o rabo dos olhos. Parece que o patrão nos queria experimentar. Éramos os mais novos dos camaradas, e nunca tínhamos servido senão no campo, juntando a tropa espalhada, pegando algum burro sumido. Eu tinha ouvido falar sempre no Pedro Barqueiro, que um dia aparecera na cidade sem se saber quem era, nem donde vinha. Cheguei uma vez a conhecê-lo e falamo-nos. Que boa peça, patrãozinho! Crioulo retinto, alto, troncudo, pouco falante e *desempenado*. Cada tronco de braço que nem um pedaço de *aroeira*.

Êsse negro metia mêdo de se ver, mas era bonito. Olhava a gente assim com ar de soberbo, de cima para baixo. Parecia ter certeza de que, em chegando a encostar a mão num cabra, o cabra era defunto. Ninguém bulia com êle, mas êle não mexia com os outros. Vivia sempre quieto, em seu canto. Um dia pegaram a dizer que êle era negro fugido, escravo de um homem lá das bandas do Carinhanha. Chegou aos ouvidos do patrão êsse boato. Para que chegou, meu Deus! O patrão não gostava de ver negro, nem mulato de proa. Queria que lhe tirassem o chapéu e lhe tomassem a bênção.

Daí, ainda contavam muita valentia do Barqueiro, nome que lhe puseram por ter vindo dos lados do rio S. Francisco. Essas histórias esquentavam mais o patrão, que eu estava vendo de uma hora para outra estripado no meio da rua, porque era um homem de chegar quando lhe fizessem alguma.

Tanto eu como o Pascoal tínhamos mêdo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade. Subiram de ponto êsse nosso receio e a ira do patrão, quando se soube de uma passagem do Pedro, num batuque em casa de Maria Nova, na rua Abadia.

Chegara uma *precatória* da Pedra dos Angicos e o juiz mandou prender a Pedro. Deram cêrco à casa onde

êle estava na noite do batuque. Ah! meu patrãozinho! O crioulo mostrou aí que canela de onça não é assobio. Não é dizer que estivesse muito armado, nem por isso: só tinha o tal ferro, alumiando sempre; e com êsse ferro deu pancas.

Quando cercaram a casinha e lhe deram voz de prisão, o negro fechou a cara e ficou feito um jacaré de papo amarelo. Deu frente à porta da rua e encostou-se a uma parede. Maria Nova estava perto e me disse que êle cochichou uma oração, apertando nos dedos um bentinho, que branquejava na pele negra de sua peitaria lustrosa.

"Chegaram a entrar na casa três homens da *escolta*, e todos três ficaram estendidos. Pedro tinha oração, e muito boa oração contra arma de fogo, porque José Pequeno, caboclinho *atarracado*, ao entrar, escancarou no negro o *pinguelo* de um clavinote e fêz fogo. Pedro Barqueiro caminhou sôbre êle na fumaça da pólvora e, quando clareou a sala, José Pequeno estava *escornado* no chão como um boi sangrado.

"Dois rapazinhos quiseram chegar ainda assim, mas Pedro Barqueiro descadeirou um e pôs as tripas de fora a outro, que escaparam, é verdade, mas ficaram lá no chão gemendo por muito tempo.

"Daí para cá, Pedro evitava andar pela cidade, onde só aparecia de longe em longe, e à noite. Mas todo o mundo tinha mêdo dêle e vivia adulando-o.

"Um dia, como já lhe contei, apareceu lá em casa um môço pedindo auxílio a meu patrão para agarrar o negro. Era mesmo escravo, o Barqueiro; mas há muitos anos vivia fugido. Já lhe disse que o patrão queria tirar o topete ao valentão, e, para isso, escolheu pobre de mim e Pascoal.

— Que dizes, Flor? falou o patrão rindo-se.

— Uai, meu branco, vossemecê mandando, o negro vem mesmo, e no sedenho.

— Quero ver isso.

— Vamos embora, Pascoal!

"Quando íamos sair, o patrão bateu-me no om-

bro e, voltando-se para o môço, disse muito firme: "Pode prevenir a escolta para vir buscar o Barqueiro aqui, de tarde. Hão de dar duzentos mil réis a êstes meninos". Desci ao quarto dos arreios, passei a mão na meia légua e no facão e apertei a correia à cinta.

Pascoal já estava à porta da rua, assobiando. Tinha por costume, nos momentos de apêrto, assobiar sempre uma trova, que diz assim:

"Na mata de Josué
Ouvi o mutum *gemê;*
Êle geme assim:
Ai-rê-uê, hum! ai-rê!"

Quando Pascoal me viu, soltou uma risada.

— Estás doido, rapaz! gritou-me.

— Por quê?

— Queres mesmo enfrentar com o Pedro Barqueiro?... Êle faz de nós passoca. A coisa se há de fazer de outro modo.

Pascoal tinha tento e eu sempre tive fé nêle. Era um cabritozinho *mitrado*. Saía-lhe cada idéia... Mandou-me guardar a *meia légua* e o facão. Depois foi à venda, escolheu anzóis de pesca e veio para casa *encastoá-los*. Eu, nem bico! Ajudei a acabar o serviço, certo de que Pascoal tinha alguma na mente.

— Deixa a coisa comigo, ajuntava êle.

Isso ainda era cedo; o sol estava umas três braças de fora, no tempo dos dias grandes. Lá por casa, madrugávamos sempre para ir ao pasto e trazer os animais de trato.

— Vamos fazer uma pescaria, disse-me o Pascoal. Ali para os lados do Batista, perto de um *baruzeiro* grande, há um poço onde as *curumatãs* e os piaus são como formigas. O rancho do Pedro Barqueiro fica perto. Êle mora só e eu conheço bem o lugar. Pela astúcia havemos de prendê-lo. Quando eu gritar — segura, Flor! — tu agarras o negro, mas, segura rente.

— E fomos. Nessa hora me veio bastante vontade de fugir ao perigo, de ir passear, porque, tinha como certo suceder-nos alguma. — "Que é lá, Flor!" — disse de mim para mim: "Um homem é para outro". E depois o Pascoal não me deixava nas *embiras*. Quando descemos o Gorgulho e fomos virando para o lado do córrego fiquei meio *sorumbático*.

Cheguei a dar tremenda *topada* numa pedra, no meio da estrada. Curvei-me sôbre a perna, agarrei o pé com as mãos e estive assim dançando sem querer, um pedacinho de tempo. Depois, levantei a cabeça. Pascoal sentara num barranco e encarava para mim, rindo. Levantei a cabeça e olhei para cima, assuntando. No céu galopavam umas nuvens escuras, a modo de um bando de queixadas rodando pelo campo. Um vento áspero passava, arrancando do jenipapeiro as frutas maduras, que esborrachavam no chão assim — pof! — espantando as juritis que andavam *esgaravatando* a terra e comendo grãozinhos. Duas seriemas guinchavam, esguelavam. Depois vi que estavam brigando — me lembra como se fôsse hoje — e uma avançava para outra, dando pulinhos, sacudindo as asas com o cocuruto arrepiado e os olhos em fogo. O coração pareceu dizer-me outra vez — "olha, Flor, o que vais fazer". Nesse entretanto, o Pascoal, que me encarava sempre do ponto onde estava sentado, gritou-me:

— "Esqueceste a cabeça nalgum lugar? Vamos embora que vai tardando já".

Fiquei *descochado;* caí em mim e fui marchando disposto. Daí em diante fui brincando com o Pascoal, que era muito divertido e tinha sempre um caso a contar. Chegando em baixo, arregaçamos as calças e descemos o córrego, cada um com seu anzol na vara, ao ombro. Era preciso que ninguém desconfiasse do nosso *conluio* para prender o Pedro Barqueiro. Aí quase que tínhamos esquecido o perigoso mandado, tão diferente andava a conversa com as caçoadas do Pascoal.

Para encurtar a história, patrãozinho, achamos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha três divisões: a sala, o quarto dêle e a cozinha. Quando chegamos, Pedro estava no terreiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, ali perto.

— Vocês por aqui, meninos? Olhem! vão ali àquele poço para baixo da cachoeira. Tem lá uma laje grande e de cima dela vocês podem fazer bichas com os piaus.

— Louvado seja Cristo, meu tio! havia dito o Pascoal, e nisto o imitei.

— Se quiserem comer uma carne assada ao espeto, tirem um naco; está na fumaça por cima do fogão, uma boa manta. Olhem a faca aí na sala, se vocês não tem alguma *carenguengue*.

Pascoal entrou e viu recostado a um canto da parede o ferro alumiando. Pegou nêle, saiu pela porta da cozinha e escondeu-o numa *restinga*, ao fundo. Depois, me assobiou, eu acudi e fui procurar a *lazarina* de Pedro — boa arma de um só cano, é verdade, mas comedeira.

— Há alguma jaó por aqui, tio Pedro? perguntou Pascoal.

— Nem uma, nem duas, um lote delas. Se você quer experimentar minha arma, vá lá dentro e tire-a. Não errando a pontaria você traz agora mesmo uma jaó.

— Quero matar um passarinho para fazer isca, meu tio.

— Pois vá, menino.

— E Pascoal descarregou a arma. Pedro tinha-se levantado e falava com Pascoal do vão da porta de entrada. Era a hora. Pascoal me fêz um sinalzinho, eu dei volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas. A combinação era essa. Enquanto Pascoal o foi entretendo, eu fui chegando soturno, e quando êle gritou — "segura!" — eu pulei como uma onça sôbre o negro desprevenido.

Conheci o que era homem, patrãozinho! Saltando-lhe nas costas, dei-lhe um abraço de tamanduá no pescoço. Mas o negro não pateteou, e mergulhando comigo para dentro da sala, gritou:

— Nem dez de vocês, meninos! Ah! se eu soubesse...

Patrãozinho, eu sei dizer que o negro me sacudiu para cima como um touro bravo sacode uma *garrocha*.

Mas eu via que se o largasse, estava morto, e *arrochei* os braços.

— "Chega Pascoal!" gritei.

— Eu quero manobrar de fora. Ânimo! Segura bem que nós amarramos o negro.

"Que tirada de tempo! O negro às vêzes abaixava a cabeça, dando de pôpa, e minhas pernas dançavam no ar, tocando quase o teto do rancho. Lutamos, lutamos, até que Pascoal pôde meter um *tolete* de pau entre as canelas do Pedro, de modo que êle cambaleou e caiu de bruços. Nós dois pulamos em riba dêle. Eu, triunfante, gritava:

— "Conheceu, crioulo? Negro é homem?"

Êle era teimoso, porque dizia ainda:

— "Nem dez de vocês, meninos! Ah! se eu soubesse..."

Pascoal trazia à bandoleira um embornal para carregar peixe e veio dentro dêle escondida uma corda de sedenho, comprida e forte. O Barqueiro estava no chão; e foi preciso ainda fazermos bonito para amarrá-lo.

— Agora, puxe na frente, seu negro! gritou-lhe o Pascoal.

Havíamos juntado os braços dêle nas costas e apertamos com vontade. Ficou completamente tolhido. Eu ia segurando a ponta do sedenho e levava o negro na frente. Mesmo assim, houve uma hora em que êle deu um tombo, arrancando de repente a correr. Por seguro a corda estava-me enrolada na mão, e eu não a larguei. Nesse instante Pascoal tinha corrido atrás dêle e lhe descarregado na nuca um tremendo murro que o fêz bambear um pouco e me deu tempo de endurecer o corpo e segurar firme a corda. O Barqueiro depois que saiu do rancho não pioú.

Chegamos a casa de tarde e o negro ia no sedenho.

— Eu não disse, gritava o patrão muito contente, que só bastavam êsses dois meninos para o Barqueiro? Está aí o negro.

E o povo corria para ver, e a frente da casa do patrão estava *estivada* de gente. Recebemos os duzentos

mil réis. Tinha-me esquecido de contar-lhe que eu fizera uma promessa à Senhora da Abadia, de levar-lhe ao altar uma vela, se voltasse são e salvo. Cumpri a promessa no dia seguinte e arranjei uma festinha para a noite. Saí da casa de José Mendes, onde dei a festa, quando os galos estavam amiudando. A estrêla d'alva, no céu escuro, parecia uma garça lavando-se na lagoa. O orvalho das vassouras me molhou as pernas e eu estremeci um bocadinho. Entrei num bêco que ia sair na rua de Trás, onde eu então morava. Ia meio avexado e peguei a banzar. Desandei a cantar, bem chorada esta cantinga:

Tá trepado no pau,
De cabeça p'ra baixo,
Com as asas caídas,
Gavião de penacho!

Todo o mundo tem seu bem,
Só pobre de mim não tem!
Ai! gavião de penacho!

De repente, pulou um vulto diante de mim. Quem havia de ser, patrãozinho? Era o Pedro Barqueiro em carne e osso. Tinha não sei como, desamarrado as cordas e escapado da escolta em cujas mãos o patrão o havia entregado. O ladrão do negro tinha oração contra sedenho! Sem me dar tempo de nada, o Barqueiro me agarrou pela gola e me *sugigou*. Levantou-me no ar três vêzes, de braço têso, e gritou-me:

— Pede perdão, cabrito, desavergonhado, do que fizeste ontem, que te vou mandar para o inferno! Pede perdão já!

A gente precisa ter um bocado de sangue nas veias, patrãozinho, e um homem é um homem! Eu não lhe disse pau nem pedra. Vi que morria, criei ânimo e disse comigo que o negro não me havia de pôr o pé no pescoço. Exigiu-me êle ainda muitas vêzes que lhe pedisse perdão, mas eu não lhe respondi. Então, êle foi me levando nos braços até uma pontezinha que

atravessava uma *perambeira* medonha. A bôca do buraco estava escura como breu e parecia uma bôca de sucuriú querendo me engulir. Suspendeu-me arriba do guarda-mão da ponte e balançou meu corpo no ar. Nessa hora subiu-me um frio pelos pés e um como formigueiro me passou pela *regueira* das costas até à nuca; mas, minha bôca ficou fechada. Então, o Barqueiro, levando-me de nôvo, me pousou no chão, onde eu bati firme.

O dia estava querendo clarear. O negro olhou para mim muito tempo, depois disse:

— "Vai-te embora cabritinho, tu és o único homem que tenho encontrado nesta vida!"

Eu olhei para êle, pasmado.

Aquêle pedaço de crioulo cresceu-me diante dos olhos, e vi — não sei se era o dia que vinha raiando — mas eu vi uma luz *estúrdia* na cabeça de Pedro. Desempenado, robusto ,grande, de braço estendido, me pareceu, mal comparando, o Arcanjo São Miguel sugigando o Maligno. Até claro êle ficou nessa hora! Tirei o chapéu e fui andando de costas, olhando sempre para êle. Veio-me uma coisa na garganta e penso que me ia faltando o ar.

Insensìvelmente estendi a mão. As lágrimas me saltaram dos olhos, e foi chorando que eu disse:

— "Louvado seja Cristo, tio Pedro!"

Quando caí em mim, êle tinha desaparecido.

VOCABULÁRIO

Trochar, v. t.: torcer para reforçar.
Lombilho, s. m.: espécie de selim, sela, serigote.
Sedenho, s. m.: corda para prender ou amarrar animal ou pessoa.
Desempenado, adj.: valente, sem mêdo, atrevido.
Aroeira, s. f.: espécie de árvore.
Precatória, s. f.: carta que um juiz de uma circunscrição dirige à de outra para mandar cumprir certas diligências judiciais.
Escolta, s. f.: tropa ou grupo de soldados para defender ou guardar.
Pinguelo, s. m.: gatilho.
Escornar, v. int.: ferir com os cornos, escorraçar.
Mitrado, adj.: finório, sagaz.
Encastoar, v. t.: engastar, pôr o castão em.
Curumatã, s. f.: nome dado a certos peixes do Amazonas e do São Francisco.
Baruzeiro, s. m.: espécie de árvore.

Embira, s. f.: fibra de certos vegetais.
Sorumbático, adj.: triste, melancólico, calado.
Topada, s. f.: tropêço com o dedo do pé em pedra, etc.
Esgaravatar, v. t.: ciscar, remexer com as unhas.
Descochar, v. int.: desorientar, envergonhar.
Conluio, s. m.: trama, truque, artimanha.
Carenguengue, s. m.: faca velha e imprestável.
Restinga, s. f.: pedaço de terra que avança nas águas.
Lazarina, s. f.: espécie de espingarda para caçar aves miúdas.
Garrocha, s. f.: pau com ferro farpado numa extremidade.
Arrochar, v. t.: apertar muito.
Tolete, s. m.: pedaço de pau roliço.
Estivado, adj.: cheio, repleto.
Sugigar, v. t.: subjugar, submeter, dominar.
Perambeira, s. f.: precipício, abismo.
Regueira, s. f.: espécie de rego.
Estúrdio, adj. esquisito, fora do comum.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO

2. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) **Dê o significado de: TÍMIDO, TEMIDO, CONCÊRTO, CONSÊRTO nas seguintes orações:**

Meu patrão era temido e tinha em casa uns vinte capangas. Êste rapaz é um tanto tímido. Iremos ao concêrto matinal da juventude. O consêrto dêste carro custou muito.

b) **Forme orações com as seguintes palavras usando-as em todos os significados que você conhece:**

cabra	cara
bandas	tento
panca	guincho

c) **Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:**

(1) mandado	( ) distraído
(2) naco	( ) titubear
(3) desprevenido	( ) pedaço
(4) cambalear	( ) corda
(5) sedenho	( ) começar
(6) desandar	( ) missão

d) **Dê o significado das palavras grifadas:**

O orvalho das **vassouras** me molhou as pernas. **Ia** meio **avexado** e peguei **a banzar.** E **desandei** a cantar, bem chorada esta **cantiga.** Eu não lhe disse **pau nem pedra.** A bôca do buraco estava **escura como breu** e parecia uma **bôca de sucuriú** querendo me engulir.

3. COMPOSIÇÃO

Um caso de assombração.
O progresso de minha cidade.

A chegada do trem numa cidade interiorana.

4. EXPRESSÕES TÍPICAS DA LÍNGUA

Falar com o coração nas mãos = falar com sinceridade.
Falar de (qualquer coisa...) **é como falar de corda em casa de enforcado** = conversa que deve ser evitado no caso em questão.
Há dente de coelho = aqui há alguma dificuldade oculta.
Lágrimas de crocodilo = lágrimas fingidas.
Pão, pão, queijo, queijo = com franqueza, sem subterfúgios.

FORMAÇÃO DO LÉXICO

Dois são os processos de formação de novos vocábulos em português:

a) COMPOSIÇÃO
b) DERIVAÇÃO

a) COMPOSIÇÃO

É a formação de uma palavra de significação nova mediante a reunião de dois ou mais elementos de significação própria.

Os elementos componentes podem vir ou *justapostos:* pé de moleque, bisneto, passa-tempo; ou *aglutinados:* vinagre, planalto, petróleo.

Alguns casos de composição:

a) Substantivo + substantivo: ponto-chave, papel-moeda, navio-escola.

b) Substantivo + adjetivo ou vice-versa: centro-acadêmico, belas-artes.

c) Adjetivo + adjetivo: ítalo-franco, alvi-negro, surdo-mudo.
d) Numeral + substantivo: Sexta-feira, bisneto, trigêmeo.
e) Advérbio + substantivo, adjetivo ou verbo: benquerença, bendito, malcriado, benquisto.
f) Verbo + substantivo: Apanha-môsca, lança-perfume.
g) Verbo + verbo ou verbo + conjunção + verbo: tira-põe, pegue-pague, leva-e-traz.

EXERCÍCIOS

1 — Separe os nomes justapostos dos aglutinados.

antediluviano	petróleo	planalto	alvi-celeste
passatempo	malcriado	bate-bôca	franco-alemão
trigêmeo	pisca-pisca	auri-verde	pegue-pague
aguardente	bisneto		
quinta-feira	carta-convite		

2 — Forme 5 substantivos usando:

a) substantivo + substantivo;
b) substantivo + adjetivo, ou vice-versa;
c) adjetivo + adjetivo;
d) numeral + substantivo;
e) verbo + substantivo;
f) verbo + verbo.

3 — Coloque H, Ç, C e SS dentro dos parênteses:

( )úmido	ba( )o
( )irsuto	la( )o
( )íspido	la( )o
( )umbela	pa( )o
( )orizonte	pa( )o
( )arpa	refe( )e
( )aste	ati( )o
( )armonia	tra( )a

4 — Acentuar se fôr preciso e justificar:

Para (prep.)	pera (s. f.)
para (v.)	pera (comb.)
pela (s. f.)	pera (s. f.)
pela (prep.)	polo (s. m.)
pela (v.)	polos (s. m. pl.)
pelo (comb.)	polo (s. m.) = gavião.
pelo (s. m.)	polo (comb.)

A PALMEIRA E O RAIO

AMADEU AMARAL

Nasceu em Capivari, Estado de São Paulo, em 1875. Faleceu em 1929. Sua vida foi dedicada ao magistério. Distinguiu-se em vários gêneros literários. OBRAS: Urzes; Névia; Espumas; Dialeto Caipira; Lêtras Floridas, etc.

A Palmeira, entre a *plebe hirsuta* dos arbustos,
Das árvores *anãs,* moitas de um verde baço,
Ásperos taquarais que o vento encurva e anima,
Lá está, calma e feliz, sem temores nem sustos:
Um só traço direito a *fender* o alto espaço,
Com um largo leque aberto a balouçar-se em cima.
Da planura, em redor, vê-se-lhe o vulto *esguio*
Sôbre a *crespa* colina único descoberto,
Remirando-se airoso em solidão tamanha.
Abrindo o seio azul, em baixo, espelha-o o rio.
Voam-lhe à volta, em ronda, as aves do deserto,
E debruça-se além, contemplando-o a montanha.
Só ela põe no horror do quadro, *híspidos* montes,
Agrestes barrocais, plainos áridos, vale
Sombrio, mato ralo e poento, — só ela
Põe no bocejo atroz que enche êstes horizontes
O encanto de um sorriso, um sorriso que vale
Por tudo, e a graça de uma ondulante *umbela*
Quando a manhã reponta, à aura leve, que adeja,
Em tôrno, o sol disputa a glória de beijá-la.
Sôbre a névoa do vale, onde a água dorme oculta,
Sôbre os moitais que a sombra ainda *empasta* e [negreja,
Ela só se *desvenda,* e *incrusta* em flúida *opala*
O verde *capitel* que o isolamento avulta.

Quando o dia esmorece e o ocaso se esbrazeia
E uma cinza azul-negra enche as quebradas calmas,
Sôbre o outeiro perfil, tinto de sol, se enxerga,
Solitário na turba imensa que o rodeia,
Erguendo para o céu, no doce arfar das palmas,
o *anseio* ascencional de uma fé que não verga.
Um dia, o sol queimava, em torrentes de chama.
Tudo prostrado. O rio é uma placa de chumbo:
Nem um frémito de ar na água pregada à borda.
Como vasada em bronze, *imota* a curva rama,
A Palmeira morreu, talvez... Mas um retumbo,
Súbito, estruge ao longe e o eco pesado acorda.
Uma nuvem se arranca, além, à serra *assoma,*
E engrossa. O azul do céu, metálico se turva.
Um vento frusco açoita o matagal, *bulhento.*
O caule da Palmeira, enfim, se abala; a *coma*
Dança e zune, e a oscilar traça tão larga curva,
Que parece fugir, livre e jovial com o vento.
Estala um raio. A escuridão cresce. A tormenta!
Outro raio, a raivar, perante o serro *bronco,*
Retalhando-o, talvez, com o inflamado *cutelo.*
Outro mais. Outro ainda...: Êste, agora, rebenta
Sôbre o leque esvoaçante, e fere e lasca o tronco
Da Palmeira gentil. Dobra-se o amplo *flabelo.* ....
Então ressoa a voz da alta Palmeira: — "Basta!
Acertaste, afinal, Raio ardente, Inimigo,
A haste encontras, enfim, tantas vêzes buscada
Em vão. Achas, enfim, a fronte erguida e casta,
Que jamais se curvou, que se enfrentou contigo,
Cem vêzes, sem terror. E venceste. Obrigada...
É uma glória morrer na tormenta desfeita,
Sob o vento, o granizo e o trovão; morrer quando
Sôbre mim se despenha o universal assalto;
Resistir a cantar, sustentar-me direita
Cair varada assim de um golpe que vem do alto.
És o inimigo audaz e reto. Desconheces
O gelado rancor que teme a luta e o risco,
O ódio atroz que sorri, e sorrindo assassina,
Desconheces a *baba* e a *peçonha,* os *refeces*
Ardis, ó *acúleo* surdo, olhar do basilisco...

Tens o orgulho que explode e a raiva que fulmina.
Tu me viste ereta, a rir à luz ridente,
Dominando a solidão com a graça do meu vulto,
Com o som do meu cantar, com a altivez do meu porte.
Por eu ser assim grande, e por ter olhar de frente,
Quiseste-me prostar. E poupaste-me o insulto
Da tua compaixão desdenhosa de forte.
Vieste, de frente e de alto e, *rábido* caíste
Cem vêzes sôbre mim. E cem vêzes erraste
Os golpes. E também cem vêzes, sibilante,
O meu riso ressoou no espaço escuro e triste.
Mas agora venceste. Eis *rôta* a umbela; eis a haste,
Sempre de pé, mas rota. Eis-te, enfim, triunfante.
Obrigada... O teu ódio audaz foi fôrça minha.
Certa de ameaça leal e do assalto *galhardo,*
Vivi no sentimento heróico do meu têrmo.
Armaste-me guerreira. Ungiste-me rainha.
Desprezei o que é torpe, — o plangente *moscardo,*
A lesma fria, o cipó frouxo, o sapo enfermo.
Que seria de mim sem o teu ódio franco?
Teria que empregar minha cólera augusta
Contra o inseto *roaz,* contra o *bátracio,* contra ..
Os parasitas vis; e olharia o barranco,
Em vez da serra azul que além com o céu se encontra.
E teria o inimigo atroz que irrita e enoja,
O que coaxa, o que trila, o que zumbe ou cicia...
E a lenta podridão..." — Emudece a Palmeira.
O vento, uivando ,avança, e estorce, envolve e arroja
A fronte que, a morrer, ainda o desafia...
— O raio estronda, além, rasgando a cordilheira.

VOCABULÁRIO

Plebe, s. f.: povo, gente, multidão.
Hirsuto, adj.: cheio de cabelos, emaranhado.
Anão, s. m.: pequeno, baixo, miúdo.
Baço, adj.: moreno, trigueiro-pálido, sem brilho.
Fender, v. t.: rachar, partir.
Esguio, adj.: esbelto, alto, fino e alto.
Crespo, adj.: acidentado, ondulado.
Hispido, adj.: eriçado de pelos.
Agreste, adj.: silvestre, rústico, relativo ao campo.

Umbela, s. f.: sombrinha, pequeno pálio.
Empastar, v. t.: ligar, unir, cobrir de pasta.
Desvendar, v. t. revelar, descobrir.
Incrustar, v. t.: cobrir, revestir, vestir.
Opala, s. f.: espécie de quartzo de variegadas côres.
Capitel, s. m.: remate de coluna, parte superior de coluna.
Anseio, s. m.: desejo ardente, vontade.
Imoto, adj.: imóvel.
Assomar, v. t.: aparecer, surgir.
Bulhento, adj.: barulhento.
Coma, s. f.: franças, ponta mais alta das árvores.
Bronco, adj.: grosseiro, indômito, áspero, rude.
Cutelo, s. m.: faca circular.
Flabelo, s. m.: fôlha das palmeiras.
Baba, s. f.: escuma, humor que escorre da bôca.
Peçonha, s. f.: veneno.
Refece, adj.: que tem maus sentimentos, infame, ordinário.
Acúleo, s. m.: espinho.
Basilisco, s. m.: serpente fabulosa que matava com a vista ou o bafo.
Rábido, adj. raivoso, irado.
Rôta, adj.: rasgada, esfarrapada.
Galhardo, adj.: garboso, elegante, folgazão.
Moscado, adj.: almiscarado, aromático.
Roaz, adj.: que roi, destruidor.
Combusto, adj. queimado, comburido.
Batrácio, s. m.: batráquio.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO
2. ANÁLISE ESTILÍSTICA DO TRECHO
3. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) estéril	( ) barranca
(2) sêrro	( ) névoa
(3) poento	( ) deserto
(4) barroca	( ) empoeirado
(5) zéfiro	( ) colina
(6) vapor	( ) aura

b) Dê um sinônimo para a palavra grifada:

Quando o dia **esmaece** e o **poente** se **afogueia** e uma cinza azul-negra **enche** as **quebradas calmas**, sôbre o **outeiro** o **perfil, tinto** de sol, se **enxerga, solitário** na **turba imensa** que o **cerca, erguendo** para o **céu**, no **doce arfar** dos **flabelos**, o **anseio** ascenciona de uma **crença** que não **verga**.

c) A que sêres da natureza são aplicados os seguintes verbos onomatopaicos? Qual o seu significado?

Ciciar	uivar	coaxar	farfalhar
zumbir	ulular	sibilar	rufar
planger	trilar	murmurar	crocitar

d) Forme um adjetivo com os seguintes têrmos:

rir	fulminar	osso
triunfar	bulha	palmeira
audácia	tormenta	universo
sibilar	flabelo	monte

4. COMPOSIÇÃO

Descreva o mais bonito móvel de sua casa.
Faça um discurso de saudação à sua cidade por ocasião do cinquentenário.
Um ato heróico.

FORMAÇÃO DO LÉXICO — A DERIVAÇÃO

A derivação consiste em agregar um afixo às palavras primitivas, formando assim um vocábulo nôvo.
Os afixos dividem-se em *prefixos*, colocados antes dos vocábulos e em *sufixos*, colocados no final.

1 — DERIVAÇÃO PREFIXAL — Os nossos prefixos procedem do latim e do grêgo. Correspondem em geral a preposição ou a advérbio e têm um sentido mais ou menos preciso. ex: propor, induzir, afônico, etc.

2 — DERIVAÇÃO SUFIXAL — Os sufixos são ainda mais vagos de significação dos que os prefixos. Servem sòmente para formar séries de novos vocábulos. Pedra: pedraria, pedreiro, pedrinha, pedregulho, etc.

3 — DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA — É a formação de vocábulos, por prefixação e sufixação simultâneamente. ex: *re*duplic*ar*, *des*regrad*amente*, *per*faz*er*, *anti*constitucionalíssim*amente*.

4 — HIBRIDISMO — Formação de palavras com elementos provenientes de línguas diversas. ex:

— grego e latim	— neolatino
— latim e grego	— sociólogo
— francês e grego	— burocracia
— tupi e português	— cipó-chumbo
— alemão e grego	— zincografia

5 — *Palavras sincréticas* — Assim se denominam as palavras que têm duas formas: *noute, noite; ouro, oiro; assobio, assovio; taberna, taverna; cobarde, covarde; doudo, doido; cousa, coisa.*
Obs. A derivação prefixal e a derivação sufixal constituem a *derivação própria*. A mudança que sofre uma palavra no sentido e na classe gramatical, sem intervenção de afixos, chama-se *derivação imprópria*. Ex.: o pobre, os ricos; os "eus", o nada, o tudo; o poder, o querer, o viver, o gigante; falar alto, vender barato, ver claro, etc.
Sufixos mais usados na formação de substantivos:

a) *indicando agente:*
ária — secretária
ário — boticário
eira — costureira
eiro — chapeleiro
dor — vendedor
ista — modista

b) *indicando coleção:*
aria — vidraria
eria — correria
erio — vozerio
ada — cavalhada
edo — arvoredo
al — milharal
eiro — palheiro
alha — gentalha
ulho — pedregulho
dade — irmandade
ume — folhame

c) *indicando estado ou qualidade:*
ura — brandura
dade — bondade
dura — ditadura
tura — curvatura
eza — grandeza
ez — viuvez
ice — velhice
ite — rinite

d) *indicando diminuição:*
inha — mãozinha
inho — mocinho
ito — franganito
ita — casita
ete — cavalete
ote — camarote
ulo — glóbulo
ucho — papelucho
acho — populacho
ula — fórmula
ola — aldeola
im — espadim

e) *indicando lugar:*
douro — bebedouro
doura — manjedoura
ório — cartório

Sufixos mais usados na formação de adjetivos:

ês — português
ense — fluminense
ano — pompeano
eiro — brasileiro
ino — fueguino
eno — chileno
ista — paulista
aico — incaico
ático — asiático
al — estadual
ar — familiar
esco — dantesco
úvel — solúvel
iço — encontradiço
az — loquaz
ivo — pensativo
ório — finório
ento — cruento
io — algárvio

EXERCÍCIOS

1 — Assinale os derivados próprios e os impróprios reconhecendo a classe gramatical na oração:

Um não dito com delicadeza não ofende. Isto aconteceu ao entardecer de ontem. Não fale alto para não acordar o pequeno. Champagne do pobre é sonrisal. O querer subentende escolha adequada dos meios. Havia no seu modo de agir um quê de encantador. Introduziu o hóspede na ante-sala. Que belos inventos são o rádio e a televisão. Vamos levar mais a sério o estudo das ciências. Os potentados e os humildes chegarão ao mesmo ponto final: o túmulo.

2 — Com auxílio da lista infra, decomponha os vocábulos portuguêses que se lhe seguem:

1. **Absorbere, absorptum,** absorver.
2. **Abstinere, abstentum,** abster-se.
3. **Accipere, acceptum,** receber, aceitar.
4. **Adulari, adulatus,** adular.
5. **Ager, agri,** campo.
6. **Bestia, bestiae,** bêsta.
7. **Calor, caloris,** calor.
8. **Campus, campi,** campo.
9. **Causticus, a, um,** cáustico.
10. **Colere, cultum,** cultivar.
11. **Comburere, combustum,** queimar.
12. **Contrahere, contractum,** apertar.
13. **Densus,** espêsso.
14. **Ducere, ductum,** conduzir.
15. **Equus, equi,** cavalo.
16. **Esse,** ser, pertencer.
17. **Fama, famae,** fama.
18. **Ferre, latum,** levar.
19. **Flectere, flexum,** dobrar.
20. **Gradior, gressus,** andar.
21. **Hospes, hospitis,** hóspede.
22. **Jus, juris,** direito.

Absorção, abstinência, aceitação, adulação, agricultor, bestialmente, calorífero, campônio, cáustico, colonização, incombustível, contrátil, condensar, circunflexo, abdutor, equipagem, essencialmente, infâmia, translação, reflexão, retrogradar, inóspito, abjuração.

3 — Substitua os algarismos pela palavra que sugerem, consultando a lista anterior.

A 13 da água a quatro 20 foi escolhida para unidade. — São maravilhosos os 20 das ciências no século XIX. — Os juízes foram 19; sentenciaram a pena máxima. — O 12 foi assinado por ambos os 12. — Um fósforo a arder: eis um exemplo de 11. — O oxigênio arde, mas não faz arder; é 11, mas não é 11. — Nas costas da Inglaterra, ainda existem 8 romanos. — À carroça atrelam-se as 6. — Ai dos poderosos que só ligam às falas dos 4! — Não façais confusão da 14 com a 14: esta remonta do fato observado à lei que o rege; aquela desce do princípio às conseqüências. — Uma boa antologia deve abranger a 16 das obras-primas dos escritores.

4 — Com o auxílio dos prefixos latinos, forme novas palavras com com os vocábulos seguintes, dando a definição de cada palavra formada.

Janela	Manhã	Sorver	Avó
Grave	Clamar	Uso	Fazer
Diluviano	Ministrar	Pé	Renano
Jardim	Revés	Feio	Renegar
Monitor	Datar	Tom	Errar
Proa	Vizinho	Platino	Navegar
Firmar	Escrever	Mão	Salto
Jacente	Testa	Tênue	Soberba
Junto	Sexto	Alpino	

O CASO DO CHICO BÔIA

CIRINEU ALVARENGA

Homem de seus 40 anos, Orozimbo Jaquita morava numa das ruas mais movimentadas da cidade, por onde corria de vez em quando o carro do Garibaldi, o único da praça. Resolveu *assentar* o nome entre os negociantes locais, pelo que *emprazou* o Olímpio Bôca de Fôrno, que lhe rasgou duas portas no *vetusto* casarão do defunto Procópio das Carrocerias Velhas. Pendurou pencas de bananas, e espalhou pelo chão, abóboras e melancias, que foram vendidas no mesmo dia.

Precisava de um nome com que batizasse a firma, e mandou chamar o afamado pintor, Joaquim Pescador. Veio êste, observou a casa, *trauteou* umas tantas frases, marcou para segunda-feira o início dos trabalhos e foram bebericar o vinho reservado para a inauguração.

Quando o sol apontou, Joaquim Pescador já erguia os andaimes. Ao entardecer, os mais letrados podiam adivinhar o que êle traçara.

— Está pintando, Joaquim Pescador? — perguntou o Mutuca, tio do Tarzã, sacudindo as traves.

— Pintando, meu velho; pintando é o que é!

A notícia de que Joaquim Pescador fôra chamado pelo Orozimbo para gravar o nome da casa, chegou às orelhas do Olímpio Pintor, o maior consumidor de tintas da cidade.

—Qual — *casquinou* o velho narigudo, — o Quinca entende de pintura? Bufa! Afluiu gente; beliscavam-se uns aos outros, chilreando comentários *desairosos*. Surdo aos ditos da turba analfabeta, Joaquim Pescador ia pintando. Tomava da régua, alinhava-a fechando um ôlho. Pegava do pincel, sem largar a régua, e afogava-a no balde de tinta.

— Está pintando, Joaquim Pescador? —cumprimentou-o o Antônio Carapina, piscando ao Badulaque, jogador de baralho.

— E pintando bem! — acudiu o Lourenço Marinho, homem avarento que não se sentava para não estragar as calças e assinante de um jornal do Rio.

— Olha, que não nasci pintando como êsse tratante de Olímpio Pintor — resmungava o homem de cima das tábuas oscilantes, cuspindo por fim o cigarro de palha. A cidade leu, decorridos 4 dias, o que inventara Joaquim Pescador, a mandado do Orozimbo: "O sol nasce para todos — PETISQUEIRA NOTURNA — Aberta durante o dia".

— Vivaram o artista, e chegaram os fregueses, afugentados de outras vendas imundas e asquerosas, atraídos pela novidade da casa e pelos anúncios do João Silveira. Terminados que foram os festejos de inauguração, Orozimbo Jaquita mandou que lhe plantassem em frente da PETISQUEIRA NOTURNA um poste de tamanho mais ou menos assim. Antônio Carapina — fanático torcedor do Ipiranga, ao passo que o filho era ponta direita do América — lavrou a madeira, *acepilhou-a*, ergueu-a defronte da venda, passando-lhe uma argola na porta. Aos domingos e dias-santos os roceiros amarravam ali os cavalos.

—Você não pula o tôco da Petisqueira! Pula? — desafiavam-se os meninos da cidade, que não viam divertimento mais de ocasião, do que bater as mãos na extremidade do cêpo, e sem que lhes caísse o que levavam. Quem percorresse a Praça Antônio Carlos era obrigação, sob pena de ser apontado como fraco e patife, saltar o tôco. Não havia melhor passa-tempo depois do futebol no morro do cemitério velho. Dos que mais participavam, achava-se o Chico-Bóia, filho do Artur Calaboca, antigo fiscal. Qualquer motivo que o levasse fora, era pretexto para torcer caminho, e pular o tôco. As exclamações do vendeiro, o dito animador de algum freguês, estimulavam os pequenos. Tudo ia bem, menos ao Orozimbo, que fechou a Petisqueira por uma semana, motivado por sério conflito entre dois *bandolei-*

ros, famosos, em que perdeu a vida o Cunha Pola, quando os apartava. Compareceu a autoridade, e o destacamento assegurou a paz aos cidadãos, castigando impiedosamente os perturbadores da ordem.

Nesse interim caiu doente um irmão do Chico-Bóia, que saiu logo à noite em busca do João Doutor, sujeito de óculos, que não concluiu os estudos de medicina, mas entendia do assunto e era feliz nas receitas. Chegou João Doutor; examinou o paciente e disse, enrugando a testa: "febre maligna. Coisa passageira por ora; no entanto é bom atalhar o mal". Receitou qualquer coisa que sómente o farmacêutivo decifrava. Fechou "O Guia Prático de Saúde", e recomendou comprassem os remédios na Farmácia do Pichico, porque acrescentou: "Os dois outros são uns tolos! Não acreditam em mim. Idiotas arrematados!"

De cócoras, às portas de PETISQUEIRA NOTURNA, no silêncio das 21 horas, de noite sem estrêla, três vultos conversavam tranqüilos, casquinando gargalhadas sôbre os últimos feitos do destacamento. Um dêles, Joaquim Pisca, coveiro a quem a Prefeitura levantou um túmulo, visto ter sido o primeiro falecido após a inauguração do nôvo cemitério; o outro, Alberto Ferrador, falava ao João Capricho, quando Chico-Bóia entrou na Praça. Saltou o pau com felicidade, rumou para a farmácia do Pichico, o único cidadão que sabia o nome da mulher de Putifar, ministro do Faraó, no tempo de José, filho de Jacó.

A ninguém o revelou, por mais que instassem. Levou o segrêdo para o túmulo. Grande homem, o Pichico! E morreu.

Voltou Chico Bóia com dois pacotes. Olhou os três vultos, instintos, dada a pouca luz dos postes altos. Acomodou os remédios, debaixo do braço esquerdo e preparou-se para pular. Afastou-se uns 4 metros, correu um pouco, bateu a mão direita na ponta do pau e... Desastre! O menino caiu, não se sabe como, de bruços na calçada, tanto que chamou a atenção dos três homens, que exclamaram, depois que ouviram o estalo de ossos partidos: "O garôto se machucou!" Erguia-se o Joaquim Pisca para socorrer o ferido, quando o pirralho

foi adiante, como se nada houvesse acontecido, indo pelas bandas da Matriz. Passo *estugado,* parou no Bar do Celso, onde havia luz acesa. Correu a mão pelo queixo que lhe doía e retirou-a ensanguentada. *Embarafustou,* perdido o tino, pelo primeiro beco que se lhe abriu na frente, dando consigo em casa, já meio esclarecido do que houvera. Nesse momento, João Doutor propunha à família um problema intrincado, cuja solução nem o Neca Padeiro encontrava. Era o caso de certo hospedeiro que cobrava duas vêzes mais dos cavalos rabudos do que dos *rabicós.* Vinte cavalos que pernoitavam nas estrebarias, por dez rabudos pagava o dono 40 mil réis, e por dez *surus,* a metade.

— Isto é coisa do arco da velha!

— Retrucou Artur Calaboca. Como então...

— Hom'essa. É que havia muito mosquito nas cocheiras, e os cavalos de rabo espantavam-nos com a cauda enquanto comiam; ao passo que os pitocos...

Aí entrou Chico Bóia, cortando a palavra ao medicastro com um plano sinistro, cujas conseqüências não previra.

— Mãe! Olhe o que me fizeram!...

Dona Maroca, vozeando alarido, correu para o filho, alarmando a casa. Era parenta de uma família de músicos, hóspedes importunos do Xaninho Carcereiro.

— Senhor dos Passos! rugiu Artur. Quem lhe fêz isso, menino? Conte logo!

— Três homens acocorados defronte à Petisqueira do Orozimbo! — *tartamudeou* o pequeno, ao tempo que Dona Maroca lhe acudia os ferimentos.

— Infames vociferou Calaboca, *esmurraçando* a mesa. Boto fogo sem dó.

Meteu-se no quarto, donde trouxe a espingarda, que o avô havia abocado no peito de muito arruaceiro no tempo do Marechal Floriano.

Por mais que a mulher e o doutor implorassem, desvencilhou-se dêles, e arrancou rua abaixo, passo firme, chapéu quebrado na testa.

Chico Bóia, assim que reparou que para não apanhar, mentira, induzindo o pai ao crime certo, temeu, e

chorando e pedindo socorro, fugiu para o quarto, onde revelou tudo à mãe. Parecia-lhe ouvir os tiros, com que o pai estourava os miolos.

Com a segurança do homem que vai matar, estocou Artur em frente da Petisqueira, e trovejou:

— Então, covardes! Com que modos espançaram meu filho! Quero saber a história!

— Que é lá disso, Artur Barreiro? — resmungou Joaquim Pisca, erguendo-se. Pois saiba que vimos um menino cair naquele toquinho, ali adiante, e até eu disse aos dois colegas aqui, que o garôto se machucou. Não foi o que eu disse, João Capricho?

— Foi assim, Artur como êle conta! — volveu Alberto Ferrador, apertando o cabo da faca.

— Mas não foi bem assim que êle me contou... — respondeu o pai já mais abrandado.

— Ouvimos o estalo que fêz quando foi sôbre a calçada — interrompeu João Capricho, encaracolando as *guias* do bigode. famos socorrer, quando...

— Se é assim, queiram desculpar-me, que um pai nem sempre entende bem o que dizem os filhos. Até breve!

— Até já, Artur. Passe bem!

Desaparecido o homem na primeira esquina, murmurou Joaquim Pisca:

— Valha-me Deus, que o homem é mesmo de chegar! Leve a breca que êle nos metia chumbo!

— Isso não! — tornou Alberto Ferrador. E essa faquinha aqui, que conhece o dono, para que serve? Mêdo do Artur eu não tive...

Louco de raiva e vergonha, entrou Artur Calaboca em casa, como onça em curral de bezerros. Os pequenos buscaram a cama, sem o café e quitanda de costume.

Chico Bóia no quarto, debaixo dos cobertores, olhos fechados ,ouvidos atentos.

— Tiro o couro a êste menino! — rosnou o pai enfurecido, ainda que Dona Maroca procurasse acalmá-lo. Matou-me de vergonha; um horror! Deixe-me que o pilho hoje mesmo.

— Amanhã, Artur! Amanhã você ralhará com êle. Está dormindo, com o queixo enfaixado; não convém pegá-lo agora.

— Então, quem manda nesta casa? Com essa proteção que você... Está tudo perdido! Um dia a casa cairá. E vão dizer que o Artur Barreiro era *indolente,* palerma! A cada frase ameaçadora junto à cama, Chico Bóia temia, pressentindo pancada grossa.

Depois de muita luta, venceram os argumentos da mãe naquela noite.

Quando raiou a manhã, Chico Bóia foi à missa encomendar-se aos Santos do Céu!

Parece que foi ouvido; mas Artur Calaboca entendeu que não devia rezar pela mesma cartilha. Castigou exemplarmente o filho mentiroso, no que os Santos foram servidos, pela emenda de vida de Chico Bóia.

VOCABULÁRIO

Assentar, v. t.: colocar, ajeitar, enquadrar.
Emprazar, v. t.: convidar a comparecer, marcar, designar.
Vetusto, adj.: velho, envelhecido.
Trautear, v. t.: cantarolar, dizer, proferir.
Casquinar, v. int.: soltar risadas, rir.
Desairoso, adj.: inconveniente, que fica mal.
Acepilhar, v. t.: cepilhar, alisar com cepilho.
Bandoleiro, s. m.: Gangster, salteador, bandido, pistoleiro.
Estugar, v. t.: apressar, apertar.
Embarafustar, v. int.: entrar precipitadamente.
Rabicó, adj.: sem rabo.
Suru, adj.: diz-se do animal sem cauda, rabicó.
Tartamudear, v. int.: gaguejar, duvidar, hesitar.
Esmurraçar, v. t.: bater com os punhos em.
Guia, s. f.: cabelos da extremidade do bigode.
Indolente, adj.: mole, preguiçoso.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO
2. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) mando
(2) passados
(3) tratante
(4) acudir
(5) dito
(6) conhecido

( ) decorridos
( ) patife
( ) mandado
( ) chiste
( ) afamado
( ) afluir

b) Dê a diferença que há entre sessão e cessão; às dez horas e a desoras; infringir e infligir; cozer e coser; estadia e estada:

c) Dê o antônimo da palavra grifada:
Vivaram o artista, e chegaram os fregueses, **afugentados** de outras vendas imundas e asquerosas. Coisa passageira por ora. **Rumou** para a farmácia do Pichico. **Desaparecido** o homem na primeira esquina, murmurou o Joaquim Pisca...

d) Dê os cognatos de:

palerma	ministro	destacar	lavrar
noite	arte	cova	roça

3· COMPOSIÇÃO

a) um colega de infância.
b) conte um caso engraçado ocorrido em sua vida.
c) uma carta.

PRINCIPAIS PREFIXOS LATINOS

a, ab, abs = separação — aversão, abster.
a, ad = aproximação — adjunto, apor.
ante = posição anterior — antepor.
ambi = duplicidade — ambíguo.
bem, ben = excelência — benemerência.
bis, bi = dois — bisneto, biênio.
circum = ao redor — circundar.
cis = aquém de — cisalpino.
com, con = reunião — companheiro, colaborar.
contra = oposição — contradizer.
de = origem — decorrência.
des, dis = negação — desventura, desleal.
em, en = movimento p/ dentro — embainhar.
ex., e = movimento p/ fora — expatriar, emanar.
extra = para fora, superior — extrafino.
im, in = negação — imperfeito, ilegal.
intra = posição interior — intramuros.
inter = intermediário — intercâmbio.
justa = proximidade — justapor.
ob = em frente, oposição — objeto, opor.
pene = quase — penumbra, península.
per = através — perfazer, perfurar.
pro = para diante — progredir, propulsão.
re = regressão — repetição — refazer.
retro = para trás — retrospecto, retroagir.
semi = metade — quase — semi-bárbaro.
sub, sob = em baixo — submarino, soterrar.
sôbre, super = saliência — sobrestar.
soto = posição inferior — soto-mestre.
trans, tras = além de — transpor, trespassar.
ultra = além — excesso — ultrapassar.
vice = em lugar de — vice-mestre.

PRINCIPAIS PREFIXOS GREGOS

a, an = privação — afônico, acéfalo.
anfi = duplo — anfiteatro, anfíbio.
ana = afastamento — anacrônico.
anti = contra — antipatia.
apo = separação — apogeu, apóstata.
arqui = preeminência — arcebispo.
cata = para baixo — catástrofe.
dia = através — dialeto, diâmetro.
dis = dualidade — dissílabo.
ex = afastamento — êxtase, êxodo.
em, en = tendência — embrião, encéfalo.
endo = dentro — endocarpo.
epi = sôbre — epílogo, epiderme.
eu = bom — eufonia, evangelho.
hemi = meio — hemisfério.
hiper = excesso — hipérbole.
hipo = sob — hipótese.
meta = após, troca — metamorfose.
para = perto, ao lado — paralelo.
peri = em volta — perímetro, periferia.
pro = diante, antes — prognóstico, protelar.
sim = com, junção — simpatia, sintaxe.

ALGUNS NOMES PRÓPRIOS DE ORIGEM TUPI

Tibiriçá: vigilância da terra.
Jurema: espinheiro suculento.
Moacir: que faz doer.
Iracema: doçura, mel.
Jandira: abelha de mel.
Tupã: Deus.
Emboabas: homens do além.
Paraguai: rio dos papagaios.
Iguaraçu: canoa grande.
Aracaju: cajueiro dos papagaios.
Uruguai: rio dos caracóis.
Goiás: semelhante a gente.
Ceará: papagaio.
Sergipe: rio dos siris.
Paraná: semelhante ao mar.
Tamandaré: bom para o tamanduá.
Guanabara: seio semelhante ao mar.
Marajá: tirado do mar.
Itatiaia: cheio de pontas.
Itajubá: pedra amarela.
Corumbá: banco de cascalho
Araxá: vê o dia.
Uberaba: água clara.
Curitiba: muito pinheiro.
Araraquara: refúgio das araras
Ipanema: água ruim.
Piracicaba: colheita do peixe.
Pindamonhangaba: lugar onde se faz anzóis.

EXERCÍCIOS

I — Com o auxílio da lista, decomponha os vocábulos que se lhe seguem.

1. **Decimus**, décimo.
2. **Dies, diei**, dia.
3. **Dominus, domini**, o Senhor.
4. **Domus**, a casa
5. **Electrum**, âmbar.
6. **Fames**, a fome.
7. **Fanum**, o templo.
8. **Fatum**, o fado.
9. **Flos, floris**, a flor

10. **Fœdus, fœderis**, aliança.
11. **Frangere, fractum**, quebrar.
12. **Fugere, fugitum**, fugir.
13. **Glutinare**; colar.
14. **Gustare, gustatum**, provar.
15. **Habilis**, talentoso.
16. **Hærere, hæsum**, apegar-se.
17. **Hora**, a hora.
18. **Idem**, o mesmo.
19. **Inteligere, intellectum**, entender.
20. **Jungere, junctum**, juntar.
21. **Liber, liberi**, livre.
22. **Licet**, é lícito.

Dizimar, diurno, dominação, domicílio, eletrizar, famélico, fanatizar, fatalismo, floração, federação, refrangível, inerência, horário, identificar, intelectual, conjunção, libertador, lìcitamente.

2 — Forme a família dos vocábulos DÉCIMUS e FRANGERE, em português.

3 — Substitua cada expressão por uma palavra da lista do exercício 1. Quem foge. — O décimo do litro. — Qualidade de quem é talentoso. — Descanso ordenado pelo Senhor. — Experimentação de um licor, provando-o. — De todo o dia (pão). — Reunir os Estados. — Fôrça das moléculas aderindo uma à outra. — Propriedade física desenvolvida pelo atrito. — Ato de abraçar um partido. — O que não é permitido. — Discordância entre duas pessoas. — Abusar das cousas santas. — Destino inevitável.

4 — Definir, segundo a etimologia, as palavras do quadro.

metrologia	=	**Metron** (medida)	LÓGOS discurso, ciência, trabalho
biologia	=	**Bios** (vida)	
anfibologia	=	**Amphibolos** (ambíguo)	
decálogo	=	**Deka** (dez)	
epílogo	=	**Epi** (depois)	
lexicologia	=	**Lexikon** (dicionário)	
fisiologia	=	**Phusis** (natureza)	
genealogia	=	**Geneá** (raça)	
fraseologia	=	**Phrazo** (falo)	
analogia	=	**Ana** (proporcional)	
necrologia	=	**Nekros** (morte)	
martirológio	=	**Martur** (testemunha)	
cronologia	=	**Chronos** (tempo)	
apólogo, apologia	=	**Apo** (sôbre)	

5 — Procure alguns nomes próprios de origem tupi (do seu Estado) e diga qual o seu significado.

6 — Dê o significado e qual a origem (latina, grega, tupis) dos seguintes têrmos:

necrologia	Uberaba	física
Pará	Curitiba	metrônomo
Pernambuco	telefone	anacrônico
fugir	contradizer	ambíguo
Iracema	Evangelho	Itajubá
Ceará	Guanabara	periferia

O PRIOR DA ALDEIA

REBELO DA SILVA

Era um homem que nunca do mundo quis mais do que a tranqüila obscuridade, que faz de ordinário o suplício de tantas vaidades. Ministro sincero de um Deus de paz, assentou-se aos pés da cruz e dali viu aproximar-se o inverno da velhice, com a mesma serenidade com que tinha visto passar as ilusões da juventude, e com que havia atravessado os perigos da idade *viril*. Satisfeito com a sua pobreza, não invejava (se é que invejou alguma coisa!) senão a *unção apostólica* e a eloqüência persuasiva dos primeiros confessores da fé nas grandes épocas da regeneração moral do mundo. Chegado quase ao têrmo do seu destêrro, quando a hora da liberdade estava a soar, reclinou a cabeça para acordar sem dor na *mansão* do júbilo, pátria suspirada de suas mais doces esperanças, única impaciência de uma alma, que longe da morada celeste se entristecia cativa.

A virtude nêle era risonha e desassombrada. Nascia de dentro, não aspirava a *granjear* aplausos, nem se *desvanecia* com os respeitos mundanos. Se alguma vez pecou foi por excesso de bondade. Nunca ouviu queixas que sua bôca se não abrisse para as suavizar, nem viu lágrimas que a sua mão as não enxugasse logo. Por isso, em muitas ocasiões, êle, o ancião experimentado, revelava a simplicidade da pomba, enganada pelos artifícios dos hipócritas. Por mais que o advertissem, a sua caridade não se cansava, e embora faltasse a si nunca faltou aos pobres. Se o convenciam do êrro, se lhe mostravam a ilusão, sorria-se e respondia: *Louvado seja Deus! Ainda bem que até me deu para êsses!* Dito isto, cheirava com pausa a sua pitada de *esturro*, e ia catar, ou aporcar os

craveiros, até o relógio do estômago, único relógio que havia em casa, o avisar de que eram horas da refeição. Vinha então recolhendo-se devagar, alargava o passeio pela cozinha, rondando almôço ou jantar, não sem se arriscar a alguma *jaculatória* da tia Brígida, matrona sexagenária... a qual representava nos serões literários do *presbitério* o papel que a tradição atribui à famosa ama de Molière. Em lisa fé, temia ela que o demônio perdesse um dia a paciência à fôrça de esbofeteado, e de escarnecido pelo Vigário naqueles papéis, e que se desforrasse torcendo o pescoço às galinhas e frangos, ou chupando o sangue aos coelhos, transformado em rapôsa ou em ginete. Nunca acordava que não esperasse encontrar a *capoeira* vazia! Se é bom estar bem com Deus, dizia, não é mau estar em paz com o demônio. A casa do Presbitério não era grande, nem espaçosa, mas sorria de longe à vista, caiada por fora, e rodeada de canteiros de flôres. Vestia-se de um tal ar de festa, que namorava pelo beleza rústica, e logo à distância, prometia a hospitalidade que, nos dias do Prior, estava convidando de longe, com os braços abertos a quantos lhe batiam à porta. Situada na coroa de um outeirinho, alvejava por entre a folhagem prateada de *faias,* cujos troncos lisos e direitos o vento *meneava* graciosamente. O páteo ajardinado cercado de *alegretes,* era todo viço e frescura, e três cepas enroscadas e colossais, cobriam, com a sombra de seus *pâmpanos,* as parreiras onde amadureciam, na estação, os mais formosos cachos de moscatel e de *ferral-tâmaras*. Em volta da risonha morada, penduravam-se as vinhas pelas encostas das colinas até às margens de um ribeiro, toldado de salgueiros e chorões que se torciam para beijarem a água. Por entre as vinhas, aparecia, em malhas, o verde mais fechado das hortas metidas entre valadas de piteiras, enquanto ao lado, sussurrava a levada correndo pelas regueiras. Os pomares, copando-se, encantavam, de espaço em espaço, os olhos, oferecendo-lhes bosques fechados, e embalsamando tudo em roda com a sua fragrância. Subindo pelos outeiros, que ondeavam desde a planície até às montanhas torreadas no extremo horizonte, os troncos nodosos e robustos das oliveiras trepavam de *socalco* em *socalco* até à cortina de pinheiros, cujas cabeças, de um verde triste, a *viração* balouçava, lá em cima, meneando-as, entre murmúrios, ao cair da tarde.

II

A ribeira de cima, ora rebentando entalada, ora espraiando-se quase adormecida, na areia alva e fina do leito, despenhava-se mais baixo com *estrépito,* entrando no lugar, opulenta com as águas recebidas. Aquêles pâmpanos cingidos de arvoredos, aquêles vales viçosos de hortas e pomares; os variados tons que *zebravam* as encostas dos montes e colinas, desde a esmeralda viva dos prados até ao louro *cendrado* das *paveias;* os *rosmaninhos* e as botinas esmaltando as *veigas;* o rio precipitando-se aqui, mas adiante correndo manso e límpido, e depois espreguiçando-se sôbre as relvas; de dia o sol inundando de luz dourada todo o quadro, de noite o clarão da lua *toucando-o* de meiga melancolia, compunham um espetáculo de tanto enlêvo que a vista fugia com a vontade e com o coração para aquêles casais debruçados das colinas, fazendo nascer desejos de pedir pousada em algum dêles, para ver romper o luar por entre o arvoredo e ouvir brincar a aragem com os ramos aos primeiros bancos do alvor matutino.

Era sobretudo ao anoitecer que a aldeia se animava. As chaminés expeliam o fumo em penachos caprichosos; os cepos estavam ao lume; e as crianças, como enxame buliçoso, brincavam de fronte as portas. As mães cozinhavam a ceia, enquanto os velhos e os mancebos, descansando do trabalho, aguardavam, encostados ou assentados, a hora próxima da refeição e do repouso.

Que saudade causa, no tumulto das cidades, a idéia do pôr do sol nas aldeias! Nesta ocasião, em que a fadiga do corpo como que faz dócil o espírito, é que o padre Vigário desembocava de uma das *azinhagas* com o seu Horácio, ou o seu Salúcio debaixo do braço, e vinha conversar o seu pedaço com os anciãos da terra, para saber as novidades, e espreitar as rixas e discórdias,

a fim de as compor. Correndo a mão pelas cabeças das crianças, ralhando com umas, afagando outras, informava-se de tudo, sanava as malquerenças, e conseguia pelo respeito de seus anos e qualidades, que os moradores da paróquia formassem uma só família. *Mestre passa-culpas* eternos dos rapazes, êstes, mal o viam, voavam em bandos, a agarrar-se-lhe à *loba* e às mãos, por entre vozes e saltos, com uma algazarra que dava rebate a tôda a aldeia. No verão, nos dias de maior calor, era sempre certo o prior, à tardinha, debaixo da parreira, que lhe cobria a varanda, com o livro aberto e os óculos de prata, que lhe escorregavam até à ponta do nariz. Lia e passeava. De três em três, ou de quatro em quatro voltas, parava, batia na caixa de tartaruga e sorvia com delícia uma pitada, deitando os olhos pelos canteiros, a ver se alguma flor carecia de *rega* ou de tamanho. Quando o sol declinava, pegava da bengala de cana da Índia e castão de prata, e saía a tomar um pouco de ar. Era frase modesta, empregada por êle para as suas marchas forçadas de légua, légua e meia, e às vêzes duas léguas, por montes e quebradas.

III

Quando o encontrei por acaso, e travei conhecimento com êle, poucos homens vigorosos, na flor da idade, poderiam acompanhá-lo no seu passo largo e igual. Abordando-se à bengala por costume e não por necessidade, despejava caminho como o andarilho mais valente. De estatura elevada, sêca, mas encorpada, carregava sem esfôrço com o pêso de uma velhice verde e alegre. Nos olhos cinzentos e vivos brilhava um toque de finura, e a bôca não pequena, mas engraçada, animava o rosto e dava-lhe expressão agradável, avivada de constante jovialidade. A brandura do ânimo correspondia às promessas da fisionomia, e o trato íntimo denunciava as prendas daquele caráter honrado, severo só consigo, inflexível e incapaz de torcer em pontos de consciência ou de *melindre*. Na convivência com o padre Vigário, aprendi mais do que me ensinariam muitos anos

de leitura. Convalescente e magoado, devi-lhe a saúde do corpo, a saúde e o confôrto da alma.

Êste velho desterrado por gostos e eleição sua em um canto do mundo, numa aldeia ignorada, era mais sábio na sua humildade, do que muitos que se *pavoneiam* de lidos e eruditos. Em dois preceitos únicos encerrava tôda sua filosofia: — *paciência* e *amor*. Com a primeira suportava os trabalhos e os revezes sem desmentir a serenidade da alma; graças ao segundo, o coração, purificado pelos anos, abria-se a todos os sentimentos nobres, e palpitava com orgulho, memorando as glórias da pátria. Fiado nos *prenúncios* do futuro, mitigava a dor das desgraças presentes, com as esperanças de melhor porvir, tão crente e entusiasta, como se acabasse de entrar na época das ilusões. Entendia e aplicava o Evangelho pelos afetos ardentes da sua alma, abraçando como filhos e irmãos todos os aflitos e necessitados; e pelo amor finalmente, não perdoava, mas agradecia as ofensas, as injustiças, e até as calúnias, provações da virtude, não se lembrando delas senão para pagar o mal com o bem.

Horácio, Salústio e Tácito eram os seus autôres mimosos, a par de Camões, de Ferreira e de Sá de Miranda. Familiar com os autôres da antiguidade, e com os modernos de mais nome, seria preciso colhê-lo desapercebido, e espertar a veia natural e espirituosa da sua conversação, para se apreciar devidamente os tesouros encobertos daquela vasta erudição e os prodígios de uma memória em verdade rara. As citações acudiam-lhe espontâneas, os ditos agudos e as anedotas *encadeavam-se;* as cenas e os quadros pintados com viveza admirável, sucediam-se e ligavam-se. Parecia que a sua voz ressuscitava de repente os homens e as coisas, que as cinzas dos grandes varões de Roma e da Grécia, dos heróis de todos os tempos e de tôdas as nações, tornavam a juntar-se, a tomar corpo e a animar-se, e que os víamos mover e falar como se os estivéssemos contemplando nos dias do seu esplendor. As ruínas de Atenas, as do velho Lácio, os monumentos da meia idade, e os episó-

dios de épocas mais próximas, evocados pelo encantamento irresistível daquela imaginação criadora, como que volviam sùbitamente ao primeiro ser, aparecendo uns em tôda a formosura da arte clássica, erguendo-se outros pela religiosa inspiração da arte cristã.

A noite, era um prazer e um exemplo, observá-lo sentado na imensa poltrona de couro, com a ama à direita e o cão sonolento à esquerda; a velha cabeceando, de *roca* à cinta, e engrolando Padre Nossos; o animal, piscando os olhos com uma orelha *fita* e outra derrubada. Dos dois companheiros do serão, o mais atento e sisudo, era de certo o cão! Medindo sempre o dono com a vista, o *mastim* nunca perdia ocasião de lhe coçar o focinho pelo joelho, quando supunha o *ensejo* favorável. O *bofete* de pau santo e pés torneados, o candieiro de latão e a anarquia dos papéis completavam o pitoresco painel do lar doméstico. Passada uma hora, o único que não dormia era o Vigário; a sua pena continuava a ranger sôbre o papel, ao som dos roncos assobiados da tia Brígida. Quando as pálpebras se lhe faziam pesadas, o Prior arrastava a cadeira, metia dois dedos na argola do candieiro, e recolhia-se ao quarto no meio das recomendações da ama sôbre os perigos do fogo, sôbre a falta de cuidado no abafo, e sôbre mil outros casos prováveis. Estas recomendações não se calavam senão quando a respiração alta e compassada do ouvinte convenciam a oradora do efeito *suporífero* da sua eloquência.

Em um dêstes serões a que assisti, caiu o diálogo sôbre não sei qual de nossos reis, e o Vigário deixou escapar o segrêdo das suas vigílias. A curiosidade de comparar a escrita do solitário com o seu talento de narrar obrigou-me a pedir-lhe sem atender às desculpas, que me desse alguns *Contos e Lendas*. Oxalá que o leitor seja de meu voto. Ainda não me arrependo do que disse dêles ao autor, que tremia, como se a minha opinião valesse alguma cousa. Não os reputei perfeitos, longe disso, mas asseverei-lhe que seriam talvez sem *fastio*. Arriscaria um juízo temerário?! ... No seu acanhamento o Prior sempre resistiu a apurar o manuscrito para a imprensa, e quando mo entregou, pouco antes da sua morte, foi com a final e irrevogável condição de nunca descobrir o nome do autor, se me atrevesse a importunar os prelos (assim se expressou) com as puerilidades de um velho criança. Possam os *Contos e Lendas* do padre Vigário, cuja última vontade estou cumprindo, merecer alguns momentos de atenção, não por si, mas pelas memórias que recordam. Correm já, sujeitos às vicissitudes da publicidade, tantos filhos *espúrios* da mesma invenção, que mais esta, entrando no mundo das lêtras, não *usurpará*, de certo, lugar que pertença de direito às obras primas dos poetas festejados. Em todo o caso, sem audácia, não há fortuna. Lanço-a à corrente! ... A sorte boa, ou má que faça o resto!

VOCABULÁRIO

Viril, adj.: másculo, próprio do homem.
Unção, s. f.: sentimento de piedade, doçura, modo insinuante de dizer.
Apostólico, adj.: relativo aos apóstolos.
Mansão, s. f.: lar, casa, palácio.
Granjear, v. t.: conseguir, ganhar.
Desvanecer, v. t.: encantar, alegrar.
Esturro, s. m.: estado de coisa quase queimada.
Jaculatória, s. f.: pequena invocação, pequena oração.
Prebistério, s. m.: residência paroquial.
Capoeira, s. f.: bosque, mato.
Faia, s. f.: espécie de árvore européia.
Menear, v. t.: balançar, fazer sinal com a cabeça.
Alegrete, s. f.: canteirinho; também canto alegre.
Pâmpano, s. m.: sarmento, ramo de videira
Ferral-tâmaras, s. f.: espécie de uva.
Regueira, s. f.: pequena corrente de água, regato.
Socalco, s. m.: espécie de degrau numa encosta.
Viração, s. f.: aura, brisa, vento leve.
Estrépito, s. m.: barulho, ruído.
Zebrar, v. t.: matizar, listrar.
Cendrado, adj.: da côr da cinza.
Pavela, s. f.: gavela, feixe de capim.
Rosmaninho, s. m.: planta aromática.
Veiga, s. f.: várzea, planície cultivada e fértil.
Toucar, v. t.: cobrir, enfeitar.
Azinhagas, s. f.: caminho estreito entre muros.
Mestre passa-culpas: que perdoa tôdas as culpas.
Loba, s. f.: tumor, batina.
Rega, s. f.: água, chuva, regadura.
Melindre, s. m.: recato, suscetibilidade, facilidade em amuar.

Pavonear, v. t.: mostrar, exibir
Prenúncio, s. m.: sinal.
Encadear, v. t.: suceder, vir um após outro.
Roca, s. f.: instrumento de fiar.
Fita, adj.: fixa, atenta.
Mastim, s. m.: cão, cachorro.
Ensejo, s. m.: momento, instante, ocasião.
Bofete, s. m.: espécie de banca com gavetas e lavrada com primor.
Suporífero, adj.: calmante, que produz sono.
Fastio, s. m.: enjôo, cansaço.
Espúrio, adj.: bastardo, ilegítimo.
Usurpar, v. t.: roubar, tirar com violência, apoderar-se de.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO

2. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) **Forme orações com todos os significados que você conhece de:** senão, têrmo, cativa, ama, vinha, cabeça, casal.

b) **Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:**

(1) ribeiro	(2) opulento
(2) rico	(5) discórdia
(3) meigo	(1) arroio
(4) enlêvo	(3) suave
(5) malquerença	(6) bulha
(6) algazarra	(4) encanto

c) **Dê o significado de CERRAR, SERRAR. Use-as numa oração. Dê as palavras derivadas.**

d) **Encontre no trecho, III.ª parte, um sinônimo das seguintes palavras:**

bordão	sábio
caminhante	conhecimento
porte	piada
espírito	desordem

3. COMPOSIÇÃO

O jôgo de futebol no Brasil
O nosso caboclo.
Uma loja de brinquedos.

4. EXPRESSÕES TÍPICAS DA LINGUA

Não ter papas na língua = ser franco, falar claramente
Ter visto passarinho verde = andar muito alegre.
Nem carne, nem peixe = indefinido.
Pergunta de algibeira = questão difícil que alguém traz preparada de antemão para fazer a uma pessoa desprevenida.
Com todos os efes e erres = com exatidão.
Não ter eira nem beira = ser muito pobre

ALGUNS RADICAIS GREGOS

O conhecimento dos radicais gregos enriquece grandemente o nosso vocabulário e abre-nos horizontes amplos, aclarando a estrutura de um sem-número de palavras. Seguem aí alguns radicais gregos.

Agogos = guia — pedagogo
acouô = eu ouço — acústica
agon = luta — agonia
acros = elevação — acrópole
algos = dor — nevralgia
antos = flor — antologia
antropos = homem — antropologia
arcaico = antigo — arqueologia
arco = govêrno — monarquia
aristos = o melhor — aristocracia
atmos = vapor — atmosfera
autos = por si mesmo — autobiografia
baris = grave — barômetro
bios = vida — biografia
cheir = mão — cirurgia
cole = bílis — melancolia
cronos = tempo — cronômetro
cosmos = mundo — cosmopolita
crisos = ouro — crisóstomo
cripto = oculto - criptogamia
datilos = dedo — datilografia
demos = povo — democracia
derma = pele — epiderme
dromos = corrida — hipódromo
dinamis = fôrça — dinâmica
edra = lado — poliedro
odos = caminho — êxodo, método
odontos = dente — odontologia
onoma = nome — onomatopéia
opos = vista — miopia
orama = vista — panorama
ornitos = ave — ornitologia
ortos = reto — ortografia
paidos = criança — pedagogia
patos = doença — patologia
fago = comer — antropófago
filos = amigo — filologia
eidos = forma — parabolóide
etnos = nação — etnologia
gonos = formação — cosmogonia
gineco = mulher — gineceu
grafos = escrever — telegrafia
hemera = dia — efeméride, efêmero
heteros = outro — heterogêneo
hieros = sagrado — hierarquia
hipo = cavalo — hipódromo
home = o mesmo — homogêneo
hidro = água — hidrofobia
ictio = peixe — ictiologia
icono = imagem — iconoclasta
idolo = imagem — idolatria
litos = pedra — paleolítico
logos = tratado — psicologia
macro = grande — macróbio
micro = pequeno — micróbio
mega = grande — megalografia
metron = medida — metrologia
metro = mãe — metrópole
morfos = forma — morfologia
mitos = fábula — mitologia
monos = um só — monogamia
neo = novo — neologismo
nomos = lei — autonomia
ode = canto — paródia
pluto = riqueza — plutocracia
polis = cidade — Petrópolis
potamos = rio — Potamografia
pseudos = falso — pseudônimo
psichê = alma — psicologia
piros = fogo — pirotécnico
sofos = sábio — filósofo
tafos = túmulo — epitáfio
tecno = arte — politécnica
tele = longe — telepatia
termos = quente — termômetro
hecaton, hecto = cem — hecatombe, hectolitro

EXERCÍCIOS

1 — Dê a significação etimológica dos seguintes vocábulos.

antonímia ..... = **Anti** (oposto) .....
pseudonímia ..... = **Pseudês** (falso) ...
anonímia ..... = **A** (privativo) ....
paronímia ..... = **Para** (próximo) ...
homonímia ..... = **Omos** (semelhante)
sinonímia ..... = **Sun** (junto) .....

} ONUMA nome

autonomia ..... = **Autos** (si mesmo) .
astronomia ..... = **Aster** (astro) .....
economia ..... = **Oikos** (casa) .....
gastronomia ..... = **Gaster** (ventre) ..
agronomia ..... = **Agros** (campo) .....
metrônomo ..... = **Metron** (medida) ..

} NOMOS lei, regra arte, ciência

2 — Substitua o pontilhado pela palavra adequada do exercício 1.

O bom e verdadeiro ..... sabe fugir igualmente da avareza e da prodigalidade. Sem telescópio, pouco alcançaria o mais hábil ..... Se muitos escritos são ..... e muitos outros aparecem assinados por ....., é devido não à modéstia dos autores, porém ao receio da crítica. É freqüente a confusão entre os ..... **eminência** e **iminência.** O emprêgo judicioso dos ..... é delicado, pois nunca duas palavras terão significação absolutamente idêntica. Brillat-Savarin era afamado .....; conhecia todos os segredos da arte culinária. Muitas máquinas desde o arado até a debulhadora auxiliam o ..... Qual o país que se sujeita de bom grado às exigências de outro e não deseja ter govêrno .....? O novel pianista não gosta que o ..... lhe bata o compasso. Os ..... constituem antes uma dificuldade do que uma riqueza da língua. Virtude é ..... de vício.

3 — Que epíteto se dá àquele que gosta muito...

do ócio?	da paz?	dos belos livros?
da pátria?	de grandezas?	dos livros raros?
dos homens?	da solidão?	dos perigos?
da comodidade?	da economia?	de selos?

4 — Indique tôdas as espécies de pronomes:

PROFISSÃO MÉDICA. — De tôdas as profissões que a vida social oferece à atividade do homem, é a do bom médico a que reveste caráter mais verdadeiramente humanitário, mais puro, mais santo, mais divino: êle representa o sédulo apóstolo da caridade, se não é a caridade mesma, o órgão do excelso doutrinador do mundo, suavemente falando pela voz do Samaritano, ao Lázaro da estrada e restaurando-lhe, com o maravilhoso bálsamo do céu, a saúde já sem esperança e a luz da vida quase a soçobrar e a extinguir-se. Honrai, prestantes filhos de Hipócrates, a sublimada e nobre missão a que vos liga o destino, executando-a e cumprindo-a com carinhoso amor e inflexível honestidade e Deus, a flux, espargirá sôbre vós as flôres imarcescíveis de sua magnificência infinita.

E. C. RIBEIRO

FESTIM DE BALTAZAR

ELZEARIO L. PINTO

Queimai perfumes escravos!
Trazei-nos *sândalos* e flôres!
Levem *presságios* cruéis!
Por *Baal!* Senhores e donas
Não morra o prazer da festa!
Por Baal! Por Baal sôe a orquestra
Tangei, tangei menestréis!

As luzes tremem na sala
Treme o ouro e a pedraria.
Das *ânforas* transborda a *orgia*
Como as espumas do mar.
"Por Baal! Senhores e donas,
Repete a nobre assembléia,
Ao grande rei da Caldéia,
Ao grande rei Baltazar.

E ferve, referve a orgia
Ao som da orquestra *estridente*...
E a lua toca o ocidente
Sôbre a cidade imortal.
Talvez mande a peregrina,
Do monte Efraim perdida
Um raio por despedida
Do Cedrom sôbre o cristal.

Manda sim sôbre ruínas,
Que aí só resta um montão
Mirando a gentil cativa,
Dileta filha de Abraão.

Ai! terra de Deus querida!
Terra, terra benfadada
Outrora espôsa de Aarão
Hoje: ruínas dispersas,
Hoje: luto e escravidão.
Ai terra de Deus querida!

Ai! terra da promissão,
Teus filhos gemem distantes,
Jamais aqui voltarão...
Murchai *gardênias* do prado!
Chorai divino Jordão!
Ai! terra de Deus querida,
Ai! terra da promissão!...

Ai! terra da promissão!
Onde, as *endechas* saudosas
Dos cantores de Sião?
Aves do céu, vossos *carmens*
Não solteis mais aqui, não!
Ai! terra de Deus querida
Ai! terra da promissão...

Lírio pendido no vale
Varreu-te acaso o tufão?
Nenhuma gôta de orvalho!
Isaac, Davi, Salomão?
Ai! terra de Deus querida,
Ai! terra da promissão!...

E pela encosta do monte
A tristezinha lá vai
Mandando um último pranto
Um doce e sentido ai.
De um lado a imensa Sodoma,
Do outro o imenso Sinai!

E cresce, recresce a orgia
Nos salões de Baltazar:

Ondas de pura harmonia,
Ânsias de impuro gozar.
Entretanto a cidade dorme
Envolta no manto enorme
Da noite, sono fatal.
E aquêle peito gigante
Devora sêde arquejante
De vícios — sêde infernal.

Nas salas, grato ruído
Luzes, perfumes e ardor;
Lá fora estranho rugido,
Surdo — ao longe — amedrontador.
No horizonte um fumo denso
Se eleva, bem como incenso
Nas salas e a embriaguês...
Que importa ao rei o horizonte
Se as flôres ornam-lhe a fronte
Se o *âmbar* corre-lhe aos pés?

Ao rei! Ao Poderoso!
Ao reino que não tem fim...
Como o Eufrates caudaloso
Corra a onda do festim!
Perdão: "as taças, senhores,
Não podem tão sem *lavores*,
A festa de um rei convir;
Temos os vasos sagrados,
Tão soberbos cinzelados,
Do ouro fino de Gir".

"Trazei-nos", já vacilante,
Diz o rei: "Viva o senhor!"
E ruge o vento distante,
Como um gemido de dor.
Entram luzidos criados,
Trazendo os vasos sagrados
Do templo de Salomão...
E ruge o vento mais forte,
Lançando *vascas* de morte

Pelos *umbrais* do salão...

"Transborde o *néctar*, amigos!
Eis os vasos de Jeová
Nesses lavores antigos,
Vê-se a cativa Judá..."
E cresce o estranho rugido,
Surdo, rouco, indefinido...
"São os soluços do Irã..."
E ruge, ruge mais perto...
"São os ventos do deserto
Sôbre as areias de Omã..."
Nas *caçoulas* fumegantes
Arde o misto e *aloés*.
Ao som das notas vibrantes
Sobe, sobe a embriaguês...
"Por Baal! Por Baal! Pelos Medos!
Quebrem-se as harpas nos dedos,
Trema o teto do salão!"
Horror! Ao tinir das taças,
Núncio de eternas desgraças,
Brame na sala um tufão.

"Depressa, luzes depressa"...
Diz o rei, "longe o terror!
Mas não"... o vaso arremessa
Recusa trêmulo... horror!
É que no meio da noite brusca,
Mão que de brilhos ofusca,
Tôda a sala iluminou;
Comêta a correr ardente
Estranha *cifra* cadente
Pelas paredes traçou!

"Meu colar de pedrarias
Àquele que decifrar!"
Venham magos e adivinhos,
Depressa Beltizazar,
Êle o mais sábio de todos
Pode o mistério desvendar!

E dorme a cidade *lassa*
E cresce, cresce o rugido
Qual ressonar de um vulcão.
Ou é tremenda borrasca
Ou é povo ou multidão?

Entre os famosos convivas
Mais um conviva aparece;
As sandálias do proscrito
Traz — Quem não o conhece?
Diante do rei se inclina;
Do rei que ao vê-lo estremece.

Benvindo sejas cativo,
Daniel Beltizazar;
Se sabes ler no impossível
Tens ali, podes falar:
Terás um manto de púrpura,
Terás um régio colar.

De nôvo ante o rei se inclina
A cabeça do ancião.
Depois elevando a fronte
Altiva, estendendo a mão,
Busca achar a ignota cifra,
A divina inspiração.

Nem do Tibre o velho roble,
Nem os cedros do ocidente,
A fronte mais alto elevam,
Mais nobre, mais imponente!
O gênio é como as estrêlas,
Beija os pés do Onipotente.

"Rei, escuta a voz do Eterno,
Que por meus lábios te falar:
O crime mais execrando
O teu reinado assinala:
Perdeu-te a *lascívia* impura,
Rei, perdeu-te a impiedade.

Profanaste os vasos santos
Nas torpezas de um festim;
Teus dias foram contados
Como os da bela Seboim!
Agora o brinde senhores,
Ao reino que não tem fim!...
Gesto grave, altivo, soberbo,
Assim fala o escravo hebreu
Soletrando o ardente verbo,
Que mão de raio escreveu;
E depois, braços pendidos,
Olhos de chama incendidos,
Verberando maldição,
Deixa a sala onde se espalha
Como trevosa mortalha
O terror na escuridão.

E quando o raio primeiro
Do sol, singrando o horizonte
Rompe o denso nevoeiro,
Sôbre o cabêço do monte,
Em vez da cidade altiva,
Vê — Desgranhada, cativa,
A dissoluta Babel.
E além dos muros colossos
Daquele povo os destroços,
E um homem só — Daniel.

VOCABULÁRIO

Sândalo, s. m.: aroma, perfume.
Presságio, s. m.: agouro, previsão, pressentimento, prognóstico.
Baal, s. m.: deus supremo entre alguns povos antigos.
Ânfora, s. f.: vaso, cálice.
Orgia, s. f.: banquete, festa, bacanal.
Estridente, adj.: ruidoso, barulhento, de som agudo e penetrante.
Gardênia, s. f.: planta ornamental.
Endecha, s. f.: poesia fúnebre e triste.
Carmen, s. m.: canção, poesia
Ânsia, s. f.: desejo.
Âmbar, s. m.: substância resinosa de côr preta.
Lavor, s. m.: trabalho bem feito, labor.
Vasos, s. f.: estertor, ânsia excessiva convulsão.

Umbral, s. m.: portal, entrada, porta.
Néctar, s. m.: bebida dos deuses, elemento com que as abelhas fabricam mel; delícia.
Caçoula, s. f.: vaso de porcelana para queimar perfumes.
Aloés, s. m.: planta medicinal.
Bramir, v. int.: gritar, rugir, uivar.
Cifra, s. f.: zero, escrita enigmática, número.
Lasso, adj.: cansado, fatigado.
Lascívia, s. f.: luxúria, libidinagem, sensualidade.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO
2. ANÁLISE ESTILÍSTICA DO TRECHO
3. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) **Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:**

(1) tanger	( ) tufão
(2) trovador	( ) menestrel
(3) bacanal	( ) vale
(4) prisioneiro	( ) cativo
(5) ciclone	( ) plangер
(6) val	( ) orgia

b) **Dê um sinônimo das palavras grifadas:**
Entretanto a cidade dorme **envolta** no **manto enorme** da noite, sono **fatal**. Nas salas, **grato ruído**, luzes, **perfumes** e **ardor**; lá fora **estranho ruído, surdo** ao longe — **amedrontrador**. Ao **tinir** das **taças núncio** de **eternas desgraças brame** na sala um **tufão**. **Profanaste** os **vasos sagrados** nas **torpezas** de um **festim**.

c) **As palavras seguintes têm mais de um significado. Dê o seu significado e em seguida forme uma frase com a mesma:**

Vale	importa
Encosta	vascas
Sentido	cativa
Fumo	luto

d) **Forme um adjetivo com as seguintes palavras:**

púrpura	cidade
rei	céu
ouro	cabeça
mar	cinzel
mármore	voz

3. COMPOSIÇAO

Descrever um banquete.
Carta de pêsames.
Um Ofício ao presidente do grêmio.

4. EXPRESSÕES TÍPICAS DA LÍNGUA

Espada de Dâmocles = perigo iminente e permanente.
Passar pelas fôrcas caudinas = passar por uma grande vexação, humilhação.

Ser um bom garfo = pessoa que come bem.
Chorar pitanga = chorar muito.
Ser uma pomba sem fel = pessoa ingênua, que não tem maldade.

QUADRO SINÓTICO DA ANALISE SINTATICA

A ANÁLISE SINTÁTICA compreende, se assim pudermos dizer, *três momentos:*

1 — Descoberta do período;
2 — Descoberta da natureza da oração;
3 — Descoberta das funções sintáticas dos têrmos da oração.

De acôrdo com esta divisão daremos três quadros sinóticos da análise.

PERÍODO.

Simples. Ex. Trazei-nos sândalos e flôres.

Composto
- Coordenação
  - Sindética. Ex. Ferve e referve a orgia.
  - Assindética. Ex. Vim, vi, venci.
- Misto — coordenação e subordinação.
- Subordinação - Ex. Trazei-nos, já vacilante, diz o rei.

ORAÇAO

Absoluta. Ex. Começou o festim.
Independente. Ex. *Tremem as luzes* e treme a pedraria.

Coordenada
- sindética
  - aditiva: e.
  - adversativa: mas
  - alternativa: ou
  - conclusiva: logo
  - explicativa: isto é
- assindética

Principal. Ex. Diz que virá logo.

Subordinada
- Substantiva
  - subjetiva. Urge *que venha logo.*
  - objetiva direta. Diz *que virá logo.*
  - objetiva indireta. Gosto *de que estudes*
  - predicativa. Êle é que estuda.
  - completiva-nominal. Temos amor *a quem nos ama.*
  - apositiva: sei de uma coisa: *que és inteligente.*
- Adjetiva
  - explicativa: o homem, *que é mortal,* deve trabalhar.
  - restritiva: o homem *que trabalha* vive feliz.

- Subordinada
  - Adverbial
    - Causal: Não veio *porque choveu.*
    - comparativa: Das ânforas transborda a orgia *como as espumas do mar.*
    - concessiva: Continua a festa embora houvesse perigo.
    - condicional: Que lhe importa se *as flôres ornam-lhe o fronte.*
    - conformativa: tratarei os outros *conforme me tratarem.*
    - consecutiva: Correu tanto *que des..maiou.*
    - final: veio à capital *para estudar.*
    - proporcional: a orgia se anima *à medida que a noite avança.*
    - Temporal: *quando o raio primeiro do sol surge* vê só ruínas.
  - Reduzidas
    - Gerúndio: entram criados *trazendo os vasos sagrados do templo de Salomão*
    - infinitivo: saiu *para estudar melhor.*
    - particípio: *terminada a festa* todos saíram.

EXERCÍCIOS

1 — Classificar as orações dos períodos seguintes:

— Quem estuda, faz bons exames. — Urge que saias imediatamente. — Deus que é bom e que é justo, julgará nossos atos. — Soada a hora do trabalho, largamos os folguedos.
Foi bom filho, logo será bom pai.
É bom chefe, mas falta-lhe a energia precisa para o cargo.
Brincam durante as aulas; aprendem, pois muito pouco.
Trabalha devagar, contudo produz muito.
É bem pouco gentil; ora, não é com tal procedimento que uma pessoa se faz estimar.
Nem meu tio nem meu primo obtiveram resultado com êsse tratamento.
Não desanimam, por conseqüência vencerão.
Presenteou-nos com belo romance — Paulo e Virgínia — nós, porém, ainda não o lemos.
Quebraste o quadro; pagarás, portanto, o prejuízo

2 — Substituir os pontos por A, À, AS ou ÀS.

Encaminhei os papéis .....s. V. Sa.
Cheguei .....s 7 horas .....s casa de meu irmão.
O trem partiu .....s 1 hora da tarde.
O baile começará .....s 11 horas da noite.
Assistirei .....s sessão vesperal.
Nasci .....s 15 de agôsto .....s 18 horas
Fui .....s Minas, no mês passado

Dirigimo-nos .....s Estação D. Pedro II.
É proibida .....s entrada .....s pessôas estranhas
Vende-se .....s vista e .....s prazo.

3 — Dizer se as palavras seguintes são formadas por composição ou por derivação: enunciar, também, as parassintéticas.

Amável	Ilegível	Adormecer	Leva e traz
Descontente	Mãozinha	Nacionalizar	Acinzelar
Petróleo	Expor	Desnecessário	Desumano
Brasileiro	Envelhecer	Arvoredo	Recurvar
Inconstitucional	Chapeleiro	Fidalgo	Pedregulho

4 — Ponha os verbos grifados no pretérito perfeito do indicativo:

Êles reler as provas conforme ser mandado. O lôbo surgir de repente, engolir o indefeso animal. Já descobrir as razões que nos impelir a isto.? Eu recear que você tivesse perdido o trem. Êle negociar a casa últimamente O livro que eu lhe trazer era o melhor que havia na praça. Já requerer elas a matrícula para o curso de costura? Eu dispor a matéria como bem me parecer. Papai saber fazer um bom negócio comprando aquêle terreno. Que voz maravilhosa possuir aquela menina quando era pequena.

ÚLTIMA CORRIDA DE TOUROS EM SALVATERRA

Luís Augusto REBELO DA SILVA

Nasceu em Lisboa, em 1822 e faleceu em 1861. Romancista e historiador, e dono de um estilo muito fluente. OBRAS: Tomada de Ceuta; Arcádia Portuguêsa; História de Portugal; Mocidade de D. João V; Fastos da Igreja; Varões ilustres.

O Senhor D. José, primeiro do nome, era em Salvaterra, um rei em férias. A verdade é que os maldizentes notavam, em segrêdo, que sua majestade, em Lisboa, estava sempre ao tôrno e o marquês de Pombal no trono. O *prolóquio* fundava-se na habilidade mecânica do monarca, como torneiro, e no caráter dominador do marquês, como ministro.

Vicejavam os campos em plena primavera. A amendoeira cobria-se de flôres, os bosques enfolhavam-se, as *veigas* vestiam-se e matizavam-se, e a brisa *doudejava* indiscreta arregaçando o lenço à donzela que passava, ou roubando um beijo à rosa perfumada. Tudo eram alegrias e cânticos... os rouxinóis nas moitas, o coração nos amôres, e a natureza nos sorrisos ao sol esplêndido que a doirava.

Uma tourada real chamara a côrte a Salvaterra. Os fidalgos respiravam nestas ocasiões menos oprimidos. Não os assombrava tão de perto a privança do ministro. Os touros eram bravos, os cavaleiros *destros,* o anfiteatro pomposo, e o cortejo das damas adorável. O prazer ria na bôca de todos. Por cúmulo de venturas, o marquês de Pombal ficara em Lisboa, retido pelo conflito com o embaixador de Espanha.

Contava-se em segrêdo nos recantos do palácio o diálogo travado entre o enviado e o secretário de estado português, louvando-o uns em alta voz, para os ecos daquelas paredes repetirem o elogio, crucificando-o outros sem piedade, para saciarem os ódios. As devotas e os fidalgos puritanos eram pelo espanhol, e pediram a Deus que os rebates da guerra próxima despenhassem o plebeu nobilitado. Os magistrados e os homens de capa e toga defendiam o marquês e respondiam com meios sorrisos às fogosas jaculatórias dos zelosos do trono e do altar. O marquês de Pombal tinha-se negado com firmeza às concessões, exigidas imperiosamente pelo govêrno castelhano.

— Muito bem, atalhou o embaixador, um exército de sessenta mil homens entrará em Portugal e fará...

— O quê? perguntara o marquês, sorrindo-se com a tremenda luneta assentada, e no tom mais indiferente.

— Fará entender a razão e a justiça de el-rei, meu amo, a Sua Majestade e a Vossa Excelência! *redarguiu* meia oitava acima o espanhol, supondo o ministro fulminado.

Sebastião José de Carvalho franziu as sobrancelhas, carregou a viseira, e cravando a vista e a luneta no diplomata, retorquiu-lhe friamente:

— Sessenta mil homens muita gente é para casa tão pequena, mas, querendo Deus, el-rei meu amo e meu senhor sempre há de achar aonde possa hospedá-la. Mais pequena era Aljubarrota, e lá couberam os que D. João de Castela trouxe. Vossa Excelência pode responder isto ao seu govêrno.

E levantando-se para despedir o embaixador, acrescentou:

— Bem sabe Vossa Excelência que pode tanto cada um em sua casa, que mesmo depois de morto são precisos quatro homens para o tirarem!

O embaixador saiu, jurando por Dios y la Virgen Santíssima! e o marquês preparou-se para a guerra. O caso é, como dizia o nosso Zeferino na Sobrinha do Marquês, que Sebastião de Carvalho foi um grande ministro e que fêz muito pela nação.

Hoje há menos quem responda assim à lêtra às ameaças dos estrangeiros. Berra-se muito, dorme-se a sono sôlto ao som dos hinos patrióticos, e depois salva o castelo de madrugada, e está salva a pátria!

O marquês de Pombal prezava as artes e protegia e animava as classes médias. Êsse pouco que o reino progrediu, deveu-se a êle. Se a indústria nunca acabou de sair da infância, a culpa quase tôda foi dos maus governos que sucederam ao seu, e também do povo que não quis trabalhar deveras... Mas vamos aos touros reais. Dêsses é que o ministro não gostava nada. Queria-nos ao arado e não à farpa, e parecia-lhe melhor que os toureadores, sendo fidalgos, servissem o Estado com a pena ou com a espada, e, sendo mecânicos, que lavrassem, tecessem e ganhassem honradamente a vida, enriquecendo-se a si e à nação.

Mas el-rei D. José, cedendo em tudo ao marquês, quanto aos touros não admitia reflexões. Nisto era rei a valer e Bragança legítimo. Os fidalgos sabiam-no, e por isso desfrutavam dois prazeres — a satisfação do gôsto nacional, e a contradição da vontade do ministro. Desatendê-la sem perigo, e pela mão do soberano, era para êles um deleite e um triunfo.

Nestas funções não vigorava a severidade das últimas pragmáticas. Outro motivo de júbilo. Quem queria, podia arruinar-se em luxuosos vestidos, enfeites e toucados. As bordaduras e os *recamos* de ouro, os veludos e as sêdas de fora, talhados à francêsa, resplandeciam constelados de pérolas e diamantes. Por cima dos mais ricos trajos e das mais vistosas côres, desenrolavam-se os anéis ondeados das empoadas cabeleiras. As damas ostentavam as graças de seus *donaires* e tufados, moldurando o belo oval dos rostos nos penteados caprichosos, sorriam-se para os gentis campeadores, e seus olhos cheios de luz e de promessas estimulavam até os tímidos.

Correram-se as cortinas da tribuna real. Rompem-se as músicas. Chegou el-rei, e logo depois entra pelos camarotes o vistoso cortejo e vê-se ondear um oceano de cabeças e de plumas. Na praça ressoam com brava alegria as trombetas, as *charamelas* e os *tímbales*. Aparecem os cavaleiros, fidalgos distintos todos, com o couto das lanças nos estribos, e os brazões bordados no veludo das *gualdrapas* dos cavalos.

As plumas dos chapéus debruçam-se em matizados cocares, e as espadas pendem de soberbos *talins*. Os capinhas e os forcados vestem com garbo à castelhana antiga. No semblante de todos brilha o ardor e o entusiasmo.

O conde dos Arcos, entre os cavaleiros, era quem dava mais na vista. O seu trajo, cortado à moda da côrte de Luís XV, de veludo prêto, fazia realçar a elegância do corpo. Na gola da capa e no corpete sobressaíam as finas rendas da gravata e dos punhos. Nos joelhos, as ligas bordadas deixavam escapar com artifício os tufos de cambraieta alvíssima. O conde não excedia a estatura ordinária, mas esbelto e proporcionado, todos os seus movimentos eram graciosos. As faces eram talvez pálidas demais, porém animadas de grande expressão, e o fulgor das pupilas negras fuzilava tão vivo e por vêzes tão recobrado, que se tornava irresistível. Filho do marquês de Marialva, e discípulo querido de seu pai, do melhor cavaleiro de Portugal, e talvez da Europa, a cavalo, a nobreza e a naturalidade do seu porte enlevavam os olhos. Êle e o corcel como que ajustados em uma só peça, realizavam a imagem do *centauro* antigo.

A *bizarria* com que percorreu a praça, domando sem esfôrço o fogoso corcel, arrancou prolongados e repetidos aplausos. Na terceira volta, obrigando o cavalo quase a ajoelhar diante de um camarote, fêz que uma dama escondesse torvado no lenço as rosas vivíssimas do rôsto, que de certo descobririam o melindroso segrêdo da sua alma, se em momentos rápidos como o faiscar do relâmpago pudesse alguém adivinhar o que só dois sabiam.

El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se, e disse voltando-se.

— Por que virá o conde quase de luto à festa?

Principiou o combate.

Não é propósito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos têm assistido a elas, e sabem de memória o que o espetáculo oferece de notável. Diremos só

que a raça dos dois era apurada, e que os touros se corriam desembolados, à espanhola. Nada diminuía portanto as probalidades do perigo e a poesia da luta.

Tinham-se picado alguns bois. Abriu-se de nôvo a porta do curro, e um touro prêto investiu com a praça. Era um verdadeiro boi de circo. Armas compridas e reviradas nas pontas, pernas delgadas e nervosas, indício de grande ligeireza e movimentos rápidos e súbitos, sinal de fôrça prodigiosa. Apenas tocara o centro da praça, estacou como deslumbrado, sacudiu a fronte, e, *escarvando* a terra impaciente, soltou um mugido feroz no meio do silêncio que sucedera às palmas e gritos dos espectadores. Dentro em pouco os capinhas, salvando a pulos as trincheiras, fugiram à velocidade espantosa do animal, e dois ou três cavalos expirantes denunciavam a sua fúria.

Nenhum dos cavaleiros se atreveu a sair contra êle.

Fêz-se uma pausa. O touro pisava a arena ameaçador, e parecia desafiar em vão um contendor. De repente viu-se o conde dos Arcos, firme na sela, provocar o ímpeto da fera, e a haste flexível do rojão ranger e estalar, embebendo o ferro no pescôço musculoso do boi. Um rugido tremendo, uma aclamação imensa do anfiteatro inteiro, e as vozes triunfantes das trombêtas e *charamelas* encerraram esta sorte brilhante. Quando o nobre mancebo passou a galope por baixo do camarote, diante do qual pouco antes fizera ajoelhar o cavalo, a mão alva e breve duma dama deixou cair uma rosa, e o conde, curvando-se com *donaire* sôbre os *arções,* apanhou a flor do chão sem afrouxar a carreira, levou-as aos lábios e meteu-a no peito. Investindo depois com o touro, tornado imóvel com a raiva concentrada, rodeou-o, estreitando em volta dêle os círculos, até chegar quase a pôr-lhe a mão na anca.

O mancebo desprezava o perigo, e pago até da morte pelos sorrisos que seus olhos furtavam de longe, levou o arrôjo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança. Precipitou-se então o animal com fúria cega e irresistível. O cavalo baqueou trespassado, e o cavaleiro

ferido na perna, não pôde levantar-se. Voltando-se sôbre êle o boi enraivecido, arremessou-o aos ares, esperou-lhe a queda nas armas, e não se arredou senão quando, assentando-lhe as patas sôbre o peito, conheceu que o seu inimigo era um cadáver.

Êste doloroso lance ocorreu com a velocidade do raio. Estava já consumada a tragédia e não havia expirado ainda o eco dos últimos aplausos.

De repente um silêncio em que se conglobavam milhares de agonias, emudeceu o circo. Rei, vassalos e damas, meio corpo fora dos camarotes, fitavam a praça sem respirar e erguiam logo depois a vista ao céu, como para seguir a alma que para lá voava envolta em sangue.

Quando o mancebo, dobado no ar, exalava a vida antes de tocar no chão, um gemido agudo, composto de soluços e chôro, caiu sôbre o cadáver como uma lágrima de fogo. Uma dama desmaiada nos braços de outras senhoras soltara aquêle grito estridente, derradeiro ai do coração ao rebentar no peito.

El-rei D. José com as mãos no rosto, parecia petrificado.

A côrte desta vez acompanhava-o sinceramente na sua dor.

Mas o drama ainda não tinha concluído. Quem sabe?! O terror e a piedade iam cortar de novas mágoas o peito de todos.

O marquês de Marialva assistira a tudo do seu lugar. Revendo-se na gentileza do filho, seus olhos seguiram-lhe os movimentos, brilhando radiosos a cada sorte feliz. Logo que entrou o touro prêto, carregou-se de uma nuvem o semblante do ancião. Quando o conde dos Arcos saiu a *farpeá-lo,* as feições do pai contraíram-se e a sua vista não se despregou mais da arriscada luta.

De repente o velho soltou um grito sufocado e cobriu os olhos, apertando depois as mãos na cabeça. Os seus receios haviam-se realizado. Cavalo e cavaleiro rolavam na arena, e a esperança pendia de um fio tênue! Cortou-lhe ràpidamente a morte, e o marquês, perdido o filho, luz da sua alma e *ufania* de suas cãs, não proferiu

uma palavra, não derramou uma lágrima; mas os joelhos fugiram-lhe trêmulos, e a elevada estatura inclinou-se, vergando ao pêso da mágoa excruciante.

Volveu, porém, em si, decorridos momentos. A lívida palidez do rosto tingiu-se de vermelhidão febril, sùbitamente. Os cabelos desgrenhados e *hirtos*, revolveram-se-lhe na fronte inundada de suor frio, como as sêdas das jubas de um leão irritado. Nos olhos amortecidos faiscou instantâneo, mas terrível, o sombrio clarão de uma cólera, em que tôdas as *ânsias* insofridas da vingança acumulavam.

Em um ímpeto, a presença reassumiu as proporções majestosas e eretas, como se lhe corresse nas veias o sangue do mancebo que perdera. Levando por ato instintivo a mão ao lado, para arrancar a espada, meneou tristemente a cabeça. A sua boa espada, cingira-a êle próprio ao filho, neste dia que se convertera para a sua casa em dia de eterno luto!

Sem querer ouvir nada, desceu os degraus do anfiteatro, seguro e resoluto, como se as neves de setenta anos lhe não branqueassem a cabeça.

— Sua majestade ordena ao marquês de Marialva que aguarde as suas ordens, disse um camarista, detendo-o pelo braço.

O velho fidalgo estremeceu, como se acordasse sobressaltado e cravou no interlocutor os olhos desvairados, em que reluzia o fulgor concentrado de um pensamento imutável. Desviando depois a mão que o suspendia, baixou mais dois degraus.

— Sua majestade entende que êste dia já foi bastante desgraçado e não quer perder nêle dois vassalos... O marquês desobedece às ordens de el-Rei?!...

— El-Rei manda nos vivos e eu vou morrer! atalhou o ancião em voz áspera, mas sumida. Aquêle é o corpo de meu filho! e apontava para o cadáver. Está ali! Sua Majestade pode tudo, menos desarmar o braço do pai, menos desonrar os cabelos brancos do criado que o serve há tantos anos. Deixe-me passar e diga isto.

D. José vira o marquês levantar-se e percebera a sua resolução. Amava no estribeiro-mor as virtudes e a lealdade nunca desmentidas. Sabia que da sua bôca não ouvira senão a verdade, e a idéia de o perder assim era-lhe insuportável. Apenas lhe constou que êle não acedia à sua vontade, fêz-se branco, cerrou os dentes convulsos, e, debruçado para fora da tribuna, aguardou em ansioso silêncio o desfêcho da catástrofe.

A êsse tempo já o marquês pisava a praça, firme e intrépido como os antigos romanos diante da morte. Dentro do peito o seu coração chorava, mas os olhos áridos queimavam as lágrimas quando subiam a rebentar por êles. Primeiro do que tudo queria a vingança.

Por impulso instantâneo, todo o ajuntamento se pôs de pé. Os semblantes consternados e os olhos arrasados de água exprimiam aquela dolorosa contensão do espírito, em que um sentido parece concentrar todos.

Deixai-o ir ao velho fidalgo! A mágoa que o traspassa não tem igual. O fogo que lhe presta vida e fôrças é a desesperação. Deixai-o ir, e de joelhos! Saudai a majestade do infortúnio!

O pai angustiado ajoelhou junto ao corpo do filho e pousou-lhe um ósculo na fronte. Desabrochou-lhe depois o talim e cingiu-lhe do chão a espada, e correu-lhe a vista pelo fio e pela ponta de dois gumes. Passou depois a capa no braço e cobriu-se. Decorridos instantes estava no meio da praça e devorava o touro com a vista chamejante provocando-o para o combate.

Cortado de emoções tão cruéis, não lhe tremia o braço, e os pés arraigavam-se na arena, como se um poder oculto e superior lhos tivesse ligado repentinamente à terra.

Fêz-se no circo um silêncio gélido, tremendo e tão profundo que poderiam ouvir-se até as pulsações do coração do marquês, se naquela alma de bronze o coração valesse mais do que a vontade.

O touro arremeteu contra êle... Uma e muitas vêzes o investe cego e irado, mas a destreza do marquês esquiva sempre a pancada.

Os ilhais da fera arfam de fadiga, a espuma franja-lhe a bôca, as pernas vergam e resvalam, e os olhos amortecem de cansaço. O ancião zomba da sua fúria.

Calculando as distâncias, *frusta-lhe* todos os golpes sem recuar um passo.

O combate demora-se.

A vida dos espectadores resume-se nos olhos.

A imensidade da catástrofe imobiliza todos.

De súbito solta el-rei um grito e recolhe-se para dentro da tribuna. O velho aparava o peito descoberto a *marrada* do touro, e quase todos ajoelharam para rezarem por alma do último marquês de Marialva.

A aflitiva pausa apenas durou momentos. Por entre as névoas de que a pupila trêmula se embaciava, viu-se o homem crescer para a fera, a espada fuzilar nos ares e logo após sumir-se até aos copos entre a nuca do animal. Um bramido, que atroou o circo, e o baque do corpo agigantado na arena encerraram o extremo ato do funesto drama.

Clamores uníssonos saudaram a vitória. O marquês, que tinha dobrado o joelho com a fôrça do golpe, levantava-se mais branco do que um cadáver. Sem fazer caso dos que o rodeavam, tornou a abraçar-se com o corpo do filho, banhando-o de lágrimas e cobrindo-o de beijos.

O touro ergueu-se, e, cambaleando com a *sezão* da morte veio apalpar o sítio onde queria expirar. Ajuntou ali os membros, e deixou-se cair sem vida ao lado do cavalo do conde dos Arcos.

Nesse momento os espectadores, olhando para a tribuna real, estremeceram. El-Rei, de pé e muito pálido, tinha junto de si o marquês de Pombal, coberto de pó e com sinais de ter viajado depressa.

Sebastião José de Carvalho voltava de propósito as costas à praça, falando com o monarca. Punia assim a barbaridade do circo.

— Temos guerra com a Espanha, senhor. É inevitável. Vossa Majestade não pode consentir que os touros lhe matem o tempo e os vassalos! Se continuássemos neste caminho... cedo iria Portugal à vela.

— Foi a última corrida, marquês. A morte do conde de Arcos acabou os touros reais enquanto eu reinar.

— Assim o espero da sabedoria de Vossa Majestade. Não há tanta gente nos seus reinos que possa dar-se um

homem por um touro. El-Rei consente que vá em seu nome consolar o marquês de Marialva?

— Vá! É pai. Sabe o que há-de dizer-lhe...

— O mesmo que êle me diria a mim, se Henrique estivesse como está o conde.

El-Rei saiu da tribuna, e o marquês de Pombal, entrando na praça em tôda a majestade da sua elevada estatura, levantou nos braços o velho fidalgo, dizendo-lhe com voz meiga e triste:

— Senhor marquês! Os portuguêses como vossa excelência, são para dar exemplos de grandeza de alma e não para os receberem. Tinha um filho e Deus levou-lho. Altos juízos seus! A Espanha declarar-nos guerra, e El-Rei, meu amo e senhor, precisa do conselho e da espada de vossa excelência.

E travando-lhe da mão, levou-o quase nos braços até o meterem na carruagem.

D. José cumpriu a palavra dada ao seu ministro.

No seu reinado nunca mais se picaram touros reais em Salvaterra.

VOCABULÁRIO

Prolóquio, s. m.: ditado, provérbio, anexim.
Veiga, s. f.: campina, campo fértil e florido.
Doudejar, v. int.: andar de um lugar para outro como louco.
Destro, adj.: hábil, sagaz.
Redarguir, v. int.: responder.
Recamo, s. m.: enfeite, alamar.
Donaire, s. m. gentileza, garbo, graça.
Charamela, s. f.: espécie de instrumento musical.
Gualdrapa, s. f: xairel, espécie de manto.
Tímbale, s. m.: espécie de tambor metálico.
Talim, s. m. cinturão, correia a tiracolo, boldrié.
Centauro, s. m.: monstro fabuloso, meio homem, meio cavalo.
Bizarria, s. f.: garbo, galhardia.
Escarvar(v. t.: cavar com os pés, remexer a terra.
Arção, s. m.: peça arqueada e proeminente da sela.
Farpear, v. t.: meter farpas em, ferir com farpas.
Farpa, s. f.: peça metálica penetrante.
Ufania, s. f.: orgulho, glória, galardão.
Hirto, adj.: rígido, teso, imóvel, ereto, crespo.
Ânsias = desejo ardente, perturbação.
Frustrar, v. t.: iludir, enganar.
Marrada, s. f.: arremêsso do animal contra alguém com a cabeça.
Sezão, s. f.: febre intermitente e periódica.

1. **INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO**
2. **ANÁLISE ESTILÍSTICA DO TRECHO**
3. **FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO**

a) **Dê o significado dos seguintes vocábulos:**

Vicejavam	privança
Enfolhavam-se	saciar
Matizavam-se	rebates da guerra
fogoso	plebeu nobilitado

b) **Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:**

(1) Deleite	( ) acompanhamento
(2) pragmática	( ) faiscar
(3) trajo	( ) encantamento
(4) cortejo	( ) elegância
(5) garbo	( ) veste
(6) fuzilar	( ) etiquêta

c) **As palavras seguintes têm vários significados. Forme uma oração usando-as nos diversos sentidos.**

sela	estaca	pisado
Palma	alvo	cólera

d) **Dê a diferença que há entre:**
rocha e roxa — hora e ora — geminar e germinar — sincero e cincero — sútil e sutil — mirra e mira — ruço e russo — maça e massa.

4. **COMPOSIÇÃO**

Uma corrida de automóvel.
Uma corrida de cavalo.
Devagar se vai longe.

III. MEMBROS DA ORAÇÃO

TÊRMOS DA ORAÇÃO

1 — TÊRMOS ESSENCIAIS

SUJEITO
- simples. Ex. **D. José** era um rei em férias.
- composto. Ex. **João e José** saíram da arena.
- indeterminado. Ex. Contava-se em segrêdo nos recantos do palácio...
- oração sem sujeito. Ex. Chove.

PREDICADO
- verbal. Ex. Uma tourada real **chamara a côrte a Salvaterra.**
- nominal. Ex. Os touros **eram bravos.**
- verbo-nominal. Ex. Consideravam-no um grande toureador.

Complemento verbal
- objeto direto. Ex. O Marquês de Pombal franziu as **sobrancelhas.**
- objeto indireto. Ex. O Marquês respondeu-**lhe** friamente.

Complemento nominal
- Ex. Dedicavam amor **às plantas.**

Agente da passiva
- Ex. As flôres foram colhidas **pela menina.**

3 — TÊRMOS ACESSÓRIOS

a) ADJUNTO ADNOMINAL — Ex. **Uma** tourada **real** chamara a côrte *a* Salvaterra.

b) ADJUNTO ADVERBIAL — Ex. Foram **a Salvaterra.**

c) APÔSTO — Ex. O Senhor D. José, **primeiro do nome,** era um rei em férias.

d) VOCATIVO — Ex. **Menino,** preste atenção.

EXERCÍCIOS

1 — Dar a função da palavra grifada:

Muito bem, atalhou o embaixador, **um exército** de sessenta **mil** homens entrará **em Portugal.** Correram-se as cortinas da tribuna **real.** Principiou o **combate. Não** é propósito **nosso** descrevermos uma corrida de **touros.**

2 — Empregue eufemismos para abrandar as seguintes expressões:

— O senhor foi imprudente. — Essas pessoas andam brigadas. Aquêle homem é maluco. — Somos velhos sem préstimo. — Censuro vosso procedimento. — Não sou insensível. — Saia daqui. — Vá-se embora. — Fomos vencidos. — Foi encerrado numa casa de doidos. — O senhor sempre está atrasado. — Não estudas tuas lições. — Esqueces os conselhos de teus pais. — Andas com maus companheiros.

3 — Dar a forma da ironia às frases seguintes:

—Não mostrais muita delicadeza. — Está com mêdo do perigo. — Acaba de soltar asneira rematada. — O que está dizendo aí é muito comum. — O senhor é mau comigo. — Quer me impingir suas mentiras. — Você é feio como bruxa. — Quebrastes a vidraça. — Não conte comigo. — Apenas sabes gaguejar.

4 — Com uma palavra da direita e uma da esquerda bem escolhidas, forme outra por COMPOSIÇÃO.

doce	chupa	fusco	joão
flor	erva	pérola	água
glória	saca	amargo	ferro
frio	papa	bôbo	vara
alto	agir	ardente	madre
nosso	vã	freio	ponta
mate	plano	alta	lusco
jantares	beija	pé	doce
mel	sangue	pau	guarda
rôlhas	pai	via	perna

5 — Conjugue no presente do indicativo e do imperativo negativo:

trazer	repetir	ser	dispor
saber	perder	achar	queimar
negociar	requerer	mentir	ferir

A MORTE DO JANGADEIRO

Padre ANTÔNIO TOMAS de Sales

Nasceu em Aracaju a 14 de setembro de 1868. Foi um poeta de muita sensibilidade e soube transmitir êstes sentimentos aos outros através suas poesias. Aproveitou sobretudo, para temas de suas poesias, os fatos diários. Salientou-se sobretudo na composição de sonetos. "A Morte do Jangadeiro", o "Palhaço".

Ao sôpro do *terral* abrindo a vela,
Na esteira azul das águas arrastada,
Segue veloz a intrépida jangada
Entre os uivos do mar que se *encapela*.

Prudente o jangadeiro se acautela
Contra os mil acidentes da jornada;
Fazem-lhe, entanto, guerra encarniçada
O vento, a chuva, os raios, a *procela*.

Súbito, um raio o prosta e, furioso,
Da jangada o despeja n'água escura;
E em brancos véus de espuma, o desditoso

Envolve e traga a onda intumescida,
Dando-lhe, assim, mortalha e sepultura
O mesmo mar que o pão lhe dera em vida.

VOCABULÁRIO

Terral, s. m.: vento que sopra da terra.
Encapelar, v. int.: eriçar, enfurecer, encrespar.
Procela, s. f.: tempestade, borrasca, tufão.

1. INTERPRETAÇÃO DO TRECHO LIDO
2. ANÁLISE ESTILÍSTICA DO TRECHO
3. FIXAÇÃO DO VOCABULÁRIO

a) Procure todos os significados de: vela e traga.

b) Dê o antônimo dos seguintes vocábulos:

veloz	acautelar
intrépido	encarniçado
prudente	procela
encapelar	furioso

c) Dê a diferença que há entre:
despensa e dispensa; inchada e enxada; cavaleiro e cavalheiro; descrição e discrição; proferir e preferir; leão e Lião; acorrer e ocorrer.

d) Coloque o mesmo número nos sinônimos correspondentes:

(1) tufão	( ) caminhada
(2) encapelar	( ) borrasca
(3) jornada	( ) desastre
(4) acidente	( ) existência
(5) sepultura	( ) encrespar
(6) vida	( ) túmulo

4. COMPOSIÇÃO

O mar.
Os benefícios da água.
Os pescadores.

MODÊLO DA ANÁLISE SINTÁTICA

E em brancos véus de espuma, o desditoso
Envolve e traga a onda intumescida,
Dando-lhe, assim, mortalha e sepultura
O mesmo mar que o pão lhe dera em vida.

- — PERÍODO e número de orações:
Período composto por coordenação e subordinação (misto) contendo 4 orações.

2 — ORAÇÃO.

1.ª ORAÇÃO: e em brancos véus de espuma, a onda intumescida envolve o desditoso.

Oração principal.
sujeito: a onda intumescida.
predicado verbal: envolve o desditoso.
objeto direto desditoso.

adjunto adverbial: em brancos véus de espuma.
adjunto adnominais: brancos, espuma, o, a, intumescida.

2.ª ORAÇÃO: e traga
Coordenada sindética aditiva.
sujeito (a onda intumescida)
predicado verbal: traga (o desditoso);

3.ª ORAÇÃO: o mesmo mar dando-lhe assim mortalha e sepultura.

subordinada reduzida do gerúndio.
sujeito: o mesmo mar.
predicado verbal: dando-lhe assim mortalha e sepultura.
objeto direto: mortalha, sepultura.
objeto indireto: lhe.
adjunto adverbial: assim.
adjunto adnominal: o, mesmo.

4.ª ORAÇÃO: que o pão lhe dera em vida.

subordinada adjetiva explicativa.
sujeito: que.
predicado verbal: dera-lhe o pão em vida.
objeto direto: pão.
objeto indireto: lhe.
adjunto adverbial: em vida
adjunto adnominal: o.

EXERCÍCIOS DE ANÁLISE

1 — As lágrimas sufocaram-lhe então a voz e retirou-se apressadamente para a sala imediata, onde estava a imperatriz acompanhada dos embaixadores inglêses e francêses.

2 — Voltando sôbre êle o touro enraivecido, arremessou-o aos ares, esperou-lhe a queda nas armas e não arredou senão quando, assentando-lhe as patas sôbre o peito conheceu que o seu inimigo era um cadáver (R. da Silva).

3 — Bastou que meus olhos vissem na sórdida vitrina o coelhinho de lã, para que a irriquieta Mab me viesse cabiolar na cachola.

4 — Descompôs o compadre, descompôs a comadre, descompôs o afilhado (M. Assis).

5 — Convém que preparemos com carinho o programa para que o recebamos condignamente.

6 — Ó santas que embalais o bêrço das crianças, e assim lho revestis de flóreas esperanças! que andais sempre a cuidar das almas

por abrir, e a verter-lhes no seio o gérmen do porvir. (G. Braga).

7 — Os ilhais da fera arfam de fadiga, a espuma franja-lhe a bôca, as pernas vergam e resvalam, e os olhos amortecem de cansaço. (R. da Silva).

8 — A bizarria com que percorreu a praça, domando sem esfôrço o fogoso corcel arrancou prolongados e repetidos aplausos. (R. da Silva).

9 — Sem querer ouvir nada, desceu os degraus do anfiteatro, seguro e resoluto, como se as neves de setenta anos lhe não branqueassem a cabeça (R. da Silva).

10 — O touro ergueu-se e cambaleando com a sezão da morte, veio apalpar o sítio onde queria morrer. (R. da Silva).

LIÇÃO COMPLEMENTAR

I — JUCA-PIRAMA

Antonio GONÇALVES DIAS

(Caxias, 10. VIII. 1823 — S. Luis, 3. XI 1864 — Mestiço, de pai português e mãe cafusa. Os preceitos então reinantes concorreram para torná-lo infeliz. Bacharelou-se em Coimbra, e de volta ao Brasil, em 1845, publicou seus Primeiros Cantos. Regeu as cadeiras de História e de Latim no Colégio Pedro II. Foi consagrado como o maior poeta da fase romântica e o maior intérprete dos sentimentos nacionais. Segundo Sílvio Romero é "autor do que há de mais português na nossa literatura". Obras: Segundos Cantos; Sextilhas de Frei Antão; Os timbiras; Últimos Cantos, etc.

No meio das tabas de amenos verdores,
Cercados de troncos — cobertos de flôres,
Alteiam-se os tetos de altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes,
Assombram das matas a imensa extensão.

São rudes, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na bôca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!

As tribos vizinhas, sem fôrças, sem brio,
As armas quebrando, lançando-se ao rio,
O incenso aspiram dos seus maracás:
Medrosos das guerras que os fortes acendem,
Custosos tributos ignavos lá rendem,
Aos duros guerreiros sujeitos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro
Onde ora se aduna o concílio guerreiro
Da tribo senhora, das tribos servis;
Os velhos sentados praticam de outrora,
E os moços inquietos, que a festa enamora,
Derramam-se em tôrno de um índio infeliz.

Quem é? — ninguém sabe: seu nome é ignoto,
Sua tribo não diz: — de um povo remoto
Descende por certo — de um povo gentil;
Assim lá na Grécia ao escravo insulano
Tornavam distinto do vil muçulmano
As linhas corretas do nobre perfil.

Por casos de guerra caiu prisioneiro
Nas mãos dos Timbiras; — no extenso terreiro
Assola-se o teto, que o teve em prisão;
Convidam-se as tribos dos seus arredores,
Cuidosos se incumbem do vaso das côres,
Dos vários aprestos da honrosa função.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira,
Entesa-se a corda da embira ligeira,
Adorna-se maça com penas gentis:
A custo, entre as vagas do povo da aldeia
Caminha o Timbira, que a turba rodeia,
Garboso nas plumas de vário matiz.

Entanto as mulheres com leda trigança,
Afeitas ao rito da bárbara usança,
O índio já querem cativo acabar;
A coma lhe cortam, os membros lhe tingem,
Brilhante enduape no corpo lhe cingem,
Sombreia-lhe a fronte gentil canitar.

II

Em fundos vasos de alvacenta argila
Ferve o cauim;
Enchem-se os copos, o prazer começa,
Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anseiam,
Sentado está,
O prisioneiro que outro sol no ocaso
Jamais verá!

A dura corda, que lhe enlaça o colo,
Mostra-lhe o fim
Da vida escura, que será mais breve
Do que o festim!

Contudo os olhos de ignóbil pranto
Secos estão;
Mudos os lábios não descerram queixas
Do coração.

Mas um martírio, que encobrir não pode,
Em rugas faz
A mentirosa placidez do rosto
Na fronte audaz!

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta
No passo horrendo?
Honra das tabas que nascer te viram,
Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes
Revive o forte;
Que soube ufano contrastar os mêdos
Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, à chuva,
Lá murcha e pende:
Sòmente ao tronco, que devassa os ares,

O raio ofende!
Que foi? Tupã mandou que êle caísse,
Como viveu;
E o caçador que o avistou prostrado
Esmoreceu!

Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes
Revive o forte.
Que soube ufano contrastar os mêdos
Da fria morte.

III

Em larga roda de novéis guerreiros
Ledo caminha o festival Timbira,
A quem do sacrifício cabe a honra.
Na fronte o canitar sacode em ondas,
A enduape na cinta se embalança,
Na dextra mão sopesa o iverapeme,
Orgulhoso e pujante. — Ao menor passo
Colar de alvo marfim, insígnia de honra,
Que lhe orna o colo e o peito, ruge e freme,
Como que por feitiço não sabido
Encantadas ali as almas grandes
Dos vencidos Tapuias, inda choram
Serem glória e brazão de imigos feros.

"Eis-me aqui, diz ao índio prisioneiro;
"Pois que fraco, e sem tribo, e sem família,
"As nossas matas devassaste ousado.
"Morrerás morte vil da mão de um forte".
Vem a terreiro o mísero contrário;
Do colo à cinta a mussurana desce:
"Dize-nos tu quem és, teus feitos canta,
Ou, se te apraz, defende-te". Começa
O índio, que ao redor derrama os olhos,
Com triste voz que os ânimos comove.

IV

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo Tupi.

Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiro, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribos imigas,
E as duras fadigas,
Da guerra provei;

Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.

Andei longes terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aimorés;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes — escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas, coitados,
Já sem maracás;
E os meigos cantores,

Servindo a senhores,
Que vinham traidores,
Com mostras de paz.

Aos golpes do inimigo
Meu último amigo,
Sem lar, sem abrigo
Com plácido rosto,
Caiu junto a mi!
Sereno e composto,
O acerbo desgosto,
Comigo sofri.

Meu pai a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos de espinhos,
Chegamos aqui!

O velho no entanto
Sofrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer!
Não mais me contenho,
Nas matas me embrenho,
Das frechas que tenho
Me quero valer.

Então, forasteiro,
Caí prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:
O cru dessossego
Do pai fraco e cego,
Enquanto não chego,
Qual seja, — dizei!

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deus lhe deixou:
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descansava,
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? — Morrer.

Enquanto descreve
O giro tão breve,
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não coro
Do pranto que choro.
Se a vida deploro,
Também sei morrer.

V

Soltai-o! — diz o chefe. Pasma a turba.
Os guerreiros murmuram: mal ouviram,
Nem pôde nunca um chefe dar tal ordem!
Brada segunda vez com voz mais alta,
Afrouxam-se as prisões, a embira cede,
A custo, sim mas cede: o estranho é salvo.
— Timbira, diz o índio enternecido,
Sôlto apenas dos nós que o seguravam,
És um guerreiro ilustre, um grande chefe,
Tu que assim do meu mal te comoveste,

Nem sofres que, transposta a natureza,
Com olhos onde a luz já não cintila,
Chore a morte do filho o pai cansado,
Que sòmente por seu na voz conhece.
— És livre; parte.
— E voltarei.
— Debalde.
— Sim, voltarei, morto meu pai.
— Não voltes!
É bem feliz, se existe, em que não veja,
Que filho tem, qual chora: és livre; parte!
— Acaso tu supões que me acobardo,
Que receio morrer? — És livre, parte!
— Ora, não partirei; quero provar-te
Que um filho dos Tupis vive com honra,
E com honra maior, se acaso o vencem,
Da morte o passo glorioso afronta.
— Mentiste, que um Tupi não chora nunca,
E tu choraste!... parte; não queremos
Com carne vil enfraquecer os fortes.
Sobresteve o Tupi: arfando em ondas
O rebater do coração se ouvia
Precípite; do rosto afogueado
Gélidas bagas de suor corriam,
Talvez que o assaltava um pensamento...
Já não... que na enlutada fantasia,
Um pesar, um martírio ao mesmo tempo,
Do velho pai a moribunda imagem
Quase bradar-lhe ouvia: — Ingrato! ingrato!
Curvado o colo, taciturno e frio,
Espectro de homem, penetrou no bosque!

VI

— Filho meu, onde estás?
— Ao vosso lado;
Aqui vos trago provisões: tomai-as,
As vossas fôrças restaurai perdidas,
E a caminho, e já!
— Tardaste muito!

Não era nado o sol, quando partiste,
E frouxo o seu calor, já sinto agora!
— Sim, demorei-me a divagar sem rumo,
Perdi-me nestas matas intrincadas.

Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;
Convém partir, e já!
— Que novos males
Nos resta de sofrer? que novas dores,
Que outro fado pior Tupã nos guarda?
— As setas da aflição já se esgotaram,
Nem para nôvo golpe espaço intacto
Em nossos corpos resta.
Mas tu tremes!
— Talvez, do afã da caça...
— Oh filho caro!
Um quê misterioso aqui me fala,
Aqui no coração; piedosa fraude,
Será por certo, que não mentes nunca!
Não conheces temor, e agora temes?
Vejo e sei: é Tupã que nos aflige.
E contra o seu querer não valem brios.
Partamos!...
E com mão trêmula, incerta,
Procura o filho, tateando as trevas
Da sua noite lúgubre e medonha.
Sentindo o acre odor das frescas tintas,
Uma idéia fatal correu-lhe à mente...
Do filho os membros gélidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas
Conhece estremecendo: foge, volta,
Encontra sob as mãos o duro crânio,
Despido então do natural ornato!...
Recua aflito e pávido cobrindo
Às mãos ambas os olhos fulminados;
Como que teme ainda o triste velho,
De ver não mais cruel, porém mais clara,
Daquele exício grande a imagem viva
Ante os olhos do corpo afigurada;
Não era que a verdade conhecesse

Inteira e tão cruel qual tinha sido;
Mas que funesto azar correra o filho,
Ele o vira; êle o tinha ali presente;
E era de repetir-se a cada instante,
A dor passada, a previsão futura
E o presente tão negro, ali os tinha;
Ali no coração se concentrava,
Era num ponto só, mas era a morte!
— Tu prisioneiro, tu?
— Vós o dissestes.
— Dos índios?
— Sim.
— De que nação?
— Timbiras.
— E a mussurana funeral rompeste,
Dos falsos manitôs quebraste a maça...
— Nada fiz... aqui estou.
Emudecem.
Curto instante depois prossegue o velho:
— Tu és valente, bem o sei; confessa,
Fizeste-o, certo, ou já não foras vivo!
— Nada fiz, mas souberam da existência
De um pobre velho, que em mim só vivia...
— E depois?...
— Eis-me aqui.
— Fica essa taba?
Na direção do sol, quando transmonta.
— Longe?
— Não muito. — Tens razão: partamos.
— E quereis ir?...
— Na direção do ocaso.

VII

"Por amor de um triste velho,
Que ao têrmo fatal já chega,
Vós guerreiros, concedestes
A vida a um prisioneiro.
Ação tão nobre vos honra,
Nem tão alta cortesia

Vi eu jamais praticada
Entre os Tupis, — e mais foram
Senhores em gentileza.

"Eu porém nunca vencido,
Nem nos combates por armas,
Nem por nobreza nos atos;
Aqui venho, e o filho trago.
Vós o dizeis prisioneiro,
Seja assim como dizeis;
Mandai vir a lenha, o fogo,
A maça do sacrifício
E a mussurana ligeira;
Em tudo o rito se cumpra!
E quando eu fôr só na terra,
Certo acharei entre os vossos,
Que tão gentis se revelam,
Alguém que meus passos guie;
Alguém, que vendo o meu peito
Coberto de cicatrizes,
Tomando a vez de meu filho,
De haver-me por pai se ufane!"
Mas o chefe dos Timbiras,
Os sobrolhos encrespando
Ao velho Tupi guerreiro
Responde com tôrvo acento:
— Nada farei do que dizes;
É teu filho imbele e fraco!
Aviltaria o triunfo
Da mais guerreira das tribos
Derramar seu ignóbil sangue:
Ele chorou de cobarde;
Nós outros, fortes Timbiras,
Só de heróis fazemos pasto. —
Do velho Tupi guerreiro
A surda voz na garganta
Faz ouvir uns sons confusos,
Como os rugidos de um tigre,
Que pouco a pouco se assanha!

VIII

"Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de vis Aimorés.

"Possas tu, isolado na terra.
Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres;
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e falaz!

"Não encontres doçura no dia,
Nem as côres de aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanso gozar:

Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos.
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a fronte pousar.

"Que a teus passos a relva se torre,
Murchem prados, a flor resfaleça,
E o regato que límpido corre,
Mais te acenda o vesano furor;
Suas águas depressa se tornem,
Ao contato dos lábios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror!

"Sempre o céu, como um teto incendido.
Creste e punja teus membros malditos,
E o oceano de pó denegrido
Seja a terra ao ignavo Tupi!
Miserável, faminto, sedento,
Manitôs não lhe falem nos sonhos,
E de horror os espectros medonhos,
Traga sempre o cobarde após si.

"Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame.
Pondo em vaso de argila cuidoso,
Arco e flecha e tacape a teus pés!
Sê maldito, e sòzinho na terra;
Pois, que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não és".

IX

Isto dizendo, o miserando velho
A quem Tupã tamanha dor, tal fado
Já nos confins da vida reservara,
Vai com trêmulo pé, com as mãos já frias
Da sua noite escura as densas trevas
Palpando — Alarma! Alarma! — O velho pára;
O grito que escutou é voz do filho,
Voz de guerra que ouviu já tantas vêzes
Noutra quadra melhor. — Alarma! Alarma!
Êsse momento só vale apagar-lhe
Os tão compridos transes, as angústias,
Que o frio coração lhe atormentaram
De guerreiro e de pai: — vale, e de sobra.
Êle que em tanta dor se contivera,
Tomado pelo súbito contraste,
Desfaz-se agora em pranto copioso,
Que o exaurido coração remoça.
A taba se alvorota, os golpes descem,
Gritos, imprecações profundas soam,

Emaranhada a multidão braveja,
Revolve-se, enovela-se confusa,
E mais revôlta em mor furor se acende.
E os sons dos golpes que incessantes fervem,
Vozes, gemidos, estertor de morte
Vão longe pelas ermas serranias,
Da humana tempestade propagando
Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravam.
Era êle, o Tupi; nem fôra justo
Que a fama dos Tupis — o nome, a glória,
Aturado labor de tantos anos,
Derradeiro brazão da raça extinta,
De um jato e por um só se aniquilasse.
— Basta! já clama o chefe dos Timbiras,
Basta! guerreiro ilustre! assaz lutaste,
E para o sacrifício é mister fôrças.
O guerreiro parou, caiu nos braços
Do velho pai, que o cinge contra o peito,
Com lágrimas de júbilo bradando:
"Este, sim, que é meu filho muito amado!
"E pois que o acho enfim, qual sempre o tive,
"Corram livres as lágrimas que choro,
"Estas lágrimas, sim, que não desonram".

X

Um velho Timbira, coberto de glória,
Guardou a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E à noite, nas tabas, se alguém duvidava
Do que êle contava,
Dizia prudente: — "Meninos, eu vi!

"Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci:
Valente como era, chorou sem ter pêjo;
Parece que o vejo,
Que o tenho nesta hora diante de mim.

"Eu disse comigo: — Que infâmia de escravo!
Pois não, era um bravo!
Valente e brioso, como êle, não vi!
E à fé que vos digo: parece-me encanto
Que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!"

Assim o Timbira, coberto de glória,
Guardava a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi.
E à noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que êle contava,
Tornava prudente: "Meninos, eu vi!"

VOCABULÁRIO

Com o auxílio de um dicionário procurar as palavras desconhecidas.

GRAMÁTICA

a) **Preencha as lacunas com os pronomes O, LHE ou SE:**
Abraço ..... cordialmente e desejo ..... muita saúde. Conserve ..... fiel aos ensinamentos que ..... foram dados. Mandei ..... sair da sala porque não soube portar ..... Faço ..... ciente de que deve manter ..... de pé. Há quanto tempo não ..... vejo! Viemos agradecer ..... pelo muito que nos fêz. Espero que ..... reconciliem e vivam como amigos. Nós ..... advertimos do perigo de reprovação. Esperei ..... durante 40 minutos. Será que terei de esperar ..... no caminho?

b) **Coloque no imperativo:**
Dizer a Pedro que se mantenha calmo (2.ª p. sing.). Ao avarento não lhe pedir nada (3.ª p. sing.). Ser sempre franco (1.ª p. plural) aconteça o que acontecer. Manter-se calmo em qualquer eventualidade (3.ª p. plural). Correr muito se quiseres ganhar o prêmio. Não atear fogo pois há perigo de explosão (3.ª p. do sing.). Averiguar bem os fatos antes de publicá-los (2.ª p. plural). Repor sempre os livros nos mesmos lugares (1.ª p. plural). Não negociar nunca a nossa honra.

c) **Indique a classe gramatical das palavras grifadas:**
Gosto **muito** de estudar. Procure um **meio mais fácil** de resolver esta questão. Esforcei-me **bastante** mas **pouco** realizei. Há **muito**

tempo que não a vejo. Por que ficou você **meio** atrapalhado quando **me** viu? Tenho dúzia e **meia** de **meias**. Podias obter coisa **melhor** com menos dinheiro. A porta estava **meio** aberta. Os fins **não** justificam **os meios**. Tens **pouco porque** pouco trabalho realizaste. Comprei três **meias** garrafas de mel.

d) Use a preposição ou a combinação adequada:

Não atino ..... a significação dêste vocábulo. Aprendi ..... converter os espinhos ..... flôres. Prefiro não assistir ..... cenas violentas. ..... histórias do avô preferi um jôgo de pôquer. Coopere ..... os que labutam ..... alfabetização ..... adultos. Somos pequenos ..... imensidade do universo. O esporte ..... que mais gosto é o futebol. Estudei ..... comêço do ano por isso fiz boa figura ..... banca. É preciso comer ..... viver. Passou cantando ..... as roseiras e dirigiu-se ..... cascata. O mestre tinha ..... os alunos desvelos paternais. Não assistiremos ..... esta formatura mas àquela. ..... o Criador os "mas" e os "porquês" não terão valor. Tive sono ..... o espetáculo e voltei logo ..... casa.

e) Formar palavras novas antepondo, às palavras abaixo, os seguintes prefixos:

além, retro, trans, pro, re, supra, pós, sub, sob, intro, ad, a, infra, peri, super, cis, per, extra, inter, pré, sôbre.

..... ceder	..... alpino
..... dito	..... romper
..... assinado	..... mar
..... missão	..... fluir
..... vir	..... pôr
..... chefe	..... normal
..... metro	..... negar
..... furar	..... dorsal
..... escalar	..... realista
..... diluviano	..... muros

CORRIJA AS FRASES SEGUINTES, SE FÔR NECESSÁRIO, JUSTIFICANDO SEMPRE:

1 — Porque deu-se-lhes tanto dinheiro?
2 — Não ofenda nem se vingue do inimigo.
3 — O atrevido apoderou-se e guardou os objetos.
4 — O inimigo sitiou, entrou e destruiu a cidade.
5 — Nada poderei fazer si não intervires a tempo.
6 — É destituido de moral o homem que a única preocupação é jogar.
7 — Fazem dois anos atráz que entrei neste colégio.
8 — Pedi a V. Exa. vossa ajuda, por achar que sóis justo.

10 — Escreva-me sempre, pois tuas cartas me animam muito.
11 — Me sumiu a camisa; mande-me 5 mil cruzeiros para mim comprar outra.
12 — Talvez perdoasse os que lhe mataram.
13 — Realizou-se com tôda a pompa as cerimônias de fim de ano.
14 — Pode crer, sou eu quem lho digo.
15 — Fazem cinco anos que o fato se deu.
16 — Nunca esquecerei o que fizeram-me aqui.
17 — Mandaram-no embora mas êle nem mexeu-se.
18 — Sóis fortes mas teus inimigos também o são.
19 — Urge que a inocência ou a culpa do nosso amigo se positivem.
20 — Quando cheguei em casa, não mais lhe encontrei.
21 — Interroguei-lhe a respeito dos motivos que o traziam à êste lugar.
22 — Dignai-vos, Senhor, em concedernos tuas graças.
23 — As leis que obedecemos não nos são favoráveis.
24 — Quantos anos fazem que estás formado?
25 — Não tinha mais lugar no teatro.
26 — Não o assiste o direito de o difamar.
27 — Não tende mêdo de afirmar sempre a verdade.
28 — Tendo dito-lhe a verdade, nada tens de receiar dêle.
29 — Corrigir os que erram é uma obra de caridade que nos fala o Evangelho.
30 — Teve lugar ontem o famoso concurso que te falei.
31 — Era sorrisos e promessas tudo o que o cercava.
32 — Marchai com destemor e chegarão a vitória.
33 — Se isto o agrada, crês que o mesmo se dá com os teus amigos?
34 — Envio-lhe os meus parabéns e abraço-lhe com amizade.
35 — Houve alunos que desprezaram e fugiram das aulas.
36 — Apresento-lhe o professor o mais ilustre da faculdade.
37 — Este trabalho está melhor feito que o outro.
38 — Hajam vista os precedentes desagradáveis.
39 — Quero certificar-lhe que o seu pedido foi atendido.
40 — Não devemos infligir os regulamentos do colégio.
41 — Tem na sala uma pessoa que quer falar consigo, papai!
42 — Me passa o livre que emprestei.
43 — Vamos no teatro e o espetáculo acabado, nos dirigiremos num restaurante aonde jantaremos.
44 — Receba um grande abraço do amigo que lhe estima.
45 — Prefiro antes morrer do que fazer o que queres.
46 — Você foi melhor classificado no concurso que nos preparamos.
47 — Pedro já está na mesa mas a janta ainda não está pronta.
48 — Porque você rejeitou o convite que ela te fez?
49 — Choveu, de formas que não sairemos.
50 — Meu pai aprecia-lhe muito, prezado amigo.
51 — Vi-lhe ontem mas você não me percebeu.
52 — Fiquei a par dos fatos que a nossa rua serviu de palco.
53 — Se ver o teu amigo lhe dê lembranças.
54 — Bonito seria, si você mantesse a palavra dada.
55 — Não vejo-a fazem dois meses. Onde estavas?

56 — O caso que o jornal trata e que você fez alusão, não passou-se assim.
57 — Não quero lhe esperar mais; já estamos atrasados.
58 — Se incendiou a casa que residíamos a três anos.
59 — Se êle requiser os papéis, talvez os consiga.
60 — Como bifes a inglesa e tu saboreias uma feijoada a brasileira.
61 — Ontem vimos aqui, mas nos disseram que o senhor não estava.
62 — Terá lugar uma festa que as alunas homenagearão o diretor.
63 — Os estudos que me dedico são difíceis.
64 — Dos soldados que interviram na luta, só dois apareceram.
65 — Ele zangou-se por que lhe apelidaram de pombinha.
66 — Lindas floreszinhas ornavam a sala de espera.
67 — Dê-me dinheiro para mim ir ao cinema.
68 — Quero te agradecer o não teres-me humilhado.
69 — Faria-se tudo para êle se dissesse a verdade.
70 — Vocês podem se sentar e ficar a vontade.
71 — Meu tio se proviu do que era necessário para a temporada.
72 — Nesta escola não se usa esferográficas vermelhas para os deveres.
73 — Se sobrevirem novas notícias, alterar-se-á os cursos.
74 — Não ouve a conversa dele, ouviu?
75 — Realmente são poucos os amigos que podemos confiar.
76 — Não fazem cerimônia, a casa é sua.
77 — Não se deve esquecer deveres tão sagrados.
78 — Não se repita, por amor a tranquilidade pública, tantas mentiras que às vezes se vê estampadas nos jornais.
79 — Não se louve aos vícios nem se aplauda gestos tão abomináveis.
80 — A reunião teria sido mais proveitosa se tôdas a assistissem.
81 — Hás de gostar dêste filme se o assistires.
82 — Se aspiras o primeiro lugar, estude com mais ardor.
83 — O fato de você vir a aula todos os dias, não quer dizer que estejas apto para o 1.º científico.
84 — Não sabemos como agradecer a Sua Magestade os favores que nos tendes prodigalizado.
85 — Desejo entrar na escola politecnica; os exames não são faceis.
86 — A paixão do jogo faz perder tres coisas importantes dinheiro, tempo e consiência.
87 — O leão falou queridos amigos e confrades a peste é castigo de Deus por nossos pecados.
88 — Olhai para essas colossais máquinas, que a semelhança de um mostro, percorrem essas imensas campinas, ligando terras longinquas.
89 — Prezados correligionários: Prometo-vos que terão água até por cima das cabeças. Palavra! Podeis confiar em mim!
90 — Há quanto tempo não lhes prevenia do que lamentavelmente aconteceu.
91 — Se eu requisesse os documentos, já os teria em mãos.
92 — Não saia na rua. Estão havendo muitos acidentes.
93 — Se ela se opor as minhas idéias, estará desfeito o nosso noivado.

94 — Logo que o vermos, nos esconderemos atrás da cortina.
95 — Não entristece teus pais, apresentando-lhes resultados medíocres nos boletins informativos.
96 — Se puserem cartazes neste muro, serão tirados sem dar satisfação a quem quer que seja.
97 — Se elas quizessem poderiam ter estudado as lições a qual o professor se referiu ontem.
98 — Meu tio deve voltar logo da estação, de maneiras que é melhor eu lhe esperar aqui.
99 — Vou informar-lhe do que se passou na sua ausência, porque a confiança nêles depositada, deveria ser melhor correspondida.
100 — Se eu for na cidade, trazer-te-ei o papél e assim você poderá responder tôdas estas cartas.

OFERTA DA
EDITÔRA COLEÇÃO F.T.D.
Rua do Lavapés, 1009-S. Paulo (12) Brasil

Composto e impresso
por
LINOGRÁFICA EDITÔRA LTDA.
Rua Bresser, 1281-1299 - Fone: 93-1332
SÃO PAULO